Annick Cojean

O HARÉM DE KADAFI

A história real de uma das jovens presas do ditador da Líbia



VERUS

Annick Cojean

O HARÉM DE KADAFI

A história real de uma das jovens presas do ditador da Líbia

Tradução
Saulo Krieger

VERUS editora

Editora: Raïssa Castro
Coordenadora Editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Anna Carolina G. de Souza
Revisão: Ana Paula Gomes
Capa e Projeto Gráfico: André S. Tavares da Silva
Foto da capa (mulher): Niko Guido / iStockphoto

Título original: *Les proies: dans le harem de Kadhafi*

ISBN: 978-85-7686-196-6

Copyright © Editions Grasset & Fasquelle, 2012
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2012
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C637h
Cojean, Annick.
O harém de Kadafi [recurso eletrônico] : a história real de uma das jovens presas do ditador da Líbia / Annick Cojean ; tradução Saulo Krieger. - Campinas, SP : Verus, 2013.
recurso digital: il.

Tradução de: Les proies: dans le harem de Kadhafi
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-196-6 (recurso eletrônico)

1. Kadafi, Muamar, 1942-2011 2. Chefes de Estado - Líbia - Biografia 3. Ditadores - Líbia 4. Reportagens e repórteres 5. Livros eletrônicos I. Título.

13-00433

CDD: 961.2042
CDU: 94(612)"1942-2011"

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

A minha mãe, sempre

A Marie-Gabrielle, Anne, Pipole, essenciais

A S.

Com a grande revolução na Jamahiriya, afirmamos nosso respeito às mulheres e erguemos sua bandeira. Decidimos libertar totalmente as mulheres da Líbia, arrancando-as de um mundo de opressão e submissão, para que sejam donas do próprio destino em um ambiente democrático no qual terão as mesmas oportunidades que os outros membros da sociedade [...].

Convocamos uma revolução para a libertação das mulheres da nação árabe, e essa é uma bomba que sacudirá toda a região e levará as prisioneiras dos palácios e dos mercados a se revoltar contra seus captores, exploradores e opressores. Esse apelo sem dúvida terá ecos profundos e repercutirá por toda a nação árabe e pelo mundo. Hoje não é um dia comum, mas o início do fim da era do harém e das escravas [...].

MUAMAR KADAFI, 1º de setembro de 1981,
aniversário da revolução, apresentando ao mundo
as primeiras graduadas da Academia Militar Feminina

Agradecimentos

Esta pesquisa deve muito ao envolvimento de uma líbia corajosa, independente e apaixonada. Uma líder rebelde, engajada de corpo e alma na revolução desde o primeiro dia, que assumiu todos os riscos para ir, com discrição e abnegação, ao auxílio de mulheres no mais alto grau de desespero, vítimas desse crime odioso, perpetrado ou ordenado pelo próprio Kadafi, que a Líbia ainda muito reluta em reconhecer. Uma combatente que, a despeito das pressões e ameaças, continua optando pela causa das mulheres e a quem quero expressar aqui toda minha gratidão.

Há trinta anos, desde sempre, tenho a oportunidade de trabalhar num jornal ao qual me sinto profundamente ligada, que me deu tempo e depositou em mim sua confiança para realizar este projeto. Que os responsáveis pelo *Le Monde* recebam aqui meu agradecimento.

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos

PARTE I | O RELATO DE SORAYA

1. Infância
2. Prisioneira
3. Bab al-Azizia
4. Ramadã
5. Harém
6. África
7. Hicham
8. Fuga
9. Paris
10. Engrenagem
11. Libertação

PARTE II | A INVESTIGAÇÃO

12. Pelos passos de Soraya
13. Libya, Kadija, Leila... tantas outras
14. As amazonas
15. O predador
16. Senhor do universo
17. Mansur Dau
18. Cúmplices e aliciadores.
19. Mabruka
20. Arma de guerra
Epílogo
Cronologia
Prólogo
Colofon

Parte I

O RELATO DE SORAYA

1
Infância

Nasci em Marag, povoado da região de Jebel Akhdar, a montanha Verde, não muito distante da fronteira com o Egito. Era 17 de fevereiro de 1989. Sim, 17 de fevereiro! Para os líbios, é impossível ignorar essa data: foi o dia em que eclodiu a revolução que tirou Kadafi do poder, em 2011. Em outras palavras, um dia destinado a virar feriado nacional, ideia que muito me agrada.

Três irmãos vieram antes de mim, e outros dois nasceram depois, assim como uma irmãzinha. Mas eu fui a primeira menina, e meu pai exultava de alegria. Ele queria uma menina. Queria uma Soraya. Tinha esse nome em mente bem antes de se casar com minha mãe. Ele me falou muitas vezes de sua emoção no momento em que veio me ver. "Você era bonita! Muito bonita!", sempre dizia. E ficara tão feliz que, no meu sétimo dia de vida, na celebração que se costuma organizar após os nascimentos, ele fez uma festança, como uma festa de casamento. Convidados encheram a casa, tinha música, um grande bufê... Queria tudo para a filha, as mesmas oportunidades, os mesmos direitos que os filhos teriam. Certa vez chegou a me dizer que sonhava em ter uma filha médica. Tanto é verdade que no colégio fez com que eu me matriculasse em ciências naturais. Se minha vida tivesse seguido o

curso normal, talvez eu tivesse mesmo estudado medicina. Quem sabe? Mas que ninguém venha me falar em igualdade de direitos com meus irmãos. Ah, isso não! Que nenhuma moça líbia acredite nessa ficção. Basta ver como minha mãe, por mais moderna que seja, acabou por renunciar à maior parte de seus sonhos.

E ela tinha sonhos enormes. E todos se frustraram. Ela nasceu no Marrocos, terra da avó que tanto adorava. Mas seus pais eram tunisianos. Ela tinha bastante liberdade, visto que quando nova fez estágio em um salão de beleza em Paris. Isso é que é sonho, não? Foi ali que conheceu meu pai, em um grande jantar numa noite do Ramadã. Ele trabalhava na embaixada da Líbia e também adorava Paris. A atmosfera era tão leve, tão alegre em comparação com o clima de opressão na Líbia. Ele até pôde fazer cursos na Aliança Francesa, como lhe propuseram, mas era muito ansioso e preferia sair, passear, aproveitar cada minuto de liberdade, ver tudo o que era possível. Hoje ele se arrepende de não saber falar francês. Isso sem dúvida teria mudado nossa vida. Em todo caso, quando ele conheceu mamãe, não teve dúvida. Pediu a mão dela em casamento, que ocorreu em Fez, onde ainda morava a avó dela. E então o que aconteceu? Ele a levou de volta, todo orgulhoso, para a Líbia.

Que choque foi para a minha mãe! Ela jamais imaginara viver na Idade Média. Ela que era tão vaidosa, tão preocupada em andar na moda, bem penteada, maquiada, teve de se esconder atrás de um tradicional véu branco e limitar ao máximo suas saídas de casa. Ficou feito um leão enjaulado. Ela, que sempre se sentira solta, de repente se viu amarrada. De forma nenhuma aquela era a vida que papai a fizera imaginar. Ele havia falado em viagens entre a França

e a Líbia, de seu trabalho, que ele poderia realizar alternando entre os dois países... E foi assim que, em questão de dias, ela foi parar no país dos beduínos. Entrou em depressão. Então papai fez de tudo para se mudar com a família para Benghazi, a segunda maior cidade da Líbia, no leste do país. Uma cidade provinciana, mas sempre considerada um pouco rebelde em relação a Trípoli, onde o poder estava instalado. Ele não podia levá-la a Paris, para onde continuava viajando com frequência, mas pelo menos ela estaria morando em uma cidade grande, não precisaria usar o véu e poderia até trabalhar como cabeleireira num salão que abriria em casa. Como se isso fosse consolá-la...

Ela continuou deprimida e sonhando com Paris. Contava para nós, seus filhos, dos passeios pela Champs-Elysées, dos chás com as amigas no terraço dos cafés, da liberdade dos franceses. Falava também da proteção social, dos direitos dos sindicatos, de como a imprensa podia ser audaciosa. Paris, Paris, Paris... Isso acabou nos fazendo mal, mas por culpa do meu pai. Ele tinha a ideia de abrir um pequeno negócio em Paris, um restaurante no 15o arrondissement, que mamãe poderia tocar. Acontece que ele logo brigou com o sócio, e o plano foi por água abaixo. Também deixou de comprar um apartamento na Défense. Na época, custava vinte e cinco mil dólares. Faltou-lhe coragem, e até hoje se lamenta por isso.

São, portanto, de Benghazi minhas primeiras lembranças da escola. Elas estão um pouco confusas na memória, mas lembro que foi um tempo muito feliz. A escola se chamava Os Leõezinhos da Revolução, e eu tinha quatro amigas inseparáveis. Eu era a palhaça do grupo, minha especialidade era imitar os professores quando

eles deixavam a sala, ou fazer macaquices atrás do diretor. Acho que tenho um dom para captar o gestual e as expressões alheias. Juntas, chorávamos de tanto rir. Eu podia tirar zero em matemática, mas era a melhor em língua árabe.

Papai não ganhava bem. E o trabalho de mamãe se tornou indispensável. Era ela quem acabava arcando com as contas da família. Ralava dia e noite, sempre à espera de algo que nos levasse para bem longe da Líbia. Eu sabia que ela era diferente das outras mães, e por isso começaram a me tratar com desprezo na escola – eu era "a filha da tunisiana". Isso me magoava. Os tunisianos eram tidos como modernos, emancipados, e em Benghazi, acredite se quiser, essas qualidades não eram bem-vistas. E eu, tola, me senti depreciada. Desejava que meu pai tivesse escolhido como esposa alguém do próprio país. Por que foi se casar logo com uma estrangeira? Não pensou nos filhos? Meu Deus, como eu era idiota!

★

Quando eu estava com onze anos, papai anunciou que nos mudaríamos para Sirte, cidade também da costa mediterrânea, entre Benghazi e Trípoli. Ele queria se aproximar do berço familiar, de seu pai – um homem muito tradicional, que tinha quatro esposas –, de seus irmãos e primos. Na Líbia é assim: as famílias procuram formar grupos em torno do mesmo bastião, que supostamente lhes dará força e sustentação incondicionais. Em Benghazi, sem raízes nem relações, éramos como órfãos. Pelo menos foi assim que papai nos explicou. Mas para mim a notícia foi uma catástrofe. Deixar a escola? Minhas amigas? Que drama! Fiquei doente. Doente de verdade. De cama por duas semanas. Incapaz de me levantar para ir à nova escola.

E então finalmente eu fui. Com o coração apertado. E logo percebendo que não seria feliz. Antes de tudo, tenho de dizer que aquela era a cidade natal de Kadafi. Ainda não falei da figura porque não se tratava de uma preocupação nem de tema de conversa em casa. Mamãe nitidamente o detestava. Mudava de canal sempre que ele aparecia na TV, referia-se a ele como "o descabelado" e repetia, sacudindo a cabeça: "Francamente, esse tipo lá tem cara de presidente?" Papai, penso eu, tinha medo e se mantinha mais reservado. Intuitivamente, todos nós percebíamos que, quanto menos se falasse dele, melhor seria; o menor assunto que saísse do núcleo familiar poderia passar de boca em boca e nos trazer grandes problemas. Sem fotos dele em casa e sobretudo sem militância. Digamos que, por instinto, éramos todos cautelosos.

Na escola, em contrapartida, era uma adoração. Sua imagem era onipresente; cantávamos o hino nacional todas as manhãs diante de um imenso pôster de Kadafi ao lado da bandeira; diziam todos, entusiasmados: "Tu és nosso Guia, marchamos atrás de ti, blá-blá-blá"; e, fosse na sala de aula ou no intervalo, os alunos se gabavam de "meu primo Muamar", "meu não-sei-o-quê Muamar", enquanto os professores falavam dele como um semideus. Não, como um deus. Ele era bom, zelava pelas crianças, tinha todos os poderes. Devíamos todos chamá-lo de "papai Muamar". Sua estatura nos parecia gigantesca.

Havíamos nos mudado para Sirte para ficar perto da família e nos sentir mais integrados no seio da comunidade, mas não valeu a pena. As pessoas de Sirte, aureoladas por seu parentesco ou proximidade com Kadafi, se achavam donas do universo. Declaravam-se aristocratas, famílias da corte, diante dos jecas e

caipiras das outras cidades. Você é de Zliten? Grotesco! De Benghazi? Ridículo. Da Tunísia? Que vergonha! Mamãe, decididamente, não importava o que fizesse, seria alvo de humilhação. E quando abriu, no centro da cidade, não muito longe de casa na Rua Dubai, seu lindo salão de beleza, que as elegantes de Sirte passaram a frequentar, o desprezo só aumentou. Apesar de tudo, ela tinha talento. Todo mundo reconhecia sua habilidade em fazer os mais belos penteados da cidade e maquiagens fabulosas. Aliás, tenho certeza de que era invejada. Mas você não imagina como Sirte é massacrada pela tradição e pelo excesso de pudores. Uma mulher sem véu pode ser insultada na rua. E, mesmo com véu, é suspeita. Que diabos faz aqui fora? Não estará atrás de aventura? Será que tem um caso? As pessoas se espionam, os vizinhos observam as idas e vindas na casa da frente, as famílias sentem inveja umas das outras, protegem suas filhas e falam mal das outras. A máquina de intrigas fica ligada o tempo todo.

Na escola, o problema era dobrado. Eu não era só "a filha da tunisiana", mas também "a menina do salão". Eu procurava um banco e ficava ali sozinha, sempre esquiva. E nunca poderia ter uma amiga líbia. Um pouco mais tarde, felizmente, simpatizei com uma garota que era filha de um líbio e de uma palestina. Depois, com uma marroquina. Então, com a filha de um líbio e de uma egípcia. Mas com as meninas da terra, jamais. Mesmo quando certa vez menti, dizendo que minha mãe era marroquina. Parecia-me menos grave que tunisiana. Foi pior. Minha vida então passou a girar quase que só em torno do salão de beleza. O salão virou meu reino.

Eu corria para lá logo que a aula terminava. Ali, eu renascia. Que prazer eu tinha! Primeiro, por ajudar mamãe, o que era delicioso. Depois, porque gostava do trabalho. Minha mãe não parava, passava de uma cliente para outra, mesmo tendo quatro funcionárias. Fazíamos cabelo, estética, maquiagem... E definitivamente posso dizer que, em Sirte, as mulheres, por mais que se escondam atrás do véu, têm sofisticação e exigência incríveis. Minha especialidade era depilação de rosto e sobrancelha com fio de seda – sim, um simples fio que eu enlaçava entre os dedos e movimentava bem rápido para arrancar os pelos. Bem melhor que pinça ou cera. E então eu preparava o rosto para a maquiagem, passava base; minha mãe fazia a parte mais geral, trabalhava os olhos, daí chamava: "Soraya! O toque final!" Então eu passava o batom, dava uma olhada no conjunto e acrescentava uma gota de perfume.

O salão logo se tornou o ponto de encontro das mulheres chiques da cidade. Portanto, daquelas do clã de Kadafi. Quando havia eventos internacionais em Sirte, mulheres de diferentes delegações vinham se embelezar, esposas de presidentes africanos, de chefes de Estado europeus e americanos. É engraçado, mas lembro muito bem da mulher do presidente da Nicarágua, querendo que eu lhe desenhasse olhos imensos sob um coque enorme... Certa vez, Judia, a chefe de protocolo da esposa do Guia, apareceu num carro procurando mamãe para pentear e maquiar sua patroa. Era a prova de que minha mãe adquirira grande reputação! Ela foi e passou horas se ocupando de Safia Farkash, que lhe pagou um valor ridículo, muito abaixo do preço normal. Minha mãe ficou furiosa, se sentiu humilhada. Então, quando

Judia veio procurá-la da próxima vez, ela pura e simplesmente recusou, alegando estar com excesso de trabalho. Em outra ocasião chegou a se esconder, me encarregando de dizer que não estava. Minha mãe tinha personalidade. Jamais se curvava.

As mulheres da tribo de Kadafi eram em geral detestáveis. Se eu me dirigisse a uma delas para perguntar, por exemplo, se desejava um corte ou uma tintura, ela me olhava com desdém: "Quem é você para me dirigir a palavra?" Certa manhã, umas delas chegou ao salão elegante, suntuosa. Fiquei fascinada com seu visual. "Como a senhora é linda!", eu disse espontaneamente. Ela me respondeu com um tapa na cara. Fiquei estarrecida e corri para contar a mamãe, que murmurou entre os dentes: "Cale a boca. A cliente tem sempre razão". Três meses depois, vi, angustiada, a mesma mulher abrir a porta do salão. Ela veio até mim, disse que sua filha, que tinha a minha idade, acabara de morrer de câncer e me pediu desculpas. Foi ainda mais inesperado que o tapa.

Outra vez, uma moça que ia se casar reservou o salão para o dia da noiva. Adiantou uma pequena parte e depois cancelou. Como mamãe se recusou a reembolsá-la, ela ficou possessa. Urrava, destruindo tudo que visse pela frente, e contou ao clã de Kadafi, que apareceu em peso e acabou com o salão. Um de meus irmãos chegou para acudir e foi espancado. Quando a polícia chegou, ele é quem foi para a cadeia. Os Kadafi fizeram de tudo para que ele ficasse preso o maior tempo possível, e foi preciso uma longa negociação entre tribos para que se chegasse a um acordo, seguido de perdão. Ele foi libertado depois de seis meses, com a cabeça raspada e o corpo coberto de hematomas. Tinha sido torturado. E, apesar do acordo, os Kadafi, que estavam à frente de todas as

instituições de Sirte, incluindo a prefeitura, ainda se juntaram para impor o fechamento do salão por um mês. Fiquei revoltada.

Meu irmão mais velho, Nasser, me dava um pouco de medo e mantinha comigo uma relação de autoridade. Mas Aziz, nascido um ano antes de mim, era como um irmão gêmeo, um verdadeiro cúmplice. Frequentávamos a mesma escola, e da parte dele eu sentia um misto de proteção e ciúme. E eu lhe servia como mensageira para possíveis namoradinhas. Já eu nem sonhava com o amor. De forma nenhuma. Nem me ligava nessas coisas. Era virgem por inteiro. Talvez eu mesma me censurasse, sabendo que minha mãe era dura e muito severa. Não sabia de nada. Não havia nem uma paquerinha, por menor que fosse. Nada que mexesse comigo. Nem o menor sonho. Acho que vou me arrepender a vida toda por não ter tido amores adolescentes. Eu sabia que um dia me casaria, porque era esse o destino das mulheres, e que então deveria me maquiar e me fazer bonita para o meu marido. Mas não sabia nada além disso. Nem do meu corpo, nem de sexualidade. Que pânico senti quando menstruei pela primeira vez! Corri para contar a minha mãe, que não me explicou nada. E passou a ser uma vergonha para mim quando a TV exibia comerciais de absorventes íntimos. Que embaraço sentia ao ver aquelas imagens na presença de rapazes da família... E lembro-me de minha mãe e de minhas tias me dizendo: "Quando você tiver dezoito anos, vamos lhe contar umas coisas..." Que coisas? "Coisas da vida." Não tiveram tempo. Muamar Kadafi se adiantou. Ele me triturou.

★

Em uma manhã de abril de 2004 – eu acabara de completar quinze anos –, o diretor do colégio se dirigiu a todos os alunos,

reunidos no pátio: “O Guia vai nos dar a grande honra de sua visita amanhã. É uma alegria para toda a escola. Por isso, conto com vocês para que sejam pontuais, comportados e que o uniforme esteja impecável! Vocês devem passar a imagem de uma escola magnífica, porque ele ama vocês e merece isso!” Que novidade! Que agitação! Você não imagina a empolgação. Ver Kadafi ao vivo... Sua imagem me acompanhava desde que eu nascera. Suas fotos estavam por toda parte, nos muros da cidade, nos serviços, nas repartições públicas, no comércio. Em camisetas, colares, cadernos. Sem falar nas cédulas de dinheiro. Vivíamos permanentemente sob seus olhos. Cultuando-o. E, apesar dos comentários amargos de mamãe, eu nutria por ele uma veneração temerosa. Não imaginava sua vida porque não o classificava entre os humanos. Ele estava acima da massa, em um Olimpo inatingível onde reinava a pureza.

Então, no dia seguinte, de uniforme limpo e engomado – calça e túnica pretas, echarpe branca envolvendo o rosto –, fui depressa para a escola, esperando com impaciência que nos explicassem como seria a visita. Mas foi só a primeira aula começar e um professor veio me chamar, dizendo que eu havia sido escolhida para entregar flores e presentes ao Guia. Logo eu! A “menina do salão”! A aluna que ficava de escanteio! Imagine o choque. Arregalei olhos imensos de incredulidade e fui levada, radiante e ciente do bando de invejosas que eu deixara na classe. Conduziram-me a uma grande sala, onde encontrei um punhado de alunas, também selecionadas, e mandaram que nos trocássemos rapidamente, vestindo o traje líbio tradicional. As roupas estavam ali, em cabides. Vermelhas. Túnica, calça, véu e um pequeno

chapéu nos cabelos. Uma sensação inebriante! Entre ataques de riso, nos vestimos rapidamente, auxiliadas por professoras que ajustavam os véus, afixavam os broches e passavam secador para alisar cabelos rebeldes. Eu perguntava: "Diga-me como devo saudá-lo, eu lhe imploro! O que devo fazer? Me prostrar? Beijar sua mão? Recitar alguma coisa?" Meu coração batia a cem por hora enquanto todo mundo se ocupava de nos tornar esplendorosas. Hoje, quando penso nessa cena, vejo uma preparação de ovelhas para o sacrifício.

O salão de festas da escola estava lotado. Professores, alunos, funcionários, todos ali, esperando nervosamente. Nosso pequeno grupo de escolhidas para receber o Guia perfilava-se diante da porta de entrada, e trocávamos olhares cúmplices, de canto de olho, como quem diz: "Que oportunidade, não? Um momento como este vamos levar para a vida toda!" Eu me agarrei ao buquê, tremendo feito vara verde. Meus joelhos pareciam de algodão. Um professor lançou-me um olhar severo: "É agora, Soraya, comporte-se!"

E de repente ele chegou. Em meio a um crepitar de flashes, rodeado por um burburinho de gente e por mulheres guarda-costas. Vestia um traje branco, o torso coberto de insígnias, bandeiras e condecorações, um xale bege sobre os ombros, da mesma cor da pequena boina, da qual emergiam cabelos muito pretos. Foi tudo muito rápido. Estendi o buquê, tomei sua mão livre nas minhas e a beijei, me curvando. Então senti que ele comprimia estranhamente minha palma. Depois me mediu de cima a baixo, me lançando um olhar frio. Apertou levemente meu ombro e pousou a mão sobre minha cabeça, acariciando-me os

cabelos. E minha vida terminava aí. Pois esse gesto, como vim a saber mais tarde, era um sinal a suas guarda-costas que significava: "Esta aqui, eu a quero!"

Por um momento, me senti em êxtase. E, logo que a visita terminou, fui voando para o salão de beleza contar o acontecido à minha mãe.

– Papai Muamar sorriu para mim, mamãe. Eu juro! Ele acariciou minha cabeça!

Para dizer a verdade, eu me lembrava de um rito mais glacial que qualquer outra coisa, mas estava muito empolgada e queria que todo mundo soubesse.

– Não tem muito do que se orgulhar... – soltou mamãe, enquanto tirava bobes de uma cliente.

– Mas, mamãe! É o líder da Líbia! Não é pouca coisa!

– Ah, é? Ele mergulhou este país na Idade Média, conduziu seu povo para o abismo! E você vem me falar de líder?!

Fiquei chateada e fui para casa saborear sozinha minha alegria. Papai estava em Trípoli, mas meus irmãos pareceram um pouco apáticos. A não ser Aziz, que não cabia em si de alegria.

No dia seguinte, ao chegar à escola, percebi uma mudança radical no comportamento dos professores em relação a mim. Costumavam ser arredios, mesmo secos. E eis que de repente se mostravam ternos, cheios de atenção. Quando um deles me chamou de "pequena Soraya", eu ergui as sobrancelhas. E quando outro me perguntou: "E então, acabou ficando na escola?", como se fosse uma opção, eu disse a mim mesma que aquilo não era normal. Mas, enfim, era o dia seguinte à festa, e não me preocupei muito. Ao fim da aula, à uma hora da tarde, fui para casa trocar de

roupa e à uma e meia estava no salão para ajudar mamãe.

As mulheres de Kadafi apareceram na porta às três da tarde. Faíza na frente, depois Salma e por último Mabruka. Salma estava com seu uniforme de guarda-costas, com um revólver na cintura. As outras vinham em trajes clássicos. Olharam ao redor – era dia de movimento – e perguntaram a uma funcionária:

– Onde está a mãe de Soraya? – e foram direto até ela. – Somos do Comitê Revolucionário e estivemos com Muamar ontem pela manhã, quando ele visitou a escola. Soraya chamou atenção. Ela estava magnífica no traje tradicional e cumpriu sua tarefa de maneira exemplar. Gostaríamos muito que ela viesse novamente oferecer um buquê ao papai Muamar. Ela teria de vir já conosco.

– Não é um bom momento. Como podem ver, o salão está cheio. Preciso da minha filha.

– Não vai levar mais de uma hora.

– É só para oferecer flores?

– Talvez ela deva maquiar as damas de companhia do Guia.

– Nesse caso é diferente. Eu é que devo ir!

– Não, não! É Soraya quem deve levar o buquê.

Eu assistia à conversa intrigada, mas entusiasmada. Mamãe de fato estava com o salão cheio, mas fiquei um pouco constrangida com sua relutância. Afinal, se era para o Guia, não se poderia dizer não! Mas minha mãe acabou aceitando – ela não tinha escolha –, e eu segui as três mulheres. Uma caminhonete possante estava parada na frente do salão. O motorista deu partida antes mesmo de nos acomodarmos. Mabruka ia na frente, e eu, entre Salma e Faíza, no banco de trás. Partimos em comboio, seguidos por dois carros com guarda-costas, como logo percebi. Eu já podia dar

adeus à minha infância.

2
Prisioneira

Ficamos rodando de carro por um bom tempo. Eu não tinha ideia de que horas eram, mas aquilo me parecia interminável. Saímos de Sirte e avançamos pelo deserto. Eu só olhava para frente e não ousava fazer perguntas. Então, chegamos a Sdadah, em uma espécie de acampamento. Havia muitas tendas, outras caminhonetes e um imenso trailer, extremamente luxuoso. Mabruka foi em direção ao veículo, fazendo sinal para que eu a seguisse, e acreditei ter visto, em um carro parado com o motor ligado, uma das alunas que, como eu, haviam sido escolhidas na véspera para receber o Guia. Isso me deu certa segurança. No entanto, ao entrar no trailer, fui tomada por uma angústia indescritível. Era como se todo o meu ser recusasse aquela situação. Como se intuitivamente eu soubesse que algo muito ruim estava sendo tramado.

Muamar Kadafi estava ali dentro, sentado em uma poltrona de massagem vermelha, com o controle remoto na mão. Imperial. Eu me adiantei para beijar-lhe a mão, que ele estendeu debilmente, olhando ao longe.

– Onde estão Faíza e Salma? – perguntou a Mabruka com a voz irritada.

– Já estão chegando.

Eu estava estupefata. Nem o menor olhar na minha direção. Eu não existia. Muitos minutos se passaram. Eu não sabia onde me enfiar. Ele acabou se levantando e me perguntou:

– De onde é sua família?

– De Zliten.

Sua fisionomia continuou impassível.

– Preparem-na! – ordenou, deixando o local.

Mabruka fez sinal para que eu me sentasse em uma banqueta num canto da sala. As outras duas mulheres entraram, à vontade, como se ali fosse a casa delas. Faíza sorriu para mim, se aproximou e me tocou com certa intimidade no queixo.

– Não se preocupe, pequena Soraya! – e tornou a sair, rindo.

Mabruka estava ao telefone. Ela dava instruções e fornecia detalhes práticos para alguém que estava chegando, talvez uma garota como eu, já que pude ouvir:

– Tragam-na aqui.

Ela desligou e se voltou para mim.

– Venha. Vamos tirar suas medidas para lhe encomendar algumas roupas. Qual o tamanho do seu sutiã?

Fiquei atônita.

– Eu... eu não sei. É mamãe quem sempre compra minhas roupas.

Ela parecia irritada e chamou Fathia, uma figura, pois tinha voz e porte de homem, mas seios imponentes de mulher. Ela me avaliou, depois me cumprimentou de maneira informal e piscou para mim.

– Então, é a novata? E de onde vem esta?

Passou a fita métrica em torno da minha cintura e dos meus seios, encostando os dela nos meus. Depois anotou as medidas e saiu do trailer. Fiquei ali sozinha, e não ousava chamar alguém nem me mexer. Caía a noite. E eu não estava entendendo nada. O que mamãe pensaria? Ela seria avisada do atraso? O que aconteceria ali? E como eu voltaria?

Passou-se um bom tempo e Mabruka reapareceu. Fiquei aliviada ao vê-la. Ela me tomou pelo braço, sem dizer nada, e me conduziu a uma espécie de laboratório, onde uma enfermeira loura colheu um pouco do meu sangue. Depois Fathia me fez entrar num banheiro.

– Tire a roupa. Você está poluída. É preciso tirar tudo!

Ela espalhou creme depilatório nos meus braços e pernas, depois passou o barbeador e comentou:

– Os pelos do sexo nós deixamos.

Fiquei pasma e muito incomodada, mas era preciso encontrar um sentido para tudo aquilo, e eu dizia a mim mesma que só podia ser uma medida sanitária para todos aqueles que se aproximavam do Guia. Vestiram-me com um penhoar e eu voltei para a sala. Mabruka e Salma, esta sempre com o revólver na cintura, se sentaram perto de mim.

– Vamos vesti-la apropriadamente e maquiá-la para que você possa ver papai Muamar.

– Tudo isso para saudar papai Muamar? Mas quando volto para a casa dos meus pais?

– Depois! Primeiro é preciso saudar seu mestre.

Deram-me uma calcinha fio dental – eu jamais vira tal coisa – e um vestido branco acetinado, com fendas dos lados e decotado na

frente e nas costas. Meus cabelos soltos caíam até as nádegas. Fathia me maquiou, me perfumou e passou um pouco de gloss nos meus lábios, o que mamãe jamais permitira. Mabruka inspecionou o conjunto, com a fisionomia bastante séria. Depois me pegou pela mão, me conduzindo pelo corredor. Parou diante de uma porta, a abriu e me empurrou para dentro.

Kadafi estava nu sobre a cama. Que pavor! Tapei os olhos e fui recuando, atordoada. Pensei: *É um erro terrível! Não é o momento! Ah, meu Deus!* Virei-me e Mabruka estava ali, na soleira da porta, com uma expressão dura.

– Ele não está vestido – murmurei, completamente apavorada, pensando que ela não tivesse se dado conta disso.

– Entre! – disse ela, me empurrando.

Então ele me agarrou pela mão e me fez sentar a seu lado na cama. Eu não ousava lhe dirigir o olhar.

– Vira pra cá, puta!

Essa palavra. Eu não sabia bem o que significava, mas presumia ser um termo horrível, vulgar, para designar uma mulher desprezível. Não me movi. Ele tentou me virar em sua direção. Resisti. Ele me puxou pelo braço, pelo ombro. Todo o meu corpo se enrijeceu. Então ele me forçou a virar a cabeça, puxando meus cabelos.

– Não tenha medo. Sou seu papai, é assim que você me chama, não? Mas também sou seu irmão e, além disso, seu amante. Vou ser tudo isso pra você. Porque você vai viver comigo pra sempre.

Seu rosto se aproximou do meu, senti sua respiração. Ele começou a beijar meu pescoço, minhas bochechas. Fiquei dura como um pedaço de pau. Ele quis me abraçar, eu me afastei. Ele

me puxou. Virei a cabeça e comecei a chorar. Ele quis pegar minha cabeça. Eu me levantei de repente, ele me puxou pelo braço e, como eu resisti, ficou nervoso, queria me deitar à força, e nós lutamos. Ele rugia.

Mabruka apareceu.

– Olha pra mim, sua puta! – ele gritou. – Ela se recusa a fazer o que quero! Levem-na! Eduquem-na! E então a tragam de volta!

Ele se dirigiu a um pequeno banheiro dentro do quarto, enquanto Mabruka me conduzia ao laboratório. Ela estava branca de raiva.

– Como é que você pode se comportar dessa maneira com seu mestre? Seu papel aqui é obedecer.

– Quero voltar pra casa.

– Daqui você não sai! Seu lugar é aqui.

– Devolva minhas coisas, quero ver minha mãe.

O tapa que logo veio me fez cambalear.

– Obedeça! Senão papai Muamar vai fazer você pagar muito caro. – Com a mão no rosto, que ardia, eu a olhei, estupefata. – Você se faz de menininha, sua hipócrita, sabendo perfeitamente do que se trata! Agora você vai nos escutar, a papai Muamar e a mim. E vai obedecer às nossas ordens. Sem discutir! Ouviu bem?

Então ela desapareceu, me deixando sozinha, com aquele vestido indecente, a maquiagem borrada e os cabelos sobre o rosto. Chorei por horas, andando em círculos pela sala. Não entendia nada, nada. Nada se encaixava. O que eu estava fazendo ali? O que queriam de mim? Minha mãe certamente estava morrendo de preocupação, já devia ter telefonado ao meu pai em Trípoli, e talvez ele até tivesse voltado a Sirte. Já devia tê-la culpado de todas

as maneiras por ter me deixado partir, ele, que não tolerava que eu saísse de casa. Mas como eu poderia lhes contar aquela cena atroz com papai Muamar? Meu pai ficaria louco. Eu ainda soluçava quando a enfermeira loura, da qual jamais me esquecerei, sentou perto de mim e me acariciou ternamente.

– O que foi que aconteceu? Me conte.

Ela tinha sotaque estrangeiro, e mais tarde vim a saber que era uma ucraniana a serviço do Guia e se chamava Galina. Não consegui dizer uma única palavra, mas ela adivinhou, e percebi que estava furiosa.

– Como podem fazer isso com uma menina? Como ousam? – repetia, tocando-me suavemente o rosto.

★

Acabei adormecendo, e foi Mabruka quem me acordou na manhã seguinte, lá pelas nove horas. Estendeu-me um conjunto de calça e agasalho esportivo, e eu me enchi de esperança.

– Então, vou pra casa agora?

– Já disse que não! Você é surda? Eu já te expliquei muito bem que sua vida de antes acabou pra sempre. Já avisamos seus pais, que entenderam muito bem!

– Você telefonou para os meus pais?

Eu ainda estava meio sonolenta. Tomei chá com biscoitos. E olhei ao redor. Havia muitas garotas de uniforme militar, entrando e saindo. Elas me olhavam de canto de olho, curiosas – "É essa aí, a novata?" –, e faziam referência ao Guia, aparentemente ocupado em uma das tendas. Salma se aproximou de mim.

– Vou lhe explicar tudo muito claramente: Muamar vai se deitar com você. Vai abrir você. E você vai passar a ser uma coisa

dele e não o deixará mais. Por isso, deixe de ser teimosa. A resistência e os caprichos não funcionam com a gente!

Fathia, a imponente, chegou, ligou a tevê e aconselhou:

– O negócio é deixar, vai ser mais fácil. Se você aceitar, tudo vai funcionar bem para você. O negócio é simplesmente obedecer, sem questionar.

Eu chorei e fiquei ali, prostrada. Então eu era uma prisioneira. O que eu tinha feito de errado?

Por volta de uma da tarde, Fathia veio me arrumar com um vestido azul de cetim, muito curto. Na verdade, ele mais despia que vestia. No banheiro, ela molhou meus cabelos e passou musse. Mabruka deu uma olhada no meu visual, me tomou pela mão e me levou novamente ao quarto de Kadafi.

– Dessa vez, você vai satisfazer os desejos do seu mestre, ou eu te mato!

Ela abriu a porta e me empurrou para dentro. O Guia estava lá, sentado na cama, de calça esportiva e camiseta. Fumava um cigarro e soprava lentamente a fumaça, me olhando com frieza.

– Você é uma puta – disse ele. – Sua mãe é tunisiana, e por isso você é uma puta.

Ele não tinha pressa, olhava-me demoradamente da cabeça aos pés e dos pés à cabeça, lançando a fumaça em minha direção.

– Senta perto de mim – ele indicou um lugar na cama. – Você vai fazer tudo que eu mandar. Vou lhe dar joias e uma bela casa, vou ensinar você a dirigir e te dar um carro. E um dia vai poder estudar em outro país se quiser, eu mesmo te levarei aonde desejar. Você está entendendo? Seus desejos serão ordens!

– Quero voltar para minha mãe.

Ele congelou, apagou o cigarro e elevou o tom de voz.

– Escuta bem! Acabou, entendeu? Acabou essa história de voltar pra casa! Agora você está comigo. E pode esquecer todo o resto!

Eu não podia acreditar no que ele estava dizendo. Estava completamente além da minha compreensão. Ele me puxou para a cama e mordeu a parte de cima do meu braço. Doeu. Depois tentou me despir. Eu já me sentia nua naquele minivestido azul, era horrível, eu não podia deixá-lo fazer aquilo. Resisti, mas ele agarrou as alças do vestido.

– Tira isso, sua puta! – e afastou meus braços. Eu me levantei, ele me puxou e me atirou novamente na cama, eu me debati.

Então ele se levantou, cheio de raiva, e entrou no banheiro. Mabruka logo apareceu (só mais tarde entendi que ele tinha uma sineta perto da cama para chamá-la).

– É a primeira vez que uma garota me desafia desse jeito! A culpa é sua! Eu mandei ensiná-la. Agora dê um jeito, senão quem vai pagar é você.

– Meu mestre, deixe essa garota pra lá. É uma mula. Podemos levá-la de volta e trazer outras.

– Prepare essa. Eu quero essa!

Levaram-me ao laboratório, e eu fiquei ali, no escuro. Galina apareceu de mansinho e me deu um cobertor, com um sorriso de piedade. Mas como eu poderia dormir? Eu não conseguia esquecer aquela cena e não encontrava a menor explicação para o que estava acontecendo. O que teriam dito a meus pais? Certamente não a verdade, não era possível. Mas então o quê? Papai não queria nem que eu fosse à casa dos vizinhos, e eu sempre tinha de voltar

para casa logo que escurecesse. Então, o que ele ia pensar? O que ia imaginar? Será que algum dia acreditariam em mim? Que explicação teriam dado na escola para justificar minha ausência? Não consegui pregar o olho a noite toda. Ao amanhecer, quando eu estava começando a apagar, Mabruka chegou.

– Vamos, de pé! Coloque esse uniforme. Vamos pra Sirte.

Que alívio!

– Então eu vou pra casa?

– Não! Vamos pra outro lugar.

Pelo menos sairíamos daquele lugar horroroso no meio do nada e nos aproximaríamos da minha casa. Fui às pressas me lavar, vesti novamente o uniforme cáqui semelhante ao das guarda-costas de Kadafi e me dirigi à sala, onde cinco outras garotas, também de uniforme, assistiam à televisão distraidamente. Elas tinham celulares, e eu quis muito pedir para telefonar para mamãe, no entanto Mabruka supervisionava tudo, e o clima ali era mordaz. O trailer partiu e eu me deixei levar; já fazia tempo que eu não controlava mais nada.

★

Depois de mais ou menos uma hora de viagem, o veículo parou. Fizeram-nos descer e nos dividiram em carros diferentes, quatro por automóvel. Foi nesse momento que percebi que formávamos um imenso comboio e que havia muitas mulheres-soldado. Bem, quando falo isso, quero dizer que elas tinham certo ar de soldado. A maioria não dispunha de distintivos nem de armas. Era bem possível que não fossem mais militares que eu. Em todo caso, eu era a mais nova, e isso fazia sorrir algumas que se viravam para me observar. Eu acabara de completar quinze anos, e

não demoraria a cruzar com garotas que não deviam ter mais que doze.

Em Sirte, o comboio entrou na katiba Al-Saadi, o quartel que levava o nome de um dos filhos de Kadafi. Logo fomos separadas em quartos, e entendi que dividiria o meu com Farida, uma das guarda-costas, que devia ter vinte e três ou vinte e quatro anos. Salma deixou uma maleta sobre a minha cama.

– Anda logo, vai tomar banho! – ordenou ela, batendo as mãos. – E coloque a camisola azul.

Quando ela virou as costas, olhei para Farida.

– O que significa esse circo? Você pode me dizer o que estou fazendo aqui?

– Não posso te dizer nada. Sou um soldado. Cumpro ordens. Faça o mesmo.

A conversa se deu por encerrada. Ela organizava meticulosamente suas coisas, e eu me vi incapaz de fazer o mesmo. E ainda mais de vestir as roupas que estavam na mala, uma montoeira de calcinhas fio dental, sutiãs e baby-dolls, além de um penhoar. Mas Salma voltou.

– Eu te disse pra ficar pronta. Seu mestre está esperando!

Ela permaneceu ali até que eu vestisse a camisola azul para subir com ela ao outro andar, então me fez esperar num corredor. Mabruka chegou com cara de poucos amigos e me empurrou brutalmente para dentro de um quarto, fechando a porta atrás de mim.

Ele estava nu. Deitado em uma cama imensa com lençóis bege, em um quarto também em tons de bege sem janelas, parecia que ele estava enfiado na areia. O azul da minha camisola contrastava

com o conjunto.

– Vem aqui, minha puta! – disse ele, abrindo os braços. – Vem, não precisa ter medo!

Medo? Eu estava muito além do medo. Sentia-me num abatedouro. Pensei em tentar escapar, mas sabia que Mabruka estava de tocaia atrás da porta. Fiquei imóvel, enquanto ele se levantou subitamente e, com uma força que me surpreendeu, me pegou pelo braço e me jogou na cama antes de se deitar sobre mim. Tentei afastá-lo, mas ele era pesado e eu não consegui. Ele me mordia no pescoço, no rosto, nos seios. Eu gritava e me debatia.

– Não se mexa, sua puta imunda!

Ele me deu uns safanões, apertou meus seios, depois levantou minha camisola e imobilizou meus braços, penetrando-me violentamente.

Eu jamais vou esquecer. Ele profanava meu corpo, mas era minha alma que transpassava com um golpe de punhal. A lâmina jamais saiu.

Eu estava aniquilada, não tinha mais forças, já não me mexia, eu chorava. Ele se ajeitou na cama de modo a pegar uma toalha vermelha que estava a seu alcance, passou-a por entre minhas coxas e se dirigiu ao banheiro. Mais tarde vim a saber que esse sangue lhe era precioso para um ritual de magia negra.

Sangrei durante três dias. Galina vinha ao pé da minha cama me dispensar cuidados. Ela acariciava minha testa, dizendo-me que eu estava ferida por dentro. Eu não me queixava. Não perguntava mais nada.

– Como é que vocês podem fazer isso com uma criança? É

terrível! – a enfermeira disse a Mabruka quando me levou até ela. Mas Mabruka não deu a mínima. Eu mal tocava na comida que me traziam no quarto. Era uma morta-viva. Farida me ignorava.

No quarto dia, Salma veio me procurar: o mestre estava me chamando. Mabruka me levou ao quarto dele. E ele recomeçou, com a mesma violência e as mesmas palavras degradantes. Sangrei muito, e Galina avisou a Mabruka:

– Não toquem mais nela. Dessa vez pode ser perigoso.

No quinto dia, levaram-me ao quarto dele logo pela manhã. Ele tomava o café: dentes de alho, suco de melancia, biscoitos embebidos em chá com leite de camela. Ele colocou uma fita cassete num gravador velho, eram canções tradicionais de beduínos, e ordenou:

– Vai, puta, dança aí! Dança! – Eu hesitei. – Vai! Vai! – e batia palmas.

Tentei esboçar um movimento e então continuei, timidamente. O som era horrível, as músicas péssimas, e ele lançava sobre mim um olhar lascivo. Mulheres entravam para tirar a mesa do café, indiferentes à minha presença.

– Continua, vadia! – ele dizia, sem tirar os olhos de mim.

Seu membro estava ereto; ele se levantou para me agarrar e me deu tapas nas coxas.

– Que vadia! – e depois se deitou sobre mim.

Naquela noite, ele me forçou a fumar. Disse que adorava ver mulher tragando cigarro. Eu não queria. Ele acendeu um e colocou na minha boca.

– Aspira! Agora solta a fumaça. Solta! – Eu tossia, e isso o fazia rir. – Vai, outro.

No sexto dia, ele me recebeu com uísque.

– Está na hora de você começar a beber, minha puta!

Era Black Label, a garrafa com rótulo preto que eu reconheceria em qualquer lugar. Sempre ouvi que o Corão não permitia que se bebesse álcool e que Kadafi era muito religioso. Na escola ou na TV, ele era tido como o maior defensor do islã; ele próprio se referia ao Corão o tempo todo e conduzia preces diante de multidões. Então, vê-lo bebendo uísque era inacreditável. Um choque sem precedentes. Aquele que nos apresentavam como pai dos líbios, como promotor do direito e da justiça e detentor da mais absoluta autoridade, violava todas as regras que ele mesmo professava! Tudo era falso. Tudo aquilo que meus professores ensinavam, tudo aquilo em que meus pais acreditavam. Ah, eu pensava, se eles soubessem! Ele me deu um copo.

– Bebe, vadia! – Meus lábios tremiam, senti o líquido descer queimando e odiei o gosto. – Vai, bebe! É como remédio.

Naquela mesma noite, partimos todos em comboio para Trípoli. Uma dezena de carros, o grande trailer e uma caminhonete carregada de material, a maior parte tendas. E mais uma vez todas as garotas de uniforme. Elas pareciam contentes com a partida. Eu estava desesperada. Deixar Sirte significava me afastar ainda mais dos meus pais, perder toda e qualquer chance de voltar para casa. Eu tentava imaginar um modo de fugir, mas não fazia sentido. Haveria ao menos um lugar na Líbia onde eu pudesse escapar de Kadafi? Sua polícia, suas milícias, seus espiões estavam por toda parte. Vizinhos espionavam vizinhos. Mesmo no seio das famílias podia haver denúncias. Eu era sua prisioneira. Estava à mercê dele. A moça sentada ao meu lado no carro percebeu que eu chorava.

– Ah, minha querida. Fiquei sabendo que pegaram você na escola...

Não respondi. Pelo vidro, eu via Sirte ficando para trás e não conseguia falar.

– Ah, tudo bem – exclamou a garota ao lado do motorista, virando-se para mim. – Estamos todas no mesmo barco.

3
Bab al-Azizia

– Ufa, até que enfim Trípoli! – A garota ao meu lado demonstrava tamanho contentamento em perceber as primeiras casas da cidade que até me senti um pouco mais tranquila.

– Já estava cansada de Sirte – soltou a outra.

Eu não sabia que conclusão tirar daqueles comentários, mas registrava tudo, concentrada e ansiosa por captar a menor informação que fosse. Tínhamos rodado por quase quatro horas em alta velocidade, intimidando carros e transeuntes, que paravam para a passagem do comboio. A noite caía lentamente, e a cidade surgia ao longe como um amontoado de ruas, arranha-céus e luzes. De repente, diminuímos a velocidade para passar pelo imenso portal de uma grande muralha fortificada. Soldados estavam de guarda, mas a descontração das garotas no carro indicava que estavam voltando para casa. Uma delas me disse simplesmente:

– Chegamos a Bab al-Azizia.

Obviamente eu conhecia bem o nome. Quem na Líbia não o conhecia? Era a sede do poder por excelência, símbolo da autoridade e da força: a residência fortificada do coronel Kadafi. O nome significa, em árabe, "a porta de Azizia", a região que se estende a oeste de Trípoli; mas, na cabeça dos líbios, aquela

fortaleza era sobretudo símbolo de terror. Um dia papai me mostrara o imenso portal, encimado por um pôster gigantesco do Guia, assim como a muralha, que tinha quilômetros. Ninguém nem pensaria em caminhar ao longo dela. Seria detido por espionagem e, ao menor movimento suspeito, alvejado por balas. Haviam nos contado a história de um pobre taxista que, por infelicidade, teve um pneu furado ao pé da muralha. Seu carro foi explodido e ele morreu no local, antes mesmo de conseguir tirar o estepe do porta-malas. E no bairro ao redor telefones celulares eram proibidos.

Passamos pelo portão principal, adentrando uma área que me pareceu imensa. Os edifícios com fachada bastante austera e aberturas estreitas – simples fendas no lugar de janelas – deviam ser o alojamento dos soldados. Havia gramados, palmeiras, jardins, dromedários, mais construções austeras e algumas casas aninhadas na vegetação. Exceto pelos numerosos portões de segurança que atravessávamos um após o outro e uma sucessão de muros, que eu não entendia como funcionavam, o lugar não me pareceu muito hostil. O carro parou diante de uma casa imensa. Mabruka logo apareceu, parecendo ser a dona do lugar.

– Entre. E deixe suas coisas no seu quarto.

Segui as garotas, que passaram por uma porta em forma de arco, toda de concreto, em seguida descemos alguns degraus e passamos por um detector de metais. O ambiente era frio e muito úmido. Na verdade, estávamos no subsolo. Amal, que ficara ao meu lado no carro, me indicou um pequeno cômodo sem janelas.

– Esse vai ser o seu quarto.

Empurrei a porta. Um espelho cobria as paredes de tal maneira

que era impossível escapar à imagem refletida. Duas pequenas camas ocupavam os cantos do quarto, que tinha ainda uma mesa, uma minitelevisão e um pequeno banheiro. Eu me despi, tomei banho e me deitei para dormir. Mas era impossível. Liguei a televisão e chorei silenciosamente ao som de músicas egípcias.

No meio da noite, Amal entrou em meu quarto.

– Coloque rápido uma lingerie bem bonita. Vamos subir para ver o Guia.

Amal era realmente bela. De shorts e regata de cetim, dava para ver que tinha postura; eu mesma estava impressionada. Coloquei um baby-doll vermelho, que ela sugeriu, subimos uma escadinha que eu ainda não havia notado, à direita do meu quarto, e logo nos vimos diante da porta do quarto do mestre, exatamente em cima do meu. Era imenso, com espelhos em boa parte das paredes, uma cama enorme com dossel envolta em tule vermelho, como a dos sultões de *As mil e uma noites*, uma mesa redonda, estantes com livros, DVDs e uma coleção de perfumes orientais, com os quais ele frequentemente borrifava o pescoço, e uma espécie de escritório onde havia um grande computador. Do lado da cama, uma porta de correr levava ao banheiro, onde havia uma enorme jacuzzi. Ah, já ia me esquecendo! Perto do escritório havia um canto reservado a orações, com algumas edições preciosas do Corão. Menciono isso porque aquilo me intrigava e porque nunca vi Kadafi orar. Nunca. Exceto uma vez na África, quando teve de fazer uma oração em público. Quando penso nisso... quanta encenação!

Entramos no quarto, ele estava sentado na cama vestindo um conjunto esportivo vermelho.

– Ah! – foi logo dizendo. – Venham dançar, minhas vadias. Vai. Upa! Upa!

Ele pôs a mesma fita velha num gravador e estalava os dedos enquanto se balançava um pouco. “Seus olhos penetrantes bem poderiam matar...” Quantas vezes eu ainda teria de ouvir aquela música ridícula! E ele não se cansava. Amal se esforçava, mergulhando de cabeça no jogo, lançando-lhe olhares terrivelmente sedutores. Eu não podia acreditar. Ela requebrava, fazia tremular as nádegas, os seios, fechava os olhos ajeitando lentamente os cabelos para que caíssem de novo e então os jogava, girando a cabeça. Eu continuava tensa, dura como um pau, o olhar hostil. Então ela se aproximava me chamando para dançar, pegava meus quadris, esfregava uma coxa entre as minhas pernas, me estimulando para que emparelhássemos os movimentos.

– Aí, minhas vadias! – gritava o Guia.

Ele se despiu, fez sinal para que eu continuasse dançando e chamou Amal para perto dele. Ela foi e começou a lhe fazer sexo oral. Eu não podia acreditar no que estava vendo. Perguntei, esperançosa:

– Posso ir agora?

– Não! Vem cá, vadia.

Ele me puxou pelos cabelos, me forçou a sentar e me abraçou, ou melhor, me engoliu, enquanto Amal continuava. Depois, sempre me segurando pelos cabelos, disse:

– Olha bem e aprende como ela faz. Você vai fazer a mesma coisa.

Ele agradeceu a Amal e lhe pediu que fechasse a porta ao sair. Então se jogou em cima de mim e me violentou por um tempo.

Mabruka entrava e saía como se nada estivesse acontecendo. Ela lhe passava mensagens:

– Leila Trabelsi pediu que ligue de volta. – Até o momento em que falou: – Pronto, vamos terminando! O senhor tem outras coisas pra fazer.

Fiquei chocada. Ela podia lhe dizer qualquer coisa. Chego a acreditar que ele tinha medo dela. Ele entrou no banheiro, sentou na jacuzzi, que Mabruka deixara encher, e gritou para mim:

– Passe a toalha! – As toalhas estavam bem ao seu alcance, mas ele queria que eu as pegasse. – Passe perfume nas minhas costas. – Depois ele apontou para uma campainha perto do gravador. Apertei. E Mabruka entrou imediatamente. – Arranje uns DVDs pra essa vadia, para que ela aprenda seu trabalho.

Cinco minutos depois, Salma entrou no meu quarto com um aparelho de DVD, que pegara de outra moradora, e uma pilha de filmes.

– Aqui estão os pornôs. Olhe bem e aprenda! O mestre vai ficar furioso se você não estiver no ponto. É seu dever de casa!

Meu Deus, a escola... Eu estava tão longe de lá. Fui tomar banho. Amal, ainda que tivesse seu próprio quarto, instalou-se na cama ao lado. Fazia uma semana que eu não conversava com ninguém e já não suportava a angústia e a solidão.

– Amal, não sei o que estou fazendo aqui. Essa não é minha vida, isso não é normal. Sinto falta da minha mãe o tempo todo. Será que eu podia ao menos ligar pra ela?

– Vou falar com Mabruka.

Peguei no sono, esgotada.

Bateram à porta do meu quarto e Salma entrou bruscamente.

– Suba do jeito que está. Rápido! Seu mestre quer vê-la.

Eram oito horas da manhã, e eu dormira apenas algumas horas. Visivelmente, Kadafi também acabara de acordar. Ainda estava na cama, com os cabelos desgrenhados, e se espreguiçava.

– Vem pra cama, vadia. – Salma me empurrou violentamente. – E você, traga-nos o café da manhã. – Ele arrancou minha roupa e partiu para cima de mim com violência. – Viu os filmes, vadia? Pois agora vai fazer igual!

Ele urrava e me mordia inteira. Violentou-me mais uma vez. Depois se levantou para degustar seu dente de alho, que lhe conferia constantemente um hálito detestável.

– Dá o fora, vadia.

Ao sair, cruzei com Galina e duas outras enfermeiras ucranianas, que entravam no quarto dele. E naquela manhã compreendi que estava lidando com um louco.

Mas quem sabia disso? Papai, mamãe, os líbios... todo mundo ignorava o que se passava em Bab al-Azizia. Todos tinham verdadeiro pavor de Kadafi, porque rebelar-se contra ele ou criticá-lo renderia uma condenação à prisão ou à morte, e sabiam que ele era de fato terrível, ainda que o chamassem de "papai Muamar" e cantassem o hino diante de sua foto. Mas daí a imaginar o que ele me fizera... Era tão humilhante, tão ultrajante, tão inacreditável. É isso, era inacreditável! Sendo assim, ninguém acreditaria em mim! E eu jamais poderia contar minha história. Afinal de contas era Muamar, e, além de ter sido desonrada, eu é que seria tomada por louca.

★

Eu ruminava essas ideias quando Amal meteu a cabeça pela

porta.

– Vamos, não fique aí, vamos fazer um tour!

Pegamos o corredor, subimos quatro degraus e fomos parar em uma imensa e bem equipada cozinha, que tinha na parede um pôster de uma garota morena, um pouco mais velha que eu, que Amal me disse ser Hana Kadafi, a filha adotiva do coronel. Muito tempo depois, fiquei sabendo que sua morte fora falsamente anunciada, em 1986, depois que os americanos, a mando de Reagan, bombardearam Trípoli. Mas em Bab al-Azizia não era segredo para ninguém que ela não só estava viva como era a filha preferida do Guia.

Amal preparou café e ergueu um pequeno telefone celular. Arregalei os olhos.

– Como é que você tem esse telefone?

– Minha querida... Faz mais de dez anos que vivo dentro destes muros.

A cozinha se prolongava numa espécie de cafeteria, que pouco a pouco foi se enchendo de belas garotas, bem maquiadas, acompanhadas por dois rapazes que carregavam a insígnia do serviço de protocolo. Falavam alto, riam.

– Quem são? – perguntei a Amal.

– Convidadas de Muamar. Ele sempre tem convidadas. Mas eu te peço, seja discreta e não faça mais perguntas.

Houve um movimento, e vi as enfermeiras ucranianas, de blusa branca e jaleco turquesa, indo e voltando. Eu disse a mim mesma que todas as convidadas certamente seriam submetidas a uma coleta de sangue... Logo Amal desapareceu e preferi voltar para o meu quarto. O que eu poderia dizer àquelas garotas, que pareciam

tão empolgadas com a ideia de encontrar o Guia? Me ajudem a sair daqui? Antes mesmo que eu pudesse contar minha história, seria presa e lançada num buraco.

Eu estava deitada na cama quando Mabruka empurrou a porta (eu era proibida de fechá-la totalmente).

– Assista os DVDs que lhe entreguei. É uma ordem!

Coloquei um dos discos no aparelho, sem a menor ideia do que veria. Era a primeira vez que eu tinha contato com sexo. Estava em território desconhecido, ao mesmo tempo desamparada e completamente angustiada. Logo peguei no sono. Amal me acordou para tomar café da manhã na cozinha. É inacreditável como se comia mal na casa do presidente da Líbia! Éramos servidas em marmitas de metal brancas, e a comida era repugnante. Minha surpresa provocou um sorriso em Amal, que, quando saímos da cozinha, me convidou para conhecer seu quarto. E foi ali que Mabruka nos surpreendeu. Ela urrou:

– Cada uma no seu quarto! Amal, você está cansada de saber. Vocês não têm direito de receber visita. Nunca mais faça isso!

No meio da noite, a chefe veio me procurar.

– Seu mestre quer te ver.

Ela abriu a porta do quarto dele e me empurrou em sua direção. Ele me fez dançar. E depois fumar. Então usou um cartão de visitas para fazer uma fileira de um pó branco muito fino. Pegou um papel, enrolou e aspirou pelo nariz.

– Vai, faça como eu. Cheira, vadia! Cheira! Você vai ver no que vai dar.

Aquilo irritou minha garganta, o nariz, os olhos. Tossi, tive náuseas.

– É porque você cheirou pouco. – Ele umedeceu um cigarro com saliva, esfregou-o na cocaína e fumou lentamente, obrigando-me a tragar e a soltar a fumaça. Eu não me sentia bem. Estava consciente, mas sem força. – Agora dança!

Eu sentia a cabeça girar, já não sabia onde estava, tudo se tornava indistinto, envolto em névoa. Ele se levantou para bater palmas, marcando o ritmo, e pôs o cigarro na minha boca. Passei mal, e ele me violentou ferozmente. Mais uma vez. E outra. Ele estava excitado e violento. Parava de repente, botava os óculos e pegava um livro por alguns minutos, depois voltava, me mordia, esmagava meus seios e me agarrava mais uma vez antes de ir até o computador checar seus e-mails ou dizer algo a Mabruka, para depois me penetrar uma vez mais. Sangrei de novo. Lá pelas cinco da manhã, ele disse:

– Agora sai!

Eu comecei a chorar.

★

Amal veio sugerir que tomássemos café já no fim da manhã. Eu não queria sair do quarto, não tinha vontade de ver ninguém, mas ela insistiu e fomos comer na cafeteria. Era sexta-feira, dia de oração. Serviram-nos cuscuz. Logo chegou um grupo de rapazes sorridentes e particularmente à vontade.

– É a novata? – perguntaram a Amal quando me viram.

Ela assentiu com a cabeça e eles se apresentaram, muito simpáticos: Jalal, Faisal, Abdelhaim, Ali, Adnane, Hussam. Em seguida, se dirigiram ao quarto do Guia. Foi nesse dia que tive o segundo choque da minha vida. E o olhar maculado para sempre. Não conto isso por leviandade. Sou obrigada a fazê-lo porque estou

convencida de que é preciso que entendam por que aquele monstro desfrutava de total impunidade. Pois as cenas são de tal maneira cruas, e é tão embaraçoso descrevê-las, e eram tão humilhantes e vergonhosas para quem as testemunhasse, que chegavam ao ponto de transformar insidiosamente as testemunhas em cúmplices, já que ninguém assumiria o risco de narrar as perversões de um homem que tinha direito de vida e morte sobre quem quer que fosse e maculava todos aqueles que por desventura se aproximassem dele.

Mabruka me chamou:

– Vai se trocar, seu mestre está chamando.

Na linguagem dela, isso significava: "Dispa-se e suba". Mais uma vez, ela abriu a porta, e uma cena bizarra surgiu diante de meus olhos. O Guia, nu, sodomizava o rapaz chamado Ali, enquanto Hussam dançava, maquiado como mulher, ao som da mesma música lânguida. Eu quis dar meia-volta, mas Hussam exclamou:

– Mestre, Soraya está aqui! – e fez sinal para que eu dançasse com ele.

Fiquei paralisada. Então Kadafi me chamou:

– Vem, vadia.

Deixou Ali de lado e me agarrou com fúria. Hussam dançava, Ali assistia, e, pela segunda vez em alguns dias, eu quis morrer. Ninguém tinha o direito de fazer aquilo comigo.

Então Mabruka entrou e mandou os dois rapazes saírem e o mestre parar, pois havia uma emergência. Ele saiu de cima de mim e ordenou:

– Sai!

Corri para o meu quarto sangrando e passei a manhã toda debaixo do chuveiro. Eu me lavava e chorava. Não conseguia parar. Ele era louco, todos eram, era uma casa de gente insana, e eu não queria ser como eles. Queria meus pais, meus irmãos, minha irmã, queria a vida que eu tinha antes. E isso não era mais possível. Ele havia estragado tudo. Ele era imundo. E aquele era o presidente do país.

Amal veio me ver e eu supliquei:

– Eu imploro, fale com Mabruka. Eu não posso mais, quero ver minha mãe...

Pela primeira vez, eu a vi comovida.

– Ah, meu coraçãozinho! – disse, tomando-me nos braços. – Sua história é tão parecida com a minha. Eu também fui tirada da escola. Tinha catorze anos.

Ela já estava com vinte e cinco, e sua vida lhe dava horror.

4
Ramadã

Um dia, fiquei sabendo que Kadafi e sua comitiva sairiam em viagem oficial a Dakar e eu não estava intimada a ir. Que alívio! Durante três dias, sem nenhum impedimento, pude ir e vir entre meu quarto e a cafeteria, onde encontrava Amal e algumas outras garotas, entre elas Fathia, que haviam permanecido de guarda em Bab al-Azizia. Elas fumavam, tomavam café e papeavam. Já eu permanecia em silêncio, à espreita da menor informação sobre o funcionamento daquela comunidade desajustada. Mas, infelizmente, elas não diziam nada de substancial. Apenas fiquei sabendo, por acaso, que Amal podia sair de Bab al-Azizia durante o dia com um motorista. Aquilo me deixou estupefata. Ela era livre... e ainda voltava? Como era possível? Por que não fugia, como eu sonhava em fazer a cada instante, desde que me vira cercada por todos aqueles muros? Havia tantas coisas que eu não sabia.

Descobri também que a maioria das garotas, consideradas "guardas revolucionárias", usava um crachá de identificação, que eu tomara por uma insígnia, mas que era um verdadeiro documento de identidade. Trazia a foto, nome, sobrenome e o título "Filha de Muamar Kadafi" em letras garrafais, logo acima da assinatura do Guia e de uma pequena foto dele. O título de "filha"

me parecia extravagante. Mas era evidente que tal crachá funcionava como uma chave para se deslocar nos limites das muralhas e mesmo para sair para a cidade, abrindo numerosas portas de segurança guardadas por soldados armados. Bem mais tarde, vim a saber que ninguém tinha dúvida quanto à condição dessas "filhas" e sua verdadeira função. Mas elas tinham o crachá. E é bem verdade que passavam por putas. No entanto, veja bem, eram as putas do Guia supremo. E isso lhes conferia respeito aonde quer que fossem.

No quarto dia, a comitiva estava de volta, e o subsolo em ebulição. Na bagagem, o Guia trouxera muitas africanas, umas bem novas, outras mais velhas, maquiadas, com decotes profundos, de túnica ou jeans colado ao corpo. Mabruka fazia as honras da casa e nos apressava para ajudar.

– Amal! Soraya! Sirvam o café e os bolos.

Ficamos entre a cozinha e os salões, desviando das garotas risonhas e impacientes para ver o coronel. Ele continuava em seu escritório, recebendo alguns emissários africanos que pareciam importantes. Quando eles foram embora, vi as garotas subirem ao quarto do Guia, uma após a outra. Eu olhava de longe, mal me contendo da vontade de dizer: "Cuidado, ele é um monstro!", mas também: "Me ajudem a sair daqui!" Mabruka notou meu olhar e pareceu contrariada por termos continuado ali, uma vez que ela já tinha mandado Faisal servir as convidadas.

– Cada uma para o seu quarto! – ordenou, batendo as mãos de forma bastante seca.

No meio da noite, Salma veio me procurar e me levou até a porta do meu "mestre". Ele me fez fumar um cigarro, depois outro

e mais outro, até que... Que palavra posso usar? Era tão degradante. Eu não era mais que um objeto, um buraco. Eu cerrava os dentes e temia os golpes. Depois ele botou uma fita cassete de Nawal Ghachem, a cantora tunisiana, e exigiu que eu dançasse, mais e mais, dessa vez completamente nua. Salma chegou e lhe disse alguma coisa, então ele falou:

– Pode ir, meu amor.

O que teria dado nele? Ele nunca havia se dirigido a mim de outra forma senão com insultos.

Uma policial de vinte e três anos, de baixa patente, se instalou no meu quarto no dia seguinte.

– Esta é Najah – disse Mabruka. – Ela vai passar dois dias com você.

A garota parecia legal, direta, um tanto insolente. E estava ávida por falar.

– Você sabe que são todos cafajestes, né? – ela começou na primeira noite. – Nunca vi cumprirem nenhuma promessa. Já faz sete anos que estou com eles, e até agora nenhum reconhecimento! Não ganhei absolutamente nada! Nada! Nem ao menos uma casa!

Desconfie, eu dizia a mim mesma. *E, principalmente, não se envolva*. *Pode ser uma armadilha*. Mas ela continuou, em um tom cúmplice, e eu me deixei levar.

– Fiquei sabendo que você é a menina que chegou faz pouco tempo. Já se acostumou com a vida em Bab al-Azizia?

– Você não faz ideia de como sinto falta da minha mãe.

– Vai passar.

– Se ao menos eu pudesse falar com ela...

– Ela logo vai saber o que você faz aqui.

– Que conselho você me daria?

– O único conselho que posso te dar é o de não ficar aqui.

– Mas eu sou prisioneira, não tenho escolha!

– Eu fico dois dias, durmo com Kadafi, isso me rende uns trocados, então volto para minha casa.

– Mas eu não quero mais isso! Não é a minha vida!

– Você quer sair? Seja inconveniente! Resista, faça barulho, crie problemas.

– Eles me matariam! Sei do que são capazes! Quando eu resisti, ele me bateu e me violentou.

– Pois saiba que ele gosta das rebeldes.

Logo depois, ela colocou um filme pornô e se esticou na cama comendo pistaches.

– A gente tem sempre que aprender, sabe? – disse, me encorajando a assistir com ela.

Aquilo me deixou perplexa. Aprender? Mas ela não tinha me dito para resistir? Preferi dormir.

Na noite seguinte, nós duas fomos convocadas a ir ao quarto do Guia. Najah se mostrou bastante empolgada com a ideia de revê-lo.

– Por que não põe uma lingerie preta? – ela me sugeriu antes de subirmos.

Quando abrimos a porta, ele estava completamente nu, e Najah pulou em cima dele.

– Meu amor! Senti tanto a sua falta!

Ele demonstrou satisfação.

– Então vem, vadia! – Depois se dirigiu a mim, furioso: – Eu

detesto essa cor. Sai! Vai já se trocar!

Eu me lancei escada abaixo, vi que Amal estava em seu quarto e filei um cigarro dela. Quando cheguei ao meu, fumei. Foi a primeira vez em que tomei a iniciativa de fumar. A primeira vez em que senti necessidade. Mas Salma nem me deu tempo.

– O que você está fazendo? Seu mestre está esperando!

Ela me fez entrar no quarto de novo, bem no momento em que Najah repetia meticulosamente as cenas do vídeo.

– Põe a fita e dança! – ordenou Kadafi.

Então ele pulou da cama, rasgou minha camisola e me prensou no solo, me penetrando brutalmente.

– Agora sai! – disse logo em seguida, me dispensando com um gesto. Saí com o corpo cheio de hematomas.

Quando Najah voltou para o quarto, perguntei-lhe por que me sugerira uma cor que ele detestava.

– Que estranho – ela respondeu sem me encarar. – Geralmente ele adora preto. Talvez tenha achado que não ficou bem em você... Mas no fundo não era isso que você queria? Um artifício para afastá-lo?

De repente me perguntei se haveria ciúme entre as garotas de Kadafi. Que ideia maluca. Se elas soubessem...

Acordei na manhã seguinte com vontade de fumar. Encontrei Amal, que bebia café com outra moça, e lhe pedi um cigarro. Ela pegou seu celular e fez um pedido:

– Você poderia nos trazer uns maços de Marlboro light e de Slims?

Eu não conseguia acreditar que pudesse ser tão simples! Bastava chamar um motorista, que se encarregava da tarefa,

deixando as compras na garagem, onde algum dos empregados da casa ia apanhá-las.

– Não é bom na sua idade – disse-me Amal. – Não caia na armadilha do cigarro.

– Mas você também fuma. E temos a mesma vida!

Ela me olhou demoradamente, com um sorriso triste.

★

O Ramadã se aproximava. Certa manhã, fiquei sabendo que todos da casa iriam a Sirte. Deram-me um uniforme, disseram-me em qual carro do comboio eu iria e enfim pude sentir, por alguns segundos, o sol acariciar meu rosto. Fazia semanas que eu não saía do subsolo. Fiquei contente em poder ver de novo um pouco do céu. Na chegada à katiba Al-Saadi, Mabruka se aproximou de mim e disse:

– Você queria ver sua mãe, então vai vê-la.

Meu coração parou. Desde que me levaram, eu não parava de pensar nela nem por um minuto. Eu sonhava em desaparecer em seus braços. Dia e noite, pensava no que diria a ela, ensaiava, atropelava as palavras, então retomava minha história e tentava me tranquilizar, dizendo a mim mesma que ela compreenderia sem que eu tivesse de entrar em detalhes. Ah, meu Deus! Rever meus pais, meus irmãos, minha irmãzinha Noura...

O carro parou diante de nosso prédio, todo branco. O trio original – Mabruka, Salma e Faíza – me acompanhou até a porta de entrada, e subi rapidamente a escadaria. Mamãe estava me aguardando em nosso apartamento no segundo andar. Meus irmãos menores estavam na escola. Choramos em um abraço apertado. Ela me abraçava, me olhava, ria, balançava a cabeça,

enxugava as lágrimas.

– Ah, Soraya! Você partiu meu coração. Conte! Conte!

Eu não podia. Fazia que não com a cabeça e me aconchegava em seu peito. Então, com delicadeza, ela me disse:

– Faíza me explicou que Kadafi entrou em você... Minha menina! Você é tão nova para se tornar mulher...

Faíza subiu as escadas. Ouvi sua voz forte:

– Já chega. Desça!

Mamãe se recostou em mim.

– Deixe a minha filha comigo.

A outra já estava ali, com ar severo.

– Que Deus nos ajude – disse mamãe. – O que posso dizer a seus irmãos? Todo mundo se pergunta onde você está. Digo que você foi à Tunísia visitar a família, ou a Trípoli com seu pai. Preciso mentir para todos. O que faço, Soraya? O que vai ser de você?

Faíza me arrancou de seus braços.

– Quando vão trazê-la de volta? – perguntou mamãe aos prantos.

– Um dia.

E partimos para a katiba.

Fathia me aguardava.

– Seu mestre quer você.

Quando entrei em seu quarto cor de areia, onde ele me violara nas semanas anteriores, encontrei Galina e quatro outras ucranianas. Ela massageava Kadafi, e as outras estavam sentadas em volta. Aguardei perto da porta, apertada em meu uniforme, ainda transtornada pela visita a mamãe. Como me enojava aquele

monstro que tomavam por Deus, que fedia a alho e suor e só pensava em trepar. Quando as enfermeiras partiram, ele ordenou:

– Tira a roupa!

Ah, como eu queria gritar "Desgraçado!" e sair batendo a porta! Mas obedeci, desesperada.

– Vem, fica em cima de mim. Aprendeu as lições todas? E vê se fecha a boca! Você andou engordando, não gosto.

No final, ele fez algo que jamais fizera. Levou-me até a jacuzzi, me mandou segurar nas bordas e urinou em mim.

Eu dividia o quarto com Farida, a mesma garota da primeira estada na katiba. Ela estava deitada, com náuseas e muito pálida.

– Estou com hepatite – avisou.

– Hepatite? Achei que o Guia tivesse fobia de doenças.

– Sim, mas parece que só das que são transmitidas pelo sexo.

Então como a hepatite é transmitida? Comecei a ficar com medo. Naquela mesma noite, Kadafi chamou nós duas. Estava nu, impaciente, e de cara foi dizendo a Farida:

– Vem, vadia.

Pensei em me aproveitar da situação.

– Então posso ir?

Ele cravou aqueles olhos de insano em mim.

– Dança!

Eu disse a mim mesma: *Ele beija a menina doente e vai me beijar!* E foi exatamente o que fez, ao dizer que era a vez de Farida dançar.

Ficamos três dias em Sirte. Ele me chamou inúmeras vezes. Podiam ser três, quatro garotas ao mesmo tempo. Não nos falávamos. A cada uma sua história. E sua desgraça.

★

Enfim, havia chegado o Ramadã. Para a minha família, era um período sagrado. Minha mãe era bastante rigorosa quanto a isso. Não se podia comer do nascer ao pôr do sol, deviam-se respeitar as orações e, à noite, comíamos coisas deliciosas. Refletíamos o dia todo, antes de retornar à família. Algumas vezes mamãe chegou a nos levar ao Marrocos e à Tunísia, para partilhar esse momento com minha avó e com a dela. Era realmente maravilhoso. Desde os dois anos, eu jamais havia deixado de observar o Ramadã, nem mesmo imaginado que se pudessem violar suas regras. E eis que, na noite anterior, aquela em que deveríamos nos preparar espiritualmente para entrar nesse período especial, fazendo calar os desejos e os sentidos, Kadafi veio com tudo para cima de mim. Durou horas, e fiquei mortificada.

– É proibido, é Ramadã! – implorei logo pela manhã.

A não ser para ordens e insultos, ele jamais me dirigia a palavra. Dessa vez, no entanto, dignou-se a responder, entre grunhidos:

– Só é proibido comer.

Tive um sentimento de blasfêmia.

Ou seja, ele não respeitava nada. Nem mesmo a Deus! Violava todos os seus mandamentos. Desafiava-os. Desci transtornada para o meu quarto. Precisava contar para alguém, para Amal ou alguma outra garota. Fiquei realmente em estado de choque. Mas não encontrava ninguém. Eu era impedida de me aventurar pelos corredores e pelo labirinto iluminado por neons no subsolo. Meu perímetro era estritamente limitado: meu quarto, o quarto dele, a cozinha, a cafeteria, às vezes os salões de festas que ficavam próximos de seu escritório e de sua pequena academia de ginástica

particular. Mais nenhum outro lugar. Ouvi passos e ruídos de porta vindos do andar de cima e entendi que Amal e outras garotas veriam o Guia. No dia do Ramadã! Ao encontrá-las na hora da ceia, expressei meu espanto. O que tínhamos feito era muito grave, não era? Uma explosão de risos se seguiu. Contanto que ele não gozasse, ele explicou a elas, contanto que não ejaculasse, aquilo não contava aos olhos de Alá... Arregalei os olhos, o que só fez aumentar as risadas.

– É o Ramadã à moda de Kadafi – uma delas concluiu.

Ele me fez subir ao seu quarto durante todo o mês do Ramadã. Não importava a hora do dia ou da noite. Ele fumava, me penetrava e me espancava, urrando. E, pouco a pouco, eu me permiti comer sem me preocupar com a hora. Para que respeitar regras em um universo que não tinha nenhum padrão, lei ou lógica? No fim, acabei me perguntando por que minha mãe fazia tanta questão daquela história toda de Ramadã.

A vigésima sétima noite, que consideramos a Noite do Destino, celebra o início da recitação do Corão ao profeta. Muitas vezes, realizam-se grandes comemorações noturnas, e Kadafi recebia um grande número de convidados de prestígio nos salões e em uma tenda ali perto. Mabruka nos convocou para que dispuséssemos bolos e frutas em pratos e os servíssemos. Eu usava um conjunto esportivo preto com uma listra vermelha nas laterais, e lembro que meus cabelos, compridos até a cintura, não estavam presos em um coque ou por uma faixa, como às vezes eu fazia. Os convidados chegaram em peso, e os três grandes salões ficaram repletos. Havia muitas mulheres africanas de beleza espetacular, homens engravatados, militares. Eu não reconhecia ninguém. Exceto um!

Nuri Mesmari, diretor-geral do protocolo, com os cabelos e a barbicha estranhamente loiros, um olho de vidro por trás dos óculos finos. Já o tinha visto na televisão, e era estranho vê-lo passeando por entre os convidados. Chegou outro homem, Saad al-Fallah, que parecia conhecer pessoalmente as garotas e entregava a cada uma delas um envelope com quinhentos dinares. Disseram que para ele não eram mais que uns trocados. Ao cruzar algumas vezes seu olhar, percebi que ele me notara. Então veio sorrindo em minha direção.

– Ah, aqui está a pequena novata! Mas como é encantadora! – E ria, apertando minha bochecha, meio galanteador, meio paternal.

Mabruka estava de olho e imediatamente o chamou:

– Saad, quer vir aqui um momento?

Amal, que estava perto de mim, murmurou no meu ouvido:

– Ela viu! Vá rápido para o seu quarto. Posso lhe garantir que isso é grave.

Saí dali um pouco ansiosa. Uma ou duas horas mais tarde, Mabruka abriu a porta do meu quarto.

– Suba!

Eu me apresentei à porta do Guia, com Mabruka no meu encalço. Ele estava vestindo uma roupa esportiva ocre e me encarou com um olhar maléfico.

– Vem aqui, vadia. Quer dizer que você fica usando o cabelo pra provocar todo mundo? Fica se mostrando e jogando charme? O que esperar de você, sua mãe é tunisiana!

– Juro que não fiz nada, meu mestre.

– Não fez nada, vadia? Você ousa dizer que não fez nada?

– Nada! O que eu poderia fazer?

– Uma coisa que não vai fazer mais, sua vagabunda!

Então ele encheu as mãos com meus cabelos, em um gesto de poder e violência, me forçou a ficar de joelhos e ordenou a Mabruka:

– Me passe uma faca!

Pensei que fosse me matar. Seus olhos estavam dementes, eu sabia que ele estava pronto para fazer o que fosse. Mabruka lhe estendeu uma lâmina. Ele a tomou e, sempre segurando meus cabelos com seu punho de ferro, retalhou furiosamente as mechas, entre resmungos assustadores, com grandes golpes secos.

– Você acha que pode se divertir com eles, é? Pois acabou.

Chumaços de cabelos negros caíam ao meu lado. E ele continuava, cortava, talhava. Até que se afastou bruscamente.

– Termine! – disse a Mabruka.

Eu soluçava, traumatizada, incapaz de controlar os espasmos do meu corpo. A cada golpe da lâmina, parecia que ele cortaria minha garganta ou racharia meu crânio. Eu estava prostrada no chão, como um animal que ele poderia simplesmente abater. Havia mechas de cabelos que iam até meu ombro, outras mais curtas, pois eu não sentia nada cobrindo minha nuca. Foi uma verdadeira carnificina.

– Você ficou horrível! – exclamou Farida, ao cruzar comigo um pouco mais tarde, indiferente ao que motivara aquele massacre. Não vi o Guia durante muitos dias. Em compensação, acabei vendo a esposa dele.

Foi na festa de Eid ul-Fitr, dia em que termina o jejum, marcando o fim oficial do Ramadã. Normalmente há uma bela festa em família, com orações pela manhã, visita à mesquita e,

depois, aos parentes e amigos. Era um dia que eu adorava quando criança. Mas o que esperar, ou melhor, o que temer dessa festa em Bab al-Azizia? Eu não tinha a menor ideia. Pela manhã, Mabruka nos reuniu.

– Rápido, quero todas vestidas adequadamente. E comportem-se! A esposa do Guia nos fará uma visita.

Safia? A mulher dele? Eu vira uma foto dela no passado, mas jamais cruzara com ela desde que fora raptada. Tinha ouvido dizer que ela possuía sua própria casa em algum ponto de Bab al-Azizia, mas Kadafi nunca dormia lá, e os dois se encontravam muito raramente, apenas em manifestações públicas. O Guia, "inimigo da poligamia", vivia com várias mulheres, mas não com a sua. Logo fiquei sabendo que ele ia encontrar as filhas sempre às sextas-feiras, em sua casa de campo El-Morabaat, no caminho para o aeroporto.

O anúncio provocou um pequeno alvoroço: as escravas sexuais deveriam se fazer de domésticas e faxineiras. Quando Safia, depois de vários outros visitantes, entrou na casa, imponente, com ar de desdém, e tomou a direção do quarto do Guia, eu estava na cozinha com as outras garotas, lavando a louça, limpando o forno e esfregando o chão. Uma cinderela. Foi só ela ir embora que Mabruka anunciou em alto e bom som:

– Tudo voltando ao normal!

De fato. O "mestre" me chamou imediatamente.

– Dança!

Também chamou Adnane, um guarda veterano das forças especiais, casado (com uma das amantes quase oficiais de Kadafi), pai de dois filhos, e que era obrigado a manter relações sexuais

frequentes com o Guia. Ele o sodomizou na minha frente, depois disparou:

– Sua vez, vadia!

5
Harém

Mabruka, Salma e Faíza estavam prestes a passar seis dias no Chade com o Guia – e, com elas, iam muitas garotas na bagagem. *Pode ser uma boa oportunidade de ver mamãe*, pensei. Eu bem que tentei, pedindo a Mabruka que me deixasse fazer uma visita na ausência deles.

– Fora de cogitação! – respondeu ela. – Você vai ficar no seu quarto, pronta para se juntar a nós a qualquer momento, se seu mestre assim desejar. Mando um avião vir buscá-la.

Um avião...

Então, aproveitei para dar um descanso ao meu corpo. Um corpo constantemente coberto de hematomas e mordidas, que não chegavam a cicatrizar. Um corpo cansado, que só experimentava sofrimento e do qual eu não gostava. Eu fumava, comia, cochilava assistindo a clipes no pequeno televisor no meu quarto. Acho que não pensava em nada. Mas, um dia antes de eles voltarem, tive uma surpresa boa: um motorista de Bab al-Azizia recebera autorização para me levar à cidade por meia hora – tempo de ir gastar os quinhentos dinares que eu havia recebido durante o Ramadã. Foi incrível. Eu redescobria o frescor da primavera, minha visão era ofuscada pela luminosidade, como uma cega ao enxergar

o sol. Sem janelas, o subsolo era tão úmido que às vezes Mabruka queimava ervas ali para tirar o cheiro de mofo.

O motorista me levou a um bairro chique, e eu comprei uma calça, sapatos, uma blusa. Eu não sabia o que levar. Nunca tinha tido um dinheiro meu, e fiquei completamente desorientada. Além do mais, como eu deveria me vestir? Entre o quarto dele e o meu, não havia necessidade de quase nada, e eu estava sem ideia nenhuma. Quando me lembro disso, vejo como fui estúpida! Devia ter pensado em um livro, alguma coisa que me fizesse sonhar, fugir daquela realidade ou conhecer a vida. Ou então lápis e caderno, para desenhar ou escrever, já que não tinha acesso a nada dessas coisas em Bab al-Azizia. Só Amal tinha alguns romances de amor em seu quarto e um livro sobre Marilyn Monroe, que me fazia sonhar e que ela se recusava a me emprestar. Mas não, naquele momento eu não pensei em nada de inteligente ou de útil. Eu olhava à minha volta com avidez e pânico, meu sangue fervilhava. E não era uma situação vertiginosa? Eu era uma prisioneira que tinha sido solta por alguns minutos em uma cidade que não sabia nada sobre mim, onde os pedestres cruzavam comigo na calçada sem nem ao menos imaginar a minha história, onde o vendedor me entregava o pacote sorrindo, como faria com uma cliente comum, onde um pequeno grupo de estudantes uniformizadas fazia algazarra perto de mim e não lhes ocorria que eu também deveria estar na escola, pensando apenas em estudar e rir. Mabruka, ao menos uma vez, não estava grudada em mim; o motorista era gentil, mas eu me sentia acuada. Fugir não era uma opção. Meus trinta minutos de pseudoliberdade me pareceram trinta segundos.

No dia seguinte, a comitiva estava de volta. Ouvi uma algazarra no subsolo, passos, portas, vozes. Fui devidamente advertida a permanecer no quarto, mas eis que Mabruka apareceu de súbito na soleira e ordenou:

– Pra cima! – com um movimento de queixo.

Ela nem se dava ao trabalho de dizer: "Agora você deve subir". Usava o mínimo de palavras e o máximo de desprezo. Sim, eu recebia o tratamento de uma escrava. E ordens odiosas como aquela, de subir ao quarto do mestre, provocavam um fluxo de estresse e eletricidade em todo o meu corpo.

– Ah, meu amor! Vem cá – ele lançou ao me ver. Então se jogou em cima de mim berrando: – Vadia! – e urrando.

Eu era uma marionete, que ele podia manipular e esmurrar. Já não era um ser humano. Fathia o interrompeu, adentrando o quarto.

– Meu mestre, precisamos do senhor, é urgente.

Ele me empurrou para o lado e sibilou entre os dentes:

– Vaza!

E eu desci mais uma vez para o quarto úmido. Naquele dia, pela primeira vez, assisti a um DVD pornô e fiquei me perguntando sobre sexo. O pouco que eu sabia se resumia a violência, horror, dominação, crueldade, sadismo. Era uma sessão de tortura. Com o mesmo carrasco. E eu não imaginava que pudesse ser diferente. Mas as atrizes pornôs não faziam papel de escravas ou de vítimas. Chegavam a elaborar estratégias para ter relações sexuais, e pareciam sentir tanto prazer quanto seus parceiros. Era estranho e intrigante.

Dois dias depois, Faíza foi ao meu quarto com um papelzinho.

– Este é o número da sua mãe, você pode ligar pra ela do escritório.

Mamãe logo atendeu.

– Ah, Soraya! Como vai, minha filhinha? Ah, meu Deus, como fico feliz em ouvir sua voz! Onde você está? Quando vou poder ver você? Está bem de saúde?

Eu tinha direito a apenas um minuto. Como os prisioneiros. Faíza falou:

– Basta. – E, com um dedo no aparelho, interrompeu a ligação.

★

Um dia, uma coisa estranha aconteceu. Najah, a policial que não tinha o olhar frio, veio passar dois dias em Bab al-Azizia, como fazia de tempos em tempos. E, mais uma vez, dividiu o quarto comigo. Seus desabafos e planos mirabolantes sempre me deixavam desconfiada, mas sua audácia me distraía.

– Estou bolando um plano para que você possa espairecer um pouco fora de Bab al-Azizia – ela disse. – Tenho a impressão de que vai lhe fazer bem.

– Tá brincando?

– De jeito nenhum. Basta um pouco de manha. Que tal uma pequena excursão comigo, totalmente livre?

– Mas nunca vão me deixar sair.

– Como você é pessimista! Tudo que tem de fazer é fingir estar doente. Eu me encarrego do resto.

– Não faz sentido. Se eu estivesse mesmo doente, as enfermeiras ucranianas cuidariam de mim aqui.

– Deixa comigo! Vou montar uma cena, só preciso que você concorde.

Ela foi ver Mabruka, não sei o que disse à mulher, mas voltou falando que estava tudo certo. Foi espantoso. Um motorista chamado Amar veio nos apanhar e nos levou para fora das muralhas de Bab al-Azizia. Eu mal podia crer no que estava vendo.

– Mas o que você disse a Mabruka?

– Shhh! Vamos primeiro para minha casa, depois vou te levar até uma pessoa.

– Você é maluca! Como conseguiu isso?

– Ei! Não me chamo Najah à toa!

– Não tenho nem roupa pra vestir!

– Não se preocupe, dividimos as minhas.

Chegamos à casa dela, trocamos de roupa, e a irmã de Najah nos levou de carro até uma casa de campo muito bonita em Enzara, um bairro da periferia de Trípoli. O proprietário se mostrou radiante em nos receber.

– Esta é Soraya, de quem lhe falei – disse Najah.

O homem me deu uma boa olhada e pareceu bastante interessado em mim.

– Então, diga. Aquele cachorro lhe fez mal?

Fiquei paralisada. O que aquele cara estava querendo? Que confiança eu podia ter nele, naquela conversa? Tive um pressentimento ruim e não respondi quase nada. Logo depois, o telefone de Najah tocou. Era Mabruka. Ela revirou os olhos e não atendeu.

– Não vai atender?

Ela não respondeu, apenas estendeu o copo, que o cara encheu de uísque. Fiquei louca ao ver aquilo. Num país em que a religião e a lei proíbem o álcool, as pessoas se permitiam beber assim,

descaradamente? E ainda criticavam Kadafi, que, também ele, volta e meia estava bebendo? Logo em seguida o homem me estendeu um copo. Mostrando-se ofendido com minha recusa, ele insistia:

– Beba! Ora, beba! Aqui você é livre!

Najah e sua irmã não se fizeram de rogadas. Começaram a dançar, dando a entender que o negócio era festa. Bebiam, riam, fechavam os olhos, acenando. O homem as olhava com desejo. Outro homem chegou, me mediu com os olhos e sorriu. Logo percebi a armadilha, e Najah também não ajudava. Ela se embebedava com determinação. Dei a entender que estava cansada, mas obviamente ir embora estava fora de questão, então me indicaram um quarto. Fiquei alarmada. E logo notei Najah indo para o quarto ao lado com os homens, enquanto seu telefone tocava no vazio.

Eles me deixaram em paz, mas acordei num sobressalto, angustiada. Fui sacudir Najah, que estava completamente grogue, quase em coma alcoólico, e não se lembrava de nada. Seu telefone tocou. Mabruka urrava:

– O motorista está procurando vocês desde ontem. Pois agora vocês vão se ver com seu mestre!

Najah entrou em pânico. Ela mentira para mim, tinha me traído e me colocado numa armadilha arriscada, me oferecendo àqueles homens. Eu estava enojada. Ter sido raptada por Kadafi não fazia de mim automaticamente uma puta.

O retorno foi violento. Mabruka não estava, mas Salma mandou que fôssemos as duas ao quarto do Guia. Ele espumava de ódio. Deu um tapa feroz em Najah e urrou para ela:

– Agora cai fora, não quero nunca mais te ver!

Já eu, jogou-me na cama e descarregou toda a raiva sobre meu corpo. Quando acabou, murmurou entre os dentes:

– Todas as mulheres são putas! – E acrescentou: – Aisha também era uma puta sagrada!

Creio que estava falando de sua mãe.

Um mês se passou sem que ele me tocasse. Duas meninas novas, vindas do leste do país, haviam acabado de chegar: a de Al-Baida tinha treze anos; a de Derna, quinze. Eu as vi subindo para o quarto, belas, com o ar ingênuo e inocente que eu devia ter no ano anterior. Eu sabia exatamente o que as esperava, mas não podia lhes falar nem fazer o menor sinal.

– Viu as novatas? – perguntou-me Amal.

Não ficaram muito tempo. Ele precisava de garotas todos os dias. Usava e jogava fora, ou, como me disseram, "reciclava". Eu ainda não sabia o que isso significava.

★

Os dias iam se passando, as estações, as festas nacionais e religiosas, os Ramadãs. Pouco a pouco, eu ia perdendo a noção do tempo. Noite, dia, a claridade era a mesma no subsolo. E minha vida se limitava àquele estreito perímetro, dependente dos desejos e humores do coronel. Quando conversávamos entre nós, não nos referíamos a ele nem por nome nem por título. "Ele", "aquele" estavam de bom tamanho. Nossa vida girava em torno da dele. Tudo muito simples e muito claro.

Eu não sabia nada do que pudesse estar acontecendo no país nem do que sacudia o mundo. De vez em quando, rumores indicavam que estava para acontecer uma cúpula de dirigentes

africanos ou a visita de algum chefe de Estado importante. A maior parte dos encontros se dava na tenda oficial, para onde "ele" se deslocava em um daqueles carrinhos de golfe. Antes das entrevistas e encontros importantes, assim como antes de qualquer aparição pública, ele fumava haxixe ou cheirava cocaína. Quase sempre estava dopado. Eram frequentes as festas e coquetéis nos salões da mansão, com dignitários do regime e de diversas delegações estrangeiras. Reparávamos primeiro nas mulheres, pois, claro, era o que lhe interessava, e a missão de Mabruka era atraí-las para o quarto dele. Podiam ser estudantes, atrizes, jornalistas, modelos, filhas ou mulheres de homens importantes, de militares, de chefes de Estado. Quanto mais influente fosse o pai ou o marido, mais os presentes que ele dava tinham de ser suntuosos. Um pequeno cômodo contíguo ao seu escritório servia de caverna de Ali Babá, onde Mabruka guardava os presentes. Cheguei a ver malas Samsonite cheias de dólares e euros, caixas de joias, parures* de ouro, geralmente ofertadas em casamentos, colares de diamantes. A maioria das mulheres tinha de passar pela coleta de sangue, feita discretamente pelas ucranianas em uma pequena sala de cadeiras vermelhas, situada na frente do escritório das guardas. Certamente as mulheres de chefes de Estado não precisavam passar por isso, penso eu. O que mais me divertia era ver as mulheres subindo ao quarto dele cheias de pompa, com bolsa de grife, para depois sair dali com a maquiagem borrada e o coque desfeito.

Leila Trabelsi, mulher do ditador tunisiano Ben Ali, era evidentemente íntima. Apareceu diversas vezes, e Mabruka a adorava.

– Leila, meu amor! – exclamava ela, sempre feliz por lhe falar

ao telefone ou anunciar sua chegada.

Nada era bom demais para a tunisiana. Lembro-me sobretudo de uma caixa revestida de ouro.

Com o tempo, vi passar pela residência muitas esposas de chefes de Estado africanos, cujo nome eu não sabia. E também Cécilia Sarkozy, na época mulher do ex-presidente francês, bela, altiva, as outras garotas foram logo me dizendo quem era.

Em Sirte, na caravana do Guia, vi Tony Blair.

– Hello, girls! – nos cumprimentou, com um gesto amistoso e um sorriso feliz.

A partir de Sirte, entrávamos às vezes no deserto. Kadafi gostava de armar sua tenda ali, cercado de rebanhos de dromedários, no meio do nada. Instalava-se ali para tomar chá, conversar durante horas com os anciões de sua tribo, ler e fazer a sesta. Jamais passava a noite, preferindo o conforto de seu trailer, ao qual éramos chamadas para lhe fazer companhia. De manhã, devíamos acompanhá-lo na caça, todas uniformizadas. O mito das guarda-costas assim se mantinha, e Zorha, uma verdadeira militar, zelava para que eu me comportasse como uma profissional. Certa vez, foi encarregada de me ensinar a usar uma AK-47: desmontar, carregar, armar, limpar.

– Atire! – ela gritou quando eu tinha a arma contra o ombro. Eu me recusei. Jamais disparei um único tiro.

Vim a descobrir também a relação de dependência que ele mantinha com a magia negra, influência direta de Mabruka. Era desse modo que ela o tinha nas mãos, segundo me disseram. Ela ia consultar marabus e feiticeiros de toda a África e eventualmente os levava até o Guia. Ele não usava talismã, mas se besuntava com

unguentos misteriosos de fórmulas incompreensíveis e tinha sempre à mão a tal toalhinha vermelha...

Onde quer que ele estivesse, estaria também a pequena equipe de enfermeiras. Galina, Elena, Claudia... Sempre de uniforme branco e azul e sem maquiagem, trabalhavam no pequeno hospital de Bab al-Azizia, mas, a um chamado dele, podiam chegar em menos de cinco minutos. Eram encarregadas não só das coletas de sangue, obrigatórias antes dos encontros sexuais do Guia, mas também de seus cuidados pessoais e alimentação. Quando me mostrei preocupada com a questão da contracepção, disseram-me que Galina aplicava injeções de infertilidade no Guia. Ao contrário de outras garotas antes de mim, não fiquei sabendo de quase nada sobre aborto e não tive problema com isso. Todas o chamavam de "papai", ainda que ele mantivesse relações sexuais com a maioria. Em uma ocasião, Galina se queixou para mim. Mas haveria uma única mulher que ele não tivesse desejado possuir ao menos uma vez?

Nota:

* Conjunto de joias comumente formado por colar ou gargantilha, bracelete, anel e brincos. (N. do T.)

6
África

Um dia, Jalal se viu apaixonado por mim. Na verdade, acreditou estar apaixonado. Lançava-me olhares insistentes, sorria quando cruzava comigo perto da cozinha, fazia-me elogios. Comecei a me inquietar. E fiquei morrendo de vontade de contar para alguém. Eu não sabia que ele era homossexual. Ele se deixava sodomizar por Kadafi, mas tamanha era minha ignorância que eu pensava que pudesse ser uma prática comum entre os homens, por mais chocante que fosse. O Guia tinha diversos parceiros, até mesmo entre os militares de alta patente. Já eu precisava de carinho, e a ideia de um homem amável me demonstrar gentileza me enfeitiçou. Então, ele aumentou as oportunidades de contato, tocava levemente minha mão ao passar, dizendo baixinho que me amava e que sonhava em se casar comigo.

– Não notou que eu olho você desde o primeiro dia?

Não, eu não havia notado. Estava por demais envolvida em meu desespero e minha solidão. De qualquer forma, os laços de cumplicidade estavam restritos ao nosso espaço.

Mas Jalal criou coragem e foi declarar ao Guia sua intenção de me desposar. Kadafi convocou nós dois. Ele escarnecia, com ar zombeteiro:

– Então vocês estão apaixonados? E ainda têm a audácia de dizer isso a mim, seu mestre! Como ousa, vadia, amar outro? E você, inútil, como ousa olhar pra ela?

Jalal se contorcia. Ambos olhávamos para o chão, desconcertados, como crianças de oito anos. O Guia nos expulsou do quarto. Jalal, que fazia parte da guarda, foi proibido de entrar na casa por dois meses.

Mabruka passou no meu quarto.

– Sua vira-lata! Você pensa em casamento quando não faz nem três anos que está aqui! Não passa mesmo de uma vagabunda.

Amal também veio me passar sermão.

– Ah, minha querida, eles têm razão. Você não pode estar apaixonada por aquele gay. Não é pra você.

E, quanto mais falavam, mais eu me apaixonava. Jalal era gentil. E foi o primeiro homem a dizer que me amava. Que me importava o sarcasmo daquela gente maluca?

★

Alguns meses depois, foi anunciada uma longa viagem do Guia pela África. Duas semanas, cinco países, um monte de chefes de Estado. Era visível que se tratava de algo muito importante, dava para notar pela agitação de Mabruka. E a casa inteira estaria na viagem. As "garotas" de Kadafi, adornadas com seu belo uniforme, deveriam lhe fazer as honras. Eu inclusive! Às cinco da manhã de 22 de junho de 2007, tinha início minha participação na comitiva, em um imenso comboio rumo ao aeroporto de Matiga. Nenhuma espera, nenhuma formalidade. As cancelas não passavam de grandes aberturas, e os carros dispararam até a pista de pouso, para nos deixar aos pés da escada do avião. Metade da aeronave era

ocupada por mulheres, de uniformes cáquis, bege, azuis. O azul era o das forças especiais, reservado para as verdadeiras mulheres-soldado, de queixo erguido, olhar glacial, bem treinadas. Era o que haviam me dito. Eu estava de cáqui, como Amal. Falsas mulheres-soldado. Verdadeiras escravas. No fundo do avião, com prazer, avistei Jalal. O Guia viajava em outra aeronave.

Desembarcamos em Bamako, capital do Mali, e eu jamais poderia imaginar uma recepção como aquela. Estavam enlouquecidos! Havia um tapete vermelho para Kadafi, que se pavoneava em um traje branco com um mapa verde da África costurado no peito. O presidente malinês, ministros e uma horda de oficiais rivalizavam-se pela atenção do "rei dos reis da África". Acima de tudo, uma multidão feliz, entusiasmada, como em êxtase, cantava, dançava e saudava: "Bem-vindo, Muamar". Havia grupos folclóricos, danças tradicionais e máscaras dogons. Eles vibravam e gingavam. Eu não podia acreditar no que via e ouvia. Rapidamente, Mabruka assumiu o controle das operações. Fez sinal para que nos dividíssemos em grupos e nos ajeitássemos nas caminhonetes, prontas para arrancar, conduzidas pelos motoristas líbios de sempre. Toda Bab al-Azizia parecia ter se deslocado para lá. A multidão se espremia para ver o comboio passar, inquieta, desordenada, entoando o nome de Kadafi. Eu estava estarrecida. Como era possível que ele fosse amado daquele jeito?, dizia a mim mesma. Aquelas pessoas estariam sendo sinceras? Haviam passado por uma lavagem cerebral, como se fazia na Líbia?

Chegamos ao Hotel Libya, onde a encarregada do protocolo, Saana, nos disse para aguardar em um salão no qual se podia fumar tranquilamente. E depois nos dividimos mais uma vez em

comboio. Quase uma centena de carros, com tendas e alimentos, uma logística insana. As ruas estavam fechadas, os africanos aplaudiam à nossa passagem, e dentro do carro as garotas riam. Sim, o clima era de alegria, quase carnavalesco. Eu me sentia em um filme. Mas, ao distribuir sorrisos à multidão que nos saudava, eu não tinha como não achar aquela situação estranhamente irônica. Ele nos tirara do subsolo para nos exibir sob o sol e contribuir para sua glória.

Eu não sabia nada sobre o destino da viagem, os presidentes, ministros e embaixadores que estavam na agenda de encontros. Nada do programa pessoal do Guia. Seguíamos, como uma corte, sem fazer perguntas. O início da viagem foi desgastante, pois rodamos quase mil quilômetros, atravessando Guiné de norte a sul, para enfim chegar a Conacri, a capital. A única curiosidade das garotas que estavam comigo era quanto à hospedagem. Esperavam hotéis luxuosos, com discoteca e piscina. Mas logo vi que eu não teria essa sorte. Enquanto Amal e as demais eram conduzidas a um hotel, Mabruka me fazia sinal para seguir o mestre, que se hospedaria em uma residência oficial, uma espécie de castelo. Dividi o quarto com outra garota, Affaf, mas no meio da noite fui chamada para fazer companhia ao Guia. Ele não dormiu, e andava pelo quarto, nu, com o ar sombrio, angustiado. Ele se virava rapidamente, pegava a toalhinha vermelha que eu conhecia bem e enxugava as mãos, concentrado, ignorando minha presença. Logo pela manhã, veio para cima de mim.

Durante o dia, encontrei o restante do grupo – Amal, Jalal e todos os outros. Estavam em um hotel maravilhoso, e o clima era de festa. Eu nunca tinha visto algo assim. Mabruka exigira que eu

voltasse ao castelo ao fim do dia, mas não consegui me conter e fui com os demais a uma discoteca. As luzes piscavam, as garotas fumavam e bebiam, dançavam coladas aos africanos. Sirte e minha família pareciam tão distantes. Eu havia aterrissado em um planeta em que os valores e as crenças de meus pais não tinham lugar. Em que minha sobrevivência dependia exclusivamente de qualidades ou artifícios que lhes causariam horror. Em que as coisas não tinham pé nem cabeça. Jalal me observava de longe. Meu olhar cruzava o dele e isso era suficiente para minha felicidade. Mas ele se aproximou.

– Só não beba – me aconselhou.

Isso me tocou profundamente. Ele era mesmo um cavalheiro. As outras garotas, ao contrário, não paravam de me incentivar a beber. A música parecia cada vez mais alta, a discoteca lotada, o ambiente febril. Jalal me beijou na boca. Meu Deus... Tudo aquilo era inacreditável.

Fui dormir no hotel, no quarto de outra garota. Alguém gentilmente se ofereceu para telefonar a Mabruka a fim de lhe pedir autorização, e, curiosamente, ela permitiu. O "mestre" devia estar ocupado. Muitas mulheres o haviam seguido, e eu sabia que haviam sido apanhadas ao longo do caminho. Mas na manhã seguinte houve uma convocação.

– Todas de uniforme, alinhadas e impecáveis – bradou a mulher do protocolo. – O Guia fará um discurso num estádio enorme. Cada uma deve desempenhar seu papel!

As caminhonetes nos conduziram ao estádio de Conacri, para onde afluía uma multidão, jovens, velhos, famílias com crianças. Havia orquestras, bandeirolas, trajes típicos e túnicas esplêndidas.

Antes de nos dirigirmos à tribuna oficial, Nuri Mesmari, o grande chefe do protocolo, dirigiu-se a nós:

– Vocês não são militares, mas devem agir como se fossem realmente encarregadas da segurança do Guia. Coloquem-se na pele de verdadeiras guarda-costas. Façam ar de seriedade, de apreensão, atentas a tudo que está em volta.

Então eu banquei a guarda-costas e imitei Zorha, que assumira uma fisionomia ameaçadora e lançava olhares ao entorno, como se estivesse à procura de terroristas.

Quando entramos no estádio, quando ouvi o clamor e a multidão de mais de cinquenta mil pessoas se revelou, aplaudindo e louvando Kadafi, fiquei embasbacada. Grupos de mulheres gritavam seu nome e tentavam se aproximar, tocar sua roupa ou mesmo abraçá-lo. Era uma loucura. *Coitadas!*, eu dizia a mim mesma. *Se eu fosse vocês, tentaria nem me fazer notar. É um homem perigoso*. Eu pensava em mamãe, que talvez me visse nas imagens transmitidas pela TV estatal e certamente ficaria emocionada, apesar de sua aversão por Kadafi. Quem sabe até lhe ocorresse que eu estaria vivendo uma experiência e tanto. Mas pensei também em meus irmãos. O que eles sabiam? O que estariam pensando? Isso me dava medo. Virei a cabeça e tentei esconder o rosto. A reação que poderiam ter me gelava o sangue.

Kadafi parecia dopado pela multidão. Ele interagia, brincava com o público. E fazia gestos exagerados, brandindo o punho como um campeão esportivo ou como o dono do universo. As garotas de uniforme estavam fascinadas. Não era o meu caso, posso garantir. Nem por um segundo. Nem por um milésimo de segundo. Em sua testa, entre a boina marrom e os óculos escuros,

eu via escrito: “Doente, louco perigoso!”

Depois, pegamos novamente a estrada e rodamos por horas rumo à Costa do Marfim, via Serra Leoa. No hotel seguinte, tive de dividir o quarto com Farida e Zorha, o que não foi um problema, pois a cama era enorme. Todos estavam muito contentes e se preparavam para ir à piscina. Evidentemente, eu estava morrendo de vontade, nunca tinha visto uma piscina na vida. Mas o coronel podia me chamar a qualquer momento.

– É só dizer que está menstruada – aconselhou-me Farida. – Você sabe que é a única coisa que o amedronta. Mas tome cuidado, porque elas vêm ver se é verdade. Passe um pouco de batom vermelho num absorvente.

Achei aquilo ardiloso. Duas horas depois, Fathia, com sua voz grossa, mandou que eu me encaminhasse às dependências do Guia. Fingi um ar atormentado e disse estar realmente exausta. Ela ergueu as sobrancelhas, como se eu estivesse debochando dela.

– Estou menstruada.

– É mesmo?! Quero ver.

– Vai querer me examinar?

– Mostre!

O gesto foi humilhante, mas a visão do absorvente umedecido com água e manchado com batom a convenceu. Farida foi ver o Guia sozinha.

Então, estupidamente, fui, livre, leve e solta, me juntar às garotas – e a Jalal – na piscina. Havia música, bebida e narguilé. Ninguém fazia confidências, mas havia ali uma pulsão coletiva de vingança. Por algumas horas, tínhamos direito ao luxo. Éramos a comunidade de Kadafi, não menos que isso, e o pessoal do hotel se

mostrava cheio de cuidados conosco. Nossos sofrimentos e humilhações cotidianas de repente encontravam uma ínfima compensação. Era ilusória. Era efêmera. Mas era como uma válvula de escape, e mais tarde vim a compreender que aqueles raros momentos impediam que alguns de nós sofressem um colapso.

De repente, ouvi me chamarem:

– Soraya! – Fathia me vira. Ela veio em minha direção, descontrolada. – Diz que está menstruada e vai tomar banho de piscina?

Fiquei tão envergonhada que não sabia o que dizer. Então ela me deu um tapa.

– Mentirosa!

Farida havia me denunciado. Fui imediatamente conduzida à residência. A punição do mestre, conforme me avisaram, teria a exata medida da minha astúcia. Mas, enquanto eu esperava num quartinho, Galina veio me ver.

– Soraya! Como você foi deixar que te pegassem assim?! Papai Muamar está louco de raiva e me encarregou de verificar... Meu amorzinho! Você me deixa numa posição muito difícil! O que vou dizer?

Nada. Ela não disse nada. Ou melhor, mentiu para me proteger. E fui deixada sozinha o restante do dia.

No dia seguinte, pegamos a estrada em direção a Gana, a última etapa da viagem, para a cúpula de chefes de Estado da União Africana em Acra. Horas e horas de viagem. Aquele percurso não acabava nunca. Na segunda noite, Fathia veio mais uma vez me examinar. Não havia vestígio de menstruação. Ela me olhou friamente e não disse nada, mas avisou Mabruka, que chegou para

me acertar um sonoro tapa na cara antes de me conduzir ao quarto de Kadafi. Que detalhes posso contar? Ele me estapeou, me espancou, cuspiu em mim, me insultou. Saí dali com o rosto inchado e fiquei trancada num quarto, ao passo que Galina, como vim a saber mais tarde, foi imediatamente mandada de volta para a Líbia.

– Queria fugir, hein? – caçoou Mabruka, da soleira da porta. – Onde quer que você venha a se enfiar, Muamar vai te encontrar e acabar com você.

7
Hicham

A viagem pela África não marcou o fim do meu sofrimento, mas o fim da reclusão total. O Guia havia perdido o interesse? Estaria eu com o prazo de validade vencido? Não sei. Ele jamais teve lógica ou explicação. Eu vivia um dia após o outro, a seu bel-prazer e em sua total dependência, sem o menor horizonte. Mas, no dia em que voltamos da viagem, ele mandou Mabruka me chamar e, com cara de desgosto, foi dizendo:

– Não te quero mais, vadia. Vou te integrar às guardas revolucionárias. E você vai morar com elas. Agora vai! Chispa!

Ali mesmo, Mabruka me deu um celular.

– Se tiver vontade de falar com a sua mãe...

Aquilo foi completamente inesperado. Assim que pude, liguei para mamãe. Ela me vira na TV estatal, de uniforme, atrás de Kadafi no estádio de Conacri, e pareceu quase feliz ao me dizer isso.

– Como eu gostaria de ver você, minha querida. Você me faz tanta falta!

Tomei coragem para fazer um novo pedido a Mabruka, e, contrariando todas as expectativas, ela me respondeu que mamãe poderia passar para me ver dois dias depois. Sim, em Bab al-Azizia.

Imaginá-la desembarcando naquele universo certamente tinha algo de aterrorizante. Mas eu precisava tanto dela. Então lhe expliquei como chegar até a garagem, e ali alguém a conduziria à residência do Guia. Eu esperava que todo mundo fosse gentil com ela. Como pude ser tão ingênua? Mabruka, Salma e Fathia mostraram-se detestáveis e insolentes.

– Veio ver sua filha? Lá embaixo!

Amal, felizmente, logo foi abraçá-la e se apressou em me avisar, e eu corri para seus braços, onde fiquei chorando por um bom tempo. Nem conseguia falar. O que dizer a ela? Contar o quê? Por onde começar? Aquele subsolo falava por si só. E meus soluços deviam ser insuportáveis. Mabruka zombou. Mamãe ficou magoada. E então nos separaram.

Alguns dias depois, Galina apareceu em meu quarto, pálida. O Guia chamava nós duas, ainda exigia explicações sobre o incidente na viagem. Fiquei embasbacada por ele não ter assuntos mais importantes com que se ocupar.

– Por que você mentiu afirmando que ela estava menstruada? – perguntou à enfermeira.

– Eu não menti! Os ciclos às vezes são irregulares em garotas jovens, e a menstruação pode vir aos poucos.

– Você não passa de uma cínica, mentirosa! Farida me contou a verdade. Quanto a você, vadiazinha, vai para o seu quarto. Você não perde por esperar!

Foi a última vez que vi Galina em Bab al-Azizia. Somente um bom tempo depois, já no início da revolução, a vi de repente na televisão, filmada no momento de seu retorno à Ucrânia; o segredo de sua experiência na Líbia ia-se com ela. Alguns dias depois do

desastroso interrogatório, Kadafi me chamou mais uma vez e me violentou com tamanha brutalidade que saí dali grogue e coberta de hematomas. Amal G., outra garota da casa, que normalmente se mostrava indiferente ao que acontecia comigo, ficou tocada.

– Tenho que tirar você daqui um pouco.

Nem ao menos respondi, eu não tinha mais esperança; os dias se sucediam e eu me afundava silenciosamente. Mas ela voltou ao meu quarto com um ar triunfante.

– Mabruka concordou que eu leve você à minha família!

E então ela me levou para passar um dia em sua casa, ou melhor, na "outra casa", onde sua mãe e sua irmãzinha nos esperavam diante de um belo cuscuz.

Três dias depois, Amal G. obteve autorização para sair comigo mais uma vez. Aquela nova liberdade condicional era inacreditável, e eu não sabia como interpretar tal reviravolta nas atitudes de meus carcereiros. De qualquer forma, aquelas horas fora da caverna representavam tamanha lufada de ar fresco que fui sem perguntar nada. Eu já nem pensava em fugir. Não tinha mais esperança. Sonhos, menos ainda. Eu estava sepultada, privada de tudo que estivesse fora de Bab al-Azizia. Eu seria uma daquelas mulheres, entre tantas outras, que pertenceriam para sempre a seu mestre. Não poderia nem imaginar que, naquele mesmo dia, outro homem fosse entrar em minha vida.

★

Amal G. me levara para almoçar no velho bairro dos pescadores, junto ao mar. Estávamos indo embora, ela estava dando marcha a ré, quando um homem gritou:

– Cuidado!

Ele saiu do carro dele, no qual havíamos acabado de bater, com uma cara irritada. Mas logo se acalmou. Trocamos um olhar, depois um sorriso. E pronto. Foi como um raio. Eu nem sabia que aquilo existia. Um terremoto. Ele tinha uns trinta anos, era encorpado, forte, musculoso, os olhos tão negros quanto os cabelos e cheios de energia. Ou melhor, de coragem. Fiquei abalada. Mas Amal G. deu partida e tomou o caminho de Bab al-Azizia, e a vida retomou seu curso entre o subsolo e o quarto do mestre, entre o torpor e a submissão.

Uma tarde, fui novamente autorizada a sair com Amal G. Ela queria levar a irmã mais nova a um parque de diversões e me levou para conhecer os brinquedos. Um deles parecia uma grande peneira. As pessoas se acomodavam no interior do círculo, agarravam-se às bordas e o brinquedo era sacudido em todos os sentidos. Nós ríamos e gritávamos, tentando manter o equilíbrio, quando descobri que quem controlava o brinquedo era justamente o homem do carro. Nossos olhares se encontraram de novo, e ele acelerou o ritmo da peneira. Que susto e que empolgação! Quanto mais eu ria, me agarrando à borda, mais ele aumentava o ritmo.

– Já nos vimos antes, né? – ele gritou para mim.

– Sim, eu lembro. Como você se chama?

– Hicham. Pode me passar seu telefone?

Aquilo foi extraordinário! Tão proibido e tão fabuloso! Ele não tinha papel para anotar, mas me passou o número dele, que eu digitei e liguei, para que o meu número aparecesse em seu celular. Amal G. logo me arrastou para longe dali.

Ao voltar a Bab al-Azizia, eu me encontrava em um estado de doce euforia. A vida retomava suas cores. Telefonei para ele do

meu quarto. Sabia que aquilo era uma maluquice, mas ele atendeu imediatamente.

– Onde você está? – perguntou.

– Em casa.

– Gostei muito de te ver de novo, no brinquedo. Uma feliz coincidência, né?

– Eu reconheceria você em qualquer lugar.

– Gostaria muito de te ver mais uma vez. O que você faz da vida?

Ah, essa pergunta... Eu devia ter esperado por ela. O que eu poderia responder? Eu não fazia nada da vida. Eu não fazia nada da *minha* vida. Aliás, nem vida eu tinha. Era um abismo. Eu me debulhei em lágrimas.

– Nada. Eu não faço nada.

– Mas por que você está chorando? Me conta.

– Não posso.

Desliguei aos prantos. Eu estava com dezoito anos. As garotas da minha escola já tinham se formado. Algumas já haviam até se casado. Outras estavam matriculadas em alguma universidade. Eu recordava que chegara a sonhar em ser dentista. E falara a respeito com mamãe. Os dentes e o sorriso eram a primeira coisa que eu reparava nas pessoas, e gostava de dar dicas para conservá-los, branqueá-los. Dentista! Era quase uma piada. Como debochariam de mim se eu dissesse isso lá no meu subsolo. Tinham destruído meus sonhos, roubado minha vida. E eu não podia nem ao menos contar a alguém. Pois o que tinham me feito era tão vergonhoso que, fora dali, eu estava contaminada. O que responder a Hicham? Não tive tempo de refletir muito sobre isso. Fui chamada para o

andar de cima.

– Tira a roupa, vadia!

Foi a gota-d'água. Comecei a soluçar.

– Por que fica me dizendo isso? Por quê? Eu não sou vadia!

Isso o deixou furioso. Ele urrou:

– Cala essa boca, vadia! – e me violentou, me fazendo entender que eu não passava de uma coisa sem direito a palavra.

Quando desci de volta ao meu quarto, vi, no celular escondido debaixo de meu travesseiro, que Hicham me telefonara vinte e cinco vezes. Pelo menos para uma pessoa eu existia.

Na noite seguinte, Kadafi mandou me chamar e, mais uma vez, violou meu corpo. Depois me obrigou a cheirar cocaína. Eu não queria. Tinha medo. Meu nariz sangrou, então ele botou um pouco na minha língua. Perdi os sentidos.

Acordei com uma máscara de oxigênio no rosto, na enfermaria das ucranianas. Elena acariciava minha mão, enquanto Claudia me olhava preocupada. Elas não diziam nada, mas eu via que se compadeciam. Levaram-me de volta ao meu quarto, e fiquei dois dias de cama, incapaz de me levantar. Apenas a imagem de Hicham me mantinha viva.

Amal G. veio a saber o que me acontecera dois dias depois. Eu me sentia melhor e não tinha a menor vontade de falar, mas ela me tomou pela mão, me levou para fora do quarto e me conduziu até o Guia. Ele estava sentado diante do computador.

– Meu mestre! Não está certo ficar dando droga à menina. Isso é um crime! É perigoso! O que o senhor está pensando?

Ela o desafiava com uma audácia espantosa. Com uma mão sobre a minha e a outra na cintura, exigia uma resposta. Ousava

tirar satisfações com ele!

– Fora daqui! – bradou ele, apontando a porta. – E deixe a menina!

Ele pulou em cima de mim, prensou meus seios e ordenou:

– Dança! – pondo a música. Depois me prensou contra o chão. – Por que contou, vadia?

– Não contei nada! Elas ficaram sabendo por conta própria!

Ele me bateu e me estuprou, urinou em cima de mim e gritou, ao se levantar para tomar banho:

– Vai embora!

Desci molhada e desgraçada, convencida de que nenhum banho seria capaz de me limpar.

★

Amal G. não conseguia se acalmar. Mesmo assim, nutria verdadeiro fascínio pelo Guia. Talvez até o amasse, por mais inacreditável que isso me parecesse. Ela dizia lhe dever a casa em que morava sua família, seu carro, algum conforto na vida. Eu não questionava nada, estava cheia de ódio. Mas, quando ela dizia: "Juro pela cabeça de Muamar", eu sabia que podia acreditar. Em Bab al-Azizia, ela não titubeava quando se tratava de pôr cada um em seu devido lugar. Ao abominável Saad al-Fallah, do protocolo, que a chamava de vadia, ela berrava: "É melhor calar a boca, veado!" Ela bufava, resmungava, tão acolhedora quanto um porco-espinho, sem se importar com os outros. Mas meu sofrimento a assustava. Certa manhã, ela apareceu em meu quarto e disse:

– Vamos, vou levar você para minha casa. Já tenho permissão. Arrume suas coisas para alguns dias.

Pulei no pescoço dela, de tanta alegria.

– Tá bom, tá bom! – foi dizendo, se desvencilhando de mim, sempre um pouco seca, mas tinha lágrimas nos olhos.

E lá fomos nós para a casa da família dela. Ah, como aquela fantasia de vida normal era doce na hora de ir: casa, pais, refeições. Senti saudade de minha família e liguei para mamãe.

– Vem me buscar.

Amal G. logo interveio.

– Não diga que está na minha casa! Eu te proíbo! Se contar à sua mãe, levo você de volta a Bab al-Azizia.

Ela me pôs medo. Tudo, menos voltar ao meu subsolo e ter de rever Kadafi e Mabruka. Tudo, mesmo mentir a mamãe, coisa que até então jamais fizera.

Nessa época, descobri que Amal G. tinha uma segunda vida. Suas redes estratégicas para conseguir bebida alcoólica, as farras noturnas a bordo do carro, a familiaridade com os policiais que cruzava – "E aí, Amal?" – e a mistura de Red Bull com vodca que tomava enquanto dirigia, antes de se inundar de perfume para entrar em casa. Entendi que ela tinha sede de dinheiro, relacionava-se com homens de negócios que lhe pagavam comissões. E logo percebi que ela me usava para atrair ricos e poderosos. De repente me vi nas noitadas para as quais Amal levara as outras garotas, nas quais álcool e drogas eram onipresentes, das quais participavam dignitários e celebridades do país e onde o dinheiro circulava em troca de favores sexuais. Então era isso que ela queria de mim? Minha riqueza estaria tão somente no corpo que eu detestava? Mesmo fora do harém, todo o meu valor estaria nisso? Será que precisamente aquele vínculo com Bab al-Azizia estaria me conferindo, aos olhos de certos homens, um

valor a mais? Uma noite na rica mansão de certo primo famoso de Kadafi me rendeu um envelope com cinco mil dinares, que Amal G. se apressou em embolsar e o qual não ousei reclamar. Ela me tinha nas mãos.

★

Um dia, mamãe, que me dava notícias ao telefone, me disse que Inas, uma amiga de infância da época de Benghazi, estava em Trípoli e queria muito me ver. Ela me passou o número de telefone, para o qual logo liguei e deixei recado. Queria muito encontrar pessoas normais, da minha vida de antes, sem saber se isso ainda seria possível. Inas imediatamente retornou minha ligação, entusiasmada. Pedi seu endereço e me propus a ir encontrá-la em seguida.

– Sério? Você pode sair de Bab al-Azizia?

Ela sabia! Eu estava estupefata. Como foi que mamãe ousou lhe dizer a verdade, ela que desde o começo mentia a todos da família?

Peguei um táxi e pedi a Inas que pagasse a viagem.

– Como é possível uma garota que mora na casa do presidente não ter dinheiro nem pra tomar um táxi? – ela brincou.

Sorri sem responder. O que ela sabia realmente? O que significaria para ela "morar na casa do presidente"? Acreditava que fora uma escolha minha? Uma posição social e um trabalho de verdade? Em todo caso, eu seguiria pisando em ovos. Entramos na casa, e a família toda veio me abraçar.

– Vamos chamar sua mãe pra ela vir ficar com a gente também – disse Inas, em súbita empolgação.

– Não!

– Por quê?

– Não precisa. Estou passando uns tempos na casa de uma moça, fora de Bab al-Azizia, e ela não quer que ninguém saiba.

Todo mundo me olhou em silêncio, com ar incrédulo. Então a pequena Soraya agora mentia para a mãe... O que não faz o ambiente.

– Qual é sua relação com Bab al-Azizia? – alguém perguntou.

– Não quero falar sobre isso. E mamãe já deve ter contado a minha história.

No andar de cima, acendi um cigarro, provocando um misto de espanto e desaprovação nos olhos de toda a família. Soraya tinha mudado para pior.

Fiquei para dormir no quarto de Inas. Para mim foi como dar uma pausa de tudo. Um pequeno e doce retorno à infância. Amal G. devia estar fula de raiva e preocupação. Não respondi a nenhuma de suas muitas chamadas. Quando enfim atendi, na manhã seguinte, ela urrava.

– Como é que você sai sem me avisar?

– Eu precisava respirar, você entende? Na sua casa eu me sinto numa nova prisão. Obrigada por me tirar de Bab al-Azizia, mas agora me deixe respirar um pouco.

Ela continuou berrando e eu me pus a chorar, então Inas se apossou do aparelho.

– Sou amiga de infância de Soraya, minha família está cuidando dela, não se preocupe.

Mas Amal G. insistia. Segundo ela, eu me colocara em uma situação gravíssima e não podia medir as consequências. Inas acabou passando seu endereço.

– Estou indo até aí!

Era o que eu temia. O único refúgio que me restava, aquele que ninguém em Bab al-Azizia seria capaz de imaginar, acabara de ser descoberto. Eu me senti caçada. E telefonei para Hicham.

– Eu lhe imploro, venha me buscar. Você é a única pessoa que quero ver agora.

Ele chegou em alguns minutos e praticamente me raptou. O carro se embrenhou pelas ruas de Trípoli, logo estava na periferia e depois em direção ao interior. Ele estava tenso ao volante, atento ao caminho. Eu olhava seu perfil com a cabeça repousada no banco e relaxada de uma forma que havia muito tempo eu não ficava. Eu não pensava, não tinha um plano, me limitava a sorrir, simplesmente confiando naquele homem que eu via apenas pela terceira vez. E eu não estava enganada. Ele tinha força. E vitalidade. Ele me levou a um pequeno bangalô de férias.

– Agora descanse – me disse. – Conheço sua história. De agora em diante, não vou deixar ninguém te fazer mal.

Amal G. fora vê-lo sem eu saber, para lhe contar sobre meus laços com Bab al-Azizia e adverti-lo: "Não é garota pra você". E então ela me telefonou. Já havia tentado falar comigo uma dezena de vezes.

– Atende – disse-me Hicham. – Você não deve mais ter medo dela. Diga a verdade.

Atendi tremendo. Ela xingava.

– Você tá maluca, Soraya! Tá realmente procurando encrenca. Como você tem coragem de fugir justamente quando eu estava indo te buscar?

– Me deixa em paz! Estou longe. Estou na casa de uma amiga.

– Mentira! Sei muito bem que você está com Hicham!

Desliguei. Ele me tomou o aparelho das mãos e ligou novamente para ela.

– Deixe a Soraya em paz. Esqueça dela. Você já lhe fez mal o bastante. Agora sou eu quem a defendo. E sou capaz de matar quem tentar machucá-la.

– Você não me conhece, Hicham. E vai pagar muito caro por isso. Vai mofar na cadeia!

★

Fui feliz durante três dias. Nas primeiras vinte e quatro horas eu só chorava, mas acho que apenas vertia os tanques de lágrimas acumuladas naqueles anos. Hicham se mostrava paciente, meigo, reconfortante. E me fazia comer, enxugava-me as lágrimas. Eu não estava mais sozinha. Talvez fosse possível que, depois de tudo, houvesse um "pós" Bab al-Azizia. Mas a notícia de minha fuga caiu como uma bomba na mansão de Kadafi. Amal G. levou Inas para falar com a minha mãe, que logo me ligou.

– Eu estou perplexa, Soraya. Você mentiu pra mim por dois meses! Como pôde? Você está na cidade, fuma e ainda foge com um homem. No que você se transformou, pequena Soraya? Numa mundana! Numa puta! Preferiria te ver morta que numa vida assim, devassa. Ah, como você me decepcionou!

Senti o golpe. As aparências estavam contra mim. Mas como ela podia não querer que eu simplesmente tentasse sobreviver?

Amal G. telefonou.

– Não importa o que faça, você vai voltar a Bab al-Azizia.

As forças da segurança nacional, que vinham em caminhonetes, foram bater na casa dos pais de Hicham.

– Onde está seu filho? Ele tem de devolver a garota que raptou.

Seus irmãos telefonaram para ele em pânico. Ao fim de três dias, nós nos rendemos.

Voltei para a casa de Amal G., que me deu duas opções: me levar para a casa de meus pais ou para Bab al-Azizia. Escolhi meus pais, mas bastante aflita. A confiança não existia mais. Mamãe me lançava olhares duros, como se meu rosto estampasse minha degradação. Como se eu já não fosse sua criança roubada, a quem haviam feito mal. Como se eu fosse uma filha culpada, perdida. Meu pai me acolheu com mais ternura. Ele me olhava com atenção, parecia não me reconhecer. Acho que eu havia crescido um pouco. Mas, sobretudo, envelhecera. Contudo, ele tinha de cumprir seu papel de pai e rapidamente exigiu satisfações. Quem era aquele Hicham? Contei-lhe sobre como nos reencontramos por acaso, contei da coragem e do sangue-frio de Hicham, de seus modos de cavalheiro e de seu desejo de se casar comigo. Eles me ouviam com um ar cético. Havia entre nós uma distância desconhecida.

Minha mãe não queria mais que eu saísse de casa. Mais por medo daquele novo perigo do que de Bab al-Azizia. Eu tinha de recorrer a subterfúgios para dar a impressão de que acompanharia papai a algum lugar e então deixá-lo a fim de ver Hicham, que me forneceu uma reserva de cigarros e um chip novo para o meu telefone celular. Assim, Amal G. e Mabruka não poderiam mais me encontrar. Em casa, o clima era tenso. Eu sofria por não poder fumar e, às vezes, me escondia no banheiro para dar umas tragadas, borrifando desodorante para tirar o cheiro. Eu não tinha assunto com eles. E me encontrava em um estado de suspensão.

Certa manhã, bateram à porta. Era um motorista de Bab al-

Azizia.

– Vem, Soraya. Sua presença é exigida.

E eu fui. Mabruka, mordaz, levou-me ao laboratório, onde uma enfermeira me fez três coletas de sangue, enchendo três frascos. Fiquei esperando por uma hora em uma salinha, até que Salma, de cara amarrada, gritou:

– Pra cima!

O Guia me esperava, de conjunto esportivo e camiseta regata.

– Sua vadia! Fiquei sabendo que você andou transando com outros – e cuspiu no meu rosto, me penetrou, urinou em cima de mim e concluiu: – Só tenho uma solução pra você: vai trabalhar sob meu comando. Dormirá na sua casa, mas das nove da manhã às nove da noite eu quero você aqui, à minha disposição. Agora você vai aprender a disciplina das guardas revolucionárias.

8
Fuga

No dia seguinte, um motorista de Bab al-Azizia buzinava na frente da casa dos meus pais, às oito e meia em ponto. Então fui para o trabalho. Não sabia como seria, mas esperava simplesmente não ter mais contato com o Guia. O que poderia fazer uma "guarda revolucionária"? De que modo eu defenderia a "Revolução"? Logo tive a resposta: servindo bebidas, o dia todo, aos convidados africanos do Guia! Eu ficava na mesma casa, com as mesmas pessoas e sob o comando da mesma chefe. E às três horas da manhã eu ainda estava lá.

– Não foi isso que o Guia me disse – reclamei a Mabruka.

– Mas é aqui que você vai passar a noite.

Só que eu já não tinha quarto. Uma "novata" tomara meu lugar. Então me preparei para dormir, como se estivesse de passagem, em um sofá na sala. E, assim que os últimos africanos partiram, fui chamada com a garota nova ao andar do Guia. Não, ali não havia nada de revolucionário. Eu caíra numa armadilha.

Telefonei às escondidas para o meu pai no dia seguinte. A conversa foi breve, e senti que ele estava tenso.

– Soraya, é importante. Venha me ver o mais rápido possível e traga seu passaporte.

Eu estava com ele! Era inacreditável, mas meu passaporte estava comigo, por um descuido de Mabruka ao voltarmos da viagem pela África. Inventei que tinha um assunto urgente a resolver como pretexto para sair de Bab al-Azizia com um motorista. Pedi que me esperasse um momento e peguei um táxi para encontrar papai, que me aguardava em seu carro. Ele arrancou e me levou à embaixada da França, onde solicitou um pedido de visto em caráter de urgência; eram necessárias uma foto e minhas impressões digitais. Com um pouco de sorte e uma antiga amizade de meu pai com um funcionário da embaixada, nos asseguraram que o visto seria expedido em uma semana, e não em um mês, como de costume. Menos de uma hora depois, após ter pegado vielas, evitado as grandes avenidas e olhado mil vezes pelo retrovisor, papai me colocou num táxi que me levou de volta ao motorista, e logo eu estava mais uma vez em Bab al-Azizia.

No dia seguinte, lá estava eu de novo no papel de garçonete. A casa estava cheia de famosos, alguns verdadeiras estrelas, como vim a saber: um diretor de cinema e um cantor egípcios, uma cantora libanesa, dançarinas e apresentadores de TV. O Guia saiu de seu escritório para se juntar a eles no grande salão, sentando-se no meio de todos. Depois subiu para o quarto. Vários deles o seguiram, um após o outro. Uma Samsonite bem cheia aguardava alguns deles antes de partirem.

Pude voltar à casa de meus pais, mas logo entendi que ali eu não tinha mais espaço. Era uma estrangeira. Um mau exemplo para todo mundo. Mamãe, cada vez mais distante, ficava a maior parte do tempo em Sirte, com minha irmã e meu irmão mais novo. Os dois mais velhos tinham ido estudar fora do país. Em Trípoli,

estavam morando apenas meu pai e meus outros dois irmãos. Mas não deu mais. Foi um verdadeiro desastre.

– O que vai ser da sua vida? – perguntava papai. – Que exemplo você pode dar para os seus irmãos e para o resto da família?

Era tudo bem mais simples quando não me viam. Morta, eu seria uma vergonha menor. Até que me dei conta de algo inconcebível: eu preferia voltar a Bab al-Azizia.

De volta ao laboratório. Coleta de sangue. Cama improvisada na sala, à espera de um chamado no meio da noite. Então, papai me telefonou.

– Prepare-se. Em quatro dias você vai estar com o visto para a França.

Em seguida, munida de coragem, fui confrontar Kadafi.

– Minha mãe está muito doente. Preciso de uma dispensa de vinte dias.

Ele me deu duas semanas. Voltei para casa. Mas que clima! Eu me escondia para fumar e ligar para Hicham, deixando todos furiosos. Menti, inventando que fora chamada em Bab al-Azizia, e fui encontrar meu namorado. Eu sabia que aquilo era grave, que eu estava me corrompendo, mas um pouco mais, um pouco menos... Toda minha vida saíra dos trilhos havia muito tempo. A mentira se tornara uma forma de sobrevivência.

★

Passei dois dias com Hicham em um bangalô emprestado por um amigo.

– Eu te amo – ele me dizia. – Você não pode partir assim.

– É a única solução. Não posso mais viver na Líbia. Bab al-Azizia nunca me deixará em paz, e minha família me vê como

uma espécie de monstro. Pra você, só vou trazer problemas.

– Espera um pouco, logo poderemos ir juntos para o exterior.

– Não. Aqui sou perseguida e coloco você em risco. Ir embora é minha única esperança de fazer Kadafi me esquecer.

Voltei para casa para fazer a mala. Andava como uma sonâmbula, indiferente a tudo que se passava à minha volta. Tinham me dito que fevereiro era mês de frio rigoroso na França, eu precisaria de sapatos reforçados e um casaco bem quente. Em um armário, descobri um estoque de roupas que minha mãe comprava para mim sempre que ia à Tunísia. "É para Soraya", dizia a meu pai. "Este ano ela volta, tenho certeza." Mamãe... Depois de cinco anos ela ainda esperava meu retorno. Durante o dia, ela enfrentava perguntas invasivas e segurava a família com mão de ferro. À noite, chorava e pedia a Deus que protegesse sua menina e a trouxesse de volta. Mas eu não era mais uma menina e a decepcionara.

Papai me acordou muito cedo. Estava pálido. Ou melhor, verde, com os lábios embranquecidos. Nunca o tinha visto daquele jeito, morto de medo. Passou gel e penteou os cabelos para trás. Usava um sobretudo escuro que eu não conhecia por cima de uma jaqueta de couro. Os óculos escuros completavam o visual de gângster ou de espião. Rapidamente vesti uma calça jeans, uma blusa e envolvi os cabelos num véu negro, sem esquecer, claro, os grandes óculos de sol, que encobriam meu rosto. Liguei para mamãe, que estava em Sirte, para me despedir. Foi uma conversa breve e seca. Depois pegamos um táxi para o aeroporto. Papai me lançava olhares nervosos.

– O que você tem, Soraya? Parece perturbada.

Ah, não, eu não estava perturbada. Estava calma. O que poderia me acontecer de mais grave do que já havia acontecido? Ser morta? No fundo, seria um alívio.

No aeroporto, papai ficou à espreita. Olhava no relógio, estremecia se alguém encostasse nele. Ele pedira a um amigo que cuidasse para que meu nome não aparecesse na lista de passageiros. Nem mesmo minhas iniciais. Certificou-se disso. No momento de passar pelos seguranças, e depois, na sala de espera, dava olhadelas furtivas em volta, suspeitando que cada passageiro sozinho pudesse ser um capanga de Kadafi. Estava em um filme de espionagem. No avião, até o momento da decolagem, ele supervisionou a entrada, incapaz de pronunciar uma única palavra. Respirava ofegante, a boca estava seca. E suas mãos permaneceram apertadas no braço da poltrona até a escala em Roma. Como se uma ordem do Guia pudesse fazer o avião retornar. No momento da aterrissagem, ele enfim sorriu. Pela primeira vez, como admitiu, em muitos anos.

Ele optara pela escala em Roma com o intuito de apagar qualquer pista. Tínhamos ainda algumas horas de espera, e fui ao banheiro tirar o véu negro, passar lápis nos olhos, gloss rosa e perfume. Afinal de contas, íamos a Paris, a capital da beleza e da moda. Minha vida miserável acabara. Pelo menos eu achava.

9
Paris

Eu sonhava em ver a Torre Eiffel, mas pegamos o metrô e fomos parar em Kremlin-Bicêtre, no subúrbio da cidade. Eu imaginava exotismo e me vi rodeada de árabes.

– A França é isso? – perguntei a meu pai enquanto íamos ao encontro de um de seus amigos em um restaurante de uma rede especializada em frango halal. Fiquei decepcionada. Fazia um frio polar, meu nariz e meus pés estavam congelados, tudo me parecia péssimo.

– Amanhã tudo vai melhorar – disse papai, tentando me animar.

Passamos a noite em um pequeno hotel próximo à estação Porte d'Italie, de onde se via o anel viário da cidade. E acordei sentindo falta de cigarro, que logo se tornou uma obsessão.

Tínhamos um encontro marcado com seu amigo Habib e fomos esperar em um café ali perto. Garotas fumavam no terraço, descontraídas, normais. Aquilo me encheu de esperança. Não se tratava de um defeito nem de uma imoralidade, como queriam me fazer crer. Pedi um chocolate quente, papai um café e, antes que o pedido viesse, saiu para fumar. Ele não aceitaria que eu o acompanhasse, então fui ao banheiro fumar um Marlboro, que

trouxera escondido. Habib chegou e nos convidou para ir à casa dele, perto da estação Porte de Choisy. Foi então que mamãe telefonou. Soddeik, o motorista de Bab al-Azizia, passara em nossa casa em Trípoli.

– Onde está Soraya? Por que não atende o telefone?

– Porque ela está em Sirte – lhe responderam.

Ele se contentou com a resposta, mas mamãe estava muito inquieta, e meu pai começou a tremer. Estava pálido, em estado de choque. Excesso de emoções. Teve um colapso nervoso na frente de Habib. Levaram-no ao hospital. Ele saiu no meio da noite, decidido a voltar a Trípoli imediatamente. Deixou comigo mil euros, o que me pareceu uma fortuna, um cartão de telefone e pediu a Habib que me alugasse uma quitinete. Então, os dois se dirigiram ao aeroporto. Abatido e ansioso, ele não me abraçou, apenas acenou discretamente.

– Se Deus me der saúde – eu sabia o que ele estava pensando: *Se não me matarem* –, eu lhe envio mais dinheiro.

Chorei ao lhe dizer adeus.

★

Habib me arranjou um quarto em um hotel próximo à estação Porte de Choisy. Eu não estava no coração de Paris, mas não era assim tão mau. A recepcionista era marroquina, pudemos conversar em árabe. E logo aprendi a me virar nos trajetos de ônibus e de metrô. Um primeiro teste de orientação me levou ao Quartier Latin, perto da estação Saint Michel, onde tomei um café olhando as pessoas passarem. Eu era livre. Livre! Era algo que repetia a mim mesma, sem acreditar. Não tinha nenhum plano nem o menor projeto que fosse. Sem amigos, sem relações. Mas eu

era livre. E isso era atordoante.

Na mesa ao lado, duas moças e um homem de origem árabe iam badalar, tarde da noite, em uma boate. Eu ouvia, num misto de inveja e fascínio. Mordia-me de vontade de abordá-los. Não tive coragem. A cidade, a um só tempo elegante e despreocupada, me intimidava. Voltei para o hotel.

Na manhã seguinte, tomei o metrô para a estação Champs-Elysées. Sonhava com aquilo desde criança. O céu estava claro, a avenida era ainda mais larga do que eu imaginara, e o café Le Deauville ficava exatamente no local que minha mãe indicara. Telefonei para ela.

– O Le Deauville é sempre azul! – Eu sabia que com isso tocava seu ponto fraco.

– Você vê como a história se repete? Minha filha anda pelos mesmos lugares dos meus vinte anos... Como eu gostaria de estar aí com você, Soraya!

Fui à Sephora, tinha ouvido Mabruka falar que comprava ali. Na seção de perfumes, testei tudo que podia, sob o olhar desconfiado dos seguranças. Uma atendente tentou me vender um vidro do perfume Paris, de Yves Saint Laurent, mas eu tinha de fazer minhas contas. Vejamos: eu tinha mil euros; o hotel saía vinte e cinco euros ao dia; mais vinte e cinco eu gastava com comida e transporte. O dinheiro daria para vinte dias. Adeus, perfume. Quanto aos corredores de maquiagem, que me enchiam de vontade, dei as costas. Ficariam para depois. Eu percorreria um por um, tinha todo o tempo do mundo.

Ao passar por um casal de namorados que se abraçava livremente, pensei em Hicham. Eu me segurava para não ligar para

ele. Para quê? Eu não passava de uma fonte de preocupações. Mas logo fui comprar créditos para o celular. Quando ouvi sua voz, comecei a chorar.

– Faz dois dias que você foi embora – disse ele. – Dois dias que penso em você o tempo todo! Vou te encontrar assim que puder. Já estou vendo para tirar o passaporte.

Aquilo era sério? Ele queria viver perto de mim? Meu Deus! Eu não via a hora. Ele tinha de acelerar o processo, conseguir o famigerado passaporte, objeto tão raro e precioso na Líbia. Mas com dinheiro tudo era possível. Telefonei rapidamente para papai.

– Você me deixou só mil euros! É muito pouco! Como quer que eu me vire aqui?

No dia seguinte, ele me transferiu dois mil euros, dos quais repassei metade a Hicham.

Foi então que fiz uma série de contatos que, pensando hoje, levaram minha estada na França ao completo fracasso. É horrível ter de reconhecer isso. Como é humilhante ter de admitir que deixei minha chance escapar. Como foi possível? Creio ter confiado nas pessoas erradas. Fiz escolhas ruins. Fui de uma ingenuidade lamentável. Mas convenhamos... Cheguei a Paris em fevereiro de 2009, faltando alguns dias para completar vinte anos, e não conhecia nada. Exceto a veleidade, a perversidade e o cinismo do mundinho que me sequestrara. Nada da vida que envolvesse trabalho, relações em sociedade, gestão de tempo e dinheiro, relacionamentos equilibrados entre homens e mulheres. E nada do ritmo do mundo. Jamais havia lido um jornal...

Eu estava sentada em um banco na Champs-Elysées quando uma jovem loira chegou perto de mim.

– Olá. Tem lugar pra mim?

– Claro. Como se chama?

– Warda.

– É um nome árabe!

Ela era de origem argelina, e rapidamente nos simpatizamos.

– Ah, logo vi que você acabou de chegar a Paris. De onde você é?

– Adivinha.

– Marrocos?

– Não. De um país que jamais lhe ocorreria.

– Tunísia? Egito? Jordânia? Líbano?

– Não! Um país mediterrânico e estratégico. E então?

– Argélia! Que nem eu?

– Não.

– Então eu não sei.

– Da Líbia!

– Ah, Kadafi! Ele é bárbaro! É um dos meus heróis. Você não pode imaginar como sou fascinada por ele. Me conta!

– Você admira Kadafi? – Tive vontade de chorar. – É um crápula! Um impostor!

– Tá de brincadeira? Já ouviu os discursos dele? Já viu como ele desafia os americanos? É um verdadeiro árabe! E tem um carisma incrível!

A conversa continuou em um café, onde encontramos um amigo dela, que trabalhava como segurança em uma boate de Montreuil chamada La Marquise. Estavam combinando de ir à boate aquela noite e me convidaram. Achei simpático. *Que sorte!*, eu disse a mim mesma. Era um restaurante libanês que após a

meia-noite se transformava em boate, com música ao vivo e danças orientais. Ah, eu estava no lugar certo! Todo mundo falava árabe, e o público, alegre, extrovertido, ansioso por festejar, parecia ser gente rica do Oriente Médio.

– Olha ali, à sua direita – falou Warda rapidamente. – Naquela mesa ali do lado, tem uns homens olhando pra você.

– E daí? Não quero olhar.

– Seja gentil! Se você for simpática, eles pagam comida e bebida. Vamos dançar!

Eu a segui relutante, perplexa. Para que ela estava querendo me empurrar? Os homens vieram atrás de nós na pista de dança, dando em cima, cada vez mais audaciosos; alguns deles chegavam a nos mostrar dinheiro, como se fôssemos dançarinas de boate.

Fui bem direta com Warda:

– Olha aqui, não quero essas coisas!

Mas o dono da boate já tinha me notado. Ele se aproximou.

– É verdade que você é líbia? – Então pegou o microfone. – Senhoras e senhores, quero fazer uma saudação à Líbia e ao coronel Kadafi!

Fiquei desconcertada. E o cara continuou:

– Venha! Venha cantar comigo uma canção à glória do coronel. – E começou a cantar uma daquelas canções grotescas que se propagavam por toda parte, pelos alto-falantes e rádios da Líbia: – Oh, nosso Guia, nós te seguimos...

Eu só queria sumir. Seria possível que até ali ele viria me perseguir? Corri para o banheiro e me trancafiei para chorar.

★

Fiquei enclausurada no meu quarto por uma semana,

transtornada. Só saía para comprar cigarros e créditos de celular. Estava angustiada. A sombra de Kadafi me perseguia por toda parte. Bab al-Azizia tinha olhos e ouvidos no planeta inteiro. E seus espiões já haviam cometido assassinatos do outro lado do mundo. Seria realista esperar escapar de suas garras? Eu mal havia chegado a Paris e já me via num impasse. E então, certa noite, um rato cruzou meu quarto de fora a fora. Fiquei chocada. Peguei minhas coisas, corri até a recepção, paguei a conta e liguei para Habib, apavorada.

– Você pode passar a noite aqui em casa, e nos próximos dias a gente vê o que faz.

Fui para a casa dele e me acomodei em um quarto, mas lá pelas quatro da manhã ele veio se deitar na minha cama. O amigo de papai! Dei um grito, peguei minhas coisas e despenquei escada abaixo. A rua estava deserta e gelada. Para onde ir? Pensei em Warda e disquei seu número. Em vão. Fui andando até o metrô e esperei a estação abrir para me instalar em um banco. Um morador de rua bêbado veio me incomodar. Eu chorava. Liguei para Hicham, mas ele não atendia. O amigo de meu pai ficou feito louco tentando me encontrar.

Saí da estação e me enfurnei em um café em Porte de Choisy, que acabara de abrir. Pedi um café, e de repente um bando de policiais apareceu no local. Entrei em pânico. Um mandado de busca internacional emitido por Kadafi? Lembrei-me do que Warda recomendara: "O mais importante é não se intimidar". Eu não podia fugir, eles vinham na minha direção. Trêmula, estendi meu passaporte. Um policial de origem marroquina sorriu.

– Por que tanto medo? Você tem visto, está perfeitamente

legal.

Eu estava paralisada, incapaz de pronunciar uma palavra sequer. Ele me passou seu número de celular com uma piscadela maliciosa. Aquilo me enojou.

Um grupo de mulheres entrou. Elegantes, seguras. Certamente trabalhavam juntas em um escritório. Eu as segui com o olhar, fascinada. Dizia a mim mesma: *Como têm classe essas francesas! Elas se produzem e sabem ser chiques, saem de casa, vão fumar nos cafés, têm empregos tão importantes quanto os dos homens...*

Mas uma delas de súbito me encarou e gritou:

– O que você está olhando? Algum problema?

Ah, essa frase... Ficou na minha cabeça, mas na hora não entendi. A moça tinha tanto desprezo e ódio no rosto. Por que gritar comigo daquele jeito? Eu estava apenas admirando, e, se minha cara não estava boa, era porque eu nem havia dormido.

O garçom era simpático. Ele também falava árabe.

– Tenho que aprender francês – eu lhe disse. – Urgente!

Ele me recomendou a Aliança Francesa de Montparnasse e escreveu o endereço em um papel. Peguei o metrô com a minha mala e desci perto da torre. Acabei me perdendo e fiquei surpresa ao constatar que naquele bairro ninguém falava árabe. Eu me sentei em um café, e quem eu encontro? Habib! Ele trabalhava por ali.

– Por que não atende minhas ligações, Soraya? Quase morri de preocupação!

– Jamais volte a pronunciar meu nome. Me deixe em paz, ou eu ligo para o meu pai!

Ele puxou uma cadeira e se sentou na minha frente.

– Seja gentil! Vou te ajudar. Arranjo um trabalho e um visto de permanência pra você.

– Cai fora! Ou melhor, diga onde fica a Aliança Francesa daqui de Montparnasse.

Era bem perto dali. Dentro da escola havia um grupo de argelinas. Elas discutiam os preços e me aconselharam as subprefeituras, onde os cursos eram gratuitos. Uma delas até se prontificou a me levar de carro à subprefeitura do sexto arrondissement. A sala de espera estava cheia de árabes e africanos.

– Você deu sorte – disse-me um professor. – Temos uma aula acabando de começar. Entre rápido.

Na lousa, uma mulher escrevia as letras do alfabeto. A-B-C-D-E-... Eu já conhecia essas letras desde o colégio, em Sirte. Se tivesse de recomeçar do zero, demoraria para conseguir me virar no dia a dia. Era desanimador!

Foi então que Warda me ligou. Eu disse a ela que estava na rua.

– Vem morar comigo – ela disse espontaneamente. – Somos apenas eu e meu filho.

E foi assim que, provisoriamente, eu encontrei: um teto (na Porte de Montreuil), uma amiga (ligeiramente aliciadora) e um ambiente (árabe). Dava para me garantir num primeiro momento. E para pôr tudo a perder, no final.

★

Na primeira noite, Warda quis me levar ao La Marquise. De início recusei, mas tive receio de que ela me pusesse para fora. Na boate, ela me apresentou um tunisiano elegante e gentil, Adel, que logo se apaixonou por mim. Fui muito clara: eu amava outro e lhe seria fiel. Ele reagiu de maneira amável, revelando-se muito doce,

um perfeito cavalheiro. Contentava-se em ir sempre que possível ao La Marquise e nos convidar para jantar e beber alguma coisa. Warda e seus amigos bebiam muito. Já eu, seguia no suco de frutas. Hicham me fizera jurar sobre o Corão que não tomaria mais nem uma gota de álcool. E foi assim, tolamente, que passei os três primeiros meses de minha estada parisiense.

Até que meu visto venceu. E a angústia voltou. Eu não relaxava mais, deixava o passaporte no quarto para não correr nenhum risco. Estava fora de questão voltar ao La Marquise, eu disse a Warda. Ela riu.

– E daí? Todas as garotas da boate estão na mesma situação. A polícia se preocupa mais com homem e vagabundo. Não estão nem aí pra você.

O dinheiro logo começou a faltar. E a relação com Warda se deteriorou. Ela chegou a me impedir de tocar em comida na geladeira.

– É para o meu filho!

Telefonei para papai, para que me socorresse.

– Como você foi gastar seu dinheiro? Arranje um trabalho, Soraya. Lave pratos, se for preciso!

Eu me senti ofendida.

– Se você preferir, volto direto para Bab al-Azizia! Não me importo nem um pouco!

Ele mandou quinhentos euros. Apenas. Após uma passada no Carrefour com Warda, restou-me pouco mais de cem.

Então Adel me convidou para morar na casa dele. Seu apartamento era grande, eu teria meu quarto, viveríamos como amigos.

– Que ótimo – disse Warda. – É a solução ideal.

Basicamente, aquilo queria dizer: “Cai fora!”

Assim, morei seis meses em Bagneux, na periferia de Paris. Seis meses de relativa tranquilidade, pois Adel, que gerenciava uma pequena construtora, se esforçava para ser uma companhia agradável e respeitosa. Ele saía para trabalhar pela manhã e me deixava cinquenta euros para eu me alimentar e fazer as compras. Ele sabia que eu era apaixonada por outro, eu sabia que isso o chateava, mas convivíamos em harmonia. Eu confiava nele. Quando lhe contei o drama que passara em Bab al-Azizia, ele acreditou imediatamente. Ele tinha amigos líbios que já haviam lhe falado sobre o rapto de meninas nas escolas. Já Warda duvidou de minha história desde o início. Fiquei me sentindo uma idiota por ter confiado nela! Ela defendia Kadafi com o furor de uma crente, e isso me deixava doente.

– É a honra dos árabes, o único a erguer a cabeça, a carregar nossa bandeira! É um Guia no sentido glorioso do termo, e um Guia não saberia agir de maneira vil. Acho um absurdo você querer aparecer falando mal dele!

Era insuportável ouvir isso.

Mas então uma noite, ao voltarmos da festa de aniversário de Adel no restaurante Mazazic, perto da Place de la Nation, ele veio ao meu quarto e foi muito insistente. Eu cedi. Ele foi sincero e comovente. Até dissera a seus amigos que queria casar comigo. Enfim, eu acredito. Porém mantive minha posição: eu não era desimpedida, meu namorado viria se juntar a mim tão logo conseguisse seu passaporte, em algumas semanas. O ciúme começou a minar nossa amizade. Até que um dia, enquanto eu

tomava banho, ele atendeu meu celular – era Hicham. Ele elevou o tom de voz. Depois vieram os gritos. Quando cheguei, exasperada, ele desligara aos berros.

– Filho da puta!

Não consegui entender por que ele traíra minha confiança. Com que direito atendera meu celular? Liguei de volta para Hicham, que não queria falar comigo. Acabei explodindo. Aquela situação já havia se estendido demais. Eu tinha de sair dali. E arrumar um trabalho.

Um egípcio que conheci na mercearia do bairro me apresentou Manar, uma marroquina que trabalhava em um bar-restaurante tocado por um cabila, numa ruazinha de Montreuil. Ela me ensinou a fazer os cafés e a servir chope. Eu ganhava cinquenta euros por dia mais as gorjetas, que podiam fazer o valor saltar para até cem euros! Isso mesmo! Além disso, a marroquina me propôs dividir uma quitinete que ficava no andar de cima. Eu já trabalhava no local havia um mês e meio quando percebi que o bar era bastante duvidoso – o patrão às vezes abria as cortinas e mulheres dançavam nuas; além disso, e o que me deixou mais indignada, minha colega de quarto estava me roubando. Fui embora com minhas coisas debaixo do braço.

Warda, com quem eu mantivera contato, me apresentou a uma tunisiana que trabalhava num bar na Porte des Lilas. Comecei lavando pratos, antes de aprender a servir e a marcar as comandas. O gerente cabila percebeu que alguns clientes vinham para me ver e mandou que eu ficasse sempre no salão. Isso desagradou à tunisiana. Um me tratava como isca; a outra, como empregada. Até que, uma noite, voltando ao quarto que eu dividia com outra

marroquina, percebi que algumas de minhas coisas tinham sido roubadas. Peguei minha mala e saí batendo a porta.

Estava de novo na rua e não sabia mais a quem recorrer. Pensei de novo no egípcio. Ele me acolheu em um imenso apartamento que dividia com várias pessoas. Não me pediu nada, mas eu me senti desconfortável. Era um peso morto. Qual seria meu futuro? O que eu podia esperar de Paris? Não havia aprendido francês. Meus documentos não estavam regulares e eu corria o risco de ser deportada a qualquer momento. Não estava construindo nada. Foi então que Hicham me ligou. Ver seu nome no visor do celular foi um sopro de esperança. Ele pensara em mim justamente quando eu estava desmoronando.

– Quando você vem? – perguntei. – Preciso de você!

– Nunca, entendeu? Nunca! Você não foi nem capaz de se manter fiel!

Fiquei atordoada. Liguei para minha mãe.

– É tudo culpa sua! Minha vida é uma porcaria. Estou perdida, mamãe. Perdida! Não sei o que fazer, em quem posso confiar, aonde ir. É como se eu fosse amaldiçoada. E por sua causa.

– Por minha causa?

– Eu não teria ido embora se você tivesse aceitado Hicham!

– Ah, Soraya. Não diga besteira. Volte pra casa. A França não é boa pra você. Volte pra nossa casa.

A ideia de voltar para a Líbia nem chegou a germinar. Voltar? Mas eu não era turista, nem mesmo emigrante voluntária. Eu tinha fugido! E era procurada por um dos homens mais poderosos do mundo! Descarregara tudo em cima de mamãe, mas a verdadeira causa de minha partida fora Kadafi.

– Voltar seria muito arriscado, mamãe! Eles voltariam a me procurar. Jamais vão me deixar em paz.

– Faremos o possível pra esconder você. Seu pai se preocupa, mas você viveria comigo em Sirte. Vieram te procurar no início, mas acho que se acalmaram. Não quero você triste assim em Paris.

Então minha decisão foi tomada. Em questão de segundos. Por impulso e por tristeza. Eu não sabia como a França funcionava; o país me fascinava, mas não era para mim. Eu nem aprendera francês! Fui conversar com Warda, que aprovou minha partida. Mas ela me preveniu: meu visto já vencera, por isso eu teria de pagar uma multa no aeroporto. Então, para me facilitar as coisas, ela telefonou a um amigo que era policial no Aeroporto Charles de Gaulle. E seria ele que, três dias depois, no aeroporto, embolsaria os mil e quinhentos euros que eu separara para evitar que fosse proibida de voltar um dia à França. Pelo menos foi assim que entendi. Felizmente, no dia anterior mamãe me enviara dois mil euros.

Em 26 de maio de 2010, tomei o avião de volta à Líbia, com uma mala superleve. Poucas roupas, nenhum livro, nem mesmo uma foto. Não me restara nada dos quinze meses passados na Cidade Luz. Nem mesmo o pequeno desenho que um retratista fizera de mim num dia de primavera aos pés da Torre Eiffel, que Adel guardara como lembrança.

10
Engrenagem

Não havia ninguém me esperando no aeroporto de Trípoli. Eu estava preparada para o que quer que fosse. Nenhum conhecido no grande saguão de desembarque. Nenhum olhar suspeito de soldados e policiais. Eu voltava incógnita. Talvez Bab al-Azizia tivesse relaxado a guarda.

Telefonei para Hicham. Ele ficou perplexo.

– Você está aqui? Na Líbia? Fique onde está. Estou indo até aí agora!

Ele chegou rapidamente em uma caminhonete com dois amigos. Desceu sorrindo e pegou minha mala. Ter grandes arroubos ou nos abraçar em público estava fora de questão. Ele encorpara um pouco, parecia ligeiramente mais velho do que em minha lembrança, o que lhe conferia um ar ainda mais reconfortante. Fomos para o mesmo bangalô que um de seus amigos já nos emprestara e nos explicamos um ao outro. Ele disse palavras duras para expressar sua decepção com a ideia de que pude morar com um homem em Paris.

– Era só um amigo! – insisti.

– Não existe amizade entre homem e mulher!

Aí está! Tipicamente líbio! Então ele me contou que o pessoal

de Bab al-Azizia fora procurá-lo na casa de seus pais. Que haviam prendido seu irmão enquanto Hicham estava na Tunísia, de viagem. Que fora alvo de todo tipo de assédio: ameaças de morte, telefone grampeado, perseguição. Fora denunciado no trabalho, e nossa história, amplamente alardeada, havia lhe rendido o título de "amante de uma puta de Kadafi". Mesmo seus amigos mais próximos lhe diziam: "Você não pode se casar com uma mundana!"

Então tive medo. E meus pais? O que eles teriam suportado? Que pressões, que ameaças e punições? Eu os negligenciara, ocupada demais com minha própria sobrevivência. Mas de que modo o Guia os teria feito pagar por terem me deixado fugir? Queria vê-los o quanto antes.

– Me leve de volta ao aeroporto – disse a Hicham. – Vou telefonar para a casa de meus pais dizendo que acabei de desembarcar.

Fizemos o caminho em silêncio. Vez ou outra ele me lançava olhares inconsoláveis. Eu estava perdida em pensamentos. Como imaginar que Bab al-Azizia nunca nos deixaria em paz? Liguei para meus pais, eles ficaram chocados com meu retorno inesperado, e fiquei sentada no saguão do aeroporto esperando por eles. Foi então que acabei trombando com Amal G., que estava de partida para a Tunísia com sua irmã mais velha.

– Soraya! Mas que surpresa! Pra onde você vai? Ouvi dizer que estava em Paris.

– Não, de maneira nenhuma.

– Não minta! Dei uma pesquisada. Encontrei Hicham, e um amigo no aeroporto me contou como você saiu.

– Agradeço pela solidariedade!

– Engano seu. Não contei nada pra ninguém. Mas você pode imaginar como Mabruka e Muamar estão loucos de raiva...

Papai chegou com minha irmã, que eu não via fazia muito tempo. Ele confirmou que Bab al-Azizia fora me procurar com insistência e exercera todo tipo de pressão para que ele me achasse. Mas não disse mais nada. Minha irmã – teoricamente – não devia saber de nada, e ele se preocupava principalmente com o que eu diria a meu irmão Aziz, que acabara de chegar da Inglaterra. Era preciso cuidar sobretudo para não cometer nenhuma gafe – para todo mundo, eu tinha voltado de uma longa estada na Tunísia, com meus tios e tias.

Quando nos vimos a sós, ele extravasou sua ira e amargura.

– Por que você voltou? Por que veio se lançar justamente na goela do lobo? Por quê, Soraya? Corri todos os riscos, e com prazer. Estava pronto para morrer, para que você se salvasse. Mas aqui não tem nada que eu possa fazer para proteger você. Nada, e isso me deixa louco! Eu consegui fazer com que você fosse para um país livre, e você jogou sua chance fora! É loucura voltar pra Líbia! Loucura se expor aos absurdos de Bab al-Azizia!

Na manhã seguinte, bem cedo, tomamos o caminho para Sirte. Eram quatro ou cinco horas de carro, e quase não nos falamos. Meu pai, eu podia ver, continuava bravo. Encontramos mamãe em seu salão de beleza, e ela me tomou nos braços.

– Você emagreceu. Está tão bonita... – Ela me olhou recuando um pouco, minhas mãos nas suas. – E um pouco bronzeada demais!

Não lhe contei que a nova cor era resultado do bronzeamento

artificial que Warda me pressionara a fazer, pouco antes de voltar. Eu sabia que Hicham não aprovara minha nova tez "de africana".

– Você continua trabalhando duro, mamãe! Batalha o tempo inteiro. Por que não para um pouco? Parece tão cansada.

– Mas em que mundo você vive, Soraya? Como vou sustentar a família? Como é que você ia receber dinheiro em Paris se eu não tivesse este salão?

Eu mal havia deixado minha mala em nosso apartamento na Rua Dubai quando o número de Mabruka apareceu no visor do meu celular. Foi como receber uma punhalada. Ignorei a chamada. Mas ela ligou uma segunda e uma terceira vez. Entrei em pânico. Tive a impressão de que ela estava ali. Acabei atendendo.

– Alô?

– Bom dia, princesa!

– ...

– Então, quer dizer que fez um pequeno tour pela França?

– Quem disse que eu estive na França?

– Esqueceu que somos o Estado? Nossos serviços sabem tudo de você. Venha imediatamente ver seu mestre!

– Estou em Sirte.

– Mentira! Nós te procuramos em Sirte!

– Agora eu estou em Sirte.

– Muito bem. Estaremos aí na semana que vem com seu mestre. E pode ter certeza de que ele vai encontrar você.

★

Alguns dias depois, ela telefonou de novo.

– Onde você está?

– No salão de beleza da minha mãe.

– Estou indo aí.

Eu estava sendo caçada. Foi o tempo de dizer algo a mamãe, consternada, e Mabruka chamou:

– Estou aqui. Saia imediatamente!

O carro estava parado diante do salão, a porta da frente aberta. Entrei. O motorista arrancou a toda velocidade. O pesadelo se repetia. Eu sabia para onde estávamos indo. Só não sabia ao certo o que me esperava. Mas o que mais eu poderia fazer se não quisesse que toda minha família pagasse um preço tão alto?

Salma me recebeu com um sorriso cheio de desprezo. E Fathia me pegou pelo braço.

– Vamos logo para o laboratório. Checkup completo.

Eu não oferecia resistência, não protestava, minha pulsão de vida estava aniquilada. Eu me tornara um autômato. Fizeram-me esperar de duas a três horas. Depois Salma disparou:

– Suba para o seu mestre!

Ele usava um conjunto de moletom vermelho, os cabelos desgrenhados, o olhar satânico. E urrou:

– Vem, vadia.

Passei o resto da noite no que já tinha sido meu quarto, ao lado de Farida. Eu estava machucada em todo o corpo, sangrava, estava execrável. Odiava-me por ter voltado à Líbia. Na França, eu tinha sido um fracasso. Não soubera me virar, encontrar as pessoas certas, arranjar um emprego. Era como se, desde meu primeiro dia na Champs-Elysées, tivessem me tomado por uma garota fácil, mulher-objeto, por uma vadia, como dizia Kadafi. Era como se esse rótulo estivesse colado à minha testa. Farida começou a tripudiar e a me dar nos nervos.

– Conheço outras garotas que foram para o exterior trabalhar como putas – ela dizia. – Gentinha! Sem honra nem fidelidade, sem valor nem postura. Garotas da sarjeta que voltam para o papai de cabeça baixa...

Eu surtei. Voei para cima dela, a sacudi e a esmurrei com ódio. Eu estava num estado de fúria como até então não conhecia. Descontrolada, explodindo de raiva. Mabruka apareceu e tentou nos separar. Mas eu estava como uma leoa que não larga sua presa. Estava completamente agarrada a Farida, que chorava de pavor. Mabruka elevou a voz e tentou nos desvencilhar. Eu urrei:

– Você aí, cala essa boca!

Ela ficou petrificada. Ninguém jamais falara assim com ela. Todas as garotas se faziam de boazinhas na frente da grande chefe. Salma, que acorreu rapidamente, deu-me um tapa que me ficou marcado no rosto por um bom tempo.

– Quem você pensa que é para ousar falar assim com Mabruka?

Achei que ela tinha deslocado minha cabeça.

Conduziram-me por um labirinto de corredores desconhecidos até um pequeno quarto, sombrio e repugnante. Não havia janelas nem ar-condicionado, e lá fora a temperatura devia beirar os quarenta graus. O cheiro de lugar fechado me sufocava, e percebi que havia baratas ali. Solucei e arranquei os cabelos até não ter mais força. Então desabei sobre o colchão de palha.

Algumas horas depois, Fathia abriu a porta.

– Seu mestre te espera.

Subi para encontrar Farida aninhada contra o Guia, a cabeça sobre seu peito, que ela acariciava, abraçando-o. Ela gemia:

– Soraya é má, é maluca. Se soubesse, meu mestre, como ela me

bateu.

Dirigindo o olhar a mim, ele disse a ela:

– Vai, vadia. Agora tem o direito de lhe dar uma bofetada.

Ela veio até mim e me deu duas.

– Chega! Eu disse uma só.

Ele a dispensou com seus olhos de louco e se dirigiu a mim:

– Ah, como gosto disso! Você é uma selvagem. Adoro isso! Essa sua raiva. Esse fogo.

Ele arrancou minhas roupas e me jogou na cama.

– Eu imploro! Não faça nada. Estou muito mal. Eu imploro!

– Como se debate a tigresa! Adoro esse seu novo temperamento. Foi a França, hein, que te deu essa sua raiva.

Como eu sangrava muito, ele pegou a toalhinha vermelha para recolher o sangue.

– Isso é bom. Ah, como é bom.

Eu gritei:

– Para! Eu suplico. Estou muito machucada.

Ele me empurrou para o canto do chuveiro e urinou sobre mim. Eu gritava de dor. Ele tocou a campainha e uma ucraniana apareceu. Claudia, uma ruiva toda paramentada com cara de anjo. Ela me levou ao laboratório e meu deu analgésicos e uma loção relaxante. Tinha os gestos seguros, parecia habituada. Eu quis voltar para o meu quarto, mas tive de dar meia-volta para não cruzar com uma grande delegação de africanos que viera encontrar o Guia em sua tenda.

No dia seguinte, todos se preparavam para partir para Trípoli. Coloquei-me diante de Mabruka, sentindo algo duro e inflexível encravado no fundo do meu ser.

– Vou ficar. Estou doente. Não tenho condições de ir com vocês.

– Mas você virou uma cabeça de mula. Arrogante e insuportável. Não vale mais nada. Volte pra casa da sua mãe!

Salma me lançou mil dinares, como se pagasse uma puta após seu serviço sujo.

– Agora cai fora. O motorista está esperando.

Entrei no carro. No meu celular, havia o registro de uma dúzia de chamadas de Hicham. E uma mensagem: "Se você não atende, é porque está com o outro. Ele sempre vai vencer. Não estou a fim de uma história sórdida como essa. Prefiro terminar". Abri a janela e arremessei o celular.

★

Deixaram-me em casa, e encontrei mamãe atormentada. Ela também tentara falar comigo e parecia no fim de suas forças.

– Tenho que mudar de vida, mamãe – eu disse a ela. – Preciso começar uma coisa nova. Bab al-Azizia, Hicham, tudo isso acabou.

– Hicham? Você viu esse sujeito de novo? Mentiu pra mim mais uma vez?

– Mamãe, foi esse "sujeito" que me deu forças pra sobreviver. Nunca vou esquecê-lo.

Mamãe me olhou com ar de desgosto. Como se de repente eu fosse culpada, e não mais vítima. Como se Hicham e Kadafi pertencessem ao mesmo universo de perversão. Aquilo era insustentável.

O clima em casa se tornou tenso. Minha mera presença exasperava mamãe. Eu já não era sua filha, era uma mulher que os homens haviam tocado e que perdera todo seu valor. Seus olhares,

seus suspiros, suas reflexões, tudo me acusava. Mas ela se segurava para não dizer o que no fundo pensava. Até que um dia deu vazão a todo seu rancor.

– Eu não posso mais. Isso não é vida! Seu pai e eu não merecemos isso. Nem seus irmãos! Toda a família se tornou motivo de chacota para a vizinhança.

– Do que você está falando? Se alguém sabe de alguma coisa, é porque você contou.

– Eles não são bobos, Soraya! Todo mundo percebeu o que estava acontecendo, seu desaparecimento, as idas e vindas nos carros de Bab al-Azizia. Que vergonha! Uma família respeitável não deve chamar atenção. Ah, que pressão! Que situação!

Preferi voltar a Trípoli com papai. A cidade era maior, eu me sentiria menos sufocada. Hicham tentou entrar em contato. Ele estacionou diante de casa, buzinou e depois me chamou com as mãos ao redor da boca. Tive medo da reação dos vizinhos e preferi lhe telefonar do meu novo celular. Mas que bem faria vê-lo? Como assumir o risco de expô-lo à ira de Kadafi e de seus capangas? Eu sabia que eram capazes de matar por muito menos.

Quando mamãe chegou a Trípoli para passar conosco a sexta-feira, dia de oração, criei coragem para lhe falar abertamente sobre um problema que eu tinha nos seios. De tanto serem prensados, amassados e mordidos, estavam caídos e muito doloridos. Eu tinha vinte e um anos e seios de velha. Ela ficou pasma. Era evidente que eu precisava ir a um médico, consultar um especialista. Na Tunísia, sem dúvida. Ela me deu quatro mil dinares e arranjou para que eu fosse a Túnis com meu irmão mais novo. Uma jovem respeitável jamais deve viajar sozinha...

Na volta, tive pela frente mais uma provação: o casamento de Aziz com uma jovem de Sirte. Eu deveria estar feliz. Festas de casamento são ocasiões de alegria e reencontros. Todas as garotas da minha idade adoram. Colocamos roupas bonitas, fazemos penteados, nos maquiamos. Reparamos em um primo e sabemos que ele está de olho em nós... Mas como não temer justamente os olhares, as perguntas, os rumores suscitados pela minha ausência nos encontros de família anteriores? Eu me angustiava. E além do mais tinha inveja, como não ter? A jovem noiva era bela, virgem, respeitada. Já eu, tinha a impressão de estar usada.

Mantive-me bastante sóbria e tentei passar despercebida. Mamãe quase teve uma úlcera por eu não querer usar vestido longo. Preferi uma bela camisa colorida sobre um elegante jeans escuro e servi a todos com discrição. Diante das perguntas inevitáveis, eu tinha respostas prontas: frequentara o colégio em Trípoli e depois a faculdade de odontologia. Sim, tudo ia muito bem comigo. Casar? Um dia, com certeza... "Tenho um marido pra você", vieram me cochichar algumas tias. Isso me fez sorrir. Eu conseguira salvar o dia.

E a vida recomeçava em Trípoli. Aziz voltou com sua mulher para morar em casa. Ocuparam o quarto grande, e isso significava que eu teria de me pôr em situação de inferioridade. Dali em diante, meu irmão seria o chefe da família, horrorizado com meus cigarros – que eu só fumava no banheiro – e quase a ponto de me bater. Eu não o reconhecia mais. Ele devia pensar o mesmo de mim. Um motorista de Bab al-Azizia veio me procurar várias vezes. Voltava sozinho. Diziam que eu não estava. Eu me espantava por não insistirem mais.

Algum tempo depois, cometi o erro que arruinou definitivamente a confiança que minha mãe depositava em mim. Usei Bab al-Azizia como álibi para me ausentar por alguns dias com Hicham, no fim de 2010. Que ironia, não? Usei como pretexto uma ligação de Mabruka e disse a mamãe:

– Terei de ficar fora, provavelmente por três ou quatro dias.

Era odioso, mas era o único meio que eu tinha para conseguir um pouco de liberdade.

Quando retornei, a guerra em casa estava declarada. Bab al-Azizia viera de fato reclamar minha presença. Aos olhos de minha família, dessa vez eu estava perdida.

11
Libertação

Em 15 de fevereiro, a população de Benghazi tomou as ruas. Mulheres. Essencialmente mulheres. Mães, irmãs, esposas de prisioneiros políticos assassinados em 1996 na prisão de Abu Salim, protestando contra o súbito encarceramento de seu advogado. A notícia surpreendeu todo mundo, por mais que eu soubesse que, em Trípoli, muitas pessoas estavam preparando uma manifestação para 17 de fevereiro, decretado o Dia da Cólera. Era fascinante aquele ímpeto de exasperação e revolta que eu começava a sentir na população. Eu não imaginava como aquilo tudo ia terminar, Muamar Kadafi me parecia eterno e invencível. Mas, com espanto, percebia manifestações cada vez mais numerosas em desaprovação a seu regime. Escárnios, sarcasmos. O medo continuava, com a consciência de que ele tinha direito de vida e morte sobre cada um dos líbios. Mas esse medo era tingido de desprezo e ódio. Que os tripolitanos exprimiam cada vez mais abertamente.

No dia 16, talvez encorajada pela revolução que germinava, saí de casa. Tratava-se da minha pequena revolução pessoal. Não me tomavam por mundana? Que fosse, então. Eu ia botar lenha na fogueira. Deixava minha família para viver com um rapaz, o que é

não só inconcebível, mas ilegal na Líbia, país em que toda relação sexual fora do casamento é estritamente proibida. Mas que me importava a lei após sofrer tantas violações justamente por parte daquele que deveria encarná-la? Ousariam me condenar por querer viver com o homem que eu amava, enquanto o mestre da Líbia me sequestrara e estuprara por anos a fio?

Hicham e eu nos instalamos em um pequeno bangalô que ele próprio construíra em Enzara, na periferia de Trípoli. Ele trabalhava para um pescador como mergulhador encarregado de capturar polvos e lulas. Eu preparava as refeições e o esperava. Para mim, melhor impossível. Eu queria assistir à grande manifestação de 17 de fevereiro, mas vivíamos longe dos acontecimentos. Coloquei-me diante da televisão e fiquei assistindo às imagens da revolta transmitidas pela Al Jazeera. Eu vibrava! Que movimentação! Que audácia! Os líbios se rebelavam. A Líbia se revelava. Finalmente! Apaguei de meu telefone todos os números de Bab al-Azizia. Eles estavam bem ocupados com outras urgências, não me procurariam mais.

Graças a contatos que tinha no tribunal de Trípoli, Hicham conseguiu que assinássemos, secretamente, um contrato de casamento. Não teve festa nem comunicado a nossos pais; de qualquer forma, jamais teríamos o consentimento deles. Mas aquilo me deu certa segurança, ainda que mais tarde eu viesse a descobrir que o documento não tinha nenhum valor jurídico.

Um dia, a Al Jazeera transmitiu imagens de uma jovem, Iman al-Obeidi, irrompendo no restaurante de um luxuoso hotel de Trípoli no qual se hospedava a imprensa internacional. Aos gritos, ela dizia ter sido estuprada pelos milicianos de Kadafi. Era uma

cena inédita. Todos a viram bradar sua história aos quatro ventos, enquanto os homens da segurança ou do protocolo corriam para fazê-la se calar. Mas ela continuava, chorava, se debatia. Jornalistas tentaram intervir, mas ela finalmente foi levada à força, deixando o mundo todo chocado. Sua coragem me deixou embasbacada. Certamente a fariam passar por louca. Ou por prostituta. Mas ela erguera o véu que cobria a história de milhares de mulheres, pois em momento nenhum duvidei de que as tropas de Kadafi pudessem estuprar, à imagem e semelhança de seu mestre.

Amigos de Hicham lhe disseram que Bab al-Azizia, por precaução, tentara "fazer a limpeza", querendo eliminar as "garotas", testemunhas que haviam se tornado incômodas e irrecuperáveis. Também fiquei sabendo que homens armados a mando de Kadafi – os famosos kataebs – haviam ido me buscar em casa, proferindo ameaças a meus pais. Com medo, mamãe foi se refugiar no Marrocos. Duramente interrogado, papai disse que eu fora com ela.

– Pois faça com que volte! – ordenaram.

Os kataebs tinham feito uma busca também na casa dos pais de Hicham.

– Onde está Soraya?

A família disse que não me conhecia, mas Hicham foi convocado a se apresentar na delegacia do bairro.

– Vou levar você à Tunísia – ele me disse. – Não devemos esperar nem mais um dia.

Ele me confiou a um amigo que conduzia uma ambulância, e foi assim que cruzei a fronteira para me juntar às minhas primas tunisianas. De lá, eu acompanhava, dia a dia, as notícias da Líbia.

Os ataques da OTAN, o avanço dos rebeldes, a selvageria de uma verdadeira guerra. Eu vivia em angústia. Queria voltar para a Líbia. Hicham me proibira terminantemente. Ele temia que os rebeldes me tomassem por cúmplice do bando de Kadafi, por um membro do primeiro círculo, com tudo que isso implicava quanto a suspeitas de corrupção e de indignidade. Essa ideia me pareceu bizarra. Eu, cúmplice? Logo eu, que havia sido sequestrada e escravizada? Logo eu, cuja única esperança de poder corrigir o curso de minha vida residia em ver Kadafi deposto e enfim julgado pelo que me fizera? Ao telefone, eu me exaltava com Hicham, dizendo que seus temores eram absurdos, chegando a ser insultantes. Era o cúmulo que alguém pudesse me associar às hostes de meu algoz! Depois ouvi rumores de que Najah e Farida haviam sido assassinadas. E de repente senti medo.

No mês de agosto, quando se iniciava o Ramadã, fiquei sabendo que uma vidente havia anunciado a morte de Kadafi e a libertação de Trípoli para o dia 20. Então, eu voltei. Encontrei Hicham em seu pequeno bangalô, mas era impossível ficar ali. Não havia água, nem gás, nem eletricidade, nem gasolina. Os ataques da OTAN continuavam. Era o caos. Em 8 de agosto, um grupo de kadafistas veio pedir a Hicham que participasse, juntamente com seu irmão, de uma operação noturna perto de Zauia. Creio que se tratava de evacuar uma família de barco, mas confesso não ter entendido os detalhes. Talvez ele não quisesse me preocupar. Parecia contrariado, mas tive a impressão de que ele não tinha escolha. Numa noite, ele partiu. E nunca mais voltou.

Telefonaram-me para contar que um ataque da OTAN atingira sua embarcação. Muito abalada com a notícia, fui correndo até a

mãe de Hicham. Ela chorava e me tomou nos braços. Mas Deus sabe quanto desaprovava nossa relação. Fiz perguntas a ela, que não sabia nada que eu já não soubesse. As informações eram contraditórias, parciais. Tudo que sabíamos era que Hicham fora dado como morto. Seu irmão nadara por nove horas para chegar à costa e estava são e salvo, escapando apenas com ferimentos nas pernas, mas não pôde esclarecer muita coisa. Hicham desaparecera e deveríamos considerá-lo morto, ainda que seu corpo não tivesse sido encontrado, ao contrário dos outros. Fizemos um funeral para ele. Eu estava destruída.

E depois, em 23 de agosto, veio a libertação de Trípoli. A população nas ruas estava aturdida, eufórica e aliviada. As mulheres saíam com os filhos, ostentando com orgulho as cores de nossa nova bandeira. Os homens se abraçavam, dançavam, atiravam para o alto com suas AK-47 e festejavam: "Alá Akbar!" Alto-falantes transmitiam por toda parte cantos e hinos da revolução. Os rebeldes, extenuados e felizes, eram recebidos como verdadeiros heróis. Tinham aberto as prisões e tomado Bab al-Azizia de assalto! Aquilo era inimaginável. Eu vociferava, aplaudia os comboios e agradecia a Deus por aquele que ficaria marcado como o dia mais importante da história da Líbia. No entanto, eu chorava por dentro. Sentia-me esgotada e perdida. Hicham não estava ali.

Durante toda a noite e nos dias que se seguiram, as tevês transmitiram imagens fantásticas das tropas rebeldes entrando na cidadela, investindo contra casas e vilas do clã Kadafi, exibindo objetos que haviam pertencido ao Guia como troféus grotescos. Riam de seu mau gosto e do luxo asqueroso das propriedades de

seus filhos. Seus bustos e fotos foram desfigurados, pisoteados, arrebentados. A casa de Safia era apresentada como a "casa da família", e o quarto do Guia, supunha-se, seria aquele ao lado do de sua mulher. Dei de ombros, em desprezo. Ninguém teria mesmo ideia do que acontecia por trás dos inúmeros portões de segurança de Bab al-Azizia. Ninguém jamais poderia imaginar que naqueles subsolos vivia um punhado de miseráveis.

Eu estava hospedada temporariamente na casa da namorada de um amigo de Hicham, mas papai se preocupava comigo, de modo que em 28 de agosto aceitei partir com ele para a Tunísia. Fiquei de voltar a Trípoli no fim de setembro.

Mas o que fazer da vida? Como tomá-la de novo em minhas mãos? Eu tinha apenas vinte e dois anos, mas a estranha impressão de ter visto demais, de ter vivido demais, de ter os olhos e o corpo fatigados. Usados para todo o sempre. Nenhuma energia. Nenhuma vontade. Nenhuma esperança. Sem saída. Não tinha dinheiro, não tinha educação, não tinha profissão. Viver com minha família se tornara impossível, meus irmãos sabiam a verdade. Onde viver então? Nenhum hotel líbio tinha o direito de hospedar uma mulher desacompanhada. Nenhum proprietário respeitável aceitaria alugar um imóvel a uma mulher que não fosse casada. Hayat, minha amável prima tunisiana, aceitou me acompanhar por um breve momento a Trípoli. Mas e depois?

Ouvi dizer que a Corte Penal Internacional expedira um mandado de prisão internacional contra Kadafi, por crimes contra a humanidade. Ao saber disso, empenhei todas as minhas esperanças na força de meu testemunho. Era preciso que me ouvissem. Eu tinha de contar minha história e fazer uma acusação

implacável contra meu carrasco. Pois eu queria vê-lo bem atrás das grades. Queria ter com ele um último cara a cara, olhá-lo direto nos olhos e lhe perguntar friamente: Por quê? Por que você fez isso comigo? Por que me violentou? Por que me sequestrou, me bateu e me insultou? Por que me obrigou a beber e a fumar? Por que me roubou a vida? Por quê?

E eis que ele foi morto, executado em 20 de outubro pelos rebeldes, quando mal saíra de um tubo de esgoto onde se escondera. Que ironia para aquele que tratava os outros como ratos. Pela televisão, vi seu rosto coberto de sangue e seu corpo exposto em uma sala fria de Misrata, como um pedaço de carne podre. Eu não sabia o que era maior do que o alívio de vê-lo definitivamente vencido: o pavor diante de toda aquela violência ou a cólera por vê-lo escapar sem julgamento. A cólera, sem dúvida. Ele fora aniquilado sem ter de prestar contas aos líbios, povo sobre o qual tripudiou por quarenta e dois anos. Sem precisar comparecer diante da justiça internacional, diante do mundo inteiro. E sobretudo diante de mim.

Rebelados a quem confiei minha história me conduziram ao que fora, durante muito tempo, a Academia Militar Feminina, espaço hoje ocupado por uma de suas brigadas. Ouviram-me longamente e me prometeram justiça. “Há muitas outras garotas em situação como a sua.” Deram-me abrigo temporário, no pátio dos antigos apartamentos de mercenários de Kadafi. Por incrível que pareça, eu me senti segura. Um rebelde abusou de mim. Afinal, uma garota com um passado desses...

Dessa vez pude dar queixa, apesar da vergonha e das ameaças. Resisti. A Líbia de hoje se quer um Estado de direito, e tento

confiar nisso. Mas tive de me mudar. E me esconder. E tentar ignorar os insultos em meu celular, que dobraram de violência.

É isso. Creio já ter dito tudo. Era uma necessidade e talvez um dever. Não foi nada fácil, pode ter certeza. Ainda luto com uma profusão de sentimentos que se revolvem e se chocam em minha mente e não me deixam em paz. Medo, vergonha, tristeza, amargura, desgosto, revolta. Muita coisa em ebulição. Há dias em que isso tudo me confere força, renovando um pouco minha confiança no futuro. Na maioria das vezes, porém, me faz afundar e me lança em um poço de tristeza, de onde penso não poder mais sair. Uma filha perdida, suspiram meus pais. Uma filha a matar, anseiam meus irmãos, cuja honra está em jogo. E essa ideia me paralisa. Acabar com a minha vida faria deles homens respeitáveis. O crime lavaria a vergonha. Fui conspurcada, logo conspurco. Fui amaldiçoada, então quem vai chorar minha morte?

Gostaria de reconstruir minha vida na nova Líbia. Eu me pergunto se isso é possível.

Parte II

A INVESTIGAÇÃO

12
Pelos passos de Soraya

Soraya não trapaceia. Ela conta o que viu, viveu e sentiu, sem a menor hesitação em reconhecer o que não sabe, não compreende ou não conhece. Não tem nenhuma intenção de exagerar sua história ou de amplificar seu papel. Jamais extrapola. Não raras vezes, diante de meus pedidos de que fosse mais precisa, ela se opunha: "Sinto muito, isso eu não sei. Não estava lá". Ela não deseja ser crível, mas crua. E há algo de vital nessa exigência. Aliás, foram exatamente estes os termos de nosso acordo: mais valeria o silêncio que uma aproximação ou mentira. Uma distorção, por menor que fosse, arruinaria a credibilidade do testemunho todo. Então ela foi contando tudo, e chegou a corrigir seu pai quando ele lhe sugeriu que fizesse uma pequena adequação dos fatos. Vez por outra, no relato das cenas com Kadafi, ela tentava não usar palavras que julgasse por demais degradantes. Mas como poderia ser diferente? Em outros momentos, divertia-se com as dificuldades que antevia para a tradução: "Fico pensando qual palavra você vai usar para dizer isso! Eu não facilito as coisas pra você, né?"

Então vamos lá. Que narradora maravilhosa! Ela se prestou à entrevista com uma coragem e boa vontade comoventes. Nós nos

encontrávamos todos os dias, no início de 2012, no apartamento em Trípoli onde ela estava provisoriamente hospedada, e algumas vezes, mais raramente, em meu quarto de hotel. Ela mergulhava com paixão em seu relato, imergindo nas situações, mimetizando as cenas como em uma sucessão de quadros, reconstituindo os diálogos, agitando as mãos e elevando o tom e as sobrancelhas, pondo-se de pé e desempenhando todos os papéis, de Kadafi e Mabruka a Tony Blair.

Como esquecer a emoção de vê-la reviver momentos cruciais, cujo horror não mais a deixou? A tristeza por vê-la algumas vezes tomada pelo desespero? A inquietude ao imaginar seu futuro? Por que esconder que também havia momentos de riso solto, como quando, ao término de uma longa conversa, ela sintonizou a TV em um canal de clipes egípcios, amarrou na cintura um lenço com longas franjas metalizadas e se pôs a me ensinar, sexy, irresistível, as técnicas da dança do ventre?

– Mantenha a postura, Annick! Braços abertos, peito erguido, sorriso sedutor. Vamos lá! É como fazer uma onda. Balance!

As relações com sua família se deterioravam pouco a pouco, isolando-a cada vez mais. Ela preferiu que eu não encontrasse seus pais antes de deixar Trípoli. Felizmente pude conhecer seu pai em janeiro de 2012. Um homem de baixa estatura, ombros caídos, ar derrotado. Viera visitá-la uma noite, quase em segredo, sem avisar a esposa, e olhava a filha com uma ternura infinita.

– Desde pequena, era ela quem dava alma à casa – disse-me. – É uma comediante nata. No dia em que ela desapareceu, uma enorme tristeza caiu sobre a nossa casa e nunca mais a deixou.

Ele se culpava por não estar em Sirte no dia da visita do

coronel à escola da filha.

– Se a senhora soubesse quantas vezes imaginei a cena do buquê de flores, fiquei passando e repassando-a na mente milhares de vezes! Tenho certeza de que cúmplices já tinham passado pelo salão de beleza para observar Soraya. E suspeito que o diretor do colégio tenha se posto a serviço do bando de Kadafi, selecionando um grupo de meninas que certamente cairiam em seu gosto. Bastaria então inventar um pretexto para apresentá-las. Hoje estou certo de uma coisa: em cada região da Líbia, Kadafi dispunha de um bando de criminosos para fazer esse serviço sujo.

E então, inconformado, ele serrava os punhos e sacudia a cabeça, perdido em pensamentos, lamentos, remorsos.

– Se eu estivesse lá, jamais teria deixado Soraya partir com aquelas três mulheres, sob um pretexto completamente estúpido! Aquilo não fazia o menor sentido. Quando minha esposa me avisou, sem ousar me dizer muita coisa ao telefone – era sabido que qualquer conversa telefônica na Líbia podia ser grampeada –, eu voei de Trípoli a Sirte e a infernizei até não poder mais. O clima era terrível. Ficamos sem dormir uma, duas, três noites, e eu fui perdendo o chão. Queria que a terra me engolisse. As amigas de Soraya, seus professores, nossos vizinhos, as clientes do salão, todo mundo perguntava: "Mas onde anda Soraya?" Então voltei a Trípoli, e sua mãe pôde responder a todo mundo: "Ela está com o pai".

Dar queixa? Para quem? De quê? Soraya partira em um carro do protocolo, acompanhada por guardas do corpo de segurança do Guia. Qualquer protesto seria impensável. Quem, no inferno, sonharia em prestar queixa contra o próprio diabo? E quando os

pais receberam a confirmação de que seu pior medo se tornara realidade, que Kadafi pura e simplesmente fizera de Soraya sua presa, eles desmoronaram.

– As opções eram muito claras: a vergonha ou a morte. Denunciar, protestar ou reclamar valeria uma condenação à morte. Foi então que me enfurnei em Trípoli e esqueci, definitivamente, o gosto que um dia pudera ter a felicidade.

Ele queria muito que se fizesse justiça à filha. Que ela pudesse voltar de cabeça erguida, "de honra lavada", diante da família estendida. Era impossível, ele sabia.

– Todos à nossa volta duvidam da história de Soraya e obviamente me consideram um "sub-homem". Não existe, entre nós, insulto pior que esse. E isso também afeta meus filhos. Destruídos, complexados, incapazes de imaginar outra saída para parecerem homens de verdade a não ser matar a irmã. É terrível! Ela não tem a menor chance na Líbia. Nossa sociedade tradicional é por demais estúpida e impiedosa. E a senhora sabe o que mais? Por mais doloroso que possa ser para um pai, eu desejaria que uma família estrangeira a adotasse.

★

Tive de ir a Sirte, a cidade de Kadafi. Queria ver o imóvel onde Soraya crescera, o salão de beleza mantido com tanto vigor por sua mãe e a escola em que se dera a cena do buquê. Soraya não se entusiasmou com a ideia e não me acompanhou, mas entendeu minha necessidade. Ela mesma se perguntava o que teria sido feito do feudo kadafista situado a trezentos e sessenta quilômetros de Trípoli, outrora um pequeno vilarejo de pescadores que o mestre da Líbia sonhava em transformar em capital dos Estados Unidos da

África e que acabou se tornando local de combates encarniçados e sangrentos no outono de 2011 e alvo de pesados bombardeios da OTAN. Passaram a falar de Sirte como cidade fantasma, corroída pelo ressentimento e doente por seus sonhos de grandeza, hoje destruídos. Quando decidiu buscar refúgio ali para sua hora derradeira, atraindo sobre ela um dilúvio de ferro, pólvora e fogo, Kadafi decididamente não lhe prestou um bom serviço.

O caminho era longo, reto, rapidamente se tornava monótono. Cortava imensas extensões desérticas, nas quais se destacavam, sob o céu metálico, rebanhos de carneiros e alguns errantes dromedários acinzentados. Por vezes, gotas de chuva vinham limpar o para-brisa. Depois o vento se elevava, erguendo turbilhões de areia e assinalando que guiar ali era perigoso. Silhuetas de beduínos à beira da estrada, com uma mão a segurar a echarpe que protegia o rosto, apareciam de repente, e o temor de animais na pista era constante. Nos pontos de verificação, rebeldes de capuz e óculos de sol para evitar a areia faziam sinal para prosseguir com um simples movimento de suas AK-47, pouco exigentes com identidades. Tempo ruim para visitar a região. O vento do deserto, dizem, faz enlouquecer. Mas o sol se mostrou pouco a pouco. E Sirte apareceu. Ou antes seu esqueleto.

Uma sucessão de casas vazias, devastadas e pilhadas. Carcaças de imóveis, de muros escurecidos, cravejados por mísseis e morteiros. Algumas casas e edifícios em ruínas, ou melhor, em farelos. Os combates ali foram desesperados e selvagens. Mais adiante, a situação parecia menos grave. Eram poucas as construções intactas, mas podiam ser vistas aqui e ali, ao longo das amplas avenidas ladeadas por palmeiras, e algumas lojas estavam

abertas.

– A vida logo retomou seu curso – disse-me um comerciante. – Claro que alguns fugiram, e certamente não voltaremos a vê-los. Mas setenta por cento dos setenta mil habitantes retornaram. E se adaptam. E consertam. Amontoam-se em dez num cômodo, o único quase intacto que restou da casa. O que mais poderiam fazer?

A parte da Rua Dubai onde se encontrava o apartamento da família de Soraya estava bem mais preservada. Os prédios brancos alinhados, idênticos, de três ou quatro andares, traziam poucas marcas dos combates. Alpendres haviam sido repintados de verde (cor kadafista banida em todo o país, mas talvez tivessem sido pintados assim para acabar com os estoques da cor), e lojas de roupas, farmácias e perfumarias estavam abertas sob as arcadas. Em uma rua adjacente ficava o salão de beleza. Perfurada por estilhaços de balas, a porta metálica estava cerrada e poderia induzir ao erro. Mas um vizinho me informou que havia sido fechada para proteger as clientes do olhar dos passantes; a vitrine, quebrada, não pôde ser substituída. Lá dentro, uma funcionária fazia mechas douradas em uma jovem cliente de aparência sofisticada; outra funcionária veio em minha direção, sorridente, avisando que a agenda estava lotada até o fim do dia. Três mulheres de jeans justo e véu negro sobre os cabelos aguardavam e me olharam incomodadas. Não, a "patroa" não estava lá no momento. Dei uma olhada em volta, tentando captar algum detalhe que lembrasse Soraya. Mas nas paredes pretas e rosa não havia foto nem decoração particular. Apenas espelhos ovais nos quais eu tanto gostaria de ver o reflexo dela.

★

Impaciente, disparei rumo à escola. “A escola da Revolução árabe.” Um imenso edifício areia e branco, aparentemente intacto ou muito bem restaurado. Era pouco mais de uma da tarde, e dezenas de crianças, meninas e meninos, se atropelavam pelos corredores. Grandes escadarias pintadas recentemente ecoavam seus gritos. Na área externa, outros alunos se espalhavam no pátio de ladrilhos rosa, que se estendia até o ginásio e a quadra de esportes. O uniforme das meninas era como descrito por Soraya: calça e túnica pretas, echarpe branca cobrindo os cabelos. Só me surpreendi com a pouca idade delas. Soraya me descrevera uma escola que recebia exclusivamente alunos dos três anos do ensino médio, ou seja, dos quinze aos dezessete anos. Estaria eu no lugar certo?

Um homem de rosto abatido com um espesso bigode me tranquilizou. Duas escolas de Sirte que estavam servindo como depósito de armas tinham sido bombardeadas pela OTAN e estavam completamente destruídas. Por isso, fora preciso organizar um rodízio de alunos para aproveitar ao máximo as instalações preservadas. De manhã vinha uma escola; à tarde, outra. Pelo celular, ele telefonou ao diretor do colégio de meninas, que ocupava o prédio no período da manhã e já havia deixado o local. Ele chegou em alguns minutos. Grande, atlético, o rosto emoldurado pela barba abundante. Frio, inquieto. Nós nos instalamos em uma sala vazia e ele me explicou a série de dificuldades que teria de enfrentar para que o retorno às aulas de novecentos e treze alunos pudesse acontecer em 15 de janeiro, ou seja, apenas duas semanas depois do restante da Líbia. Os

combates ali haviam se alastrado por muito mais tempo que em outros lugares. Os pais estavam formidavelmente mobilizados. Todo mundo se mostrara disposto a arregaçar as mangas, refazer portas, janelas, sanitários e pintar o prédio inteiro. Os equipamentos – microscópios, televisores, computadores – tinham sido roubados; escritórios, bibliotecas e laboratórios, completamente pilhados. Por falta de ajuda do Estado, as famílias estavam contribuindo. Sirte podia estar mortificada, exaurida, mas não havia razão para que a escolaridade das crianças sofresse com isso. A realidade já era dura o bastante.

– Ninguém pode fazer ideia de quanto nossos alunos estão traumatizados. Algumas famílias perderam até cinco membros nos últimos combates. Há casos de meninas que tiveram súbitos ataques de histeria durante as aulas, ou que perderam a consciência. Uma única palavra, uma imagem pode desencadear um choro convulsivo. Nossa assistente social não está dando conta. Nos faltam psiquiatras.

Faltavam também educadores na escola. Algumas professoras haviam perdido o marido na batalha de Sirte e não tiveram condições ou não quiseram retomar as aulas. Parte do pessoal havia desaparecido. Mortos?

– Partiram – disse ele sobriamente. Era o caso do antigo diretor. – Ele deixou a Líbia. Não tivemos mais notícia.

Provavelmente era kadafista demais para esperar sobreviver sem contratempos a seu herói. Já ele, Mohammed Ali Mufta, fora nomeado diretor para garantir a sucessão. Fazia dezenove anos que lecionava na escola e se sentia apto a assumir as novas responsabilidades. Tanto que, contrariando todos os rumores,

assegurava que não haveria nenhum "desarranjo" nos programas escolares. Fiquei surpresa. O novo ministro da Educação não acabara de afirmar a urgência de uma reestruturação pedagógica, a necessária alteração de todos os programas e a criação de uma equipe de especialistas encarregada de reescrever inteiramente os manuais escolares? Rebeldes haviam me relatado algumas aberrações do ensino tal como concebido por Kadafi. Em geografia, por exemplo, o mundo árabe era apresentado como uma entidade indivisível, e os mapas indicavam apenas o nome das cidades, jamais trazendo o traçado das fronteiras entre os diferentes países. Muitas horas por semana eram dedicadas ao estudo do *Livro verde*, que se estendia por vários anos. O ensino de línguas ocidentais, como inglês e francês, fora banido no início dos anos 1980, em favor de línguas subsaarianas, como o suaíli e o hauçá. Quanto à história da Líbia, ela simplesmente começava com o Guia, não sendo nem mencionado o reino dos sanusis, anterior a 1969.

– Nossa escola é predominantemente científica – replicou secamente o diretor. – Não estamos muito preocupados com mudanças, tanto que experimentamos um método de ensino emprestado de Cingapura. Quanto às disciplinas de educação política, bastou suprimi-las.

Foi então que apresentei minha pergunta. Aquilo que me assombrava desde que eu adentrara aquele colégio. Abril de 2004. Visita do coronel Kadafi. Entrega de flores e presentes por belas alunas. O rapto de uma delas, observada pelo Guia, para se tornar sua escrava sexual. Ele teria ouvido falar dessa história? Brasas surgiram em seus olhos de carvão. Eu mal acabara a frase e ele resmungou:

– É mentira! Ridículo! Idiota! – *Como?* – Essa história não faz o menor sentido. O coronel Kadafi nunca visitou escolas!

Ele ficou revoltado, fora de si. Continuei, com a voz calma.

– Eu me encontrei com a garota. Seu testemunho é sério. Ela me deu todos os detalhes.

– Falsos, eu lhe digo! Mentirosos!

Ele se tornou assustador conforme elevou a voz. Continuei: a Líbia toda estava habituada a ver o Guia visitar escolas e universidades, mesmo com a revolução em pleno curso. Os jornais publicavam fotos, a televisão filmava...

– Não em Sirte! Aqui era a cidade *dele*! E fomos bastante condenados por isso. Ele jamais visitou uma escola em Sirte. Posso lhe garantir!

Tive tanta vontade de que Soraya estivesse ali comigo, que o desmascarasse e o aniquilasse com a precisão de seu testemunho. Três dias depois, quando lhe contei a cena, mostrando-lhe fotos da escola sobre a qual ela contara fortes lembranças, ela ficou comovida antes de explodir em cólera.

Insisti uma vez mais. O Guia tinha naquela escola filhos de primos, membros de sua tribo. Conhecendo seu interesse pelo ensino, cujos códigos ele ditava, não era absurdo que fizesse uma visita amistosa... Mohammed Ali Mufta não se abrandou.

– Nunca! São fofocas! Pode ter acontecido de ele se dirigir aos alunos por meio de um filme projetado no telão. Nada além disso!

Não adiantava insistir, eu não conseguiria nada. E de repente me pareceu perigoso dar-lhe o nome de Soraya – que ele, curiosamente, não perguntou –, pois isso poderia expor sua família a represálias. Era visível que Sirte não virara a página.

Eu estava deixando o local quando notei, em um pequeno cômodo que dava para o amplo saguão do primeiro andar, um grupo de jovens professoras. Iam e vinham, sem dúvida entre uma aula e outra, para beber chá, deixar a bolsa, rir com as colegas. Fui me achegando. Elas logo me rodearam, ofereceram uma cadeira e suco de frutas e, em questão de segundos, tão logo uma delas fechou a porta, o cubículo cheio de insígnias da revolução criou asas. Falavam todas ao mesmo tempo, rivalizando histórias, lembranças, indignações. Uma delas começava um relato, interrompido por outra, que o aumentava, antes que uma terceira interviesse, em alto e bom som: "Pode acreditar, sei de coisa pior!" Tive trabalho para acompanhar os relatos. Era como se uma comporta se abrisse, dando vazão a uma torrente. Não havia como detê-las.

Raptos de meninas? "Sirte inteira estava acostumada!" Sirte, a kadafista? Uma garota com os olhos delineados com kajal sob sobrancelhas impecáveis tentou me explicar.

– Ele tinha influência sobre as pessoas de sua cidade, de sua tribo, de sua família. A escola nos fazia cultuá-lo. Mas todo mundo sabia que moralmente ele era um canalha. E quem diz que não sabia está mentindo!

Suas cinco colegas concordaram efusivamente, enojadas com o que me havia sido dito pelo diretor.

– O que estava antes dele fugiu depois de ter feito parte do último núcleo de resistência kadafista. Infelizmente, a nova direção muitas vezes segue a mesma linha. Aliás, como fazia o nosso diretor [o da escola que ficava no mesmo prédio no período da tarde], antes que exigíssemos do ministério que ele fosse

embora, pois continuava a criticar a intervenção na Líbia e a fazer a cabeça dos alunos.

Uma das mulheres disse ter sido aluna no colégio de Soraya e ter ela própria visto Kadafi "desfilar" no ginásio de esportes. Pela janela, indicou-me o prédio do outro lado do pátio. Não se lembrava de Soraya, mas era categórica: o Guia vinha, sim, a todos esses lugares. A garota risonha ao seu lado, envolta em um xale vermelho, ouvira-o, dois anos antes, pronunciar um discurso interminável na Universidade de Sirte.

– Quando ele chegava, o bairro era bloqueado, as aulas interrompidas, o intervalo suspenso.

Toda ocasião era uma boa oportunidade, elas me garantiram, para encontrar garotas. Ele se convidava no último minuto para festas de casamento.

– A maioria dos anfitriões se sentia lisonjeada – emendou uma delas. – Só que meus tios, que são justamente da família dele, não deixavam que ele me visse.

Ele convidava os alunos a ir assiduamente à katiba Al-Saadi, onde mantinha sua residência, para um festival de canções.

– Estive no festival dois dias seguidos, com a escola, mas meus pais não me deixaram voltar. "Naquele lugar estão os maiores perigos", meu irmão me explicou. E quando o perigo não vinha do Guia, vinha de seu bando, guardas, militares de qualquer patente. Os costumes dele eram contagiosos!

Ele chegava a se fazer de doente para que estudantes fossem reconfortá-lo.

– Eu tinha dezesseis anos e estudava no Liceu do Pensamento Vanguardista quando um professor anunciou que papai Muamar

estava doente. Um ônibus foi fretado para nos levar ao quartel, e ele nos recebeu em sua tenda. Trajava djelaba* branca e um pequeno chapéu de algodão bege, e nos abraçou, uma após a outra. Estávamos muito intimidadas, mas ele não parecia nem um pouco doente.

Outra se lembrava de ter sido levada pela escola à mesma katiba, para uma homenagem ao coronel Chadli Bendjedid, presidente da Argélia.

– Kadafi queria sempre estar cercado de uma corte de jovens. Servíamos de propaganda e alimentávamos sua obsessão.

Um dia, contou uma dessas professoras, um clã originário de Misrata organizou uma grande festa oficial de apoio e obediência ao Guia. Ele adorava esse tipo de manifestação, sempre ávido pelo apoio dos mais diferentes grupos. Foi ali que ele notou uma menina, amiga da que contou a história. No dia seguinte, suas guardas foram buscá-la na escola. O diretor se recusou – não era hora, ela estava fazendo prova. Mas na mesma noite, durante uma festa de casamento, ela foi levada. Ficou desaparecida por três dias, durante os quais foi violentada por Kadafi. Assim que voltou, ela se casou com um de seus guarda-costas.

– Foi o próprio pai dela, um professor, que veio me contar, implorando para que eu tomasse cuidado.

O sinal para o início da aula soou e elas rapidamente se foram, me pedindo que não publicasse seus nomes. Em Sirte nada é simples. Tantos habitantes ficam remoendo a decadência da cidade, amargurados, cheios de ódio e pessimismo, convencidos de que o novo poder lhes fará pagar por muito tempo pela ligação visceral com o Guia.

★

Acompanhar os passos de Soraya não foi fácil, pois eu temia voltar a atenção para ela ou para sua família, despertar a ira de seus irmãos ou comprometer seu futuro na Líbia. Mais do que nunca, sua história tinha de ser mantida em segredo. Só mesmo Hayat, a prima tunisiana e hoje única e fiel confidente, se mostrou acolhedora, testemunha afável das tentativas de Soraya de fugir, de ter uma nova vida e se livrar dos atritos familiares. Infelizmente, não houve a menor chance de as garotas que tinham vivido com ela em Bab al-Azizia me encontrarem. A primeira Amal está casada e só pede que a esqueçam. A segunda, Amal G., entre sexo e álcool, vive na nostalgia de seu grande homem e detesta a ideia de Soraya o denunciar. Um motorista de Bab al-Azizia e duas mulheres que trabalharam no serviço do protocolo, em conversa, lembravam apenas de ter cruzado com Soraya, dizendo ter dela uma vaga lembrança. Era tudo. Pouquíssimas pessoas tinham acesso àquele sórdido subsolo.

Finalmente, em Paris, Adel, o amigo tunisiano, me proporcionou algumas chaves para melhor compreender o fracasso da estada de Soraya na França. Eu o encontrei em um café de Porte d'Orléans. Atarracado, com os cabelos penteados para trás e a fisionomia muito doce, ele me falou de Soraya com nostalgia e ternura.

– Ela chegou despedaçada, desestruturada, sem a menor experiência de trabalho, de horários, de disciplina, de vida em sociedade. Era como uma menina que tivesse desaprendido o mundo por completo. Também como um filhote de passarinho tentando alçar voo, porém sempre se chocando contra o vidro da

janela.

Adel a ajudou como deu. Acolheu-a em sua casa, quando ficou evidente que ela não poderia mais ficar com Warda; esforçou-se para que ela conseguisse encontrar um trabalho – entre eles, uma breve experiência em um salão de beleza, que não durou muito, pois Soraya não falava francês; iniciou contato com um advogado para que ela conseguisse regularizar seus documentos; cobriu suas necessidades básicas durante muitos meses.

– Era terrível vê-la se debater e sempre fracassar. Enganada por falsas promessas, abusada por homens que só queriam se aproveitar dela.

Seu erro foi não se esforçar para logo aprender francês. Erro agravado por seus primeiros contatos, com Warda e alguns outros que conheceu no La Marquise, restaurante de especialidades libanesas aonde fui uma noite e que, depois da meia-noite, se transforma em boate oriental. Com certeza era muito mais fácil viver em um ambiente de língua árabe. Mas isso lhe impossibilitava qualquer integração à sociedade francesa, qualquer chance de relações, de formação ou de emprego. A verdade é que Soraya não se agarrava às oportunidades, incapaz de dormir antes das quatro da manhã e de se levantar antes das onze, era arredia a toda disciplina e a ordens dadas por quem quer que fosse. Como se, depois de Kadafi, ninguém mais pudesse exercer nenhum direito ou autoridade sobre ela.

Tendo perdido o pai prematuramente em Gabes, Adel, o mais velho de três filhos homens, aprendeu muito cedo a fazer as vezes de chefe da família. Teve que interromper os estudos para ajudar em casa, mudou-se para Paris e abriu uma pequena empresa de

construção e reforma de apartamentos, na qual trabalhava muito duro. Acolheu Soraya como se ela fosse "o novo bebê da família". Ela estava vulnerável, e ele devia cuidar dela. Um pouco apaixonado, certamente. E quem não se apaixonaria por Soraya, quando ela dançava no La Marquise fazendo ondear seus grossos cabelos cor de ébano e rindo de modo esplendoroso? Ela incomodava as outras garotas, livre demais, radiante demais, mas batia recordes de popularidade com o restante do pessoal. Durante o dia, fumava, falava ao telefone, assistia à TV. Às vezes chorava, presa às lembranças, às perguntas, às angústias. Ela podia lhe dizer qualquer coisa, lembra Adel. Até mesmo falar de Kadafi com, segundo ele relatou, "um estranho misto de ódio, furor e respeito". Soraya protestaria diante dessa última palavra. Mas não é de surpreender que uma espécie de deferência venha se mesclar à rejeição e ao ressentimento por aquele que teve sobre ela, em uma idade tão crucial, o direito de vida e morte.

– Eu sei que ela queria que eu lhe dedicasse mais tempo – lamentou Adel –, que saísse com ela durante o dia e tivesse a mesma disposição noturna que ela, sem limitações nem obrigações. Mas eu não podia! Eu estava esgotado! Não é fácil se dar bem aqui na França quando se é imigrante. Demanda vontade e um trabalho insano. Ela não entendia isso. Não estava pronta.

A convivência teve de chegar ao fim.

Adel não lhe permitiu esmorecer quando ela deixou o trabalho num primeiro bar, e depois em outro. Ele ia visitá-la no sótão em que morava, fazia compras para ela.

– Eu via que ela não estava conseguindo evoluir.

Quando ela lhe telefonou para dizer que estava de partida para

o aeroporto, que ia voltar para a Líbia, ele não acreditou.

– Você não pode fazer isso! Não é possível!

Ela telefonou para ele algumas horas depois, de Trípoli.

– Soraya! Você está cometendo um grande erro.

– Não tive escolha!

– Então, aguente as consequências.

Nota

* Espécie de robe largo com mangas longas usado tanto por homens como por mulheres na região do Magreb e nos países árabes em geral. (N. do T.)

13
Libya, Kadija, Leila... Tantas outras

Eu queria poder contar outras histórias como a de Soraya. Evocar outras tragédias vividas por jovens mulheres que tiveram a infelicidade de um dia cruzar o caminho do "Guia" e cuja vida imediatamente assumiu rumo bem diferente. Provar que na verdade se tratava de um sistema, que implicava inúmeros cúmplices e se prolongava no tempo. Mas as mulheres que passaram por isso não são facilmente encontradas.

Muitas fugiram da Líbia após a libertação de Trípoli, angustiadas com a ideia de ser presas como cúmplices de Kadafi. Não moravam em Bab al-Azizia? Não usavam muitas vezes aquele uniforme? Não gozavam das imensas vantagens reservadas ao bando do ditador? Tal identidade de "garota de Kadafi" não seria comprometedora? As aparências estavam todas contra elas, e a maior parte não quis assumir o risco de explicar aos rebeldes que aquilo jamais tinha sido uma escolha de vida. Que compaixão poderiam esperar aquelas a quem os líbios chamavam de "putas" de Kadafi e para quem não imaginariam outra sorte que não a prisão? Tendo há muito tempo rompido com a família, muitas

delas hoje tentam sobreviver na Tunísia, no Egito, no Líbano, não raro exercendo a única atividade que puderam aprender junto ao Guia e que pode lhes render algum dinheiro.

Outras, antes mesmo da revolução, haviam se fundido à paisagem líbia, não raro casadas, a mando de Kadafi, com algum de seus guarda-costas, depois que o mestre perdera o interesse; às vezes, com menos frequência, casadas com um primo, a quem nada contaram após terem se submetido a uma himenoplastia no exterior, operação que consiste na reconstrução do hímen. Outras ainda permaneceram solteiras, um estatuto muito difícil de conviver na Líbia, objeto de todo tipo de suspeita. Relações sexuais fora do casamento são proibidas por lei no país, e essas mulheres correm o risco de ser presas se alguém ficar sabendo – ou sequer suspeitar – de algum amante, depois enviadas a um reformatório controlado pelo Estado, do qual só poderão sair com a condição de que a família as acolha sob seu teto ou que um marido se apresente. Em uma sociedade tão conservadora, quem assumiria o risco de admitir publicamente ter tido relações sexuais com Kadafi, ainda que coagida? Seria suicídio social.

Sem contar o perigo de represálias. Por parte dos homens da família, golpeados pela desonra. Por parte dos rebeldes e de pais de "mártires" da revolução, sedentos de vingança. E por parte dos kadafistas, com quem elas poderiam ter convivido em Bab al-Azizia e que temiam, com razão, seus testemunhos.

Uma mulher se manifestou, uma única, em abril de 2011, em meio aos combates. Solenemente. E falou de seu próprio chefe. Antiga guarda-costas de Kadafi, cinquenta e dois anos, apareceu na TV de Benghazi com grandes óculos escuros escondendo o rosto e

com a bandeira da revolução amarrada à cabeça, falando do destino das mulheres que, como ela, nos anos 1970, haviam cometido o erro de aderir às forças revolucionárias, acreditando na sinceridade do Guia e tendo sido por ele desprezadas e estupradas por anos a fio. Ela mais chorava que falava, com sua imagem ocupando a tela inteira, implorando para que os pró-Kadafi enfim abrissem os olhos e fazendo um apelo aos líbios, aos árabes e ao mundo inteiro para que vingassem as mulheres violentadas. Em pleno fragor dos combates, aquela aparição deixou o público atônito. Alguém, pela primeira vez, vinha revelar a realidade da vida das "amazonas". Finalmente alguém pronunciara a palavra "estupro" e apontava o dedo para o próprio ditador. Chega de máscaras!, ordenava ela ao regime. Chega de hipocrisia! Povo da Líbia, acorde! Então ela desapareceu.

Só fui reencontrá-la em abril de 2012. Continuava muito combativa e me revelou algumas coisas de sua vida arruinada. Contou das ameaças de morte que se sucederam à sua aparição na TV, obrigando-a a fugir para o Egito, de onde passou aos insurgentes líbios e à OTAN todas as informações de que dispunha. Haviam atentado contra sua vida, mas nada, ao que parecia, seria capaz de detê-la. Fora chamada à linha de frente e pegara em armas em Sirte, mostrando-se aguerrida até os últimos combates. "Era ali que eu mais me sentia protegida." Isso não fazia dela uma heroína. Longe disso. O escândalo de suas aparições na TV provocara um terremoto em sua família; seus irmãos, atingidos pela vergonha e pela desonra, tiveram de vender a casa em que moravam. Ela própria foi alvo de ameaças. Ela havia acabado de receber uma mensagem quando nos encontramos: "Seu nome está

na lista negra. Vamos te matar em breve. Alá, Muamar, Líbia".

Várias outras mulheres – aterrorizadas – concordaram em me confiar sua verdade. Cheguei a encontrar algumas delas, ainda que brevemente. Outras, confessando-se incapazes de se ver diante do olhar de uma estrangeira e a ela relatar uma história jamais contada a seus íntimos, concordaram em conversar com uma líbia que me auxiliava em meu projeto e autorizaram-na expressamente a me comunicar o relato, convencidas da importância de um livro sobre o assunto. Mas com a condição de que seu nome não fosse mencionado em hipótese nenhuma e de que eu não fornecesse o menor detalhe que pudesse levar à sua identificação. "Eu me mataria imediatamente", disse uma delas, "se viesse a saber que meu marido ou meus filhos pudessem um dia descobrir meu passado." Eu sei que ela faria isso.

Então, eis as histórias delas, tais como me foram contadas. Não têm relação uma com a outra, assim como não há transição de uma para a outra. Como uma matéria bruta que, lamentavelmente, nenhum tribunal no mundo ouvirá.

LIBYA

A mulher que apareceu na televisão me propõe que a chame de Libya. Obviamente, não é seu nome verdadeiro. Mas revelá-lo seria suicídio, e com o nome escolhido ela deseja manifestar toda a esperança que deposita em um país livre do jugo de Kadafi. Ela passou trinta anos com o ditador.

– Uma vida! – resumiu sobriamente. – Minha vida. Arruinada.

Ela ainda frequentava o colégio, em Benghazi, quando jovens militantes, um pouco mais velhas que ela, a convidaram para

participar do Comitê Revolucionário. Era fim dos anos 1970, e o terceiro capítulo do *Livro verde* do irmão coronel, publicado havia pouco, insistia na questão do papel e dos direitos da mulher na sociedade líbia. Espalhava-se por toda parte a propaganda exortando as mulheres a "se libertar de sua prisão". Todas deveriam servir à revolução e se tornar as melhores aliadas de seu líder. A cooptação pelo Comitê Revolucionário era apresentada como privilégio, como porta de entrada para a elite do país, de modo que Libya se sente honrada, ainda que seus pais revelem certa apreensão. Seja como for, não há escolha.

– A recusa os levaria à prisão.

As reuniões são numerosas, os discursos, exaltados, Kadafi chega a fazer uma aparição e estimula o entusiasmo das jovens, dispostas a tudo para servir àquele que a elas se dirige com semblante de profeta. O décimo aniversário da revolução se aproxima, e ele quer fazer da ocasião um acontecimento grandioso, ao qual assistirão, em Benghazi, vários chefes de Estado. As mulheres armadas provarão que são as pontas de lança da mais bela revolução.

Libya deixa a escola, mergulha de cabeça no Comitê, treina a marcha característica das guardas revolucionárias e aprende a usar um lança-foguetes. Kadafi tem razão, pensa ela, em apostar nas mulheres e ensiná-las a quebrar tabus, mostrando-se pronto a fazê-las se indispor com seus pais. Ao diabo com o cabresto da tradição! A liberdade pede passagem! E fica exultante por não ter mais de dormir em casa com a família, e sim com as camaradas, nos centros de treinamento.

Na noite de 1o de setembro de 1979, a do grande desfile,

transmitido por todas as redes de televisão, elas são avisadas de que o coronel deseja saudá-las. Encantadas, uma dezena delas é encaminhada à residência do Guia, que se mostra charmoso, encantador, e por fim se recolhe a seu aposento. As militantes de Kadafi, que supervisionam o pequeno grupo, pedem a uma delas, de quinze anos, que o acompanhe. Vestem-na com um traje tradicional e lhe fazem mil recomendações para que se mostre aduladora e glorifique a revolução. A menina entra no aposento cheia de entusiasmo. Sai de lá prostrada, com sangue escorrendo pelas coxas. O grupo das jovens militantes fica em estado de choque.

A vida retoma seu curso. Libya volta para sua família, mas se torna menos assídua na escola e, cada vez mais angustiada, continua a participar das reuniões do Comitê, tocadas por militantes muito ativas na universidade, todas tendo passado pela cama do Guia. Ao longo dos meses, muitas de suas jovens camaradas são chamadas, uma após a outra, para fazer companhia a Kadafi em Trípoli, Sirte ou Misrata. Um motorista vem apanhá-las. Às vezes um avião. E o que elas contam na volta faz Libya mergulhar no desespero. Mas o que dizer? Como fugir?

Sua vez chega seis meses depois das comemorações de 1o de setembro, por ocasião de uma visita do Guia a Benghazi. Certa noite, militantes aparecem para levá-la à residência dele, despem-na completamente e empurram-na para o quarto do líder, insensíveis a seus choros e súplicas.

– Minha mãe vai me matar. Tenham piedade!

Ele a espera envolto em um roupão de seda, a estupra sem mencionar uma única palavra, para então enxotá-la com tapas nas

nádegas.

– Foi perfeita, mocinha!

Ela não conta nada aos pais nem faz qualquer menção de protesto no Comitê Revolucionário, de onde vem, todos os dias, a ameaça de lançar em um covil de "sabotadores" quem ousar criticar o Guia, "amigo, protetor, libertador de todas as mulheres". Com isso, ela se isola, preocupando os pais, que a imaginam deprimida ou apaixonada e decidem casá-la, sem pedir sua opinião. Um dia, ao voltar da escola, é surpreendida com uma recepção que organizaram em casa. Os convidados chegam, um imame se faz presente e ela é surpreendida com um contrato de casamento bem diante de seu nariz.

– Aqui. Tudo que tem de fazer é assinar.

Ao descobrir, na mesma noite, que ela não é mais virgem, o marido, ultrajado, exige o divórcio. Ele até poderia mandá-la de volta imediatamente, mas se mostra "compreensivo" e espera duas semanas. Ela se sente envergonhada e não ousa encarar ninguém, desesperada com a ideia de voltar para a casa dos pais. Então telefona... a Bab al-Azizia. Ao incitar as militantes a romper com suas famílias "reacionárias", Kadafi não havia demonstrado que estaria lá para elas?

– Tome o próximo avião para Trípoli – dizem a ela.

Algumas mulheres a esperavam no aeroporto e a introduziram em Bab al-Azizia, no que Libya descreve como um grande harém. Um grupo de mulheres vivia junto ali, em quartos duplos ou individuais, à mercê do Guia, de seu humor, de suas fantasias, de suas menores exigências. A maior parte delas, que ali chegara pela via dos famosos Comitês Revolucionários, foi estuprada e não teve

saída para escapar ao desprezo da família a não ser entrar para o serviço. Ao menos ali teriam o que comer, onde morar e o que vestir (o uniforme de guarda). Ao menos ali teriam algo que se assemelhava a um status (guardiãs da revolução). Naquela moradia, nada era proibido: álcool, cigarros e haxixe eram consumidos em abundância. Kadafi as estimulava. E a programação dos dias e das noites era invariável: "Comer, dormir e transar". Salvo quando ele se deslocava a Sirte ou a outra cidade e a corte inteira tinha de segui-lo. Ou quando ia ao exterior, para onde Libya – e ela se ressente disso – jamais foi convidada.

– Ele tinha medo de que aproveitássemos para fugir.

Algumas o fizeram, mas, ao serem encontradas na Turquia e conduzidas de volta a seu país, tiveram a cabeça raspada e foram acusadas de traição, sendo apresentadas na televisão como prostitutas de bordéis, antes de ser executadas. Na casa havia um entra e sai cotidiano de garotas que vinham passar uma noite para então retornar. Algumas voluntariamente, outras sob coação.

– Kadafi nos pressionava para que lhe trouxéssemos nossas irmãs, primas e eventualmente filhas.

Em um dia de 1994, Libya não consegue se conter e avisa uma mãe sobre as intenções de Kadafi em relação a suas duas belas filhas. Incrédula e chocada, a mãe fala com o Guia, que fica furioso: Libya violou o pacto de silêncio e deve pagar com a própria vida. É então que ela foge. Pega um avião militar para Tobruk e depois um carro para o Egito, de onde não consegue avançar, por falta de visto. Líbios que se opõem ao regime de Kadafi conseguem fazê-la chegar ao Iraque, onde permanece por duas semanas; temendo o partido Baas, logo se desloca para a

Grécia. As redes de Kadafi conseguem localizá-la e, ao voltar para a Líbia, ela fica encarcerada por um ano e meio numa prisão no subsolo de uma fazenda, para então voltar a Bab al-Azizia, onde é mantida até o início da revolução de 2011.

– Uma escrava velha convivendo com as novas – disse ela. Definitivamente aprisionada.

KADIJA

Kadija é uma jovem desiludida e sombria, ciente, por ter sido ameaçada e atacada diversas vezes, de que sua experiência e seu conhecimento do sistema kadafista a põem, hoje, em situação de grande perigo. Na primeira vez em que a vi, em uma manhã de janeiro de 2012, sua roupa branca estava coberta de sangue. Desconhecidos, como advertência, haviam-na raptado e estuprado durante a noite. Com os lábios bem desenhados, o nariz ligeiramente curvo, ela acendia um cigarro atrás do outro, roía as unhas e falava com indiferença, com certo cinismo. Com vinte e sete anos, afirmava não ter nenhuma ilusão sobre o que a nova Líbia poderia lhe oferecer. Tentava apenas sobreviver em alguma parte de Trípoli. Seu destino descarrilou no dia de seu encontro com Kadafi. A morte dele não lhe permitia esperar nenhuma redenção.

Ela cursava o primeiro ano de direito na Universidade de Trípoli, no início dos anos 2000, quando um desentendimento com uma diretora de ensino provocou sua expulsão de forma brutal. Transtornada, sem rumo, ela foi a um salão de beleza, onde resolveu contar suas desventuras. Uma cliente acabou ouvindo e se compadeceu.

– É mesmo muito injusto. Mas conheço alguém que pode te ajudar: o Guia. Posso arranjar um encontro com ele, ele vai resolver seu problema!

Kadija ficou estupefata. Será mesmo possível? É verdade que o mestre da Líbia tem todos os poderes... A mulher a conduz diretamente a Bab al-Azizia, onde um homem, Saad al-Fallah, logo a encaminha para uma coleta de sangue, feita por "uma enfermeira de algum país do Leste Europeu", e pede que volte no dia seguinte.

– Era estranho, mas eu disse a mim mesma que, em se tratando de um chefe de Estado, nenhuma prudência é demais.

No dia seguinte, Breka, uma guarda-costas uniformizada, a conduz diretamente ao quarto do Guia. Há muitas pessoas ao redor dele, lhe mostrando fotos tiradas por ocasião da celebração nacional. Basta elas irem embora para ele dar início a uma série de investidas insistentes – que ela declina – e então a violentar, sem dizer uma única palavra.

Quando ela sai do quarto, em estado de choque, Saad al-Fallah não demonstra nenhuma surpresa e não lhe manifesta nenhum gesto de bondade. Ele lhe estende um envelope com mil dinares e diz:

– Você tem sorte de ter sido escolhida. Temos a intenção de que trabalhe para nós.

Ela não quer tirar nenhum proveito, só quer saber de fugir de Bab al-Azizia. Chega a sair de Trípoli para ficar com a irmã, no sul da Líbia, renunciando às esperanças de retomar a faculdade, com medo de que a encontrem na casa de seus pais. Mas a família logo sofre as consequências. O irmão de Kadija, que estudava em Malta,

é preso ao retornar à Líbia, por tráfico de entorpecentes. Haviam colocado a droga em sua bagagem, ele corria o risco de ser condenado à morte. E a mesma mulher do salão de beleza telefona para Kadija.

– Você precisa ir ver Muamar. Só ele pode salvar seu irmão.

Kadija entende que se trata de uma chantagem. Volta a Trípoli e aceita se encontrar com Saad al-Fallah.

– Podemos trocar a condenação à morte de seu irmão por quinze anos de prisão, só depende de você.

Em contrapartida, Kadija terá de viver em Bab al-Azizia, integrar o grupo das (falsas) guarda-costas pessoais de Kadafi e render-se a seus desejos. Morta de medo, ela se muda para o subsolo, mais tarde habitado por Soraya, na companhia de um grupo de garotas cujo número ela estima, contando só as que moravam ali, em torno de trinta. Assim como Soraya, ela é chamada a qualquer hora do dia ou da noite, observa as "entregas" de jovens meninas virgens que não têm ideia das provações que as esperam, as passagens relâmpago de jovens rapazes, as tramoias de outras mulheres para conseguir casas, carros, dinheiro.

Mas rapidamente lhe é conferida outra missão: seduzir, numa armadilha, uma série de dignitários do regime e os homens renomados mais próximos do Guia. Instalam-na em um apartamento que ela descreve como luxuoso – "cinco estrelas", segundo ela –, na fortaleza de Bab al-Azizia, repleto de câmeras. É para lá que ela deve atrair os homens que lhe são designados e com os quais são forjados encontros, em um cenário invariavelmente sórdido. Ela tem de comprometê-los da maneira mais grave possível, incitando-os a beber e a fazer sexo com ela. Os

filmes então realizados servirão como instrumento de chantagem à disposição do Guia. Os nomes, que Kadija enumera com precisão, são estarrecedores e vão do chefe do serviço de inteligência líbio a este ou àquele ministro, coronel, general ou primo íntimo de Kadafi. A jovem também conta ter sido enviada a Gana, ao Hotel Golden Tulip, com a missão de seduzir o embaixador e o contador da embaixada.

Como é comum entre a maior parte dessas "garotas" (Kadija tem o famoso crachá de identificação), Kadafi um dia lhe atribui autoritariamente um marido escolhido em seu bando. Ela não tem escolha, mas ao menos ingressará na comunidade das mulheres casadas, o que a tornará mais respeitável aos olhos da sociedade líbia e de sua família. Ela espera uma vida nova, nutre a ilusão de um casamento de verdade e, como dispõe de um pouco de dinheiro, recorre a uma clínica tunisiana para reconstruir o hímen.

No dia anunciado, enquanto os convidados chegam à casa de sua mãe e as mãos de Kadija já estão adornadas com hena, o telefone toca. É de Bab al-Azizia. O Guia exige que ela venha até ele imediatamente. Ela protesta.

– Mas hoje é o dia do meu casamento!

É ameaçada. Era como se perdesse a alma.

– Ele me abriu. Ele tinha de estragar aquele momento. Mostrar que continuava sendo o mestre.

O casamento não muda nada no negócio.

Em fevereiro de 2011, nos primeiros dias da revolução, Saad al-Fallah vem até ela com quatro soldados e ordena que faça uma declaração, em cadeia nacional, afirmando ter sido estuprada pelos rebeldes. Seria o suficiente para lançar uma bomba. Kadija

pertence à poderosa tribo dos Warfalla. E a revelação pública de um estupro seria um atentado à honra coletiva, causando tal escândalo que implicaria represálias imediatas e impediria a adesão da maior tribo da Líbia à revolução que se forma. Mas Kadija compreende muito claramente como aquela falsa confissão a condenaria aos olhos de todos.

– Minha própria família se encarregaria de me matar!

Ela se recusa. É espancada, violentada e queimada com pontas de cigarro. Um dos guardas quebra sua tíbia com o salto do coturno, e um médico de Bab al-Azizia é obrigado a intervir com urgência. Por fim, ela finge aceitar a ordem, com a condição de lhe permitirem antes se recuperar junto de sua mãe, no bairro de Tadjura. E nessa noite ela vai burlar a vigilância dos guardas a postos na frente da casa e escapará de camisola pelos fundos, munida de seu passaporte. Rebeldes que a encontram na fuga vão ajudá-la a chegar à Tunísia, onde permanecerá durante toda a revolução.

LEILA

Leila hoje está com quarenta anos e tem a sensação de ser uma sobrevivente. Casou-se com um primo, que a desposou por amor, cria seus filhos e vive assombrada pela ideia de que alguém um dia venha a descobrir o segredo escandaloso que destruiu sua juventude. Foi em prantos que contou sua história. Jamais a contara a ninguém.

Na adolescência, era colega de escola da sobrinha de um amigo e braço direito do coronel Kadafi, que ajudara este a tomar o poder por ocasião do golpe de Estado de 1o de setembro de 1969. Elas

militavam juntas no Comitê Revolucionário e, quando a amiga toma a iniciativa de organizar, para um grupo da escola, um encontro com o Guia, Leila fica entusiasmada. Um micro-ônibus leva as garotas a Bab al-Azizia, onde são recebidas em um grande salão no primeiro andar da então residência do Guia, parcialmente destruída pelo bombardeio americano de 1986. Muamar Kadafi se mostra carismático e atencioso. Descontraído, parece não ter pressa e demonstra interesse em cada uma delas, fazendo-lhes perguntas a respeito da linhagem de sua família, sua tribo, sua região. Ele ri bastante, as jovens estão encantadas.

Pouco tempo depois dessa visita, uma funcionária da escola procura Leila na sala de aula e a conduz ao gabinete da diretora, que, muito impressionada, lhe avisa que um carro de Bab al-Azizia a espera na frente da escola. Leila não compreende, mas ninguém tem dúvida de que ela deve partir com o motorista.

Conduzida a um salão, onde aguarda por um instante, a adolescente é em seguida levada por Ahmed Ramadan, secretário pessoal de Kadafi, ao escritório do Guia. Com uma túnica branca, ele vem ao encontro dela, tece elogios exagerados à sua beleza e começa a acariciar e a apertar seu corpo. Apavorada, Leila se retesa e, quando Kadafi enche as mãos com seus seios, ela se contorce, grita, se desvencilha e foge. Ahmed Ramadan está esperando do outro lado da porta.

– Terminaram? – pergunta em tom neutro. Leila chora muito. – É preciso se despedir do Guia antes de ir embora! – insiste ele, abrindo a porta para revelar o coronel rindo muito, com o membro ereto.

O motorista a leva de volta à escola. Diretora e professores não

perguntam nada. Mas de imediato Leila percebe os sinais de um novo respeito.

Naquela mesma noite, Ahmed Ramadan telefona para sua casa.

– É uma grande honra o Guia ter escolhido você. Suas lágrimas foram ridículas. O Guia queria apenas ser gentil com você.

Leila não diz nada aos pais. Mas eis que, uma semana depois, membros do Comitê Revolucionário entram na casa da família e se põem a vasculhar tudo, em busca de documentos comprometedores. O pai de Leila é humilhado, espancado até ir ao chão. A família fica em estado de choque.

Ahmed Ramadan telefona no dia seguinte.

– Fiquei sabendo o que aconteceu com a sua família. Mas lhe garanto: você vai receber toda a proteção, porque trabalha para o Guia.

E avisa que está enviando um motorista, que vai esperá-la bem perto de sua casa. Ela se vê numa armadilha, inventa um pretexto para explicar sua saída aos pais e logo está em Bab al-Azizia, diante de Kadafi.

– Viu só o que aconteceu com a sua família? Podia ter terminado mal. Só depende de você; você pode lhes fazer o bem ou muito mal...

– O que tenho de fazer?

– Ora, seja dócil! Sei bem que excito você.

Ele lhe serve um suco de frutas, a força a beber e a beija ferozmente, se prensando contra ela, depois desaparece.

O carro volta a procurá-la alguns dias depois. Ahmed Ramadan a introduz em um pequeno salão, onde ela espera sozinha por várias horas. Depois ele a conduz a uma biblioteca, onde Kadafi

finalmente aparece.

– Escolhi essa decoração por sua causa. Porque amo as estudantes e os livros.

Em seguida, ele a joga sobre um colchão no chão e a estupra. É um choque tão grande, uma violência tamanha, que ela pensa ter perdido os sentidos. Quando recobra a consciência, ele já trabalha em seu escritório e dá uma gargalhada.

– Com o tempo você vai adorar isso!

Ele continuará a procurá-la durante três anos. E a violentá-la.

– Sou o mestre da Líbia. Todos os líbios me pertencem, inclusive você!

Ou ainda:

– Você é uma coisa que me pertence. E como bem deve saber, uma sura do Corão atribui ao mestre todos os direitos.

São três anos de sofrimento absoluto, recorda-se Leila. Ela se fecha, perde o ano na escola, é punida e apanha em casa por causa das ausências que não tem como explicar. Seus pais lhe atribuem uma vida dissoluta. Mas o Guia vive a repetir:

– Uma única palavra a meu respeito e você nunca mais verá seu pai novamente!

Um dia, ela lhe diz que sua menstruação está atrasada. Isso não o impede de violentá-la uma vez mais. Pouco depois, porém, Ahmed Ramadan lhe dá um envelope com dinheiro, sugerindo que vá a Malta. O valor é mínimo, nada foi organizado, e Leila deve por si própria encontrar hotel e hospital. Ao fazer o aborto, o médico diz que ela está “em um estado sujo” e lhe propõe, para alguns dias depois, uma himenoplastia. Ela está salva. Ao contrário do que de costume, Bab al-Azizia não voltará a procurá-la.

HUDA

Huda também foi, durante vários anos, uma das muitas amantes coagidas do coronel que, sem morar em Bab al-Azizia, eram chamadas a qualquer momento e cuja vida se transformou num inferno. É a década de 1990, ela tem dezessete anos e se prepara para os exames finais do ensino médio com um grupo de alunas que estudam juntas, se reunindo sempre na casa de uma delas. Um dia, uma mulher que visitava a mãe da amiga presta atenção nela e se derrama em elogios:

– Mas como você é bonita!

Huda fica muito sem graça e foge ao olhar insistente da mulher. Mas elas voltam a se encontrar e a mulher mais uma vez a cobre de elogios:

– Achei você maravilhosa. Depois que fizer seus exames, tenho algo a lhe propor.

Muito desconfortável, a menina imagina se tratar de uma casamenteira.

O irmão de Huda é preso logo depois. Frequentador assíduo da mesquita, por algum motivo se torna suspeito. A mulher inconveniente entra em contato com a estudante.

– Conheço algumas pessoas que podem libertar seu irmão. E posso levá-la a essas pessoas.

Ela passa de carro na casa de Huda, e logo as duas estão em Bab al-Azizia. A mulher parece bem à vontade ali, já Huda está perplexa.

– Ah, essa é a novata? – exclama um homem no primeiro escritório.

Huda começa a achar aquilo alarmante, mas ainda não pode

imaginar o que está por vir. Entra Ahmed Ramadan.

– Ah, então essa é a garota cujo irmão está em maus lençóis. Vamos, sigam-me!

Ele as leva até um grande escritório, onde surge Muamar Kadafi.

– Seu irmão é um traidor! Espero que você seja uma boa revolucionária e não se torne como ele. – Ele se aproxima, passeia as mãos pelo corpo dela antes de enlaçá-la, pressionando o corpo contra o dela. – Vou pensar no caso do seu irmão, porque achei você magnífica.

Ele beija seu pescoço, tenta lhe alcançar os seios, passeia por seu sexo. A garota desmaia. Agachada ao lado dela, a mulher lhe dá tapinhas no rosto.

– Vamos, acorda! Você é ridícula! É seu mestre! É a sua chance!

Kadafi se aproxima, desejando tocá-la. Ela se debate e grita, então ele a agarra pela roupa e a lança com violência num canto do cômodo. Transtornado, agarra a outra mulher, penetrando-a de súbito. E dardeja à estudante um olhar cheio de ameaça.

– Da próxima vez vai ser você!

No carro que a leva de volta para casa, Huda está chocada demais para dizer qualquer coisa. Mas a mulher lhe explica:

– O mestre tem todos os direitos sobre nós. Ele vai fazer amor com você, vai libertar seu irmão e você pode ganhar uma bolsa para a faculdade.

A jovem não conta aos pais nada do que aconteceu. Seria impossível. Mas quando sua mãe lhe dá um tapa, furiosa por ela ter chegado tarde, Huda dispara, sem dar detalhes:

– Fui parada pela polícia e questionada sobre meu irmão.

Três dias depois, a mulher telefona.

– Não posso voltar a Bab al-Azizia com você, mas um carro do protocolo vai te apanhar. Pense no seu irmão.

Huda logo se vê diante de Ahmed Ramadan, que a interroga sobre o irmão e faz algumas anotações. Isso a deixa esperançosa; talvez aquilo tudo não tenha sido em vão. Mas ainda é preciso ver o Guia. Ela é levada a seu escritório.

– Tá pensando que se liberta um traidor fácil assim? Vai sonhando! Não é assim tão simples. E fica ainda mais difícil sendo você um bicho do mato, que grita se eu tocar em você...

– Não, não quero contrariar o senhor. Mas quando meu irmão vai poder sair?

– Não vai gritar mais? Promete?

Com gestos bruscos, ele tira as roupas dela, joga-a num colchão no chão da biblioteca e a violenta. Depois se afasta sem dizer nada. Ninguém vai ver como ela está, ninguém dá mostras de se preocupar com ela. Ela não sabe como sair e passa a noite toda ali, aterrorizada. Ahmed Ramadan a encontra no dia seguinte e a leva para um pequeno quarto no subsolo, onde, com dificuldade, ela começa a pegar no sono. Mas Kadafi chega e a estupra novamente, espanca, morde. Ela sangra abundantemente. E adoece por dois dias sem que ninguém lhe traga o que comer ou beber. No terceiro dia, Ahmed Ramadan a manda de volta para casa, dizendo que voltarão a entrar em contato.

Seus pais ficam apavorados com o estado da menina. Estavam loucos de preocupação e a encontram destruída. Ela não quer falar, mas, bombardeada de perguntas, apenas murmura ter voltado de um posto da polícia. E a família, chocada, pensa que aquilo tudo

só pode estar relacionado ao caso do filho... Cercam a filha, adulam-na, insistem em levá-la ao hospital. Um médico a examina.

– Você foi estuprada.

– Sim. Mas eu suplico, não diga nada a meus pais.

– Devemos dar queixa.

– Não, está fora de questão.

– Relação sexual fora do casamento... A lei me obriga a reportar seu caso à polícia.

– O senhor quer morrer?

Kadafi não a deixará mais em paz. Por longos anos, ela suportará suas exigências, suas loucuras, suas violências, suas fantasias. Ela não pode fazer planos, vive reclusa, temendo que descubram seu escândalo. Os pais acabam desconfiando da situação, pois os carros do protocolo são cada vez menos discretos e Kadafi exige a presença dela em alguns de seus numerosos discursos. Então ela descobre outras mulheres na mesma condição. Elas se olham, mas não se falam. Como tocar no assunto? Em quem se pode confiar? Certa vez, às vésperas de um evento público, o Guia sugere a Huda que venha correndo até ele e o abrace diante das câmeras. Ela fica pálida. Ele lhe telefona à noite, faz ameaças, lhe diz o que vestir, uma disponibilidade permanente. Ela se deprime, já não quer viver, fica desgostosa. Depois de muitos anos, aparece um pretendente e ela se apaixona. Kadafi fica furioso. Mas ela se casa. E a partir de então, apesar das ordens e de sua angústia, passa a se recusar a ir a Bab al-Azizia. Ela tem sorte. Muitos jovens maridos não escolhidos pelo mestre não sobreviveriam ao casamento com uma favorita.

A MULHER E A FILHA DO GENERAL

Dessa vez, foi a filha de um general que contou sua história ao jornal semanal *Libya Al Jadida*, e seu testemunho me foi confirmado pelo redator-chefe, Mahmud al-Misrati. O coronel Kadafi, que sempre inquiria sobre a situação familiar de seus subordinados e sobre a aparência de suas mulheres, fica sabendo que a esposa de um general de seu exército é de uma beleza incomum. Ele próprio teria dado as ordens? Ou teria sido ideia de Mabruka? O fato é que, em uma tarde, três de suas guardas se apresentam ao domicílio do general para transmitir à sua esposa o convite para uma recepção feminina, que se daria já naquela noite, organizada por Safia Farkash, esposa do Guia. O general fica desconfiado. Não ouvira falar daquele evento e não lhe agrada nem um pouco a ideia de sua mulher ir a Bab al-Azizia. Uma das guardas digita um número em seu celular e lhe estende o aparelho. Mabruka está na linha.

– É uma honra maravilhosa que o Guia concede a você! E a prova de que o tem por bastante próximo e o considera um verdadeiro revolucionário. Será uma festa muito bonita, apenas para esposas.

Tranquilizado, o general deixa a esposa partir. Quando retorna, horas depois, ela se mostra estranha e evasiva.

– Alguma coisa parecia ter se partido dentro dela – conta a filha.

Outros convites se sucedem, mais frequentes nas ausências do general. Depois de vários meses, a esposa aparece com as chaves de um belo apartamento. “Presente” da mulher do Guia, anuncia, dizendo que se tornaram grandes amigas. A família se muda, as

condições de vida melhoram a olhos vistos. É bom ser benquisto por Bab al-Azizia. Mas, certa noite, Mabruka e duas outras mulheres se apresentam à porta da família, dessa vez para transmitir um convite da parte de Aisha, a filha mais velha de Kadafi, para a filha do general. A fisionomia da mãe se transfigura. Ela leva as mãos ao rosto, parece aterrorizada. A filha, por sua vez, mostra-se entusiasmada.

– É pra hoje à noite? Sim, com todo prazer. Só receio não ter um vestido de festa.

– Eu já cuidei disso! – sorri Mabruka, que se vira e mostra uma mala. – Aqui você tem tudo que precisa para ficar bem bonita!

A garota coloca o vestido toda alegre, se maquia e vai com Mabruka, sem entender por que a mãe se despediu com os olhos cheios de lágrimas.

O próprio general parece atordoado. E o ficará ainda mais quando sua mulher lhe confidenciar, ao prantos, que os convites de Safia camuflavam convocações do Guia. E que o dinheiro, os presentes, o apartamento eram na verdade a recompensa por relações sexuais. O general se inflama, pragueja, decide ir imediatamente a Bab al-Azizia. Mas sofre um colapso, um derrame cerebral, e é levado ao hospital.

Sua filha, nesse meio-tempo, tem a surpresa de ver Kadafi chegar ao salão onde ela estava esperando havia um bom tempo.

– Onde está Aisha? – pergunta ela, sorrindo.

– Eu sou Aisha – responde o Guia friamente.

Ele não vai tentar seduzi-la nem se aterá a nenhuma convenção. Vai estuprá-la, espancá-la, humilhá-la o máximo possível, repetidas vezes. Ela só deixará Bab al-Azizia uma semana

depois para ver o pai, que está morrendo no hospital. Seu falecimento facilitará as coisas. Quando Mabruka passa a ligar regularmente para convocar a filha, pede à mãe que a prepare segundo o gosto do Guia – "Você sabe como tem de ser" – e lhe pinte os braços e as pernas com hena.

★

As histórias são muitas. No Ocidente, é difícil para nós imaginar quanto custa cada confissão. Não em relação ao efeito traumático – ele é o mesmo em toda parte. Mas em termos dos riscos, para essas mulheres e sua família. O caos instalado em uma Líbia repleta de armas, aliado ao jugo da religião, impede no momento todo e qualquer debate sensato sobre a questão. Isso explica por que, contrariando as regras básicas do jornalismo, que exigem a identificação das fontes, aceitei respeitar o pedido da maior parte das vítimas aqui citadas e mantive seu anonimato.

14
As amazonas

As guarda-costas do coronel Kadafi – que a imprensa internacional apelidou de "amazonas" – em muito contribuíram para sua lenda e glória midiática. Sem dúvida, elas próprias causavam uma impressão tão forte quanto a dele, com seus trajes cada vez mais excêntricos, seus óculos de estrela do rock, a cabeleira espessa desalinhada e o visual de viciado em cocaína cheio de botox e sempre maquiado. Elas o seguiam por toda parte, a bordo dos mais diversos uniformes, algumas armadas, outras não; os cabelos na altura dos ombros ou bem presos sob uma boina, um chapéu, um boné ou um turbante; sempre maquiadas, com argolas nas orelhas e pingentes com a efígie do Guia; nos pés, botinas de combate, botas de salto e, excepcionalmente, escarpins.

Serviam-lhe de estandartes e de ajudantes, atraindo fotógrafos e fascinando chefes de Estado e ministros, que eram por elas recebidos ao descer do avião ou em Bab al-Azizia, para uma audiência sob a tenda. O ex-ministro francês das Relações Exteriores, Roland Dumas, não escondia sua satisfação em ser acompanhado por "tão belas mulheres armadas", e o riso asqueroso de Silvio Berlusconi expressava por si só seu deleite. Mas a mensagem enviada por Kadafi era bastante ambígua.

É verdade que assim ele confirmava sua originalidade no cenário mundial. Megalomaníaco e provocador, o coronel atribuía importância considerável à sua imagem e à encenação que amparava suas aparições e discursos. Ele se queria único, não suportava nenhuma concorrência ou comparação, impedia que de seu país sobressaísse algum nome que não o seu (fosse de escritor, músico, atleta, homem de negócios, economista ou político líbio; ninguém podia se impor em seu reino, e os jogadores de futebol só podiam ser citados pelo número da camisa). A ideia de intrigar o mundo se apresentando como o único chefe de Estado a se cercar de uma guarda inteiramente feminina vinha ao encontro dessa ambição.

Ele parecia, ainda, pôr em prática seu discurso de grande libertador das mulheres. Quantos colóquios e arengas esse tema não lhe rendeu! Quantas lições ao Ocidente e a todo o mundo árabe! Era preciso que se soubesse: o coronel Kadafi era "amigo das mulheres". Não havia viagem dentro do próprio país ou ao estrangeiro sem um encontro com associações femininas que martelasse essa mensagem. Ele já expusera uma concepção sobre a mulher no terceiro volume de seu famigerado *Livro verde* (igualdade entre os sexos; discriminação injustificável; direito ao trabalho para todos, independentemente do sexo, com a condição de que fosse respeitada a "feminilidade" da mulher etc.), mas sua proposta logo se radicalizou, levando à criação, em 1979, da Academia Militar Feminina e, dois anos depois, quando da apresentação ao país das primeiras diplomadas, a um discurso inflamado e triunfal. Essa escola, única no mundo, deveria ser um formidável objeto de orgulho para a Líbia, proclamava. A audácia

das jovens líbias, que se inscreviam em massa, constituía a prova cabal da mudança radical da mentalidade no país. Era preciso continuar!

Então, em 1o de setembro de 1981, ele fez uma exortação inacreditável: "Os homens e as mulheres das nações árabes se encontram subjugados a uma tentativa de submissão. Mas, no interior da nação árabe, as mulheres são na verdade dominadas pelas forças de opressão, pelo feudalismo e pelo lucro. Convocamos uma revolução para a libertação das mulheres da nação árabe, e essa é uma bomba que sacudirá toda a região e levará as prisioneiras dos palácios e dos mercados a se revoltar contra seus captores, exploradores e opressores. Esse apelo sem dúvida terá ecos profundos e repercutirá por toda a nação árabe e pelo mundo. Hoje não é um dia comum, mas o início do fim da era do harém e das escravas e o início da libertação das mulheres na nação árabe". As mulheres armadas evidenciavam-se, assim, como o mais belo florão da revolução. Confiar-lhes sua segurança pessoal era algo mais do que simbólico. Era um ato de fé feminista. E assim foi analisado no Ocidente, não raras vezes, o apego de Kadafi a uma guarda feminina. Que ironia!

Sua comitiva de amazonas incensava a reputação de sedutor do coronel e alimentava as mais diversas fantasias e suspeitas. E o clichê do harém oriental jamais esteve longe – em oposição às teses feministas –, sendo reforçado pela ausência, na cena pública, da esposa oficial, Safia Farkash, com quem Kadafi se casou em 1971 (após um divórcio meteórico) e mãe de sete de seus filhos. Todas aquelas jovens mulheres a seu serviço e a sua devoção, prontas a lhe oferecer bravamente sua vida... A mensagem era, no

mínimo, confusa.

Mas quem eram realmente aquelas garotas de uniforme, guardas tão próximas e estandartes do Guia? O relato de Soraya contrapõe uma revelação perturbadora às descrições positivas dessa guarda, supostamente versada em todas as técnicas de combate. Não fora ela obrigada a vestir o uniforme no dia seguinte ao de seu sequestro? Não fora ela parte integrante do exército tido como de elite, lhe sendo ordenado, nos deslocamentos e viagens do Guia, imitar as outras guardas da comitiva, fingindo o ar severo e preocupado daquelas de quem dependeria a vida do mestre? "Que piada!", dizia Soraya, erguendo os olhos para o céu. Função puramente usurpada! A observação de um punhado de amazonas que acompanharam o coronel em sua visita a Paris em dezembro de 2007 tende a confirmar as alegações de fraude: empoleiradas no teto de um barco a vapor, elas posavam para fotos com risos de colegiais antes de ir às compras nas lojas da Rue du Faubourg-Saint-Honoré e na Champs-Elysées. Não, aquelas garotas não haviam concluído sua formação na Academia Militar. Sim, eram amantes e objetos sexuais de Kadafi. Suas favoritas ou suas pequenas escravas.

– Aquele espetáculo me enojava – me disse Sayed Kadafi Eddam, primo do Guia e militar de alta patente, na prisão de Misrata.

★

Minha pesquisa em Trípoli se mostrou difícil. Ninguém queria ouvir falar das famosas guarda-costas. Elas tinham desaparecido com o Guia. Evaporaram! Lembrar de sua existência despertava tão somente desconforto e desprezo. Sobretudo no Ministério da

Defesa líbio, no qual não se podia entrar sem pisar em um capacho com a efígie de Kadafi.

– A existência delas afetou gravemente a imagem das forças armadas líbias – assegurou-me Osama Juili, ministro nomeado após a morte do Guia, líder dos rebeldes na cidade de Zintan. – Que vergonha! E que tapa na cara dos verdadeiros militares, dos que acalentavam uma nobre ideia de seu ofício e da defesa de seu país. Kadafi usava as guardas para atrair flashes e refinar sua imagem, mas tudo não passava de dissimulação. Nesse meio-tempo, ele destruía suas forças armadas. Insuportável. Eu era um jovem capitão e cheguei a odiar aquela instituição a ponto de desejar me demitir tão logo fosse possível. Onde iríamos parar? Como levar a sério aquelas mulheres que ele jogava na lama? Quem poderia imaginar, por um segundo que fosse, que ele lhes confiava inteiramente sua proteção? A verdade é que estavam lá pelo puro e simples espetáculo, como forma de divertir a quem visse. Era repugnante.

Houve a mesma reação por parte de Ramadan Ali Zarmouh, presidente do Conselho Militar de Misrata, a terceira cidade do país e certamente uma das mais castigadas pela guerra. Ele também foi logo afastado do exército de Kadafi, apesar da patente de coronel. E também denunciou a "farsa" e o "teatro patético" não só das guarda-costas, mas de todas as mulheres-soldado.

– Umas coitadas, isso eu posso lhe assegurar. Chegavam às nossas fileiras embaladas pelos discursos do ser desprezível que as manipulava, para levantar poeira aos olhos do mundo e satisfazer seus desejos pessoais. Eram mal formadas, mal treinadas e muitas vezes estavam ali sem autorização dos pais. Como eles aceitariam,

de maneira consciente, que fossem lançadas daquela maneira em um universo exclusivamente masculino? Na Líbia? Só poderia causar indignação! Nós as víamos como vítimas, já ele se refestelava, cercado de amantes e marionetes incapazes de defendê-lo, atrás das quais se fazia altamente necessário que homens fossem posicionados.

O julgamento deles é de fato radical, compartilhado por todos os militares e rebeldes que pude interrogar. Machismo? Sem dúvida há um pouco – a integração das mulheres ao exército jamais foi bem-aceita pela hierarquia militar e pela sociedade tradicional líbia. É preciso admitir que o coronel Kadafi queimou etapas em um país onde as mulheres eram sobretudo mães e esposas, não raro confinadas ao lar.

Em 1975, ele começa a propor o conceito de "povo em armas" e sustenta a ideia de que as armas não deveriam ser monopólio de um exército nos moldes clássicos, fadado a desaparecer, mas deveriam ser levadas às mãos de todos os cidadãos e cidadãs, que tinham de ser formados urgentemente. Em 1978, promulga uma lei sobre o treinamento militar obrigatório para todos, sobretudo no colégio, para rapazes e moças. Uma pequena revolução, já que essas últimas, para o espanto de seus pais, deveriam vestir o uniforme militar e receber treinamento de professores homens. "Um uniforme de combate vestido por uma mulher vale mais que um traje de seda vestido por uma burguesa ignorante, fútil, superficial e inconsciente dos desafios que se apresentam a ela e, consequentemente, a seus filhos", declarou certa vez o Guia. Em 1979, ele cria a Academia Militar Feminina e envia às escolas de moças hordas de recrutadores particularmente insistentes. É

preciso agilizar o processo. As mulheres, libertadas e armadas, seriam sua melhor propaganda. Três meses de formação para as mulheres-soldado, recrutadas após o terceiro ano do ensino médio; dois anos para as oficiais, selecionadas após o bacharelado. Finalmente, em 1981, Kadafi lança a ideia de um movimento de "religiosas revolucionárias", aberto a todas as mulheres, civis e militares – "a elite das elites".

Para ser aceita, a candidata deveria estar disposta a renunciar ao casamento e a dedicar toda sua vida a defender exclusivamente os objetivos da revolução – em outras palavras, devotar-se ao Guia. Sua maior fantasia. Referindo-se às irmãs cristãs "que se vestem de branco, símbolo da pureza, e se dedicam inteiramente ao ideal de Cristo", disse Muamar Kadafi, em discurso proferido em 13 de fevereiro de 1981, diante das pioneiras de movimentos revolucionários femininos, mostrando-se deliberadamente provocador: "Por que as cristãs se fazem religiosas e vocês se limitam a ficar de braços cruzados? Seriam as freiras cristãs maiores que a nação árabe?" E concluiu: "É na abnegação que a religiosa revolucionária se faz sagrada, pura, e é na abnegação que se põe acima dos indivíduos comuns para estar mais próxima dos anjos".

Não consegui encontrar nenhuma religiosa revolucionária. No tempo de Kadafi, elas estavam já bem inseridas na sociedade, e ninguém chegou a fazer uma estimativa sobre quantas seriam. Nem é preciso dizer que hoje ninguém vai reivindicar para si o título de religiosa revolucionária. Mas entrevistei duas coronéis que muito jovens haviam respondido ao apelo do Guia e se engajaram no exército com paixão. Uma delas, rapidamente desapontada, afirmou ter feito novo juramento após a destituição

de Kadafi, e desde a morte dele passou a ter revigorado interesse pela carreira. A outra, atualmente na prisão aguardando julgamento por assassinatos cometidos durante a guerra civil, oscilava entre a nostalgia e a cólera.

★

Foram necessários muitos dias para convencer a coronel Fatima a falar. Em princípio não havia nada que a impedisse. Mas consideremos: ela era militar, havia acreditado na mensagem do Guia e fazia parte dos joguetes da história. Os líbios, mesmo com toda a propaganda, jamais demonstraram simpatia pelas mulheres-soldado; com a revolução de 2011, passaram a manifestar claramente sua repulsa. Portanto, as coisas não são lá muito fáceis para as infelizes sobreviventes da era Kadafi, que não têm nenhuma vontade de dar a cara a tapa. No entanto, Fatima não aceita a ideia de as mulheres serem banidas do exército para sempre e que usem as distorções e fraudes cometidas pelo Guia para desqualificá-las. Seria ao mesmo tempo uma injustiça e um insulto.

Cinquentona imponente, envolta em um grande casaco vermelho, com um véu negro circundando o rosto rechonchudo, Fatima finalmente apareceu, um pouco tensa, numa noite em meu quarto de hotel, em Trípoli. O local lhe pareceu discreto e neutro. Passado o período de propaganda, disse ela, não havia dúvidas de que era chegado o momento de dizer a verdade.

– Os recrutadores vieram ao meu colégio no fim dos anos 1970 e me convenceram. A ideia do engajamento militar que eles passaram era de tal forma brilhante que dali em diante eu só conseguia vislumbrar meu futuro nas forças armadas. Nada

poderia ser mais empolgante que defender meu país, homens e mulheres unidos e iguais. Uma ideia impressionante... e revolucionária! Volta e meia recorriam ao exemplo da revolução argelina, na qual jovens mulheres, como Djamila Bouhired, tinham assumido todos os riscos como oficiais de ligação, armando bombas e combatendo para libertar seu povo. Eram heroínas magníficas. Mulheres erguendo a cabeça. Eu sonhava com um engajamento parecido.

Pouco depois, a formação militar passou a ter importância considerável na escola. Exercícios físicos, manejo de armas, conferências, exames... Fatima mergulhou de cabeça, convencida de estar participando assim do "povo em armas" de que falava Kadafi. Já seus pais ficaram escandalizados com a ideia de moças de colégio vestidas com uniformes masculinos. Era muito pouco conveniente.

– A sociedade líbia não estava pronta – diz ela. – Mas nós, as jovens, mordemos a isca. Além do mais, com o serviço militar sendo novamente obrigatório e cada cidadão líbio devendo dedicar muitas semanas de seu ano ao treinamento, tínhamos de aderir ao projeto. Todo líbio tinha sua carteira de reservista.

Um tráfico de certificados de reservista permitia aos mais ricos se livrarem do serviço militar, mas ela não sabia disso.

Fatima então entrou, em 1980, para a Academia Militar de Trípoli, que estava apenas em sua segunda turma. Ali ela encontrou garotas do Egito, do Líbano, da Argélia, do Sudão. Os instrutores ainda eram majoritariamente do sexo masculino, e as matérias eram bem exigentes: código Morse, cartografia, secretariado, tática militar, manejo de armas, manobras, aí

compreendidas manobras noturnas e sob tempestade.

– Mas valia a pena! Éramos atração no mundo inteiro. Equipes de tevê chegavam de toda parte. Era como se criássemos asas. Éramos o futuro. Éramos modernas!

Evidentemente, cada discurso de Kadafi só vinha entusiasmar ainda mais as mulheres. Para elas, ele era seu defensor, e não duvidavam de sua vontade de mudar a vida das líbias e um dia alçar algumas delas ao posto de generais.

E depois houve a cerimônia de entrega de diplomas e o desfile em passo de marcha, repetido mil vezes.

– Eu já estava esgotada e tinha de ouvir o discurso do Guia até o fim! – Mas não demorou nem um mês para que Fatima se desencantasse. – Foi uma enganação. As promessas não passavam de mentiras. Kadafi desprezava seu próprio exército, e logo ficou claro que não esperava nada das mulheres. Eram apenas imagens para construir seu mito... e um viveiro de amantes.

Fatima foi nomeada oficial na escola vizinha a Bab al-Azizia. Ali era responsável pelo treinamento militar cotidiano, mas "as garotas do bando de Kadafi" acabaram arrogantemente se encarregando disso.

– Eu tinha um uniforme e um título que não valiam nada, nenhum poder.

Em seguida, foi transferida para as instalações do estado-maior das forças armadas. Um motorista vinha apanhá-la pela manhã, mas ela não exercia função alguma ali e era mal remunerada.

– Foi então que, pouco a pouco, um sentimento generalizado de frustração tomou as moças da minha turma. Nossos estudos não passavam de uma fraude, e o amor pelo país estava morto.

Dizíamos que haviam roubado nossa vida. Deixei de usar o uniforme, esqueci meu número de matrícula, perdi a agilidade, negligenciei tudo que havia aprendido na escola. Já nem sabia mais desmontar uma AK-47!

Evidentemente, se Fatima tivesse sido recrutada como guarda-costas, teria algumas vantagens, sobretudo em viagens e salário. Mas para isso era preciso ser alta, bonita, ter cabelos compridos... e ter caído nas graças do primeiro escalão de Kadafi ou do próprio Guia, como foi o caso de Salma Milad, tão presente na história de Soraya e que foi notada durante uma visita feita à cidade em que morava, Zliten.

– As guarda-costas de Kadafi não eram realmente um agrupamento militar. Não passavam de um grupo de garotas das forças especiais, das guardas revolucionárias, da escola de polícia, da Academia Militar, das religiosas revolucionárias e de suas amantes do momento. Kadafi delas se servia a seu bel-prazer, e não havia a possibilidade de resistir e menos ainda de reclamar. As mais hábeis souberam tirar partido disso, acabaram ganhando casa e carro. Mas, por favor, esqueça a imagem de um corpo de elite. Podia ser qualquer outra coisa, como um simples cerimonial no qual Kadafi tinha o cuidado de incluir algumas mulheres negras para mostrar que não era racista e garantir uma abertura com a África. Os verdadeiros guardas, dos quais dependia sua segurança pessoal, não aparecem em nenhuma imagem. Eram homens de Sirte, sua cidade natal.

Foi com muito entusiasmo que Fatima assistiu ao aumento gradual da insurreição contra Kadafi, no início de 2011. Ela passou a participar oficialmente da rebelião em 20 de março, pondo sua

AK-47 “à disposição dos rebeldes”. Mas ela continuava no interior do sistema, vazando o máximo de informações e difundindo circulares nos escritórios do exército.

– Desertar não era uma opção. Se tivesse tentado, hoje meus pais e eu estaríamos numa vala comum.

Daquele momento em diante, ela passou a fazer parte do corpo militar dirigido por Abdelhakim Belhadj, comandante do Conselho Militar de Trípoli, e diz que, com aqueles companheiros, reencontrou a fé na função. Mas sabe que ainda será necessário um tempo para reparar os danos e recuperar o crédito das mulheres de uniforme.

★

Foi na prisão de Zauia, pequena cidade costeira situada a cerca de cinquenta quilômetros de Trípoli, que encontrei a outra coronel. Inicialmente, ela se recusou a me falar seu nome, até que no fim do encontro, de maneira quase inesperada, o revelou, como prova de confiança. Um presente.

– Bem, eu me chamo Aisha Abdusalam Milad. Adeus!

A cela, no fim de um pequeno corredor, estava pintada de amarelo, havia uma porta de ferro com um pesado ferrolho e uma janela obstruída, um colchão no chão e uma cama metálica em mau estado de conservação. De um fio que percorria uma das paredes laterais pendia uma fraca lâmpada, um pequeno aquecedor elétrico estava posicionado em um dos cantos, e uma chaleira logo ferveu a água para o chá. De início, a presença de duas pessoas naquele espaço minúsculo me surpreendeu, e pensei que teria duas prisioneiras a entrevistar. Mas a mulher de aparência mais miserável, enrolada na cama, com os olhos fundos

nas órbitas e fisionomia extenuada, me explicou ser a carcereira, que, depois de ter dormido cinco anos dentro de um carro – "Ninguém queria alugar um quarto a uma mulher sozinha e pobre" –, preferiu dividir a cela com sua prisioneira.

Esta, em compensação, mostrava-se completamente em forma. Alta e longilínea, com os cabelos presos em um turbante, tinha feições delicadas, uma pinta no lado esquerdo do rosto e usava, com elegância esportiva, uma camiseta listrada sob um conjunto de veludo preto. Sentada de pernas cruzadas em seu colchão, se mostrou disposta a relatar seu itinerário, mas queria deixar algumas coisas bem claras desde o início: era militar por profissão – "e por vocação!" – e jamais pertencera ao "bando" de Kadafi, nem a seu grupo de guarda-costas. Tendo feito essa ressalva, pôde relatar a paixão que desde muito cedo nutrira pelo exército, o encontro decisivo com recrutadores que visitaram sua escola em Sabha, cidade no deserto do Saara, feudo da tribo Kadafa, e sua entrada para a Academia Militar Feminina, em fim de dezembro de 1983. Assim como a maior parte das alunas, ela vinha de família numerosa (nove irmãos), de parcos rendimentos e muito reticente à ideia de ver uma filha de uniforme militar.

– Tivemos de abrir essa porta à força. Mas que felicidade! O "povo em armas" deveria ser composto, em sua maioria, de mulheres, ou o conceito perderia o sentido. Kadafi passava confiança às garotas e lhes tirava de casa.

Foi quase ao mesmo tempo que ela se formou enfermeira e saiu da academia, em 1985, tomando o rumo de seu sul natal a fim de formar outras garotas e com isso subir na hierarquia. Retornando a Trípoli, vinte anos depois, passou a integrar a direção das guardas

revolucionárias, organização reservada à proteção do Guia, onde se viu encarregada de selecionar regularmente suas guarda-costas.

– Era uma responsabilidade e tanto! Seriam elas que demonstrariam ao mundo todo que a mulher líbia estava armada e era respeitada. Seriam elas que desempenhariam o papel de embaixadoras! Que eu não duvidasse da importância daquilo! – Ela escolhia as "espetaculares". O que isso queria dizer? – Dotadas de carisma. – Belas? – A questão não era essa. Eu queria que tivessem presença, que fossem imponentes. E preferia que fossem altas. Se não fossem, eu as obrigava a usar salto.

Todas as garotas sonhavam ser escolhidas e imploravam a Aisha um lugar ao sol.

– Aquilo podia mudar a vida delas, ainda mais se não fossem militares profissionais. Elas acompanhavam o Guia nas viagens e em troca recebiam envelopes com honorários. Agora posso lhe jurar que, uma vez lá, elas faziam de tudo para se manter no posto. Maquiagem, traje impecável... Sabiam que todas as câmeras estariam voltadas para elas.

Sobre o comportamento de Kadafi com suas guarda-costas, Aisha não quis falar. *Top secret*. Ela fazia seu trabalho sugerindo belas garotas. O que lhes aconteceria a partir dali já não lhe dizia respeito. Eu insisti. Não era público e notório que o Guia rapidamente as transformava em amantes? Mas Aisha não disse uma palavra sobre isso, e sua fisionomia de repente se fechou. Também recusou qualquer referência a Mabruka, a única a não usar uniforme dentre todas que viviam à sombra do Guia, mas cuja importância na organização do séquito feminino todos conheciam.

– Não quero estar associada a nada disso. Meu salário irrisório [832 dinares por mês, cerca de quinhentos euros] demonstra que eu não tinha nada a ver com o bando e com os negócios das guarda-costas!

Num estranho gesto, ela de repente tirou da orelha um pequeno brinco e me mostrou.

– Vê? Nem é de ouro! Muitas guarda-costas fizeram fortuna. Já eu não tenho nada. – Nem mesmo a liberdade.

O que lhe restava era a honra, disse ela. O orgulho de ter içado bem alto as cores da bandeira líbia. Invocava sua constante lealdade ao chefe e ao exército durante a última guerra. E conscienciosamente obedecera às ordens e combatera a insurreição. "Profissionalmente", como ela sempre reivindicava. Nem sombra de arrependimento. O diretor da prisão, um rebelde que insistiu para que mais tarde eu visitasse o sinistro mausoléu de Zauia, dedicado aos mártires da revolução, tinha uma visão bem diferente. Ele a acusava de ter torturado e matado prisioneiros. Enquanto a maior parte das mulheres-soldado tinha sido libertada, Aisha, capturada em 21 de agosto, ainda esperaria um bom tempo para ser julgada.

– A situação das mulheres militares de Kadafi era triste e patética – disse-me a vice-ministra do Bem-Estar Social, Najwa al-Azrak, que prepara um dossiê sobre as amazonas. – A Academia Militar era para o Guia um mero ardil para ter acesso às mulheres. Depois, à medida que encontrou outros meios para isso, desinteressou-se pela academia e a escola entrou em declínio.

Todavia, durante a guerra civil, o regime agonizante mobilizou grande número de mulheres-soldado, que até então tinham sido

negligenciadas e mantidas nas casernas. Algumas foram enviadas às frentes de combate com soldados mercenários, entre os quais também havia mulheres. Outras, durante o cerco a Trípoli, foram divididas entre os vários postos de controle da cidade, com o intuito de checar identidades e veículos, ou então foram transferidas para a humilhante situação de gerir, à base de apitos, as longas filas de espera por combustível. Marionetes de Kadafi. Símbolos de seu regime. Odiadas pela população e pelos rebeldes. Houve as que desertaram, e, traídas ou denunciadas, sua adesão à insurreição acabou lhes custando a vida ou lhes valendo um estupro. Como também houve aquelas que foram conduzidas em grupo a locais próximos das frentes de batalha para "satisfazer os desejos" dos batalhões masculinos.

O destino da maior parte das guarda-costas de Kadafi corre o risco de continuar desconhecido. Corpos encontrados nos escombros de Bab al-Azizia parecem indicar que muitas foram liquidadas em agosto, nas horas derradeiras do regime. No momento da queda e da fuga desesperada do Guia, elas se tornaram inúteis.

15
O predador

O dr. Faisal Krekshi jamais poderia imaginar o que descobriu no fim de agosto de 2011, ao assumir, com um grupo de rebeldes, o controle da Universidade de Trípoli. Formado na Itália e no Royal College, em Londres, o calmo e ponderado professor e ginecologista de cinquenta e cinco anos não ignorava a corrupção do sistema universitário, as redes de sobrevivência e de delação evidenciadas pelos Comitês Revolucionários, o imenso instrumental de propaganda em que se constituíam as diferentes faculdades. Ele sabia quanto se mantinha viva na população a lembrança dos enforcamentos públicos de estudantes em 1977 e 1984 e tinha ciência da impossibilidade de se visar a uma carreira universitária sem prometer lealdade total ao regime. Por isso, não se espantou ao descobrir, ao fim de uma intensa noite de batalha no *campus*, uma prisão improvisada em contêineres, um escritório do temido chefe dos serviços de inteligência, Abdullah Senussi, assim como gavetas abarrotadas de informações sobre dezenas de estudantes e professores, com uma lista de pessoas a ser executadas. Mas o que ele encontrou por acaso ao explorar os recônditos da universidade em busca de eventuais franco-atiradores e ao forçar as portas de um cômodo secreto, situado

debaixo do "auditório verde", onde Muamar Kadafi adorava realizar conferências, estava muito além de suas piores suspeitas.

Um saguão conduzia a um vasto salão de recepção repleto de estofados de couro escuro. Em seguida, um corredor levava a um quarto sem janelas, todo revestido de madeira. Havia ali uma grande cama de casal, arrumada e com edredom. A seus pés estavam dispostos tapetes baratos com motivos florais, e na cabeceira havia dois criados-mudos com pequenas luminárias de cujas lâmpadas vinha uma luz alaranjada. Anexo ao quarto, havia ainda um enorme banheiro com chuveiro, vaso, bidê e uma jacuzzi com torneiras douradas. Para um edifício destinado ao estudo e ao ensino do *Livro verde*, aquilo era estranho e mais parecia um quarto de motel. Mas foi o cômodo seguinte que realmente espantou os visitantes e me fez gelar quando pude explorar o local. De frente para o quarto, uma porta se abria para uma sala de exames ginecológicos perfeitamente equipada – cama com estribo, projetor, equipamento de radiografia, instrumentos, instruções de uso em inglês e plastificadas. Por mais que tentasse se mostrar contido, o dr. Krekshi não conseguia esconder seu desgosto.

– Como não ficar chocado e desorientado com aquilo? – pergunta-me o renomado especialista, nomeado reitor da universidade após a revolução. – Nada, absolutamente nada podia justificar aquelas instalações. Se fosse por receio de uma urgência, o centro de obstetrícia e ginecologia do hospital se encontrava a menos de cem metros dali. Então por quê? Que práticas ilegais e perversas teriam sido realizadas naquele local, distante de todos os olhares? Posso vislumbrar duas possibilidades: interrupções de

gestação e reconstruções de hímen, ambas proibidas na Líbia. E, sem pronunciar a palavra "estupro", sou levado a imaginar uma conduta sexual perturbadora.

Ele falava com voz grave, medindo cada palavra, e ciente da monstruosidade de sua descoberta. Ele próprio me confessou ter sido o ginecologista das duas filhas de Kadafi, Aisha e Hana.

– O que vi ali me deixa numa situação estranha – reconheceu com um triste sorriso. – A família Kadafi reconhecia minha competência, e eu não pedia nada em troca. Algumas vezes, as filhas chegaram a falar do espanto do pai em relação a mim. "Ele não pede um carro? Uma casa?" Não, eu não queria nada. Nada vezes nada!

Ele sabia do apetite de Muamar Kadafi por meninas novas. Ouvira falar do que ele chamava de "toque mágico", quando o Guia colocava a mão na cabeça de suas escolhidas, indicando-as assim a suas guarda-costas. E o dr. Krekshi, que ensinava planejamento familiar e anualmente dedicava um curso ao tema "tabu", reconhecia que os hábitos sexuais de Kadafi se erguiam como o maior dos tabus. Ninguém se arriscaria a tocar no assunto, a advertir as estudantes, a montar um sistema de segurança. Era preferível não saber de nada. Quanto às vítimas do predador, o que podiam fazer era se calar e deixar discretamente a universidade. Seria impossível ter uma estimativa de seu número – das que foram convidadas a Bab al-Azizia e das que foram conduzidas à suíte presidencial camuflada sob o anfiteatro. No dia de sua descoberta macabra, o dr. Krekshi disse-me ter encontrado no cômodo "oito ou nove" DVDs contendo imagens de agressões sexuais perpetradas pelo Guia. Mas confessou tê-los destruído. Fiquei pasma.

Destruído? Não configurariam provas que, como tais, teriam de ser conservadas?

– Reflita sobre a situação. Ainda estávamos em guerra. Eu não tinha como ter certeza de que aqueles registros não cairiam em mãos irresponsáveis ou nefastas. Que não fariam deles objeto de pressões ou chantagem. Minha maior preocupação era proteger as garotas.

Uma reação estranha. Uma pesada responsabilidade. Não caberia à Justiça tomar aquela decisão?

A revelação da existência de um cômodo secreto no coração da universidade provocou um choque no *campus*. Mas nem por isso as línguas se soltaram. Podia-se difamar o ditador, pisotear alegremente as efígies com sua imagem em capachos na entrada das salas de aula, dando voz à própria repulsa. No entanto, o estupro das estudantes era algo que todos queriam ver bem longe, e um jovem a quem eu encarregara de sondar o assunto junto a alguns alunos logo me retornou a seguinte mensagem: "Desisto. É tabu". A mesma coisa de sempre. É evidente que havia testemunhas, pessoas que notaram elementos suspeitos ou ouviram falar de jovens assediadas. E não haveria ninguém disposto a denunciar o sistema?

O jovem redator-chefe do jornal semanal *Libya Al Jadida* me pareceu ser o único determinado a quebrar o silêncio.

– Eu tinha uma amiga, de uma família de origem camponesa da região de Azizia, que viera estudar medicina em Trípoli – contou-me ele. – Em uma visita à universidade, Kadafi passou a mão na cabeça dela, e no dia seguinte as guarda-costas foram à casa dela avisar que o Guia a escolhera para ser guarda

revolucionária. A família recusou, e então passaram a ameaçar seu irmão. A garota aceitou encontrar o Guia, foi violentada, mantida em cativeiro durante uma semana e depois solta com um maço de dinheiro. Seus pais se sentiram humilhados demais para recebê-la de volta. Retornar à universidade estava fora de questão. Ela estava perdida. Hoje, oficialmente ela trabalha com venda de carros. Mas eu sei que na verdade vive do comércio de seu corpo.

Com a pele clara, cabelos longos e cacheados caindo-lhe nos ombros e a fala bem articulada, Nisreen não se deixava perturbar. Criada na Líbia, no seio de uma família burguesa com um dos pais europeu, ela sabia que lhe seria impossível sobreviver no ambiente opressivo e hipócrita do regime de Kadafi e que sua realização dependeria necessariamente de estudos no exterior.

– Estávamos longe de imaginar as circunstâncias dos estupros – disse-me ela uma noite –, ainda que as festanças dos filhos do Guia e de seu bando fossem conhecidas de todos. No entanto, todas as moças cedo ou tarde seriam confrontadas com a corrupção sexual. Mulheres enviadas por Bab al-Azizia cruzavam o *campus*, plantavam-se nos banheiros, onde as garotas tranquilamente retocavam a maquiagem, se intrometiam em conversas e logo faziam propostas, inclusive financeiras.

O que havia ali era a sombra de Bab al-Azizia. A universidade toda era banhada por uma atmosfera de chantagem sexual.

– Quantas garotas não deixaram de ser aprovadas em disciplinas por ter rejeitado as investidas do professor? Quantas, perplexas por ter recebido uma nota injusta, se viam obrigadas a ter aulas muito particulares? Ouvi falar de moças que teriam se oferecido ao professor do noivo para que este pudesse obter o

diploma, indispensável ao casamento. Vi rapazes pedirem às namoradas que fizessem isso, para em alguns casos, perversamente, abandoná-las. O sexo era moeda de troca, meio de promoção, instrumento de poder. Os costumes do Guia se revelavam contagiosos. Sua máfia operava da mesma maneira. O sistema estava completamente corrompido.

É o que confirma o dr. Krekshi, alarmado com a organização que acabara por desvelar ao assumir o controle da universidade. Um sistema perfeitamente intrincado, com ramificações e espiões em todas as faculdades e administrações, e coordenado pela secretaria da instituição, em ligação com Bab al-Azizia. O objetivo? A seleção das mais belas estudantes, para, não importando o pretexto, fazê-las cair nas garras do Guia... e então de seu bando. Boas notas, diplomas, responsabilidades de prestígio, bolsas de estudos – tudo isso estaria ao alcance delas, com a condição de que se mostrassem dóceis e manipuláveis. Os presentes podiam extrapolar em muito o âmbito estudantil, estendendo-se a iPhones, iPads, carros, joias... O leilão podia tomar proporções bem elevadas para as moças mais desejadas, que, em geral, não eram as mais pobres.

– É a lei do silêncio, e ninguém jamais testemunhará sobre um estupro – garantiu-me o médico.

Apesar disso, há referência a muitas histórias que ilustram as práticas correntes, sobretudo a de uma aluna que, matriculada na faculdade de medicina, se encontrava na categoria dos paramédicos.

– Era incompreensível, considerando suas excelentes notas. Ela foi pedir explicações ao secretário-geral da universidade, que lhe

prometeu corrigir o erro com a condição de que ela se apresentasse e se disponibilizasse ao Regatta, centro de lazer à beira-mar onde os dignitários do regime e sobretudo seus filhos se lançavam aos maiores excessos. Toda Trípoli sabia disso. Era uma zona de não direito, ou melhor, de todos os direitos. A garota recusou e, durante dois anos, recebeu nota zero em todas as disciplinas que cursou. Você pode imaginar a pressão? Eu mesmo, finalmente, escrevi uma carta solicitando que ela fosse reintegrada ao curso de medicina e transmiti ao novo poder cinco outros testemunhos de jovens corajosas como prova da corrupção abjeta do sistema.

★

O cômodo sob o "auditório verde" guardará para sempre seus segredos. E, ao que tudo indica, havia outros locais frequentados pelo Guia nos quais alcovas foram adaptadas. Eram necessários sempre mais parceiros sexuais, homens e mulheres, sendo as jovens virgens sua preferência. Ele queria ao menos quatro por dia, garantiu-me Kadija, a estudante violentada que ficou muitos anos em Bab al-Azizia, forçada a seduzir outros homens do regime. Quatro, confirmou à imprensa britânica Faisal, um belo jovem que também chamou a atenção do Guia na universidade, tendo sido forçado a interromper o curso de direito para entrar imediatamente para o serviço particular de Kadafi.

– As garotas entravam no quarto dele, ele fazia o que bem entendesse e saía, como se tivesse simplesmente assoado o nariz.

Hoje com trinta anos, o rapaz enfatiza o caráter violento de Kadafi, grande consumidor de Viagra, e afirma que muitas mulheres "seguiam do quarto dele direto para o hospital", vítimas de ferimentos internos. Isso foi testemunhado também por Soraya

e confirmado por muitos interlocutores. Kadafi era não apenas insaciável, mas também sádico e de extrema brutalidade.

Assim, as escolas e universidades eram para ele viveiros naturais, em constante renovação. Foi na Universidade de Benghazi que o coronel reparou em Huda Ben Amer, mãe de Hana, sua filha dita "adotiva", que na verdade é sua filha biológica. Originária de Benghazi, ela alcançara notoriedade nacional por ocasião do enforcamento público de um jovem opositor pacifista, quando, muito entusiasmada, deixou as fileiras de espectadores para puxar com toda força as pernas do jovem suspenso na forca, acelerando com isso sua morte. Uma crueldade que lhe valeu o apelido de "Huda, a carrasca", pois a cena foi transmitida pela TV nacional. Mas Kadafi a percebera bem antes. Em 1976, afirmando sua adesão ao regime, ela se opôs às manifestações estudantis de abril, apoiando a repressão, denunciando e prendendo oponentes e trazendo campanhas de "purificação" para a cúpula dos Comitês Revolucionários.

– Jamais se vira uma moça movida por tanta agressividade, por tamanha ambição e por tal atrevimento – lembra um de seus colegas de estudo. – Ela tomava a palavra com virulência, participava de reuniões até tarde da noite e retransmitia mensagens de Kadafi com ameaças de novas execuções aos dissidentes.

Após os enforcamentos de 1977, com o apoio do coronel e falando em seu nome, ela só fez aumentar seu poder, e em um primeiro momento quase assumiu controle total de sua universidade, descartando professores e alunos que julgasse por demais distantes da ortodoxia do regime. Depois passou um tempo

fora de Benghazi, vivendo com o Guia e integrando sua guarda pessoal, para então retornar, mais influente do que nunca e visceralmente ligada a Kadafi, que decide casá-la (sendo ele padrinho) e passa a nomeá-la para importantes funções: prefeita de Benghazi, presidente do Parlamento árabe, presidente do Tribunal de Contas, ministra... Tendo se tornado uma das mulheres mais ricas da Líbia, odiada pela população e hoje detida em Trípoli – sua casa em Benghazi foi incendiada por rebeldes já nas primeiras horas da insurreição –, ela confessou a um de seus carcereiros ter sido forçada a abandonar a pequena Hana, nascida – se acreditarmos na fotocópia de um passaporte expedido em 2007 que tive nas mãos – em 11 de novembro de 1985 de seu relacionamento com Kadafi, e a quem Safia, a esposa, veio um dia buscar no orfanato de Trípoli para adotá-la.

Qualquer ambiente frequentado por mulheres poderia servir de fonte de provisões para o Guia, até mesmo os presídios, onde se chegou a ver suas guarda-costas tirando fotos de belas detentas. Salões de beleza eram fonte privilegiada e, como tal, assiduamente visitados por suas encarregadas. Festas de casamento também. Ele adorava comparecer a esse tipo de festividade, onde as mulheres vestiam seus mais belos adornos. Quando não podia estar presente, enviava emissários e passava um tempo descabido vendo fotos e vídeos da ocasião. Um fotógrafo do centro de Trípoli me confirmou esse comportamento por parte do Guia e acrescentou que, de sua parte, sempre arranjava mil e um pretextos para não enviar a Bab al-Azizia as cópias de reportagens de casamento que lhe eram solicitadas. Além disso, moças me confirmaram que evitavam ir a certas festas organizadas em grandes hotéis de

Trípoli, com medo de ser filmadas e mais tarde vistas pelo Guia ou por seu bando. Diversos pais viveram essa angústia, impedindo que as filhas, de modo geral já privadas de encontros sociais, se demorassem em festas e desfiles, tanto mais em se tratando de eventos de Bab al-Azizia. Vale lembrar que a residência do Guia, ainda que protegida como uma verdadeira fortaleza, recebia o tempo todo grupos escolares e jovens militantes – uma dádiva para o dono da casa.

Seus empregados, motoristas, guardas e soldados eram frequentemente obrigados a lhe fazer chegar fotografias e filmagens de sua festa de casamento. Alguns deles a princípio ficavam tocados com o interesse demonstrado pelo Guia, mas todos se desencantavam. Se uma convidada, irmã, prima, tinha a honra de lhe agradar, eles eram encarregados de promover um encontro. E a sorte estava lançada. Mas, se fosse a noiva a agradar o mestre, só saberiam tarde demais. O coronel, usando uma missão como pretexto, se empenharia em afastá-los de seu local de trabalho habitual e se aproveitaria disso para convocar a esposa ou lhe fazer uma visita. Uma visita nada cortês, porque, se a mulher resistisse, resultaria em estupro. Quantas história terríveis me foram contadas sobre guardas movidos pela raiva, pelo despeito e pelo ciúme, após a confissão de sua jovem mulher, que quiseram se vingar do Guia e foram assassinados sob suas ordens. Muitos foram enforcados, outros esquartejados. Dois tiveram os braços e pernas amarrados a carros que arrancaram em direções opostas. A cena, filmada, foi exibida aos guardas contratados posteriormente, para que soubessem quanto custava trair o mestre de Bab al-Azizia.

Enfermeiras, professoras, puericultoras também eram alvos. A

diretora de uma creche de Trípoli relatou-me como uma de suas belas funcionárias recebeu certo dia a visita de três amazonas, que vieram lhe solicitar que se juntasse a uma equipe de jovens escolhidas para receber com flores, no aeroporto, uma delegação da África do Sul. "O mais importante: esteja linda!" Alguns dias depois, passaram para apanhá-la em um micro-ônibus, que de repente deixou a rota do aeroporto e tomou o caminho de Bab al-Azizia. Uma surpresa que alegrou o grupo, já que o Guia logo as recebeu, improvisando um pequeno discurso. Porém depois, enquanto todos voltavam ao ônibus, a puericultora se viu encurralada em um pequeno cômodo com uma jacuzzi, no qual duas enfermeiras a submeteram a uma coleta de sangue em caráter de urgência. Kadafi reapareceu em seguida, e não estava nada sorridente. Suas intenções eram bastante claras. A jovem entrou em pânico.

– Eu lhe imploro, não me toque! Sou da montanha. Tenho um noivo!

– A escolha é sua – respondeu o Guia. – Ou mato você, ou deixo que se case, lhe dou uma casa e você será dos dois.

★

Um colaborador próximo do ditador, que trabalhava diariamente com ele, mas sem nenhum poder de decisão, acabou aceitando – com grande reticência – tocar no assunto. Negou logo no início saber o que quer que fosse do que ele chamava de "a vida privada do irmão Guia" e disse ter recusado terminantemente qualquer envolvimento com isso.

– Eu não saía à noite e jamais, posso lhe jurar, pus os pés no subsolo da residência do Guia. – Uma bela maneira de indicar que

o local era onde residiam todos os perigos.

Mas, conforme a confiança se instalava e mediante a promessa de que eu não citaria seu nome, ele acabou se referindo ao serviço de "proxenetas", encarregados de "responder às necessidades sexuais" do ditador.

– Eram cortesãs desprezíveis e vis, que rastejavam diante dele e brigavam entre si para satisfazer seus desejos.

Assim resumiu a situação: Muamar Kadafi podia ser descrito como sexualmente obcecado – "Era a única coisa na qual pensava seriamente" –, e esse vício "maldito" o levava a analisar tudo pelo prisma do sexo.

– Ele governava, humilhava, escravizava e sancionava pelo sexo.

Mas havia dois tipos de presas. Havia o "feijão com arroz", jovens de preferência, vindas das camadas populares, que eram seu alimento cotidiano, não representando nenhum desafio particular, para as quais ele acionava o que se chamava de "serviço especial", algo próximo ao serviço do protocolo e que nos últimos anos foi conduzido pela terrível Mabruka Sherif, tantas vezes citada no testemunho de Soraya. Ele pegava essas jovens na maioria das vezes à força – algumas poucas, particularmente doutrinadas, se diziam lisonjeadas por ser "abertas" pelo Guia –, e podia recompensar fartamente aquelas das quais se saciara, que aceitavam voltar e até recrutar novas garotas. E havia as outras, aquelas que ele ambicionava possuir. Aquelas cuja conquista e dominação se tornavam um desafio pessoal. Estas se convertiam em troféus extraordinários.

Para chegar até elas, ele se mostrava paciente, sumo

estrategista, lançando mão de muitos meios. Entre elas certamente estavam as estrelas – cantoras, dançarinas, atrizes e jornalistas de TV dos Orientes Próximo e Médio. Ele era capaz de enviar um avião ao fim do mundo para apanhá-las e cobri-las de dinheiro e joias, antes mesmo de sua chegada. Elas satisfaziam seu narcisismo – "Posso ter todas elas" –, mas não era bem isso o que mais lhe interessava. O que o excitava profundamente era possuir, por uma hora, por uma noite ou por algumas semanas, filhas ou esposas de homens poderosos ou de seus oponentes. A questão estava menos em seduzir a mulher e mais em humilhar, por meio dela, o homem responsável por ela – "Não há ofensa pior na Líbia" –, e com isso espezinhá-lo, aniquilá-lo, ou, caso o segredo jamais viesse à tona, assumir uma ascendência sobre ele, aspirar a seu poder e dominá-lo, ao menos psicologicamente.

– Esse filho de beduínos, nascido numa tenda, que na infância e na juventude sofrera com a pobreza e com o desprezo, amadureceu tão somente pela sede de vingança – analisou seu colaborador. – Tinha horror aos ricos e se esforçava para empobrecê-los. Detestava os aristocratas e os bem-nascidos, pessoas que, naturalmente, possuíam o que ele jamais teria: cultura, poder e boa maneiras, e jurou que os humilharia. Isso se dava em ampla medida por meio do sexo.

Ele era capaz de coagir ministros, diplomatas e militares de alta patente a ter relações sexuais com ele.

– Eles não tinham escolha, pois a recusa lhes renderia uma condenação à morte, e o ato pelo qual ele manifestava seu total domínio era de tal maneira vergonhoso que ninguém viria dar queixa ou tirar partido de sua condição de vítima.

Por vezes, ele exigia que liberassem suas mulheres para ele. Caso contrário, ele mesmo cuidaria disso, se valendo de armadilhas como convites na ausência do marido e visitas, sem dúvida provocando confusão e pânico nos envolvidos.

– Mas era pela vontade de possuir as filhas que ele se superava. Podia ser um trabalho a longo prazo, a demandar o tempo de reunir fotografias e informações dessas moças; de observar seus gostos, seus hábitos, suas saídas; de se aproximar delas e então cercá-las, fazer o corpo a corpo, com a colaboração de suas famosas guardas e cafetinas. Diziam quanto o Guia as admirava. Faziam com que vislumbrassem dinheiro, um carro, talvez um BMW ou uma caminhonete possante, um diploma de medicina, se pretendessem estudar, ou um consultório na cidade, se tivessem o sonho de ali se estabelecer. Tudo era possível.

Que triunfo quando essas moças finalmente chegavam a ele! Que influência ele teria sobre o pai delas!

16
Senhor do universo

Entre os artigos de luxo do ditador, as "presas especiais" que cobiçava, estavam esposas e filhas de soberanos e chefes de Estado. Como não se transformara naquilo que desejava, o "rei dos reis da África", Muamar Kadafi sonhava ao menos em possuir suas esposas, uma maneira de sobrepujar a todos. Porém, nessa esfera, seria impensável recorrer à coação e à força. Era preciso tino, diplomacia e dedicação. E muito, muito dinheiro. Diversas esposas rapidamente compreenderam que poderiam conseguir qualquer coisa com o Guia, e muitas não se faziam de rogadas quando se tratava de solicitar um encontro com ele, indo elas próprias buscar ajuda financeira para um hospital, fundação ou qualquer outro projeto de seu agrado. Ele distribuía dinheiro a seu bel-prazer e fazia o possível para conseguir seu objeto de desejo. Algumas filhas de chefes de Estado de países africanos, com costumes mais liberais que as líbias e habituadas à opulência, se faziam convidar por ele em Trípoli e não pensavam duas vezes ao pedir a "papai Muamar" que financiasse suas férias, estudos e projetos empresariais, como o lançamento de uma produtora de programas de tevê. O escritório do Guia, e logo em seguida seu quarto, punha-se de portas abertas. Foi assim que a filha de um ex-presidente do Níger fez parte,

durante muito tempo, de sua intimidade e o acompanhou em diversas viagens oficiais. Mas o coronel também apreciava a ideia de correr riscos e seduzir as esposas sob o nariz de seus maridos. As grandes cúpulas internacionais lhe davam a oportunidade de empregar todos os seus talentos.

Uma mulher de cerca de quarenta anos, que durante muito tempo trabalhou a serviço do protocolo do Guia, recebeu-me em um salão de chá de um elegante bairro de Trípoli. Uma amiga lhe falara de minha pesquisa, e ela aceitou participar. Foi algo um tanto inesperado, após uma série de recusas que eu recebera. Pequena, delicada, bastante vivaz, ela não usava véu e olhava-me direto nos olhos, amistosa e, posso dizer, combativa.

– Sinto como se tivesse o dever de lhe contar – ela me disse. – Não pude participar da revolução nem pegar em armas contra Kadafi. Mas juro que tive vontade. Encontrar você, contribuir para revelar a verdade sobre o que foi o regime, é um modo de dar minha contribuição à revolução.

Ela confessou que havia se desencantado no tempo em que servira ao protocolo. E perdera todas as ilusões a respeito do Guia, e mesmo as forças morais que a animavam. Ela acreditara em trabalhar pela Líbia, servir a um grande propósito que se viabilizava na pessoa de um visionário íntegro. E eis que se viu em meio a um sistema de benesses, adulações e corrupção sexual que acabou por aniquilar todas as suas convicções. Ela tentava seguir adiante, proceder de modo que seu trabalho, no que dependesse dela, fosse irrepreensível. Mas não foi preciso muito tempo para descobrir que a obsessão de Kadafi por sexo dava sua marca ao regime como um todo e era capaz de destruir toda e qualquer

organização minuciosa de cúpulas e visitas de chefes de Estado, das quais seu serviço se encarregava. Ela estava revoltada.

– Ele brincava com fogo, o todo tempo quase chegando às raias do incidente diplomático. – Ele passava por cima de todas as regras. – A esposa de um chefe de Estado em visita era conhecida pelo grande interesse por escolas? Então nossa tarefa seria organizar para ela um programa que correspondesse às suas expectativas: encontros com profissionais da educação, visitas a estabelecimentos de ensino. No entanto, no dia D, a agenda cuidadosamente elaborada ia por água abaixo: um carro de Bab al-Azizia vinha apanhar a primeira-dama para uma "entrevista particular" com o Guia. Uma entrevista! Aquilo não tinha o menor cabimento. Mas eu logo entendi. Era melhor mesmo esquecer a escola. No dia seguinte, a mulher recebia uma maleta com quinhentos mil dólares em espécie e uma parure de ouro ou diamantes.

Em novembro de 2010, a Terceira Cúpula África-União Europeia foi sediada em Trípoli. Parte do serviço do protocolo foi encarregada de organizar a recepção às esposas de chefes de Estado e diferentes atividades que poderiam agradá-las. Um pequeno dossiê fora preparado sobre cada uma delas, trazendo sua foto e currículo. Uma acompanhante seria designada a cada uma delas, para todos os seus deslocamentos. No dia da chegada das comitivas, Mabruka Sherif se apresentou no escritório do chefe do aeroporto, onde estavam reunidos os dossiês. Examinou todas as fotos das primeiras-damas e se deteve em uma delas, dotada de uma formidável cabeleira e de um rosto particularmente espetacular.

– Providencie uma cópia desta ficha. É para o Guia.

O primeiro dia da cúpula se deu conforme as regras, com cada delegação se instalando à noite no local de estada que lhe fora designado. Na manhã seguinte, Mabruka telefonou para o serviço do protocolo:

– Acompanhe-me para encaminharmos os presentes.

Então um carro percorreu o circuito de hotéis e residências de luxo onde estavam acomodadas as diferentes delegações. E a funcionária do protocolo descobriu, tão estupefata quanto algumas das esposas, a opulência dos presentes.

– Eu acreditava já ter visto muita coisa na vida, mas aquilo... nem nos meus sonhos. Havia colares resplandecentes!

Mabruka fez ar de mistério.

– Pois quando você vir o que foi comprado para a mulher da foto...

De fato. Quando ela apresentou o estojo daquela primeira-dama de um país africano, conhecida por seu gosto pelo luxo e também pelos detalhes escandalosos de sua vida extraconjugal, todos ficaram de queixo caído: a parure de diamantes era de tirar o fôlego.

– Eu não sabia que uma coisa daquelas pudesse existir. Era... como um colar de ficção científica.

Mabruka soltou:

– O Guia gostaria de vê-la.

A dama aquiesceu.

Um grande jantar oficial foi realizado naquela noite no Hotel Rixos, o palácio cinco estrelas de Trípoli. Kadafi reinava no centro de uma mesa em U, cercado pelos chefes de Estado. Três mesas

redondas reuniam as mulheres. Como que por acaso, Mabruka sentou-se ao lado da suntuosa esposa. Ao fim do jantar, enquanto todos se levantavam, ela a tomou pela mão e deu um jeito de se pôr no caminho do Guia, que obviamente se aproximou e saudou-a com mil elogios. Às duas da manhã, Mabruka chamou a funcionária do protocolo.

– A que horas parte o avião dessa mulher?

– Às dez.

– Vou mandar um carro até você. Faça o possível para que ela esteja às nove em Bab al-Azizia.

– Impossível! Tenho que cuidar da partida de todas as delegações amanhã de manhã, certamente estarei ocupada com outra coisa.

– Certo, eu me encarrego disso. Mas dê um jeito de atrasar o avião.

Às dez da manhã, o marido esperava a esposa em uma sala do aeroporto. Às onze ela ainda não havia chegado. Nem ao meio-dia. A preocupação dos funcionários do protocolo e da delegação ficou evidente. A esposa chegou à uma e meia da tarde, desenvolta e sorridente, com o zíper da roupa justa semiaberto nas costas.

Outra vez, um grande jantar de primeiras-damas estava sendo oferecido por Safia, a mulher do ditador, em um luxuoso restaurante giratório no vigésimo sexto andar da torre de Trípoli. Perto da meia-noite, terminado o evento, um cortejo de carros saiu do moderno complexo situado de frente para o mar da capital, devendo deixar cada uma das damas nos respectivos hotéis. De repente, um dos carros se desviou do comboio. O motorista recebera ordem para seguir, o mais discretamente possível, em

direção a Bab al-Azizia. No entanto, ninguém no hotel fora avisado. A delegação encarregada de acompanhar aquela primeira-dama deu mostras de extrema agitação, e seu chefe do protocolo estava à beira de um ataque.

– Isso é uma vergonha! – reclamava, aos berros, aos organizadores líbios. – Onde está a primeira-dama? Como é que vocês podem perder a mulher de um chefe de Estado no meio da noite?

Tentaram acalmá-lo: em Trípoli reinava a segurança, e aquilo não passaria de um pequeno contratempo. Com o telefone em punho, ele estava apavorado, não sabia quem avisar. Sem argumentos, os funcionários do protocolo líbio preferiram se calar. Estavam confusos diante da situação, mas pelo menos não estavam preocupados com o paradeiro da primeira-dama. Ela acabou aparecendo às três e meia da madrugada.

Muitas outras histórias me foram detalhadamente relatadas. Sobre mulheres de chefes de Estado, mas também sobre ministras de países estrangeiros, embaixatrizes, presidentas de delegações. E até mesmo sobre uma filha do rei Abdullah, da Arábia Saudita. Kadafi estava disposto a tudo para tê-la, uma vingança suprema após uma grave disputa que o opôs ao pai dela, na época apenas príncipe herdeiro de seu reino. Todos os meios foram postos à disposição de uma intermediária libanesa para levá-lo até a garota. Sem sucesso, a alcoviteira conseguiu convencer uma marroquina que morara na Arábia Saudita a se fazer passar pela princesa durante um único encontro, estando em jogo um elevado montante em dinheiro. Cego de orgulho, o coronel foi enganado.

Às vezes, no olhar ardente de minha interlocutora e de muitas

outras, eu parecia notar a mesma inquietude que encontrara no começo em Soraya: Ela vai acreditar em mim? Estou me fazendo crer? Tudo aquilo era tão extravagante. Eu tomava notas sem fazer comentários. Pedia que precisasse alguns aspectos, datas. Ela os dava, sempre me implorando que não revelasse nomes. A maior parte das histórias me foi confirmada mais tarde por duas outras pessoas, intérpretes, que trabalharam no mesmo serviço, e por membros do poder atual.

Por fim, havia as mulheres em princípio proibidas, por isso especialmente desejadas por aquele que tinha todos os direitos: as amantes e esposas de seus filhos e primos. Em relação a isso, os rumores eram muitos. Um líder rebelde me disse ter recebido pessoalmente a confissão de uma beldade, hoje no exterior, que se dizia "enojada" com os costumes daquela família "degenerada" e declarara ter tido de ceder uma dúzia de vezes às insistentes investidas do Guia. Não me detive especialmente nessa denúncia, não vendo aí mais que uma nova indignidade no seio de uma família sobre a qual ninguém mais alimentava ilusões. Até que me deparei com a primeira página do jornal *Libya Al Jadida* de 28 de fevereiro de 2012, anunciando uma entrevista com um dos primos mais próximos de Kadafi. Em um país onde a imprensa foi o tempo todo amordaçada e onde o sexo continuava a ser tabu, o artigo que se seguia era muito espantoso.

Entrevistado na prisão, Sayed Kadafi Eddam, facilmente reconhecível pela história e pelas iniciais, denunciava o estupro brutal de sua esposa por seu primo Kadafi. Um estupro, dizia, premeditado por um homem sem fé nem lei, que, quando desejava uma mulher, "pura e simplesmente acionava pessoas que

o punham em contato com um clã, uma tribo ou uma família", a não ser quando queria usar a mulher para "esmagar" o marido dela. Um estupro perpetrado repetidas vezes, afirmou, enquanto ele estivera afastado de seu posto em missões militares. Essa violência teria levado a esposa, seu "grande amor", a rejeitar todo e qualquer vínculo com o clã Kadafi e a pedir imediatamente o divórcio, aceitando às pressas um posto no estrangeiro. Para salvar a si própria. E para proteger a filha, pois ela não queria que a família fosse "atingida duas vezes pela mesma sorte". A escolha de palavras era sentimental, e o tom, espantosamente lamurioso para um homem conhecido por todo tipo de vilania e pela proximidade com o Guia. "Ele se serviu dela como de um prato quente, a ponto de fazê-la odiar sua própria condição feminina."

Segui assim rumo à prisão Al-Huda, em Misrata. A acusação era extremamente grave, e era a primeira vez, até onde eu soubesse, que um homem "da família", cuja ex-mulher fizera carreira diplomática nas Nações Unidas, revelando-se aguerrida defensora do coronel, assumia o risco de se expor em terreno tão minado. Alguns anos antes, e pelas mesmas razões, a ira de outro primo da tribo Kadafi provocara seu terrível linchamento em público. Na prisão, me levaram ao quarto de Sayed, situado na enfermaria – havia uma bagunça de maletas, caixas de papelão, livros e medicamentos, e uma cadeira de rodas escondida em um canto. Trajando uma djelaba marrom, o primo de Kadafi me recebeu deitado de lado na cama, uma mão gorda apoiando a cabeça cingida por um turbante com pompons azuis, a outra afundada em uma travessa de tâmaras e outras frutas secas. Mal barbeado, de olhar dissimulado e barriga proeminente, lembrava um paxá de

pinturas orientalistas, lasso e decadente. Nascido em 1948, parecia dez anos mais velho e sofria de uma paralisia parcial. Mas não parecia desgostoso, pelo contrário – várias vezes se referiu à consideração com que o tratavam ali, o que lhe deixava tempo para escrever um terceiro romance.

Dei início a nosso encontro tratando da entrevista concedida ao jornal líbio, declarando abertamente minha satisfação em ver um homem do alto escalão, como ele, contribuir para fazer aflorar a verdade sobre os crimes sexuais do ditador. Instaurou-se um mal-estar... Ele pigarreou, sacudiu a cabeça para afastar um pompom malicioso que escapara do turbante e tentou um olhar grave.

– Foi um mal-entendido.

– Perdão?

– Eu jamais falei em crime sexual.

– Pode não ter sido a palavra que usou, mas o senhor descreveu as manobras de Kadafi para afastá-lo enquanto coagia sua mulher a...

– Minha ex-mulher sempre me foi fiel! Minha honra está garantida!

– A questão não é a sua mulher. É Kadafi que o senhor acusa de...

– De nada! Vou dar queixa contra o jornal que inventou essas coisas. Não quero que a história me ligue a esse dossiê! E esse tipo de coisa não se faz, críticas no seio da família!

Ele se manteve inflexível. Foi impossível abordar os fatos, então rodeamos o tema. Para ele, não era o caso de incriminar o primo.

– Não se deve ficar revolvendo o túmulo dos mortos; só Deus

pode julgá-los.

Mas ele estava tão preocupado em se esquivar de qualquer cumplicidade que só podia mesmo tomar distância.

– Como intelectual, eu não podia aprovar certas ações. – E depois: – Como beduíno, eu o considerava um ultraje a nossos valores. – E finalmente: – Como militar, eu mesmo estruturei a caserna Al-Saadi, em 1979, onde se encontra o túmulo de meu pai. Ficava horrorizado com o fato de ele levar aquelas mulheres ali. Aquilo me deixava injuriado!

No dia seguinte ao da entrevista, corri à sede do jornal que divulgara o caso do estupro. Sayed Kadafi Eddam de fato telefonara da prisão, terrivelmente embaraçado com as reações ultrajadas de sua família ao artigo. Mas o redator-chefe mantinha cada palavra do que fora dito, afirmando que aquilo só confirmava o que toda Trípoli sabia havia muito tempo. A sequência da entrevista, sobre um assunto completamente diferente, foi publicada em outro número do jornal, com uma foto de Sayed no meio da página dando as declarações... para o gravador do jornalista. Sim, o que o primo extravagante dissera fora gravado.

17
Mansur Dau

As únicas imagens dele disponíveis datam de sua captura, em 20 de outubro de 2011, no mesmo instante em que Muamar Kadafi foi capturado. Um vídeo curto, filmado em ambiente caótico por rebeldes munidos de um celular, o mostra descomposto, com os cabelos desgrenhados e a barba por fazer, e com um ferimento sob o olho direito provocado por estilhaços de explosivos. Sua fuga desvairada com o Guia líbio, do qual fora o temido chefe da segurança, terminava em uma carnificina à beira do deserto. Era a terrível imagem de um vencido.

Ele ficou até o fim ao lado do ditador líbio, deixando Bab al-Azizia às pressas quando os insurgidos já ocupavam Trípoli, avançando para Bani Walid, onde Kadafi se despediu da família antes de tomar a direção de Sirte, a oeste, passando a se esconder em casas comuns que logo ficaram sem recursos, sem luz elétrica, sem alimentos, cada vez mais cercadas pelos rebeldes, até a última tentativa de fuga ser tolhida, no alvorecer, por tiros da OTAN. Do último círculo de fiéis, ele era um dos poucos sobreviventes. E, dos prisioneiros capturados pelo novo regime, ao lado de Saif al-Islam, filho de Kadafi, era o mais importante. Seu nome encarnava o terror perpetuado por décadas. Mais recentemente, confundia-se

com os atos de barbárie – estupros, torturas, execuções – cometidos no país para reprimir a revolução. Toda a Líbia esperava que ele se explicasse. Mas Mansur Dau não falava. Ao menos assim me prevenira Ibrahim Beitalmal, membro do Conselho Militar de Misrata e responsável pelos prisioneiros militares, ao me conceder autorização para encontrar o detento.

No sábado, dia 10 de março, ele adentrou a grande sala de reuniões de um edifício do exército nacional em Misrata, com aparência descontraída – blusão cáqui, boina de lã enfiada na cabeça – e ar descansado. A barba branca estava bem aparada e um leve sorriso irônico se desenhava em seus lábios. Ele aceitara dar entrevista sem saber qual seria o tema. Talvez visse aí uma distração para seus dias solitários.

– Estive quatro vezes na França – disse logo ao chegar. – Foi um prazer.

Muito bem, mas não estávamos ali para falar de amenidades. O motivo de minha vinda, anunciei, era tratar de um assunto tido como tabu – os crimes sexuais do coronel Kadafi –, e eu esperava que ele me contasse o que sabia a respeito.

– Nada – respondeu ele. – Eu não sabia de nada. Na condição de membro da família, eu lhe devia respeito. Então estava fora de questão tocar nesse assunto. Aliás, eu até me condicionava a não olhar nessa direção. Tomar distância disso tudo era o melhor meio de manter o respeito por mim mesmo. Eu me preservava.

– No entanto, o senhor sabia que Kadafi praticava violência sexual contra jovens e garotas?

– Não nego nem confirmo. Todo mundo tem direito à privacidade.

– Privacidade? É possível falar em vida privada quando relações sexuais são praticadas sob coação, cumplicidades se multiplicam e os serviços do Estado estão envolvidos?

– Algumas pessoas sabiam. Não era o meu caso.

– O senhor sabia que várias moças eram mantidas em cativeiro no subsolo da residência oficial?

– Juro que jamais fui àquele subsolo! Sou comandante, faço parte do mais alto escalão das forças armadas. Defendi tese em Moscou sobre comando militar. Quando eu entrava numa caserna, todo mundo tremia de medo. Eu sempre soube como me fazer respeitar. E, mais ainda, sempre soube como me manter afastado de tudo isso!

Tudo isso? O que ele entendia por essa expressão? De repente, ele pareceu pouco à vontade. Era evidente que esperava ser confrontado – e se esquivar – com perguntas sobre a guerra, armas, brigadas e mercenários. Certamente nada que envolvesse mulheres. O terreno se tornara escorregadio. Ele se pôs em estado de alerta.

– O que pensava um oficial de alta patente, como o senhor, ao ver seu líder desembarcar diante de chefes de Estado cercado de guarda-costas mulheres, a maior parte das quais eram jovens amantes sem formação militar?

– Eu não era responsável por essas viagens e me recusava a tomar parte delas! Durante o breve período em que chefiei a brigada de proteção do Guia, posso lhe assegurar que não havia nenhuma garota desse "serviço especial".

– O senhor não se sentia insultado por esse engodo?

– O que eu poderia dizer? Eu não detinha o monopólio do

exército líbio. Eu até podia não estar contente, mas não tinha poder para fazer nada. Seja como for, as mulheres não são feitas para o exército. É contra a natureza. Se tivessem pedido minha opinião, a Academia Militar Feminina jamais teria existido.

– Kadafi acreditava sinceramente nessa academia quando a criou, em 1979?

– Talvez. Mas acima de tudo acredito que foi a academia que lhe deu a ideia de usar as mulheres para outros fins...

Ele esboçou um riso discreto e buscou no olhar do diretor da prisão um traço de cumplicidade masculina. Do tipo: você sabe o que quero dizer com "usar as mulheres para outros fins". Então lhe perguntei se conhecia as guarda-costas de que me falara Soraya, em especial Salma Milad, com estatura de armário e revólver na cintura, que zelava pelo Guia, o acompanhava em todos os seus deslocamentos, cuidava de suas roupas e... martirizava suas pequenas escravas. Ele não hesitou. Era evidente que a conhecia! Chegara a reconhecer nela certa competência adquirida na Academia Militar. Mas a posição preponderante que conquistara junto a Kadafi lhe estava atravessada desde então.

– A senhora sabe, eu ficava chocado com aquilo. Ficava mesmo incomodado com aquela proximidade ostensiva. O que a senhora pensa? Eu protestava contra aquilo tudo! E quando ela esteve sob os meus comandos, eu não deixava passar o menor deslize. Certa vez, estávamos em missão em Kufra, no sul do país, e eu a repreendi pelo canal de rádio interno. Kadafi interceptou a conversa e interveio, furioso: "Nunca mais fale com ela desse jeito! Um dia, você vai ver, vou nomeá-la general. E ela estará acima de você!" Aquilo me fez subir o sangue. "Mesmo se você nomeá-la

general, para mim ela sempre será Salma Milad!" Todos os receptores ligados à rede ouviram aquilo. Kadafi foi severamente ofendido. Como é que se podia falar daquele jeito com o chefe do exército? Ele mandou um avião me buscar, e eu peguei trinta dias de solitária. E então? O que a senhora acha? Isso mostra que eu tenho valores! Que eu tenho moral! Que eu tenho um limite!

Mansur Dau se afrouxava pouco a pouco. Tendo me dito que ainda não se permitia a menor crítica a seu Guia, eu o sentia pressionado a se desvencilhar de toda cumplicidade com tema tão espinhoso. Ele não revelava nada, tudo ficava subentendido, mas confirmava que a maior parte das maquinações de Kadafi era de conhecimento dos que lhe eram próximos – alguns até chegavam a se indispor com ele –, porém o Guia não recebia nenhuma crítica. A relação do chefe com as mulheres, militares ou não, era de âmbito privado. O raio podia cair sobre quem quer que o contrariasse. Em contrapartida, aos que soubessem compreender, incentivar, facilitar a obsessão nefasta de seu mestre, estaria destinado um poder considerável dentro do regime. E Mansur Dau não conseguia esconder seu desprezo.

– Como essa atividade se organizava?

– Era protegida pela cortina do serviço do protocolo, dirigido por Nuri Mesmari, um conspirador que chegava a ter a audácia de se pavonear num uniforme de general, e que era chamado de "general para assuntos especiais", para evitar a pronúncia da única expressão que lhe cabia.

– E qual seria?

– Sinto muito em lhe dizer: "general das putas"! Ele procurava mulheres em toda parte, era sua especialidade e sua principal

função. Chegava a pegar prostitutas de rua.

– E Mabruka Sherif?

– Era essencial no aparato todo. Ela tinha ainda mais influência com Kadafi, a quem estava permanentemente colada. Aquela mulher me causava tamanha repulsa que por três vezes me recusei a apertar sua mão. Ela dispunha de redes e se ocupava, entre outras coisas, das mulheres de chefes de Estado. Praticava magia negra, e tenho certeza que recorreu a ela para que Kadafi ficasse em suas mãos.

– Ele acreditava em magia negra?

– Ele negava, mas, por mais que se viva numa época de ciência, até os dirigentes ocidentais consultam videntes. De qualquer forma, lhe prevenimos diversas vezes que Mabruka Sherif e Mesmari recorriam à magia negra. Lembro que certa vez estávamos em cinco militares de alta patente com Kadafi no carro, eu no volante, e dissemos a ele: "Fique atento! Você está sendo vítima de magia negra, e aqueles dois querem acabar com a sua imagem". Ele deu de ombros. "Tenho total confiança em ambos." Minhas advertências foram em vão. Ele era o chefe do Estado, e eu um mero funcionário. Não seria eu a responder por seus crimes!

– Quando o senhor teve a oportunidade de lidar com o serviço de protocolo?

– Praticamente nunca, porque, como lhe disse, sempre me recusei a participar das viagens oficiais organizadas por Mesmari. Ainda assim fui convocado, para a França, para a Espanha etc. Chegavam a botar meu nome na lista e reservar quarto para mim, mas eu recusava. Não queria me envolver com aquilo.

– Envolver-se com o quê?

– Com aquelas histórias com mulheres.

– Porque as viagens eram propícias ao tráfico de mulheres?

– Ouvi dizer muita coisa, pois havia conflitos com os verdadeiros militares. Mesmari falava vários idiomas e, na condição de chefe do protocolo, fazia de tudo para disfarçar as chegadas de mulheres em "comissões", "delegações", "grupos de jornalistas". Sei também que esse serviço "especial" era um negócio bastante lucrativo para os responsáveis, sobretudo quando viajavam para o exterior e começavam a fazer tráfico. Eu soube me proteger.

Foi então que eu trouxe à baila o testemunho de Soraya. Seu rapto em Sirte por Salma e Mabruka, os sucessivos estupros, o cativeiro no subsolo de Bab al-Azizia. Ele balançava a cabeça negativamente, com ar acabrunhado.

– Eu não era consultado sobre esse tipo de assunto. Eu poderia me opor. Ele teria me posto na cadeia. Juro que não sabia nada sobre aquele subsolo! Isso vai contra os meus valores! Sou um militar respeitado, pai, avô. A senhora conseguiria me imaginar como estuprador? Como cafetão? Nunca! Eu seria incapaz de me deitar com uma mulher contra a vontade dela!

Fez-se um instante de silêncio, durante o qual ele pareceu perdido em pensamentos. Suspirou profundamente, lançou um olhar demorado em direção aos dois rebeldes responsáveis pela prisão e exclamou, erguendo os braços:

– Ele, que deveria ser o pai espiritual da nação! É terrível!

Ele estaria realmente surpreso ou seria teatro? Era concebível o fato de o chefe da segurança da Líbia estar extremamente surpreso ao ouvir falar dos crimes perpetrados pelo mestre de Bab al-Azizia,

enquanto tantos funcionários – guardas, motoristas, enfermeiras – sabiam de tudo?

– Eu não tinha contato com a intimidade dele! Éramos próximos e parentes. Fiquei do lado dele até o fim. Cheguei a cuidar dele enquanto esteve ferido, o ajudei a se esconder. Mas juro que fico chocado com essas informações! Quando ouço falar da sala de exames ginecológicos na universidade, até me arrepio.

– É possível dizer que o sexo era uma arma política?

– Convenhamos, isso é clássico! A senhora bem sabe que o sexo como arma é utilizado em todo lugar. Até mesmo na França. Quando fui lá pela primeira vez, fiquei sabendo que o serviço secreto francês havia contratado uma tunisiana para me pegar numa armadilha. Pode até ser uma boa arma, mas comigo não funciona. Nisso aí não sou a caça. Estou mais para caçador. Muitas vezes Kadafi mandava que suas garotas armassem para pessoas que lhe eram próximas e das altas esferas do poder. Alguns caíram nessa.

– O senhor sabia que ele obrigava alguns ministros a ter relações sexuais com ele?

– Não me surpreendo. Há tanto ambicioso por aí. Tinha até aqueles que, para obter favores, estavam dispostos a entregar a mulher ou a filha! Isso é o cúmulo da desonra na cultura líbia. É a marca do sub-homem.

– Ele chegou a tentar estuprar esposas de primos.

– É preciso não ser homem para aceitar que alguém toque em sua própria mulher.

– E como se deve reagir?

– Matando o estuprador. Ou então impondo a morte a si

mesmo.

– Não haveria como o senhor ignorar que ele também agrediu esposas de guardas e de militares.

– Garanto que ele jamais tocou em alguém da minha família! Sempre fiz de tudo para protegê-la.

– Como?

– Eu me assegurava de que minha mulher nunca entrasse num carro que não fosse conduzido por mim ou por meus filhos. Não tínhamos motorista. Exceto quando ocasionalmente recorri aos serviços do irmão de minha esposa, porque ele era ainda mais cuidadoso que eu. E ciumento!

– Então o senhor desconfiava de Kadafi?

– Não o convidei para os festejos de casamento de meu filho. No terceiro dia, Safia veio nos parabenizar e tirar uma fotografia com os noivos. Não passou disso.

– Por quê?

– Eu não queria que minha família, tão respeitada, fosse vítima de suas manobras. A festa de casamento foi na minha casa, pois eu temia as câmeras dos hotéis. A orquestra era composta só de mulheres, a recepção era cem por cento feminina, exceto por meu filho. E nós proibimos telefones celulares, para que não vazasse nenhuma imagem.

– O senhor imaginava que, se convidado à recepção, ele poderia ter escolhido uma vítima?

– Ele não ousaria desejar uma de minhas convidadas. Sabia muito bem como eu reagiria. Mas eu preferi tê-lo afastado. Se viesse, ele certamente estaria acompanhado daquelas vadias, sempre a tiracolo. E aquilo me aterrorizava.

Que confissão! Quanta desconfiança! Não sentiria remorso por ter seguido até o fim um canalha tão pouco respeitável? Ele se ajeitou na cadeira e levou um tempo para responder.

– No início – disse ele –, eu tinha fé, e não tinha a menor ideia sobre até onde iam seus abusos. Agora que ele está morto, de que serviria ficar manifestando meu arrependimento pessoal? Guardo isso para mim, lá no fundo. Protegi minha família, e isso para mim é o mais importante. E me submeto agora à justiça do povo líbio. Vou aceitar o veredicto. Mesmo que seja a condenação à morte.

Ele se levantou para ir embora, aguardando o carcereiro que o acompanharia. E fez uma última reflexão:

– Sabe, quando cheguei aqui em Misrata, essa cidade destroçada pela guerra, havia perdido sangue, estava ferido, quase morto. Cuidaram de mim e me trataram com respeito. Tenho que dizer isso. Estou dormindo num colchão que o diretor da prisão trouxe da casa dele. Ele me deu o que vestir. Estou descobrindo o prazer de falar com homens de bem, que combateram do lado da rebelião, e há um laço quase fraterno que nos une. Estranho, não é?

18
Cúmplices e aliciadores

Retorno a Trípoli, essa estranha cidade, ao mesmo tempo moderna e ultrapassada, congestionada, desnorteada, desnaturada, que já não sabe quem é. Talvez ela tenha um charme escondido. Sem dúvida, nos meandros de sua medina, cercada por muralhas, deve ser possível encontrar souks* e portais de madeira esculpida, velhas casas otomanas, mesquitas suntuosas e palácios secretos. Assim como é bem provável que alguns bairros centrais ainda tenham belos vestígios da época italiana, e nas noites de verão a Praça dos Mártires deve ser um lugar arejado, onde as crianças podem correr e brincar. Contudo, no inverno de 2012, especialmente úmido e frio, não consigo estar sensível à sedução dessa estranha capital, que margeia o Mediterrâneo sem ousar contemplá-lo.

Eu cruzava a cidade em um táxi branco e preto avariado, com o para-brisa constelado por estilhaços e a porta penalizada. O motorista se divertia. Impetuoso, tomava de assalto vias intransitáveis, ignorando preferenciais e semáforos, entoava os cantos revolucionários do rádio e em momento algum deu a entender que conhecia o endereço que eu lhe passara. “Yalla!” Vamos lá!

Ele improvisava um concerto de buzinas, parava bruscamente para pedir informação, relembrava muitas vezes o caminho que fizera e gritou "Merci Sarkozy!" ao descobrir com alegria que eu era francesa. Sorri, imitando seu V da vitória. Segundo ele, a intervenção da OTAN em apoio à revolução mereceria eterno reconhecimento. E era um momento de otimismo.

No entanto, o inverno estava sendo severo com os tripolitanos. A maior parte dos recintos públicos e privados estava congelada, e os guindastes imóveis se destacavam no céu, feito lúgubres flamingos. No comércio, muitos estabelecimentos destruídos, inutilizando hordas de assalariados que vagavam pelas ruas cobertas de detritos, em busca de alguma artimanha ou de uma pequena armação, à espera de dias melhores. Os rebeldes tardavam a deixar suas brigadas, nostálgicos dos tempos de valentia que os unira, ainda inebriados pela vitória, prontos a se bater com uma milícia rival, hesitantes diante do futuro, incapazes de algum plano ou projeção, mesmo que de curto prazo. Vozes se alçavam cada vez mais fortes, vaiando a falta de transparência do novo poder, o tal Conselho Nacional de Transição, cuja lista de membros jamais se tornou pública, e denunciando a ineficácia do governo provisório. Evocavam-se veleidades separatistas no leste do país, conflitos intertribais no sul, focos de resistência pró-Kadafi no oeste. Mas em Trípoli, onde a imensa fortaleza de Bab al-Azizia fora demolida por tratores para um dia se transformar em um imenso parque público, o tempo ainda estava em suspensão. A cidade estava sem bússola. E meus interlocutores, acuados.

Quando eu telefonava para alguns cujo contato me fora passado, a primeira reação parecia pânico: "Como você chegou ao

meu nome? Quem passou? Por quê? Não tenho nada a ver com isso, entende? Não cite meu nome em hipótese alguma! Você não tem o direito de destruir minha vida!" Às vezes, o pânico se transformava em cólera, fazendo-se acompanhar de ameaças. Mas logo serenava. Era preciso explicar, temperar, tranquilizar, prometer segredo. E quantos encontros, marcados com muita luta, foram cancelados, adiados, suspensos *sine die*, sem a menor explicação. Um comandante que daria um testemunho crucial de repente deixa de atender ao celular. Disseram-me que havia sido internado em um hospital de Trípoli, depois em outro, de Túnis, e então que acabou morrendo. Pode ser. Como saber? Outro possível interlocutor de repente se diz "viajando". Outro, "sofrendo". E eu não me acostumava com isso.

As pistas em que Soraya me pusera revelaram-se exatas, todas elas. Os raptos, os estupros, o engodo envolvendo as guarda-costas, o permanente fluxo de jovens mulheres e homens no quarto de um ditador tomado por uma obsessão doentia e brutal. Faltava compreender melhor como funcionavam essas redes que garantiam ao mestre da Líbia, durante tantos anos, uma provisão cotidiana de carne fresca. Havia cúmplices por toda parte, era evidente. Homens que partilhavam seus gostos e sabiam que aquele era o meio mais certeiro de obter reconhecimento e vantagens. E também mulheres que, ao passar por seu leito, haviam compreendido que, se se mostrassem competentes ao prover o Guia, poderiam enriquecer consideravelmente – uma ministra, policiais, uma professora primária, uma cabeleireira, mulheres que trabalhavam em hotéis e em serviços de luxo, no turismo, nos negócios. Mas certos intermediários, próximos a

Kadafi, eram particularmente eficazes.

Ao longo de minhas entrevistas, o nome de dois homens surgiu com frequência: Abdallah Mansur (ex-chefe da secretaria nacional de informações, particularmente próximo do Guia) e Ali Kilani, ambos oriundos do exército, poetas e compositores, atuaram como agentes e produtores de artistas e sucederam um ao outro na direção geral da rádio e da tevê líbia, poderosos instrumentos de propaganda. Suas relações no show business lhes garantiam acesso a dezenas de jovens – e ingênuas – aspirantes ao mundo da tevê e do espetáculo. Cada casting dava origem a novas presas, assim como as entrevistas, realizadas em cafés e hotéis, nas quais eles se comportavam como cavalheiros, para depois revelar sua face cafajeste. Dispunham ainda de todos os contatos que se podiam desejar com cantoras, dançarinas e atrizes de todo o Mediterrâneo, e valiam-se de mil e um pretextos para convidá-las a visitar o Guia ou a frequentar as belas mansões nas quais eram organizados encontros e grandes festas. Uma jovem apresentadora de programa infantil da TV árabe MBC fora notada por Kadafi? Abdallah Mansur entrava em contato com a direção da emissora a fim de convidá-la para visitar a Líbia, onde seria organizada uma "homenagem" a seu enorme talento. Uma jornalista libanesa chamara a atenção do Guia? Pois os dois homens não mediam esforços para tê-la em Trípoli, e para isso eram capazes de investir em uma falsa produtora para um falso projeto artístico. Somas consideráveis – que chegavam a milhões de euros – podiam ser viabilizadas, e um avião posto à disposição. Abdallah Mansur dispunha de correspondentes em muitos países árabes – Marrocos, Tunísia, Egito, Jordânia, Líbano. E, quando o Guia se declarava

satisfeito com o serviço, as comissões eram numerosas, e as recompensas, substanciosas.

★

Nos países africanos, Kadafi recorria aos préstimos de seus diplomatas e de personalidades locais para que lhe fossem organizados, a cada viagem, encontros com associações e agremiações femininas. Era a garantia de manter sua reputação de herói da causa feminina, já que nessas condições era possível deixar de lado todo o protocolo de uma visita de caráter político ou religioso (como a festa do Mouloud,** que ele celebrou em Tombuctu, em 2006, e em Agadez, em 2007) e impor sua própria marca àqueles eventos. Era sobretudo uma ocasião para fazer "amigas", para as quais se empenhava na ampla distribuição de subvenções e também de colares e medalhões com sua efígie, de modo a transformá-las em mensageiras atentas, encarregadas de organizar seus próximos comitês de acolhida – e ele apreciava ser recebido de forma delirante, em verdadeiros espetáculos movidos a admiração e comoção – e observar, nos congressos, festas, festivais, desfiles, mas também em batismos e casamentos, novas garotas que possivelmente seriam convidadas a visitar a Líbia. Sim, convidadas. Era simples assim. Kadafi, nos "países irmãos", era tido como rico, magnífico e generoso. As malas de dinheiro que saíam de sua suíte eram tão famosas – e esperadas – quanto suas diatribes antiamericanas e seus arroubos excêntricos. Por isso, todo mundo achava normal que ele multiplicasse os convites para ir à Líbia. Ele não vendia a Líbia como uma espécie de "paraíso das mulheres"? Nos cafés e boates das capitais malinesa ou nigeriana, contou-me certa vez um jovem líbio educado em Niamei, era

frequente encontrar pequenos grupos de garotas empolgadas com a expectativa de uma viagem, no dia seguinte, para Trípoli.

– Elas não se escondiam! Bradavam sua sorte! Papai Muamar, como elas diziam, queria tanto agradar as jovens que as convidava, com todas as despesas pagas, para passar férias em seu país. Ele não era o mais atencioso do homens?

Foi Fatma quem me contou sobre essas viagens. Chamada por um amigo tuaregue, ela aceitou vir ao meu encontro sem impor nenhuma condição. Depois de tantas recusas, eu a recebi me sentindo especialmente grata. Miúda, de olhar altivo e certa indolência no caminhar, foi com um sorriso no rosto que ela adentrou o saguão do Corinthia, um hotel de luxo onde logo percebi, pelo modo como cumprimentava as pessoas ao redor, que ela era conhecida. Ainda que uma nevasca assolasse a cidade, ela estava envolta em véus vaporosos, com belos escarpins que lhe valorizavam os delicados tornozelos. Tinha trinta e seis anos, dizia-se mauritana do Níger e morava na Líbia havia vinte meses. Graças a Muamar Kadafi. Como ela tinha chegado? Ela soltou uma gargalhada.

– Ah! Foi muito simples!

Uma nigeriana casada com um tuaregue e conhecida de Mabruka lhe propusera, em 2003, uma visita a Trípoli com quatro colegas.

– A oferta era tentadora: avião, visitas, hotel quatro estrelas, tudo pago pelo Estado líbio! Sem contar o dinheiro para as despesas. O que você faria no meu lugar? Aceitaria logo de cara, e com prazer!

Fiquei feliz por ela responder em meu lugar, já que meu “sim”

não viria tão facilmente. Mas ela prosseguiu. O convite era uma oportunidade e tanto! Foi assim que, algumas semanas depois, ela desembarcou em Trípoli na companhia de quatro amigas radiantes. Jalal (empregado do grupo de garotos de Kadafi e paixonite efêmera de Soraya) as esperava para conduzi-las ao Hotel Mehari, um cinco estrelas que durante muito tempo teve Nuri Mesmari no comando. Um primeiro envelope com quinhentos dinares (em torno de trezentos euros) lhes foi entregue, para que fizessem compras antes de um programa de visitas e turismo. Ao cabo de alguns dias, o grupo de mulheres recebeu um comunicado: deviam se aprontar para ver "papai". Um carro de Bab al-Azizia foi ao hotel apanhá-las, seguido por um veículo de guardas de Kadafi, o que, como explicou Fatma, "demonstrava que éramos convidadas importantes". Foram recebidas e introduzidas por Mabruka em uma sequência de salões. E Kadafi apareceu vestindo um conjunto esportivo vermelho, "bem simples". Ele se mostrava interessado em cada uma delas, perguntou o nome, queria saber a respeito da família, da tribo, da língua, do que gostavam de fazer. "Você gosta da Líbia? Ah! Eu queria muito que todo mundo adorasse o meu país!" Ele era tão "gentil", tão "divertido", recordava-se Fatma. Em um dado instante, ele se virou para Mabruka: "Seria bom ter Fatma trabalhando conosco. Percebi que ela fala árabe, tuaregue, songai, francês... Para nós seria inestimável!" Mabruka, segundo Fatma, aparentou ficar aborrecida e com ciúme, mas disse: "Tudo bem". E o grupo voltou em êxtase para o hotel.

– Alguém como ele demonstrar interesse por nós de maneira tão pessoal era realmente lisonjeiro! – Não é mesmo?

As “férias” duraram “duas ou três” semanas. Jalal e o motorista ficaram à disposição, e mais presentes foram distribuídos. Fatma contou que não voltou a ver Kadafi antes de partir, mas logo retornou a Trípoli. Com outras jovens, entre elas uma garota exuberante do Mali, frequentadora do jet set e de modos afetados, observada por Nuri Mesmari, que mandou um jato particular apanhá-la para um primeiro encontro com Kadafi.

– Suas roupas insinuantes e seus tops decotados davam a maior bandeira, era meio complicado andar com ela na rua, mas Kadafi adorava! Era louco por ela e a chamava regularmente. Eu ficava esperando com Mabruka. Quando saía do quarto, o Guia dizia: “Cuide bem das minhas convidadas!” Isso queria dizer: pense nos presentes e no dinheiro.

De fato, Jalal enviou para ela, em diversas ocasiões, “relógios Rado, Tissot e de outras marcas”, além de braceletes, brincos, “pingentes de marcas italianas caríssimas” e “colares com a foto do Guia circundada de diamantes”. E depois, pouco antes de pegar o avião, envelopes contendo valores que variavam de dois mil a vinte mil dólares, “de acordo com as convidadas que eu trouxera”.

Era evidente que Fatma omitia alguns detalhes cruciais sobre sua função. Esquivava-se de algumas perguntas, rindo e fingindo inocência.

– Nós, mauritanas, somos assim! Temos um dom especial para relações públicas e comércio. – O que me parecia corresponder mais ao papel de cafetina ou de cortesã. E ela também dizia, sem precisar muito: – Nós, mauritanas, não gostamos de receber ordens e queremos nós mesmas escolher nossos homens, em vez de ser escolhidas por eles.

Em todo caso, parecia que ela enviava ao Guia lotes de garotas de diferentes países.

– Da última vez, foram dezessete da província de Nuakchott, para a festa do Mouloud.

E que, sendo suas relações com Bab al-Azizia conhecidas de todos, ela servia também como intermediária para ministros, embaixadores e homens de negócios de países africanos.

– Mabruka se ocupava das mulheres e filhas de presidentes que queriam ver Kadafi. Já meu campo era bem mais vasto...

Mas a generosidade do Guia com as mulheres era ilimitada, insistia ela, lembrando que os hotéis de luxo de Trípoli, encabeçados pelo Mehari, eram constantemente ocupados por suas ociosas convidadas, de todas as origens, à espera de um encontro. Também ficava claro que ela fizera parte da intimidade do ditador. E o acompanhara em diferentes ocasiões a Benghazi e a Sirte, bem como em passeios pelo deserto; assistira a celebrações de festejos nacionais e acompanhara Safia, a esposa, e as duas filhas, Aisha e Hana, com esta se posicionando "sempre atrás da mais velha". Bons tempos, dizia ela. E de excelentes negócios.

★

Os motoristas de Bab al-Azizia assistiam de camarote ao intenso vaivém de mulheres. Um deles, Hussein, que trabalhava no serviço do protocolo, me confirmou suas inumeráveis idas e vindas entre o Hotel Mehari e o aeroporto para transportar as garotas. Elas desembarcavam vindas de toda parte, recorda-se ele: de outras cidades da Líbia, mas também do Líbano, do Iraque, dos países do Golfo, da Bósnia, da Sérvia, da Bélgica, da Itália, da França, da Ucrânia. Tinham cerca de vinte anos, eram belas

“mesmo sem maquiagem” e todas tinham cabelos longos. Uma pessoa do protocolo era encarregada de recepcioná-las e as conduzia diretamente ao hotel, onde se instalavam por algumas horas ou esperavam alguns dias, até que Hussein fosse buscá-las – muitas vezes à uma da madrugada – para conduzi-las a Bab al-Azizia.

– Ali eu ficava esperando tranquilamente no estacionamento. Lá pelas cinco da manhã, batiam no vidro do carro e eu as levava de volta para o hotel, sempre seguido por outro carro, com guardas.

Algumas saíam felizes, outras pareciam arrasadas. Umas partiam no dia seguinte, enquanto outras eram chamadas por noites seguidas. Todas chegavam com uma pequena bagagem, a maioria voltava com várias malas. E, pelo retrovisor, Hussein podia ver seus maços de dólares.

– Juro pela cabeça do meu filho: uma delas tirou de uma Samsonite cheia de dinheiro uma nota de cem dólares e fez um rolinho para cheirar cocaína! Cem dólares! Mais de um mês do meu salário!

Outra, uma famosa cantora libanesa que passou a noite com Kadafi, foi autorizada a sacar um milhão de euros no banco. Em notas de quinhentos.

– Foi nesse dia que, completamente enojado, eu decidi deixar meu trabalho. No início eu achava que tinha prestígio. Mas era degradante.

Um colega de Hussein, encarregado de buscar garotas no Hotel Corinthia, afirma que uma enfermeira ucraniana, que ficava de prontidão no hotel, coletou diversas vezes seu sangue

publicamente para mostrar às garotas escolhidas para ir a Bab al-Azizia incomodadas com o procedimento que aquilo era normal e se aplicava a todos, sem distinção.

A conhecida obsessão de Muamar Kadafi chegou a provocar a ira de políticos estrangeiros. Um ministro das Relações Exteriores do Senegal relatou, indignado, ter veementemente recusado que a única mulher entre seus colaboradores ficasse em Trípoli, como queria o Guia, enquanto o conjunto da delegação retornava a seu país. Outro ministro exigiu explicações – que não lhe foram dadas – por ter constatado testes anti-HIV realizados sistematicamente em jovens malinesas, convidadas em um hotel. Um terceiro dizia ter interceptado fotos distribuídas por emissários do Guia com o intuito de encontrar garotas observadas em uma de suas visitas ao Níger. Outro por fim realizou uma investigação, rapidamente abafada, após ficar sabendo que jovens "convidadas" pelo Guia tiveram o passaporte confiscado e estavam se sentindo "encarceradas" no Hotel Mehari. A ânsia de Nuri Mesmari em mostrar serviço ao Guia, exibindo-lhe sempre as mais belas mulheres, chegou a provocar um escândalo diplomático entre Líbia e Senegal.

Em 1o de setembro de 2001, haveria um desfile com centenas de modelos vindas de toda a África, em comemoração ao trigésimo segundo aniversário da ascensão de Kadafi ao poder. As embaixadas da Líbia em diferentes países, obviamente, tinham sido acionadas e deveriam lançar mão de seus meios e de seus contatos no mundo da moda... ou da prostituição. No Senegal, a tarefa de recrutar as garotas fora confiada às gêmeas Nancy e Leila Campbell, filhas de um ator senegalês, contratadas pelos serviços

de Kadafi e particularmente prestativas, já que em 28 de agosto o casting, realizado ao mesmo tempo nas ruas e em colaboração com uma famosa estilista, reuniu no aeroporto de Dakar uma centena de jovens, convidadas para passar uma semana em Trípoli. No dia D, às sete da manhã, lá estavam elas, altas, magras, suntuosamente produzidas e cheias de esperança. Para recebê-las e conduzi-las, o encarregado de negócios da embaixada da Líbia as aguardava na pista do aeroporto com um Boeing 727, fretado de Malta.

Mas eis que, pouco antes da decolagem, policiais e agentes do Aeroporto Léopold Sédar Senghor, intrigados com a natureza peculiar da "carga" e com a ausência de passagens e de vistos para as passageiras, muitas menores de idade, alertaram as autoridades e impediram a partida. Ao se pôr a par do assunto, o governo senegalês reagiu com vigor e imediatamente denunciou uma tentativa de "exfiltração" de garotas. O ministro senegalês das Relações Exteriores, Cheikh Tidiane Gadio, ficou indignado, qualificou a ação envolvendo diplomatas líbios como "inaceitável e inamistosa" e arrematou dizendo que o Senegal não era um "Estado de vale-tudo". Algumas horas depois, o ministro senegalês do Interior, general Mamadou Niang, garantiu em comunicado que as garotas que os líbios haviam tentado exfiltrar do território nacional se destinavam a um tráfico ligado à prostituição internacional, problema da alçada da Interpol. A partir daí, os jornais bombardearam: "Tentativa de exfiltração de jovens senegalesas" era a manchete do *Sud Quotidien* de 30 de agosto. "Estado interpela a Líbia." De fato, o embaixador do Senegal em Trípoli foi chamado a Dakar para deliberações. Uma delegação líbia foi despachada para o Senegal a fim de dialogar com os

ministros das Relações Exteriores e da Cultura. O chefe de Estado senegalês, presidente Abdoulaye Wade, declarou-se oficialmente "ofendido". Furioso, ele próprio questionou Kadafi, e foram necessárias numerosas promessas e toda a diplomacia possível por parte de um de seus colaboradores – que me relatou o acontecimento – a fim de evitar a ruptura diplomática e reparar o incidente.

As modelos certamente estavam presentes nas fantasias do ditador. Em um país onde pelo menos noventa e cinco por cento das mulheres são vítimas de estupro, ele não deixava de organizar desfiles de moda por ocasião de festas, festivais ou mesmo cúpulas políticas. O estilista nigerino Alphadi, apelidado de Mago do Deserto e conhecido como porta-estandarte da moda africana, devota-lhe reconhecimento eterno.

– Ah, posso dizer que Kadafi me apoiou – contou-me o designer. – Ele me dava muito dinheiro, mandava aviões, subsidiava meus desfiles. Tinha muita fé na África! E todo um comprometimento a serviço de sua cultura, em particular da moda.

Ele estaria sendo realmente sincero?

– Totalmente! Basta ver como ele me ajudou a lançar o FIRMA, o primeiro Festival Internacional da Moda Africana, dali em diante reconhecido no mundo inteiro! Ele me enviava ministros, modelos de seu país. Eu podia lhe pedir qualquer coisa!

Tudo. O prazer de Kadafi em se relacionar com top models valia muito bem todos os subsídios e vantagens concedidos ao nigerino.

– Mas então, sr. Alphadi, o senhor não sabia que o Guia era um

predador?

O estilista se detém por um instante. Percebo uma súbita hesitação.

– Havia rumores sobre ele e seu séquito. Os líbios são grandes conquistadores, eu estava ciente dos riscos. Mas eu não mexia com prostituição! E antes de um desfile em Sirte, por exemplo, eu juntava minhas meninas e dizia: "Agora atenção, vocês têm de se reunir e contar quantas são. Não saiam sozinhas!" Graças a Deus, sempre tive todas de volta!

Não havia nada, sobretudo nenhuma convenção, que pudesse refrear a voracidade do ditador. Em novembro de 2009, seu chefe do protocolo, definitivamente cheio de recursos, entrou em contato (por meio de sua irmã) com uma agência de modelos italiana, a Hostessweb, para garantir ao Guia um público do jeito que ele gostava. Usando como pretexto uma conferência da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) sobre a fome no mundo, realizada em Roma, Kadafi queria na verdade falar, mais uma vez, a uma audiência feminina. Avisada em cima da hora, a agência transmitiu um comunicado via SMS e internet à procura de jovens mulheres com altura mínima de 1,70 metro, belas, bem-vestidas, de salto alto, mas sem minissaia nem decote. Duzentas se apresentaram no evento em um grande hotel de Roma, acreditando se tratar de figuração para uma reunião seguida de coquetel, já que receberiam apenas algo em torno de sessenta euros pela noite. Nenhuma delas podia imaginar que os ônibus as levariam à residência do embaixador da Líbia, aonde, para sua grande surpresa, Muamar Kadafi chegou a bordo de uma limusine branca e foi se juntar a elas para lhes fazer

um longo discurso... sobre o islã, a religião "que não é contra as mulheres". Foi um discurso delirante, com o qual pretendia incitá-las à conversão e retificar algumas inverdades: "Vocês creem que Jesus foi crucificado, mas não é verdade, foi Deus quem o conduziu ao céu. Crucificaram outro, parecido com ele". E as jovens voltaram do encontro com o Corão e o *Livro verde* nas mãos.

Uma enésima provocação? A imprensa e políticos italianos ficaram nervosos com o ocorrido e questionaram quais seriam as reais intenções do ditador. Mas o diretor da agência, Alessandro Londero, foi categórico: nenhuma das garotas passou a noite na residência. Ele contou e recontou quantas eram. Tratou-se simplesmente de uma "noite de apaixonante debate sobre a religião e a cultura líbias". Debate?

– Certamente! – insistiu Londero quando o contatei em Roma, por telefone. – O Guia percebia o desconhecimento e a incompreensão em relação a seu país. E a vontade dele era uma só: aproximar as culturas e instaurar um diálogo entre a juventude da Líbia e a do Ocidente. Pediu ao público que lhe fizesse perguntas e as respondeu de maneira paciente e pedagógica. E posso lhe assegurar que foi uma experiência única para todas aquelas jovens!

O islã?

– Ah, ele era esperto! Ele duvidava que seu apelo resultaria numa avalanche de conversões. Mas sabia que a repercussão na mídia seria enorme.

De fato, a experiência se repetiu por quatro noites, e mais de mil belas jovens compareceram – o diretor acrescentou ter havido também alguns rapazes e garotas "normais" –, servindo como um

público dócil ao ditador. Algumas delas, raras, disseram-se prontas a abraçar o islã e passaram números de telefone, prontamente anotados pelo pessoal de apoio. Mas o Guia não parou por aí. Laços sólidos foram mantidos com a agência, permitindo que ela organizasse uma dezena de viagens à Líbia, em grupos de doze a vinte e seis pessoas. As estadas, todas pagas, tinham o intuito de "aprofundar-se na cultura e no modo de vida líbios". Eram férias maravilhosas, conta uma das jovens, uma atriz anglo-italiana, radiante por ter tomado café da manhã com o Guia (leite de camela e tâmaras) em uma incursão pelo deserto, persuadida de que, sem dúvida, "as mulheres são mais bem tratadas na Líbia que em qualquer outro lugar do mundo".

Algumas ficaram tão convencidas disso que participaram, em Roma, das manifestações contra os ataques da OTAN, e um pequeno grupo, liderado pelo diretor da agência, viajou a Trípoli, às suas próprias expensas e em pleno agosto de 2011, para manifestar apoio a Kadafi e fazer frente às bombas. Uma estada da qual Alessandro Londero retornaria transtornado, trazendo na bagagem um pedido de ajuda, confiado a ele por Abdallah Mansur, escrito em 5 de agosto por Kadafi e direcionado a Berlusconi, pouco antes de o Guia fugir às pressas de Bab al-Azizia.

O diretor de uma agência de modelos como último mensageiro de um ditador em fuga... Sem dúvida uma ironia da história.

Nota

* Mercado tradicional ou feira periódica, na maioria das vezes de ocorrência semanal, típica dos países árabes. (*N. do T.*)

**Comemoração que celebra o nascimento de Maomé. (*N. do T.*)

19
Mabruka

Desde meu primeiro encontro com Soraya, no outono de 2011, um nome me deixou obcecada: Mabruka. Sua sonoridade não me era familiar, ainda que eu soubesse que "mabruk", em árabe, significa "abençoado" e é uma palavra frequentemente utilizada para celebrar um acontecimento e desejar "felicitações" ou "os melhores votos" em situações festivas. Mas o "Mabruka" de Soraya nada tinha de alegre. Sua voz grave o pronunciava com tal aspereza, os olhos ainda assombrados pelas lembranças que ela sabia serem impossíveis de compartilhar, que eu o associei às cores mais sombrias e ao mal encarnado. Quem poderia ser aquela mulher disposta a praticar qualquer crime para satisfazer seu mestre, que não passava de um louco? Que relação mantinha com ele? Era de submissão? Fascinação? Encantamento? A ambição e a sede de riquezas e de poder eram o que a mobilizava, ou seria mais o caso de entrever em seu zelo, a antecipar os desejos, as fantasias e as perversões do ditador, traços mais complexos e mais sombrios? Ela camuflaria humilhações pessoais e uma ferida secreta? Ensaiava uma vingança? Qual fora sua vida antes de Bab al-Azizia?

Soraya não sabia nada, ou muito pouco, para me pôr em seu

rastro. Mabruka fora sua captora, sua carcereira, sua carrasca. Intencional e irremediavelmente, destruíra sua vida e, em cinco anos, em momento algum fora capaz de manifestar o menor gesto de humanidade ou compaixão. Não só tinha conhecimento dos estupros, mas os facilitava. Sabia dos insultos, das sevícias, da selvageria; testemunhava e participava. Ela era, como me disse um colaborador de Kadafi, a "cafetina de todo o seu horror". E ninguém duvidava de que ocasionalmente ela fosse amante dele. Seria necessário ter vivido na intimidade do Guia para conhecê-lo. E, no exterior de Bab al-Azizia, Mabruka se mostrava a tal, fazia-se passar por uma das conselheiras mais próximas do irmão coronel e tirava vantagem de diplomatas.

Precisei de tempo para encontrá-la em algumas fotos de agências de notícias. Ela estava à sombra do Guia quando lhe era estendido o tapete vermelho, na chegada a um território estrangeiro. Deixava o lugar de honra para as vistosas amazonas, mas supervisionava a cena com olhos predadores, ligeiramente recuada sob um austero véu negro. Com os cabelos castanhos puxados para trás, traços faciais regulares, nenhum sinal de maquiagem, a boca a denotar severidade, parecia-me apagada, insípida. Mas um embaixador europeu me disse que não era esse o caso. Malvestida, "mal-arrumada" certamente, sem sinal de vaidade ou luxo, e "em nenhum momento um trejeito sedutor". Porém "deve ter sido bela", ele imaginava, e disso ainda lhe restava alguma coisa. Parecia ter em torno de cinquenta anos.

São vários os chefes de Estado, ministros e diplomatas que um dia lhe cruzaram o caminho em alguma viagem oficial, cúpula africana ou conferência internacional. Europeus e franceses –

particularmente Cécilia Sarkozy – estiveram com ela no decorrer de longas negociações para a libertação das enfermeiras búlgaras injustamente acusadas pelos líbios de ter inoculado o vírus da aids em crianças. Mabruka era apresentada como responsável pelo protocolo, mas todos sabiam de sua proximidade, mesmo intimidade, com Kadafi. Evidentemente que, para ela, ele era todo ouvidos, do que ela se valia para lhe passar suas mensagens. Por sinal, ela fazia de tudo para mostrar que seu poder transcendia as fronteiras do protocolo, que ela era "a mulher de confiança do Guia", que podia intervir na nomeação de embaixadores ou de outros e que seu papel se tornava cada vez mais político. Chegou a telefonar ao corpo diplomático do Palácio do Eliseu pedindo esclarecimentos sobre a política francesa no Mali ou no Níger. Da mesma forma se supunha que ela exercia influência também sobre o dossiê dos tuaregues, cujos dirigentes na Líbia eram seus conhecidos, assim como os de alguns países vizinhos, como Argélia, Mali, Níger e Mauritânia. Nem é preciso dizer que era muito considerada por todos, ainda que uma observação dos serviços franceses, emitida após uma de suas viagens parisienses, a apresentasse como "aliciadora" e que um embaixador francês me tenha dito friamente:

– Ela vinha fazer shopping. – Shopping? – Ela escolhia garotas para mandá-las ao Guia.

Sim, era bem o que ela fazia. Desembarcava nos hotéis de luxo da Champs-Elysées – uma suíte no Fouquet's – e ativava todos os seus contatos com uma frieza espantosa. Um dia encontrou Caroline Sarkozy, a meia-irmã do ex-presidente, em uma recepção? Pois se lançou ao escritório dela sem marcar horário, com seu

tradutor e o motorista da embaixada líbia, para lhe pedir uma dedicatória ao mestre em seu livro de decoração. "Ao Guia, nosso irmão. Espero que este livro sobre as belas casas parisienses possa distraí-lo." O volume em questão será encontrado em agosto de 2011 pelos rebeldes, quando, em Trípoli, adentrarem a luxuosa casa de Aisha, filha mais velha de Kadafi. Certamente a ideia de Mabruka era um dia atrair aquela bela francesa para a capital líbia. Ficou sabendo que certa princesa de corte árabe – da Arábia Saudita ou do Kuwait – estava em Paris? Pois de pronto encontrava um jeito de visitá-la no Ritz ou no Four Seasons. Aconteceu de encontrar com a ministra da Justiça da França, Rachida Dati, de ascendência magrebina? Pois Mabruka sugeria que se reencontrassem no Fouquet's. Era evidente que estabelecera uma lista de ministras e mulheres influentes, encabeçada por aquelas da cultura muçulmana, e então passava de um encontro a outro. Telefonava para Salma Milad, a militar, que ficara em Trípoli junto de Kadafi: "Peça ao irmão Guia para liberar dinheiro para a princesa X". Ou então: "Envie-me uma caixa de pingentes para esposas de embaixadores". Fazia pequenos passeios pela Sephora, para comprar perfumes encomendados pelo harém, e mais uma vez telefonava para Salma, para saber o que faltava ao Guia. Pó compacto, base, um corretivo da MAC? "É para um homem de certa idade", explicava ao vendedor. "Para um senhor, mais ou menos do seu tipo." O jovem estaria muito longe de imaginar que o destinatário dos produtos era Kadafi, e isso fazia rir sua intérprete.

Mas ela também arranjava tempo para perambular por lojas de luxo, restaurantes e cafés, a fim de localizar belas mulheres e puxar

papo. As jovens do Magreb ou do golfo Pérsico tinham sua preferência, e ela podia abordá-las em árabe. Para as demais, utilizava os serviços de um intérprete, bastante acostumado com a função. “Conhece a Líbia? Ah, é um país que precisa ser descoberto!” E se isso fizesse a interlocutora afirmar estar disposta a descobri-lo? “Pois eu a convido! E posso fazer com que você encontre nosso Guia!” Ela pedia para tirar uma foto com suas presas em potencial e anotava o endereço delas. Quase o tempo todo estava à caça, com meios ilimitados para isso. Contaram-me a história de uma jovem marroquina abordada em um hotel à qual Mabruka suplicara que aceitasse seu convite para visitar a Líbia e que, após exigir fazê-lo com seu primo, retornara à França com cinquenta mil dólares.

Certa noite, em Trípoli, um líder tuaregue que a conhecia dos tempos de juventude aceitou me confiar algumas pistas essenciais sobre a personagem de Mabruka. Estávamos em um restaurante no caminho para a cidade velha, e eu pronta a me regalar com um cuscuz de camelo. Mas, antes mesmo que eu me deliciasse com a primeira garfada, o homem, de atitude e finesse aristocráticas, à vontade num jeans bem cortado e num casaco de caxemira, sob túnica e cachecol brancos, pegou-me pelo braço e, fixando os olhos nos meus, declarou com a voz controlada e grave:

– É uma diaba. – Ficou um tempo em silêncio, como para acentuar o impacto da palavra escolhida. Depois prosseguiu: – Ela é habitada pelo mal e é de uma habilidade temível. Não há nada que não ouse fazer para atingir um objetivo: mentiras, fraudes, traições, corrupção, magia negra. Ela tem todas as audácias, é esquiva como uma cobra e seria capaz de vender vento

engarrafado.

Seu pai – da linhagem dos Sherif – era da nobreza tuaregue e fizera um casamento ruim ao se apaixonar por uma mulher de casta inferior, que morava na cidade de Ghat, ao sul da Líbia, perto da fronteira com a Argélia, não muito longe do Níger. O casal teve duas filhas, Mabruka e sua irmã mais velha, confiadas a escravas para que fossem educadas. Uma tradição que, conforme ele me explicou, pretendia esconjurar a má sorte e "desafiar o espírito do mal", já que os pais tinham perdido os filhos anteriores. Mabruka, muito jovem, chegou a ficar noiva de um tuaregue da nobreza, quando um homem da tribo de Kadafi, Massoud Abdel Hafiz, já casado com uma prima do Guia, subitamente a desposou. Ele era comandante da região militar de Seba, e Mabruka, por um breve momento, pôde aproveitar os numerosos privilégios atribuídos aos que eram próximos a Kadafi, tomando gosto pelas viagens de luxo. Mas o militar de alta patente logo pediu o divórcio, e ela voltou a viver em sua cidade natal, Ghat. Ao contrário da maioria das mulheres tuaregues, ela não usava o traje tradicional e se vestia como ocidental.

– Mas sem nenhum estilo – acrescentou meu interlocutor.

Sabe-se que ela ainda veio a ter um romance com um banqueiro e depois desapareceu, "subiu para Trípoli". As circunstâncias exatas dessa fuga, ele ignorava.

Uma pessoa do serviço do protocolo foi quem me deu esses detalhes. Mabruka foi contratada pelo serviço em 1999, por ocasião de uma conferência de chefes de Estado africanos à qual Kadafi queria conferir amplidão e lustro históricos e na qual foi assinada, em 9 de setembro de 1999 (9/9/99), a famosa Declaração

de Sirte, fixando os objetivos da União Africana. Participariam cerca de trinta chefes de Estado, o que significava quase o mesmo número de esposas que seria preciso recepcionar no aeroporto, acompanhar nos traslados (cabeleireiro, shopping, conferências) e para as quais era preciso ter intérpretes. Sobrecarregada com a tarefa, a administração do protocolo se viu obrigada a recrutar, em caráter de urgência, mulheres que falassem todo tipo de línguas e dialetos africanos. Foi por essa pequena fresta que Mabruka, conhecedora do tuaregue e do hauçá (língua falada sobretudo no Níger e na Nigéria), penetrou no círculo do poder.

– Ela não tinha boa presença – recordou a pessoa que a recrutara. – Parecia uma camponesa com algum retardamento, sem o menor encanto ou sofisticação. Provavelmente era muito pobre, ao menos foi o que pensei. Mas ela tinha uma enorme vontade no olhar!

Um pequeno estágio reuniu as recém-contratadas, para que recebessem instruções sobre o papel que desempenhariam, a linguagem a adotar e a aparência a manter (recomendava-se o uso de um tailleur moderno). E, no primeiro dia da conferência, Mabruka fazia sua estreia em Bab al-Azizia, acompanhando a delegação de Guiné, que vinha saudar Kadafi. Foi o suficiente. Naquela mesma noite, ela notificou sua responsável: "Encontre outra pessoa para me substituir. A partir de hoje, trabalho diretamente para o irmão Guia". Ela conseguira.

A família que a acolhera, em sua chegada a Trípoli, contou mais tarde sobre sua fúria para encontrar trabalho e principalmente sobre sua obstinação em encontrar Kadafi. "Bastaria uma vez", dizia ela. "Uma única vez! E ele ia me querer

trabalhando para ele!" Todos explicavam seu sucesso mais pela prática intensiva da magia negra que por seu charme. Durante todos os seus anos de serviço junto a Kadafi, ela vai encontrar, em diferentes países, os maiores feiticeiros da África e os convidará a visitar Trípoli.

Assim, pouco a pouco ela foi se tornando a soberana de uma espécie de harém situado no subsolo da residência do Guia, que as garotas integravam na condição de cativas e onde acabavam passando anos, incapazes de voltar a integrar a sociedade líbia. Mas também se tornou provedora titular de presas sexuais (contaram-me sobre como apreciava a musculatura de rapazes muito jovens, na África, antes de encaminhá-los para Kadafi). E, por fim, diretora do então chamado "serviço especial", das garotas de uniforme que supostamente compunham a guarda pessoal e extravagante do ditador. Infeliz daquele que chamasse sua atenção ou incidentalmente mencionasse uma sobrinha, uma prima, uma vizinha. Infeliz de quem viesse a Bab al-Azizia solicitar algum serviço (moradia, trabalho, cuidados de saúde). Ela estava sempre à espreita para lançar sua rede.

– Aquela mulher era a vergonha da nação tuaregue – disse-me um dos líderes desse povo. – Sabíamos bem o que significava aquele "serviço especial". Se ela se aproveitou de sua posição para atrair mulheres de nosso povo? Ela era capaz de tudo. Mas uma mulher tuaregue se mataria para não ter de se submeter a tal coisa.

Obviamente tentei descobrir o paradeiro de Mabruka. No início do inverno de 2011, disseram-me que ela fugira, como a maior parte daqueles próximos a Kadafi, e estava na Argélia. Alguém disse acreditar tê-la visto na Tunísia. Depois, uma nota de

uma agência de notícias me informou que ela mobilizara um sem-número de personalidades, sobretudo entre os tuaregues, para tentar convencer autoridades argelinas a lhe conceder asilo político, o que lhe foi recusado. No início de março de 2012, fiquei sabendo que ela "negociara" seu retorno a solo líbio e que se encontrava em prisão domiciliar em Ghat, vivendo em companhia da mãe. Apesar de minha insistência, encontrá-la se revelou impossível. Porém, para minha grande surpresa, Ottman Mekta, o imponente líder rebelde de Zintan, que durante três longos dias a interrogara, pareceu tomado pela clemência.

– Ela expressou profundo remorso e chegou a pedir perdão – disse-me ele. – Afirmou que não agia de bom grado. Na época, ninguém era livre. Eu a vi muito apegada à mãe, idosa, e tive a impressão de que era uma boa pessoa, cuja bondade esteve apenas sufocada.

Uma boa pessoa... Eu não acreditava no que estava ouvindo. Seria possível que ela tivesse enganado seus carcereiros? Eu deveria lhes apresentar o testemunho de Soraya?

20
Arma de guerra

É comum a escrita de artigos que não são desejados por ninguém. No fundo, é vocação do jornalista trabalhar com temas que desagradam, trazer informações que perturbam, revelar verdades que enfurecem. “Nosso ofício não é agradar nem prejudicar, mas pôr o dedo na ferida”, escreveu Albert Londres, patrono dos repórteres francófonos. No entanto, eu não pensei que escreveria um livro que fosse desagradar a todos na Líbia.

Ao longo de minha pesquisa, os raros amigos líbios que apoiavam minha iniciativa foram ameaçados. E no mais alto escalão do Estado falou-se em ofensa. Se o estupro de uma jovem causa a desonra de sua família como um todo, em especial a dos homens, a violação de milhares de mulheres pelo antigo dirigente do país só poderia suscitar a desonra de toda a nação. Ideia dolorosa demais. Hipótese insustentável. Alguma vez já se soube de um país em que a indignidade se acometesse sobre todos os homens, culpados por não ter protegido suas mulheres, suas filhas, suas irmãs, de um tirano predador? Pois bem. Vale mais varrer tudo para debaixo do tapete berbere e aplicar o rótulo de “tabu” em nome da preservação da intimidade das vítimas. Ou então negar. Falar de um “não assunto”. E olhar em outra direção. Nada

mais fácil. A imensa maioria das vítimas do Guia jamais será conhecida. Não sem motivo! Quanto às "garotas de Kadafi", suas guarda-costas, seu "serviço especial", seu harém, cuja maior parte fugiu, basta que sejam descritas como mulheres de vida desregrada, putas que se compraziam no luxo, nas viagens e na luxúria proporcionados pelo ditador, e cuja família, na maioria dos casos, as renegou. Fazer delas mais parceiras que vítimas do Guia. Cúmplices, desprovidas de moralidade... Sim, negar parece ser a tentação dos atuais mestres da Líbia. E isso tem a vantagem de proteger os pequenos segredos vis e a grande covardia de um punhado de homens, outrora servos do ditador e complacentes em relação a ele, hoje zelosos revolucionários recostados no novo poder. Pois estes só querem mesmo o silêncio. Calar os estupros. Esquecer as mulheres. Soraya, Libya, Kadija, Leila, Huda, as outras... Mulheres que sabem demais. Há tantas vítimas de guerra "valorosas", "heroicas", "exemplares", que esperam desse novo Estado líbio reconhecimento e reconforto. "Verdadeiras" vítimas. Homens, nem é preciso dizer.

Sejamos justos, há algumas exceções. Mohammed al-Alagi é uma delas. E o encontro com ele, num dia de incerteza em que toda a Líbia me parecia hostil, emparedada em seu silêncio, me impulsionou com um solavanco de energia. Era uma noite de domingo no mês de março, em um café no centro de Trípoli. Um táxi me deixara ali após uma corrida divertida em que o motorista, bem-humorado, comentara sobre as caricaturas de Kadafi rabiscadas pelas paredes e muros da cidade. Um Kadafi grotesco, ora lascivo, ora sanguinário, com tufos de cabelo desgrenhados e muitas vezes... vestido de mulher.

– A senhora sabe por quê? – perguntou-me o jovem ex-rebelde, enquanto eu ria diante do desenho do ditador de robe verde, colar de pérolas, cílios postiços e lábios escarlate. – Era uma bicha! Pedia que os guardas mais jovens dançassem para ele vestidos de mulher!

Aquela linguagem audaz muito me impressionava, bem mais que a informação, que já me havia sido dada por Soraya e por um antigo guarda de Bab al-Azizia, cujo jovem colega, envergonhado, tivera de se prestar àquele papel.

Mohammed al-Alagi me aguardava diante de um chá de menta, na companhia de um amigo advogado. Ex-ministro interino da Justiça e hoje presidente do Conselho Supremo das Liberdades Públicas e dos Direitos Individuais na Líbia, durante muito tempo ele presidira a Ordem dos Advogados de Trípoli e conquistou o respeito de seus colegas e de observadores de ONGs estrangeiras, com as quais mantinha permanente contato. De baixa estatura, uma boina de lorde inglês encimava-lhe o rosto redondo e doce, ornado por um pequeno bigode e animado por olhos vivazes e francos. Pelo menos ele não usava meias palavras. Que diferença, após tantas entrevistas com personalidades que só enxergavam o próprio umbigo, aturdidas com seu novo poder.

– Kadafi estuprou – disse-me ele. – Ele próprio estuprava, em grande escala, e também ordenava estupros. De homens e de mulheres. Era um monstro sexual, perverso e muito violento. Desde o começo ouvi muitas testemunhas. Advogadas, elas próprias violentadas, confiaram em mim, como amigo, como homem da lei. Fui solidário no sofrimento delas, mas não pude fazer nada. Elas não ousavam ir ao procurador-geral. Dar queixa as condenaria à morte. Você viu na internet vídeos do linchamento

atroz de alguns oficiais que ousaram se revoltar contra o estupro de sua própria mulher pelo Guia? Era realmente um bárbaro! – Ele sacudia a cabeça, o pescoço reto, as mãos envolvendo a xícara de chá. – Nos últimos dias de sua vida, mesmo cercado, desprotegido, ele não se continha. Violentou rapazes de dezessete anos diante de suas guardas fiéis. Não importava onde! De maneira brutal! Como uma raposa! Temos testemunhas que confirmam isso. E eu me recuso, como alguns fazem, a relegar esses casos à sua vida particular. Não estamos falando de fazer amor, mas de um crime. E o estupro para mim é o mais grave de todos eles.

Eu lhe falei de Soraya, do subsolo, do que ela sofrera no passado, de sua agonia atual. E me fez muito bem evocar seu relato, enfim, a um ouvido benevolente. Durante toda minha pesquisa, eu pensava nela o tempo todo. Mohammed al-Alagi ouvia, sacudindo a cabeça. Não duvidou nem por um instante do que eu lhe contava. E considerou muito valioso o fato de ela ter tido forças para testemunhar.

– Eu queria que se fizesse justiça a cada uma das vítimas de Kadafi – disse ele. – Seria o mínimo. É preciso que este seja um objetivo do novo regime. Quero que se realizem levantamentos, auditorias públicas, condenações, reparações. Para ir adiante, reunir a sociedade e construir um Estado, o povo líbio deve saber o que se passou durante quarenta e dois anos. Enforcamentos, torturas, sequestros, assassinatos em massa, crimes sexuais de todo tipo. Ninguém tem ideia do que sofremos. Não é questão de vingança nem de punição. É mais o caso de uma catarse.

É claro que seria complicado. E ele não negava que seria. Faltavam meios, estruturas, coordenação. O governo ignorava o

número exato de locais de detenção; a maioria das prisões estava nas mãos das milícias armadas; o sistema judiciário estava longe de possuir condições estáveis. Mas era preciso impor uma exigência de transparência, e nenhum crime deixaria de ter sobre si um facho de luz.

Estava ficando muito tarde. Ele tinha de ir. Pronunciei a palavra "escrava" ao me referir a Soraya e ele se enfureceu.

– Kadafi fez de todos nós escravos! Regurgitou sobre seu povo todos os seus sofrimentos passados, destruindo nossa cultura, varrendo nossa história, impondo a Trípoli o nada do deserto! Alguns ocidentais ficam boquiabertos diante do que ele chamava de cultura, ao passo que ele desprezava o saber e o conhecimento. Ele tinha que ser o centro do universo! Sim, ele corrompeu a sociedade líbia, fazendo da população vítima e cúmplice ao mesmo tempo, e transformando seus ministros em marionetes e zumbis. Sim, na Líbia o sexo foi um meio de poder: "Você trate de baixar a cabeça e me obedecer, ou violento você, sua mulher e seus filhos". E ele fazia isso, condenando todo mundo ao silêncio. Antes de ser arma de guerra, o estupro foi uma arma política.

Como ele destoava dos políticos que eu tinha tido a possibilidade de encontrar! E pelo menos ele não tinha medo de ser citado, ao contrário da maioria dos meus interlocutores. Abordamos então o terreno minado dos estupros perpetrados pelas tropas de Kadafi durante a revolução. Tinham ocorrido, e aos milhares. Em todas as cidades ocupadas pelas milícias e por mercenários do ditador. E da mesma forma em suas prisões. Estupros coletivos, cometidos por homens alcoolizados, geralmente drogados, filmados por celulares. A Corte Penal

Internacional, que em junho de 2011 expediu um mandado de prisão contra o ditador, logo denunciou a existência dessa política sistemática de estupros, mas era muito difícil reunir provas, e não havia como encontrar as vítimas. As mulheres não falavam. Médicos, psicólogos, advogados, associações femininas, na tentativa de ajudar, provocavam um mal ainda maior. E elas se afundavam, curvando-se sobre sua própria vergonha e dor. Algumas preferiram fugir. Outras foram caçadas pela própria família. Outras ainda se casaram com rebeldes que se ofereceram para salvar a honra daquelas "vítimas de guerra". Algumas delas, raras, como vim a saber, foram mortas pelos próprios irmãos, que se sentiram ultrajados. Por fim, durante os meses de inverno, algumas deram à luz, envoltas no maior segredo. E em imenso desespero.

Graças a uma rede de mulheres devotadas, eficazes e, podemos dizer, discretas, pude encontrar algumas dessas mulheres profundamente traumatizadas e assistir, no hospital, a adoções de bebês gerados por estupros. Momentos inesquecíveis nos quais a criança, em segundos, muda de mãos. E de destino. E em que a mãe – muitas vezes adolescente – vai embora. Aliviada. Mas para sempre atormentada. Em uma prisão de Misrata, entrevistei também estupradores. Dois pobres sujeitos, de vinte e dois e vinte e nove anos, alistados nas tropas de Kadafi, que estremeciam, com o olhar fugidio, ao contar em detalhes seu crime. Era uma ordem, disseram. Eles recebiam umas "pílulas que nos deixavam doidos", aguardente e haxixe. E seus chefes os ameaçavam.

– Às vezes se estuprava a família inteira. Meninas de oito, nove anos, garotas de vinte anos, a mãe delas, às vezes na frente do avô.

Elas urravam, e a gente fazia com violência. Ainda posso ouvir os gritos. Não dá nem pra contar o sofrimento delas! Mas o chefe da brigada insistia: estupra, espanca, filma! E mandava aquilo para os homens dele. Aqueles estúpidos sabiam como humilhar!

O primeiro amaldiçoava Kadafi e suplicava que não revelassem à sua mãe do que o acusavam. O segundo, lamurioso, dizia-se corroído pelo remorso e que não tinha sossego em momento algum. Lia o Corão e orava dia e noite, havia denunciado todos os seus chefes e se dizia pronto para receber qualquer punição, até mesmo a morte.

– A ordem vinha muito de cima – confirmou-me Mohammed al-Alagi. – Lá em cima, temos os testemunhos dos mais próximos de Kadafi. Eu próprio ouvi seu antigo ministro das Relações Exteriores, Mussa Kussa, afirmar tê-lo visto ordenar aos chefes kataebs: "Primeiro estupra, depois mata". Era coerente com seu hábito de governar e destruir pelo sexo.

Seriam necessárias mais provas de que se tratava de estratégia? De premeditação? Pois elas existiam. Centenas de caixas de Viagra haviam sido encontradas em Benghazi, Misrata, Zuara e mesmo nas montanhas.

– Estavam por toda parte em que suas milícias estiveram estacionadas. E descobrimos contratos comerciais pré-pagos e assinados pelo Estado líbio... Arma de guerra, posso afirmar!

Por vezes, Muamar Kadafi sonhou ser escritor, chegando a publicar, em 1993 e 1994, dezesseis romances cheios de devaneios líricos e clichês remetendo à morte e ao encantamento, além de pensamentos delirantes.

– Refletiam seus sofrimentos – lembrou Mohammed al-Alagi, o

medo da multidão tendo sido confessado em seu *Escapada no inferno*, de conteúdo altamente premonitório.

> Essas turbas inclementes, mesmo diante de seus salvadores, sinto que me perseguem [...]. Como são afetuosas nos momentos de alegria, quando carregam os filhos nos ombros! Levaram Aníbal e Péricles [...], Savonarola, Danton e Robespierre [...], Mussolini e Nixon. E como são cruéis nos momentos de cólera! Conspiraram contra Aníbal e fizeram-no beber veneno, queimaram Savonarola na fogueira [...] enviaram Danton para o cadafalso [...] fraturaram o maxilar de Robespierre, seu tão amado orador, arrastaram o corpo de Mussolini pelas ruas, cuspiram na figura de Nixon quando este deixou a Casa Branca, tendo ali chegado sob aplausos!

E o ditador acrescenta:

> Amo a liberdade das multidões, seu entusiasmo após a ruptura dos grilhões, quando se lançam em meio a gritos de alegria e cantam após lamúrias de dor. Mas como as temo! Amo as multidões como amo meu pai, e as temo como a ele. Quem seria capaz, em uma sociedade beduína sem governo, de impedir a vingança de um pai contra um de seus filhos?

A multidão realmente se vingou. Durante minha estada em Trípoli, muitas vezes surpreendi líbios a assistir, com um misto de espanto e fascínio, às imagens caóticas e obscenas que mostravam a agonia de Muamar Kadafi sob os gritos de triunfo dos combatentes. Cantos revolucionários foram acrescentados à montagem das sequências filmadas por celulares, exaltando a epopeia. Mas há uma imagem que os rebeldes não incluíram na maioria dos filmes. Uma imagem que duas mulheres me mostraram em seu celular, alguns dias após a morte do Guia, pondo o indicador contra os lábios em sinal de segredo. Apertei os

olhos para ver, a tela era estreita, e a imagem, um pouco tremida. Não pude acreditar. Fiquei tão horrorizada que pensei estar enganada. Mas não, era aquilo mesmo. Pouco antes do linchamento, dos golpes, dos tiros, dos chutes, um rebelde introduziu brutalmente um bastão de madeira ou de metal entre as nádegas do ditador caído, que, de pronto, começou a sangrar. "Violentado!", cochichou uma das duas mulheres, sem o menor indício de comiseração.

Um advogado de Misrata me confirmou.

– Tantos líbios se sentiram vingados por esse gesto simbólico! Antes de seu encontro com a morte, o estuprador foi estuprado.

Epílogo

O verão rapidamente se abateu sobre a branca Trípoli, enquanto em Paris o inverno se prolongou numa primavera gelada. Ao menos assim me parecia. O céu estava cinzento e opressivo, a chuva desesperadora, o horizonte obstruído. E cheguei a lamentar, por breves instantes, não ter optado por escrever *in loco*, sob o sol e a luz forte, diante do Mediterrâneo, a história de Soraya e do segredo de Kadafi, do qual ainda ninguém falava. A verdade é que eu tinha fugido. Do excesso de pressão e de tensão, de silêncios tóxicos, de confidências envenenadas. Eu precisava urgentemente tomar distância e reler minhas anotações, longe da Líbia e da angústia que continuava a torturar minhas interlocutoras. Mas a distância era relativa. Eu escrevia de Paris, mas meu espírito continuava em Trípoli, e eu esperava, ansiosa, por notícias de Soraya. Ela tateava, cambaleava, se deprimia, para então retomar a esperança, um pouco infantil, indisciplinada, sem saber o que fazer com seu passado assombroso, com seu segredo inconveniente. A palavra "futuro" para ela ainda não fazia nenhum sentido. Sua obsessão cotidiana eram os cigarros, seus três maços de Slims, sem os quais não conseguia viver. E eu relembrava com raiva a cena em que o tirano, à força, pusera o primeiro em sua boca. "Aspira! Agora solta a fumaça. Solta!"

A internet, dia após dia, me dava a medida da crescente impaciência dos líbios com relação ao regime provisório. O petróleo estava sendo bombeado normalmente, e sua produção atingia quase os níveis de antes da revolução. Mas o povo ainda não via nenhum benefício. O país inteiro estava como em suspenso. Sem governante legítimo nem legisladores, sem governos regionais, sem exército nacional, sem polícia, sem sindicatos. Logo, sem Estado. Portanto, a situação dos serviços públicos era calamitosa, com hospitais mal abastecidos e suspeitas de corrupção por toda parte. Longe de estar dispersas ou integradas em uma estrutura nacional, as milícias formadas por ex-rebeldes reforçavam seu poder, ditando suas próprias regras e guardando ciosamente seus prisioneiros em um sem-número de locais disseminados pelo país. Escaramuças entre seus membros sobrevinham vez por outra, sem contar a irrupção de um novo tipo de conflito, ligado à propriedade. Ah, o belo legado de Kadafi! No fim dos anos 1970, ele nacionalizara um grande número de terras, imóveis, fábricas e casas. E eis que surgiam os antigos proprietários, munidos de títulos datando da ocupação italiana ou da época otomana, ávidos por recuperar imediatamente seus bens. Até mesmo pelas armas.

As mulheres? Talvez fossem a única centelha de esperança. Elas erguiam a cabeça, afinavam o tom, reclamavam para que tivessem, enfim, seu lugar. Sentiam-se criando asas, dispostas a qualquer audácia. Sua participação na revolução fora maciça, a ponto de contribuir para lhe conferir legitimidade e base, e entendiam que deveriam colher os frutos, traduzidos em liberdade, expressão e representatividade. Já não podiam mais, pensavam elas, ficar de

escanteio.

– Está sendo como depois das guerras mundiais! – disse-me Alaa Murabit, uma brilhante estudante de medicina educada no Canadá por pais dissidentes, mas de volta à Líbia após sete anos. – As mulheres desafiaram o medo, os riscos, as responsabilidades. Na ausência dos homens, tiveram de sair da casa em que muitas vezes haviam estado confinadas e tomaram gosto por se tornar membros ativos da sociedade. E então era uma vez a história de ser tratadas como cidadãos de segunda classe. Temos direitos. E vamos nos fazer ouvir!

A era Kadafi, é bem verdade, havia lhes aberto as portas da universidade. O treinamento militar no ensino médio, implementado por instrutores homens, rompeu um tabu e convenceu seus pais de que elas podiam, sem riscos excessivos, parear os homens. As moças, então, mergulharam de cabeça e com êxito em medicina, em direito, obtendo as melhores notas. E com isso fez-se tanto maior a frustração de, na sequência, não poder construir uma carreira prestigiosa. Infelizes daquelas que, pretendendo sair da vala comum, visassem a um lugar proeminente no qual pudessem se fazer notar, da maneira que fosse – Kadafi e seu bando (comandantes, governantes, ministros...) estavam à espreita. Se uma mulher lhes chamasse a atenção, eles se serviriam sem escrúpulos. Estupros, raptos, casamentos forçados...

– Você não imagina o medo que as moças sentiam de parecer por demais brilhantes, inteligentes, talentosas ou bonitas – confidenciou-me a jurista Hana al-Galal, de Benghazi. – Elas se impediam de falar em público, renunciavam a postos de

notoriedade e restringiam suas ambições. Chegaram a renunciar à vaidade, abandonando as saias curtas e as camisas femininas, como as que se usavam nos anos 1960, para adotar o véu e as vestes amplas, que cobriam o corpo todo. A atitude low profile passou a ser regra de ouro, assim como a disposição em parecer invisível. Nas assembleias e reuniões, as mulheres eram como fantasmas.

Isso faz parte do passado. Ou pelo menos as mulheres esperavam que fizesse. Na Líbia pós-Kadafi, elas se revestiram de renovada ambição – profissional, econômica, política –, cientes, apesar de tudo, de que a mentalidade não poderia mudar da noite para o dia. A velha guarda é prevenida. A prova? O famoso discurso proferido em 23 de outubro de 2011, dia da proclamação oficial da libertação do país, pelo presidente do Conselho Nacional de Transição (CNT), Mustafá Abdel Jalil. Dezenas de milhares de pessoas haviam se deslocado para assistir à cerimônia, que se realizava na maior praça de Benghazi, apenas três dias após a morte do ditador. Em todo o país, milhões de televisores aglutinavam famílias, impressionadas com a importância daquele acontecimento. A Líbia bradava sua fé na democracia. O clima era de suspense e expectativa. E as mulheres, sem o dizer, esperavam um gesto, uma evocação das ofensas passadas, talvez uma homenagem. A esse respeito, o que se viu foi um fiasco.

Nem uma única palavra sobre seu sofrimento ou sobre quanto contribuíram para a revolução. Nem uma única alusão ao papel que deveriam desempenhar na nova Líbia. Ah, sim! Eu já ia esquecendo: uma pequena menção às mães, irmãs ou filhas dos magníficos combatentes, aos quais a pátria tanto devia. E

anunciou-se que, em respeito à lei da sharia, doravante referência suprema em matéria de direito, a poligamia não teria mais o entrave, para os homens – que fora instaurado por Kadafi –, da necessidade de pedir à primeira mulher autorização para desposar uma segunda. E isso era tudo. Um tapa na cara das mulheres ali tão atentas, que, desde o início da cerimônia, tentavam em vão distinguir alguma silhueta feminina nas tribunas oficiais, onde se pavoneava uma multidão de homens de terno e gravata, tão orgulhosos de encarnar a renovação.

– Fiquei chocada, furiosa, revoltada! – confessou-me depois Naima Gebril, juíza da corte de apelação de Benghazi. – Que discurso catastrófico! E juro: eu chorei. – Fora tudo em vão?, me perguntava ela, como tantas outras. – A luta de nossas mães e avós pelo direito à educação, ao trabalho, ao respeito. Toda a energia depositada em nossos estudos para triunfar sobre as discriminações e exercer livremente uma profissão. E depois o comprometimento irrestrito com a revolução, desde o primeiro dia, quando a maioria dos homens tinha medo de sair às ruas. Tudo isso para nos vermos negadas no dia da libertação? É uma vergonha!

Sim, é uma vergonha. Foi assim que todas se sentiram.

– Você se lembra do dilúvio de imagens mostrando as delegações do CNT em visita pelas capitais ocidentais? – perguntou-me aquela que fora a primeira juíza nomeada em Benghazi, em 1975. – Nenhuma mulher no horizonte! – E a visita de Hillary Clinton a Trípoli, às vésperas da captura de Kadafi? – Não havia nenhuma líbia para recebê-la!

Aliás, na ocasião, a secretária de Estado americana ficou publicamente ofuscada, insistindo na necessária igualdade de

direitos entre homens e mulheres.

– Como foi humilhante! – lamentou a universitária Amel Jerary. – Mas convenhamos: nenhum homem jamais nos fará aparecer na foto ou se encolherá para nos dar espaço. É preciso se impor à força, e eu lhe asseguro que as iniciativas das mulheres vão se revelar cruciais.

Por toda parte foram criadas agremiações de mulheres, na forma de clubes, associações, ONGs. Elas se agruparam em redes profissionais, de amizade, regionais. As pequenas células clandestinas formadas durante a revolução se transformaram em organizações a serviço das mulheres, das crianças, dos feridos, da reconciliação. Elas supriram inúmeros serviços deficientes e a cruel falta de iniciativas do governo. Criaram cursos de instrução cívica para expor os direitos e responsabilidades de cada um na democracia: "Votar é um privilégio. Agarre essa oportunidade. Agora é a sua vez de desfrutar desse direito!" E não veem a hora de transformar essa presença em lobby político. Pois bem sabem que sua emancipação passa por aí.

Um rápido passeio pelo Facebook permite constatar a abundância de grupos femininos, a vivacidade de suas discussões sobre o futuro das líbias, a vontade de se informar sobre a situação das mulheres nos outros países da revolução árabe e de, enfim, se coordenar o mais rápido possível. Sim, elas estão cheias de esperança. Comentam a lei eleitoral. Debatem sobre a conveniência ou não das cotas. Exigem que haja ministras, embaixadoras, diretoras de bancos, de empresas públicas, bem como administradoras, afirmando que ao menos "não se misturaram com o sistema de Kadafi". Lê-las é algo que revigora e

refresca. E eu sorria ao vê-las publicar suas próprias fotos brandindo orgulhosamente o título de eleitor recém-expedido. Ah, elas farão bom proveito dele!

Elas mostram o que lhes agrada, mas também expressam o contrário. Em 18 de maio, uma jovem com quem, por seu ativismo, travei contato publicou em seu mural no Facebook uma mensagem um pouco mais banal... e ressentida: "Hoje é sexta-feira e o tempo está maravilhoso. Mas, sendo mulher na Líbia, estou trancafiada em casa e deprimida por não ter o direito de ir à praia. Por que não existem praias para mulheres? Não temos litoral suficiente? Quantas de vocês, mulheres, sentem a mesma coisa?" Quantas? Milhares!

"É tão injusto!", logo respondeu uma delas.

"Morei numa rua que dava direto na praia e não tinha nem o direito de enfiar os pés na água!", escreveu outra.

"Totalmente inaceitável!", foi o coro de uma multidão de internautas.

"Não é nem uma questão de lei. É uma das tragédias deste país!"

"Eu me lembro de um tempo em que nadava de biquíni!"

"De biquíni??"

Soraya não vai à praia. Não navega na internet. Não tem perfil no Facebook. Nem mesmo tem amigas com quem possa compartilhar seus acessos de raiva ou tirar o título de eleitor. Mas ela continua esperando que os crimes sexuais de Kadafi não sejam esquecidos.

– Eu não sonhei, Annick! Você acredita em mim, não é? Os nomes, as datas, os lugares. Contei tudo pra você. Mas era diante

de um tribunal que eu gostaria de testemunhar! Por que eu devo ter vergonha? Por que devo me esconder? Por que eu deveria pagar pelo mal que me fizeram?

Sua revolta é a minha. E eu gostaria de compartilhá-la com outras líbias: magistradas, advogadas próximas do CNT, que fossem defensoras dos direitos humanos. No momento, ainda não há nenhuma que possa fazer sua parte. É um assunto sensível demais. Tabu demais. Nada a ganhar. Tudo a perder. Em um país inteiramente nas mãos dos homens, os crimes sexuais não serão nem debatidos nem julgados. As portadoras das mensagens serão decretadas inconvenientes ou mentirosas. As vítimas, para sobreviver, deverão continuar escondidas.

Única mulher membro do CNT, a jurista Salwa el-Daghili ouviu-me longamente a respeito de Soraya.

– Como essa menina é corajosa! – dizia, concordando com a cabeça. – E como é crucial que a história seja conhecida. Eis a verdadeira face daquele que governou a Líbia durante quarenta e dois anos. Eis como governou, desprezou e sujeitou seu povo. São necessárias pioneiras como Soraya para que se ouse falar da tragédia das mulheres e do que o país efetivamente viveu. Mas, ao falar, ela corre grandes riscos.

Ela tomava notas, a fisionomia pesarosa sob um lenço rosa pálido, o iPhone vibrando dentro da bolsa Louis Vuitton.

– O assunto é tabu, tenho que lhe dizer. Desejo com todas as minhas forças que Soraya seja protegida, que não se torne mais uma vítima. Há tantas outras. Mas eu não posso me engajar e publicar um dossiê como esse.

Ninguém o fará. E, no mundo inteiro, mulheres continuarão se

calando. Vítimas envergonhadas de um crime que faz de seu ventre um objeto de poder ou uma pilhagem de guerra. Alvo de predadores aos quais nossas sociedades, das mais bárbaras às mais sofisticadas, continuam a demonstrar vil indulgência.

★

No fim de março, antes de deixar Trípoli, eu quis visitar pela última vez o local em que ficava Bab al-Azizia. Não restara muita coisa daquele lugar que durante tanto tempo simbolizara o poder absoluto do mestre da Líbia. Tratores haviam derrubado os muros e posto abaixo a maior parte das construções, transformando a residência em um amontoado caótico de pedras, concreto e chapas metálicas. Após a última batalha, hordas saquearam o local de tal forma que não restava nada, absolutamente nada, que pudesse lembrar qualquer presença humana. A montanha de lixo que a população passou a depositar ali, na ausência de coleta organizada, exalava fumaça, e as palmeiras tinham ar de desagrado ao pé da piscina de água salobra. O céu tinha cor de chumbo, corvos espreitavam sobre os destroços das muralhas, e eu caminhava sem rumo no local de uma tragédia. Os pontos de referência dos quais me falara um ex-guarda de Kadafi tinham sido destruídos. Eu estava perdida. Que importava? Eu seguia tentando, naquele cenário árido, achar um indício que lembrasse Soraya.

Cruzei um rebelde que andava pelo terreno – talvez fazendo a ronda –, e ele me indicou a entrada de um subterrâneo. Alguns degraus de cimento, uma enorme porta verde, blindada, como a de uma caixa-forte, e um túnel sem fim, através do qual o homem me guiou, com sua tocha, por uma centena de metros. Ao subir um emaranhado de concreto, na saída do túnel, pude então notar,

entre duas pedras e sob uma AK-47 calcinada, um pedaço de fita cassete. Era estranho e retorcido. O título, em árabe, estava incompleto, e o rebelde, a quem a estendi, me disse simplesmente: "Música!" Seria uma das fitas com canções melosas que Kadafi colocava para tocar e fazia Soraya dançar? Enfiei-a no bolso e continuei a subir, depois a caminhar. Um pouco além, uma fenda no terreno me chamou a atenção. Por que me detive ali? Havia tanta coisa que remetia aos combates de agosto ou simplesmente indicava um subterrâneo. Eu me abaixei para olhar. Lá no fundo, um objeto de cor vermelha me intrigou. Eu não o identificava. Estava tudo tão cinzento em volta. Peguei um galho de árvore e deitei no chão para tentar alcançar aquela coisa. Foi fácil, era de pano. Das entranhas de Bab al-Azizia emergia um pequeno sutiã de renda vermelha. Como aqueles que Soraya era obrigada a usar.

Pela primeira vez desde o início da viagem, tive vontade de chorar.

Cronologia

1911: Início da ocupação italiana na Líbia
1943-1951: Tutela internacional
1951: Proclamação do Estado líbio, monarquia do rei Idris I
1969: Golpe de Estado do coronel Kadafi, à época com vinte e sete anos
1975: Publicação do *Livro verde*
1977: Proclamação da Jamahiriya, literalmente "Estado das massas"
1986: Bombardeio americano sobre as residências de Kadafi em Trípoli e Benghazi
1988: Explosão do Boeing 747 da Pan Am sobre a cidade de Lockerbie, na Escócia
1989: Explosão do DC-10 da UTA sobre o território do Níger
2001: Novo posicionamento de Kadafi contra o terrorismo, no dia seguinte aos ataques de 11 de setembro
2004: Suspensão de parte das sanções americanas e das sanções europeias
17 de fevereiro de 2011: Início da revolução
20 de outubro de 2011: Captura e morte de Kadafi

Prólogo

Soraya foi o início de tudo.

Soraya e seus olhos de crepúsculo, seus lábios amuados e seu grande riso reverberante. Soraya que,]de maneira fulgurante, passa do riso às lágrimas, da exuberância à melancolia, de uma ternura aconchegante à brutalidade que fere. Soraya e seu segredo, sua dor, sua revolta. Soraya e sua história louca de garota feliz lançada às garras de um ogro.

Foi ela quem deu origem a este livro.

Eu a conheci num daqueles dias de exultação e caos que se seguiram à captura e morte do ditador Muamar Kadafi, em outubro de 2011. Eu estava em Trípoli, para o jornal *Le Monde*. Estava investigando o papel das mulheres na revolução. Era uma época fervorosa e o assunto me encantava.

Eu não era especialista em Líbia. Na verdade, era a primeira vez que pisava no país, fascinada pela extraordinária coragem dos combatentes em depor o tirano no poder havia quarenta e dois anos. No entanto, eu estava profundamente intrigada pela total ausência de mulheres nas filmagens, fotografias e reportagens daqueles últimos meses. Os outros levantes da Primavera Árabe e o vento de esperança que soprava naquela região haviam revelado a força das tunisianas, onipresentes no debate público; o brilho das

egípcias em manifestação, correndo todos os riscos na Praça Tahrir, no Cairo. Mas e as líbias? O que tinham feito durante a revolução? Tinham esperado, preparado, aderido? Por que se escondiam? Ou, o que era bem mais provável, por que as escondiam, nesse país tão desconhecido cujo líder bufão confiscara a imagem e fizera de suas guarda-costas femininas – as famosas amazonas – o estandarte da própria revolução?

Meus colegas homens que trabalharam na cobertura da rebelião de Benghazi a Sirte me confidenciaram que, durante sua estada ali, cruzaram apenas com sombras furtivas envoltas em véus negros – os combatentes líbios lhes proibiam sistematicamente o acesso a suas mães, esposas e irmãs. "Talvez você tenha mais sorte", me disseram meio irônicos, convencidos de que a história na Líbia jamais é escrita pelas mulheres. À primeira vista, não estavam errados. Ser uma mulher jornalista em países mais fechados é algo que confere à profissional a magnífica vantagem de ter acesso a toda a sociedade, não apenas à população masculina. Bastaram-me apenas alguns dias e uma série de encontros para entender que o papel das mulheres na revolução não foi apenas importante: revelou-se crucial. As mulheres, disse-me um chefe rebelde, foram "a arma secreta da rebelião". Elas haviam incentivado, alimentado, ocultado, transportado, equipado, informado e cuidado dos combatentes. Captaram dinheiro para compra de armas, espionaram as forças kadafistas em auxílio à OTAN, desviaram toneladas de medicamentos, e isso aconteceu até mesmo no hospital dirigido pela filha adotiva de Muamar Kadafi (sim, aquela que, falsamente, ele fizera passar por morta após o bombardeio de sua residência pelos americanos, em

1986). As mulheres assumiram riscos insanos: de ser presas, torturadas e violentadas. Pois o estupro – considerado na Líbia o pior dos crimes – era prática corrente e fora decretado arma de guerra. Elas se empenharam de corpo e alma nessa revolução. Furiosas, surpreendentes, heroicas. "A verdade é que as mulheres", me contou uma delas, "tinham um acerto de contas muito pessoal a fazer com o coronel."

Um acerto de contas pessoal... No início não entendi o que isso realmente queria dizer. O povo líbio como um todo, subjugado havia quatro décadas pela ditadura, não teria um acerto de contas em comum a fazer com o déspota? Direitos e liberdades individuais confiscados, repressão sangrenta dos oponentes, deterioração dos sistemas de saúde e de educação, estado calamitoso da infraestrutura do país, empobrecimento da população, colapso da cultura, desvio das receitas petrolíferas, isolamento no cenário internacional... Por que então esse "acerto de contas pessoal" das mulheres? O autor do *Livro verde* não pregava incessantemente a igualdade entre os sexos? Não havia ele se apresentado sistematicamente como aguerrido defensor das mulheres, ao fixar em vinte anos a idade legal para o casamento, ao denunciar a poligamia e os abusos da sociedade patriarcal, ao conceder mais direitos à mulher divorciada que em muitos países muçulmanos e ao abrir, para candidatas do mundo inteiro, uma academia militar para mulheres? "Balela, hipocrisia, embuste!", foi o que me disse mais tarde uma renomada jurista. "Éramos todas suas presas em potencial."

Foi quando conheci Soraya. Nossos caminhos se cruzaram na manhã de 29 de outubro. Eu havia terminado minha pesquisa e

deixaria Trípoli no dia seguinte, retornando a Paris via Tunísia. Estava indo embora com uma ponta de arrependimento. Sim, eu obtivera uma resposta à minha primeira pergunta, sobre a participação das mulheres na revolução, e voltava com uma série de histórias e relatos detalhados para ilustrar sua luta. Mas havia ainda tantos outros enigmas a ser desvelados. Os estupros em massa cometidos pelos mercenários e pelas forças de Kadafi haviam se transformado em um tabu impenetrável, que envolvia autoridades, famílias e ligas femininas num silêncio hostil. A própria Corte Penal Internacional, que iniciara um estudo a respeito, enfrentava dificuldades enormes para encontrar as vítimas. E os sofrimentos que as mulheres haviam enfrentado antes da revolução eram evocados apenas como rumores, com fortes suspiros e olhares evasivos. "Para que ficar relembrando práticas e crimes tão aviltantes e imperdoáveis?", era o que eu ouvia com frequência. Jamais houve testemunho em primeira pessoa. Nem mesmo o menor relato de vítima que apontasse para o Guia.*

Então apareceu Soraya. Ela usava um xale preto que cobria seus cabelos espessos, presos num coque, grandes óculos escuros, uma calça esvoaçante. Os lábios grossos lhe conferiam certo ar de Angelina Jolie, e quando ela sorriu uma centelha infantil iluminou-lhe bruscamente o belo rosto, já marcado pela vida. "Que idade você me dá?", perguntou, tirando os óculos. Ela esperou ansiosa e logo adiantou: "Sinto como se tivesse quarenta anos!" Quarenta anos lhe passava a ideia de velhice. Ela tinha vinte e dois.

Era um dia ensolarado numa Trípoli que fervilhava. Muamar

Kadafi estava morto havia mais de uma semana; o Conselho Nacional de Transição proclamara oficialmente a libertação do país; e a Praça Verde, rebatizada com seu antigo nome de Praça dos Mártires, mais uma vez reunira, na noite anterior, multidões de tripolitanos eufóricos bradando os nomes de Alá e da Líbia num coro de cantos revolucionários e rajadas de AK-47. Cada bairro havia comprado e degolado um dromedário diante de uma mesquita; os animais seriam partilhados com os refugiados das cidades arrasadas pela guerra. Diziam-se "unidos" e "solidários", "felizes como jamais se vira". Também estavam grogues, sonolentos. Incapazes de retomar o trabalho e o curso normal da vida. A Líbia sem Kadafi... era inimaginável.

Veículos multicores ainda cortavam as ruas da cidade, trazendo rebeldes que saíam pelo capô, pelo teto, pelas portas, com bandeiras ao vento. Buzinavam, brandiam sua arma como se fosse uma amiga querida que levavam a uma festa, que merecia uma homenagem. E urravam "Alá Akbar", se abraçavam, faziam o V da vitória, com um lenço vermelho, preto e verde na cabeça como piratas, ou como braçadeiras, e pouco importava se haviam sido combatentes de primeira ou de última hora, ou se tinham maior ou menor coragem. Depois da queda de Sirte, último bastião do Guia, e do modo acachapante como ele foi morto, todo mundo se proclamava rebelde de todas as maneiras.

Soraya os observava de longe, desanimada.

Seria aquela atmosfera barulhenta responsável por tornar ainda mais amargo o mal-estar que a acometera desde a morte do Guia? A glorificação dos "mártires" e "heróis" da revolução a remeteria à sua triste posição de vítima clandestina, indesejável, vergonhosa?

Subitamente estaria se dando conta do desastre que se tornara sua vida? Ela não tinha palavras, não conseguia explicar. Tinha apenas a marca do sentimento de injustiça absoluta. O desespero de não poder expressar sua mágoa e gritar sua revolta. O terror de que sua desgraça, que a Líbia não podia ouvir e por isso ela não podia contar, se perdesse em meio à algazarra.

Ela mordiscava o xale, cobrindo nervosamente a parte inferior do rosto. Lágrimas brotaram, e ela de pronto as enxugou. "Muamar Kadafi devastou minha vida." Era preciso falar. Lembranças pesadas demais encobriam-lhe a memória. "Máculas", dizia, que lhe causavam pesadelos. "Por mais que eu contasse, ninguém saberia de onde vim nem o que vivi. Ninguém é capaz de imaginar. Ninguém." Ela sacudia a cabeça em desespero. "Quando vi o cadáver de Kadafi exposto para a multidão, um súbito prazer me percorreu. Depois, senti um gosto imundo na boca. Eu queria que ele vivesse. Que fosse capturado e julgado por um tribunal internacional. Queria que prestasse contas."

Porque ela tinha sido uma das vítimas. Das quais a sociedade líbia não quer ouvir falar. Cujo ultraje e humilhação recaíam sobre sua família e sobre a nação inteira. Vítimas tão incômodas e perturbadoras que seria mais simples torná-las culpadas. Culpadas de ter sido vítimas... Do alto de seus vinte e dois anos, Soraya recusava veementemente essa possibilidade. Ela sonhava com justiça. Queria testemunhar. O que ele fizera, a ela e a outras, não lhe parecia nem insignificante nem perdoável. Sua história? Ela vai contar: uma garota que, nem bem tendo completado quinze anos, chamou a atenção de Muamar Kadafi em uma visita à sua escola e, no dia seguinte, foi raptada para, com outras, se tornar sua escrava

sexual. Presa durante anos na residência fortificada de Bab al-Azizia, foi espancada, violentada, exposta a todas as perversões de um tirano obcecado por sexo. Ele lhe roubou a virgindade e a juventude, impossibilitando-lhe, assim, todo e qualquer futuro respeitável na sociedade líbia. E ela amargamente se dava conta disso. Após ter chorado e se lamentado, sua família passou a considerá-la uma mundana. Irrecuperável. Ela fumava. Já não se encaixava em lugar nenhum. Não sabia para onde ir. Eu estava aturdida.

Voltei à França transtornada com Soraya. E, em uma página do *Le Monde*, contei sua história sem lhe revelar o rosto e a identidade. Era perigoso demais. Já haviam lhe feito mal suficiente. Aconteceu que a história foi divulgada e traduzida no mundo inteiro. Era a primeira vez que vinha a público o testemunho de uma das jovens mulheres de Bab al-Azizia, aquele lugar cheio de mistérios. Sites kadafistas o desmentiram com violência, indignados por ainda denegrirem a imagem de seu herói, que, segundo alegam, tanto teria feito pela "libertação" da mulher. Outros, já desiludidos quanto aos hábitos secretos do Guia, acharam o testemunho tão apavorante que custaram a acreditar. A mídia internacional tentou encontrar Soraya. Em vão.

Em momento nenhum duvidei do que ela me contava. Porque histórias muito semelhantes chegavam até mim, provando a existência de muitas outras Sorayas. Fiquei sabendo que centenas de jovens haviam sido raptadas por uma hora, uma noite, uma semana ou um ano e coagidas pela força ou por chantagem a se submeter às fantasias e violências sexuais de Kadafi. Soube ainda que ele dispunha de redes que envolviam diplomatas, militares,

guarda-costas, funcionários da administração e de seu serviço de protocolo, cuja principal missão era procurar para seu mestre jovens mulheres – ou homens –, que se destinavam a seu consumo cotidiano. Que muitos pais e maridos trancafiavam suas filhas e mulheres para resguardá-las do olhar e da avidez do Guia. Descobri que o tirano, nascido no seio de uma família de beduínos muito pobres, governava pelo sexo, obcecado pela ideia de um dia possuir a esposa ou as filhas dos ricos e poderosos, de seus ministros e generais, de chefes de Estado e soberanos. Ele estava disposto a pagar. Não importava o preço. Ele não conhecia limites.

Mas disso a nova Líbia ainda não está pronta para falar. Tabu! As pessoas não hesitam em condenar Kadafi e exigir que os holofotes se voltem para seus quarenta e dois anos de torpezas e de poder absoluto. Tem sido feito um levantamento das sevícias impostas aos presos políticos, dos maus-tratos aos opositores, das torturas a que foram submetidos os rebeldes e dos assassinatos cometidos. Todos se revelam prontos a denunciar a tirania e a corrupção do ditador, sua dubiedade e loucura, suas manipulações e perversões. E exige-se reparação para todas as vítimas. Mas, das centenas de garotas que ele subjugou e violentou, ninguém quer ouvir falar. Seria preciso que elas se escondessem ou emigrassem, envoltas num véu, e fizessem de sua dor um pacote bem guardado. O mais simples seria que morressem. Alguns homens da própria família certamente se encarregariam disso.

Voltei à Líbia para rever Soraya. Eu havia reunido outras histórias e tentara desfazer as redes de cumplicidade que ainda se agarravam à bota do tirano. Fiz minhas investigações sob muita pressão. Vítimas e testemunhas ainda vivem o pavor de tocar no

assunto. Algumas são alvo de ameaças e intimidações. “Para seu próprio bem e o da Líbia, esqueça essa pesquisa”, foi o que me aconselharam vários interlocutores antes de desligar o telefone na minha cara. Da prisão de Misrata, onde passa os dias a ler o Corão, um jovem barbudo que participava do tráfico de mulheres declarou, irritado: “Kadafi está morto! Morto! Por que você quer desenterrar seus escândalos secretos?” E o ministro da Defesa, Osama Juili, não está muito longe de partilhar essa ideia: “Esse assunto é motivo de vergonha e humilhação nacional. Quando penso nas ofensas feitas a tantos jovens, até mesmo a soldados, sinto um desgosto indescritível. Mas lhe garanto que o melhor mesmo é se calar. Os líbios se sentem coletivamente difamados e querem virar a página”.

Ah, é? Então alguns crimes devem ser denunciados, enquanto outros devem ser camuflados, como segredinhos sujos? Haveria então belas e nobres vítimas e haveria as vergonhosas? Aquelas que devem ser honradas, agraciadas, recompensadas, e aquelas que seria melhor esquecer, “virar a página”? Não. É inaceitável. A história de Soraya não é uma anedota. Os crimes contra mulheres – em relação aos quais há no mundo um quase conformismo, quando não complacência – não são tema de menor importância.

O testemunho de Soraya é corajoso e deve ser lido como documento. O relato todo foi ditado por ela. Ela conta bem, tem uma excelente memória. Não suporta a ideia de uma conspiração do silêncio. Mas a verdade é que jamais haverá uma corte penal a lhe fazer justiça. Talvez até mesmo a Líbia jamais venha a reconhecer o sofrimento das “presas” de Muamar Kadafi e de um sistema criado à sua imagem. No entanto, ao menos existirá seu

testemunho para provar que, enquanto ele se pavoneava na ONU com ares de dono do mundo, enquanto outras nações lhe estendiam o tapete vermelho e o recebiam com fanfarra, enquanto suas amazonas eram objeto de curiosidade, fascínio ou diversão, em sua casa, na ampla residência de Bab al-Azizia, ou em seus porões úmidos, Muamar Kadafi mantinha jovens cativas que, ao chegar ali, não passavam de crianças.

Nota

***** Kadafi era chamado de "Guia da Revolução" em declarações do governo e da imprensa oficial. (N. do E.)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.